

água da fonte





Av. Brasil Oeste, 792 - Sede Própria
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:

Osvandré Lech

Vice-presidente:

Gilberto R. Cunha

Secretário geral:

Paulo Monteiro

1ª Secretária:

Sueli Gehlen Frosi

2º Secretário:

Rogério Moraes Sikora

1º Tesoureiro:

Odilon Garcez Ayres

2º Tesoureiro:

Carlos A. Madalosso

Membros:

Alberto Antonio Rebonatto
Alori Batista Castilhos
Antonio Augusto Meirelles Duarte
Carlos Alceu Machado
Carlos Roberto da S. Hecktheuer
Craci Teresinha O. Dinarte
Daniel Viuniski
Dilse Piccin Corteze
Diógenes Luiz Basegio
Elisabeth Souza Ferreira
Elmar Luiz Floss
Francisco de Mello Garcia
Getulio Vargas Zauza
Helena Rotta de Camargo
Hugo Roberto Kurtz Lisboa
Irineu Gehlen
Jabs Paim Bandeira
Jorge Alberto Salton
Luiz Juarez Nogueira de Azevedo
Luis Marcelo Algarve
Marco Antonio Damian
Marilise Brockstedt Lech
Mauro Gaglietti
Pedro Ari Veríssimo da Fonseca
Ricardo José Stolfo
Romeu Carlos Alziro Gehlen
Santina Rodrigues Dal Paz
Santo Claudino Verzeleti
Selma Costamilan
Welci Nascimento

Editorial

O bom momento do sodalício

Nem sempre a história da Academia Passo-Fundense de Letras (APL) foi um “mar de rosas”. Vários cenários adversos aconteceram no passado, como desavenças políticas, a demolição do prédio, o longo e penoso período de reconstrução, a (ocasional) truncada comunicação com o Poder Público, repetidas reconduções no cargo de presidente, absenteísmo dos membros e ausência de orçamento, para citar alguns.

Naturalmente que estas dificuldades serviram de ensinamento a todos, e o processo foi sendo paulatinamente aperfeiçoado. Graças ao trabalho intenso realizado por diversas gerações anteriores, a APL chega às portas do seu 75º aniversário – a ser comemorado em 2013 - fortalecida e consciente do seu papel local e regional.

A posse dos novos Acadêmicos – Odilon Garcez Ayres, Sueli Gehlen Frosi, Marilise B. Lech, Diógenes Basegio, Elmar Luiz Floss, Carlos Antonio Madalosso e Mauro Gaglietti, reconhecidos pela liderança profissional e suporte à cultura – trouxe ainda maior desenvoltura à instituição.

“Manter a erudição e melhorar a gestão” é um dos principais objetivos a ser perseguido, e se manifesta por agilidade administrativa, participação

nos eventos culturais da cidade e região, divulgação do trabalho dos confrades, que é riquíssimo e contribui com a melhoria do nível cultural. Estas ações se manifestam através de colunas em jornais e revistas, programa semanal na TV Câmara, Café Filosófico, resgates históricos, Feira do Livro, concurso literário nas escolas de ensino médio, docência nas instituições universitárias, lançamento de livros, dentre outras. E, claro, a **Água da Fonte**, nosso órgão oficial de divulgação, agora com tiragem semestral, se impõe como a mais completa coletânea cultural da região.

“Indivíduos fazem uma sociedade. Não o contrário” é uma expressão de fácil entendimento, mas nem sempre exercida com a plenitude desejada. Limitada a quarenta membros, a APL necessita da participação pró-ativa de todos eles. A diversidade de opiniões é uma riqueza da qual não se pode abrir mão. Ajustá-la para o benefício da Academia, e para que todos se sintam acolhidos, é um elegante exercício de democracia.

O bom momento do sodalício não é uma expectativa. É uma realidade que haveremos de manter e fazê-la prosperar.

ISSN 1980-2986

Água da Fonte, Passo Fundo, v. 9, n. 10, abril 2012.

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Ano 9 - nº 10 - Abril de 2012

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro

Conselho editorial: Getulio Vargas Zauza, Helena Rotta de Camargo, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Santina Rodrigues Dal Paz, Santo Claudino Verzeleti e Welci Nascimento.

Revisão: Helena Rotta de Camargo

Capa: Diego Chimango

Arte-final e diagramação: Everaldo Siqueira

Tiragem: 1.000 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.





A ciência como ela é...

Em 10 de novembro, o acadêmico Gilberto Cunha, durante a Feira do Livro, trouxe a lume mais um livro com artigos publicados em O Nacional. *A ciência como ela é...* foi recebido, elogiosamente, pela intelectualidade local, bem como pelos leitores em geral.

O acadêmico segue o costume de publicar, pelo menos um livro, a cada dois anos.

Formação de Passo Fundo

No dia 4 de agosto de 2011, o acadêmico Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo, lançou mais um livro: *Gente da Terra, Conquistas, Caminhos e Povoadores*. Contou com a coautoria de Lourinaldo Veloso e do historiador Adari Francisco Ecker.

A obra apresenta aspectos polêmicos, sobre as primeiras rotas de penetração no Planalto Rio-Grandense, e dados interessantes sobre os primeiros povoadores. Além disso, há um capítulo dedicado ao povo caingangue.

Pelos temas que aborda, *Gente da Terra, Conquistas, Caminhos e Povoadores*, despertou o interesse de pesquisadores e da comunidade em geral.



Quatro livros de uma vez



A acadêmica Helena Rotta de Camargo, responsável pela revisão da revista *Água da Fonte*, é uma escritora prolífica. E, no ano passado, usou e abusou da prolificidade, ao lançar, no dia 18 de junho, quatro livros de uma só vez. *Matizes do Entardecer – Crônicas do cotidiano*; com noventa e nove textos em prosa; *Fulgores, Dores e Amores – Respingos de uma travessia*, reunião de mil pensamentos; *Gorjeios e Revoadas – Versos ao léu*, uma coletânea de poemas, nos quais a autora demonstra pleno domínio da arte poética, e *Bem-Me-Quer – Versos desfolhados*, uma seleção de poemas curtos, que falam sobre o amor.

Tais obras foram impressas com o já tradicional cuidado da Méritos Editora. O lançamento, com grande participação de amigos e admiradores da escritora, ocorreu no salão da Academia Passo-Fundense de Letras.



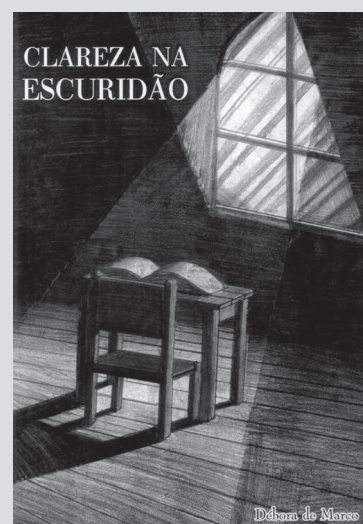
Helena Rotta de Camargo

Clareza na Escuridão

Revelada no Concurso Literário promovido pela Academia Passo-Fundense de Letras, em 2008, a jovem escritora, Débora de Marco, lançou seu primeiro livro em 12 de novembro de 2011.

Clareza na escuridão, ilustrado por Diego Chimango, é uma novela, onde a escritora expõe temas de interesse da juventude.

Débora de Marco saltou na frente dos demais participantes, nos concursos literários organizados pela Academia Passo-Fundense de Letras, com o apoio de outras instituições culturais e educacionais do município. Outros premiados estão com livros prontos para serem editados ou em fase de conclusão.



(FOTO: ARQUIVO UPF)



ABL e APL

Convidada pela professora Tania Rösing, mais uma vez, a Academia Passo-Fundense de Letras, representada por diversos acadêmicos, se fez presente à Jornada Nacional da Literatura, acompanhando os integrantes da Academia Brasileira de Letras.

Durante a referida Jornada, foi lançado o livro *Raquel de Queirós – Olhares de jovens passo-fundenses*, reunindo trabalhos premiados em concurso promovido pelo sodalício.

Durante a Jornada de 2011, o acadêmico Paulo Monteiro lançou o livro *A Campanha da Legalidade em Passo Fundo*, com uma tiragem de cinco mil exemplares, o que contribuiu para que três mil volumes fossem distribuídos, gratuitamente, aos professores presentes.

Isso apenas foi possível porque o livro foi impresso em forma de tabloide.

Entrevistas que marcam época

Desde que o primeiro volume da revista **Água da Fonte** saiu do prelo, em dezembro de 2003, sempre uma personalidade local com destaque no mundo da cultura esteve presente através de entrevista. Começou com a professora Tania Rösing, a alma das Jornadas Nacionais e Jornadinhas de Literatura.

Nesta edição é a vez do Pe. Elydo Alcides Guareschi. E, mais uma vez, não é uma entrevista qualquer. Constitui-se no último elemento vivo de uma tríaca responsável pela consolidação da Universidade de Passo Fundo e do ensino superior em toda a região. Os outros dois, Murilo Coutinho Annes e Bruno Edmundo Markus, foram os entrevistados das edições de abril de 2004 e maio de 2005. Bruno Markus não viu sua entrevista em letra de forma, pois faleceu poucos meses antes que a revista circulasse.

A entrevista de Alcides Guareschi é mais um documento de valor histórico destinado a crescer de importância à proporção em que o tempo passe.

(FOTO: DALTRO MATTOS)



Literatura Local

(FOTO: ARQUIVO TV CÂMARA)



No dia 26 de junho de 2007 a Câmara Municipal de Passo Fundo e a Academia Passo-Fundense de Letras firmaram um Termo de Compromisso e Parceria pelo qual o Poder Legislativo disponibilizou, em sua programação semanal, em seu canal de televisão, um espaço de até sessenta minutos para que o sodalício apresente, de forma gratuita e sem qualquer ônus, o programa jornalístico denominado *Literatura Local*, voltado a divulgar os escritores locais e suas obras e publicações, bem como os movimentos literários e programação cultural em desenvolvimento no município. Firmaram o documento o presidente da Câmara, vereador Luiz Miguel Scheis, e o então presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, acadêmico Antonio Augusto Meirelles Duarte.

Era a formalização de uma parceria que iniciara em 2005, na gestão do então presidente da Câmara de Vereadores, vereador Valdir Mendes.

Os acadêmicos em 17 de novembro de 2007, por unanimidade dos presentes, ratificaram o nome do acadêmico Paulo Monteiro para apresentador oficial do programa.

Neste período em que o programa *Literatura Local* está indo ao ar através do Canal 16 da Net TV Passo Fundo, foram realizadas mais de duzentas entrevistas com os mais diversos autores, não exclusivamente membros da Academia Passo Fundense de Letras.

Sumário

O proclamador da República dos Coqueiros	5
APL sob nova direção	13
Eu te saúdo Elisabeth!	14
Discurso de posse na presidência da APL	15
Saudação ao Dr. Cláudio Lamachia	17
Sindicato dos trabalhadores nas indústrias da construção e do mobiliário de Passo Fundo/RS	19
O menino que desenhava	20
Discurso de posse	22
1º tabelionato de Passo Fundo: Joaquim Pedro Daudt - Notário.....	26
Academia de Letras e de Frutos.....	30
Saudação ao Desembargador Conferencista, Dr. Carlos Cini Marchionatti, por ocasião da Semana do Advogado.....	31
Os irmãos Corralo: O tempo da mens sana in corpore sano	32
Paixão Côrtes: “O gaúcho tem de acompanhar a modernidade sem fazer modismo.”	33
Filosofia da Libertação: Uma leitura a partir de Enrique Dussel	38
Um olhar sobre a cidade.....	42
Nossas origens	43
As várias faces do demônio	44
Judeus de Coxilha a Passo Fundo	46
Mulher: diferença na igualdade.....	48
Castro Alves, o Poeta.....	50
A calçada alta e a quadra da prefeitura velha: núcleo do centro histórico de Passo Fundo	52
Cuidados na aquisição da casa própria	54
Oito de Março, Dia Internacional da Mulher	55
O Poder e a Ética.....	58
Deus, um estilo literário	60
Deus, um designer.....	61
Dez centavos.....	62
Identidade cultural	63
Teixeirinha não morreu.....	64
Velas precisam ficar acesas.....	65
Concursos Literários da APL - 2009.....	66
Embalagem plástica: um mal necessário	69
Veneza, o romantismo está no ar	70
O medo do novo.....	71
Acredite	75
Um homem ortodoxo e católico.....	76
A boneca negra.....	77
O voo do condor.....	78
O príncipe e a rosa.....	79
Breve histórico da trajetória da ação social da SOCREBE.....	82
Minhas homenagens a Bruno Edmundo Markus.....	84
Entrevista Bruno Markus: Um testemunho sobre universidade, rádio e televisão em Passo Fundo.....	85
Cinquentenário da Faculdade de Agronomia.....	89
Com respeito à professora Delma Rosendo Gehm - Mãe da História de Passo Fundo	90
Conversações imaginárias entre Darwin e Freud.....	91
APL completa 73 anos de história.....	92
Fragmentos de felicidade e saudade.....	97
Tapera.....	98
A saudade corta como aço de navalha	99
Dimensão humana.....	100
Ruy Della Méa: um desbravador da aviação brasileira.....	102



Pintura digital - Leandro Dóro, 2011

O adeus à poetisa Jurema Carpes do Valle.....	104
Ao Patrono Erico Veríssimo	107
Razões que me levaram a escrever <i>O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas</i>	108
A Ferrovia L-35	110
Lagartixa: o mais jovem artista e humorista brasileiro.....	112
Nascimento e crise da universidade.....	114
Czamanski - O senhor dos retratos de Passo Fundo	116
Jacob Stein, o padre que praticava esportes	117
Fredolino Chimango: um passo-fundense da II Guerra Mundial	118
Independência ou morte!	121
Criacionismo e evolucionismo.....	122
Acadêmico Carlos de Danilo Quadros	126
As escolhas existenciais de Riobaldo em “Grande Sertão: Veredas”	128
Os pardais de Passo Fundo	133
Artistas que fazem a história	134
A Vila Luíza de Passo Fundo.....	136
Aprendizado sem mestre.....	138
O Cinema	140
Cinema ambulante do Sesi do RS.....	145
Visita ao Dr. Sabino Arias, na tarde de 18 de outubro de 2008.....	146
Medicina, uma profissão de fé	151
Servir, não se servir da SBOT	152
Um pouco da história da Estação de Bombeiros.....	155
Zaida Meirelles Duarte: sepultada sob os acordes da música sacra.....	157
Ah, as mulheres!	158
Os mais antigos advogados de Passo Fundo	159
Redução de Santa Tereza.....	165
O cenário gaúcho	167
O General Grosso e Lord Acton	169
Jamais me esqueci do meu posto	170
Alice no país dos cientistas.....	172

A posse de um novo presidente, na Academia Passo-Fundense de Letras

(FOTOS: ARQUIVO APL)



No dia 25 de fevereiro de 2012, foi empossado o 32º presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, na pessoa do acadêmico Osvandré Lech, recebendo o cargo da presidente anterior Elisabeth Souza Ferreira.

Osvandré, desde os bancos escolares da atual Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, sempre se apresentou como um homem preocupado com a vida comunitária, e habituado a viver e atuar em comunidade. Participou de atividades esportivas e da banda de música, na escola que nasceu no prédio onde, desde sua fundação, funciona a Academia Passo-Fundense de Letras.

Elisabeth exerceu diversas funções diretivas no sodalício. Chegou à presidência em 2010, tendo sido primeira secretária, na gestão anterior.

Apesar do dia da semana (um sábado), e do horário (em plena manhã), o comparecimento de acadêmicos e convidados foi expressivo. Diversas personalidades justificaram a ausência, e outros tantos enviaram felicitações ao



novo presidente. Entre estas, também de intelectuais dos mais distantes recantos do país e até do exterior.

Elisabeth Souza Ferreira destacou a responsabilidade imposta pelo cargo e os esforços que teve de fazer para bem exercê-lo.

Já o novo presidente salientou a importância histórica da Academia Passo-Fundense de Letras e apresentou uma série de propostas que pretende pôr em prática, nos dois anos do seu mandato.

Nesta edição de Água da Fonte transcrevemos os discursos da ex-presidente e do atual.

Pontos altos foram as manifestações do presidente da Câmara de Vereadores, Luiz Miguel Scheis, e do vice-prefeito, Renê Ceconello. Ambos lembraram a importância histórica da Academia Passo-Fundense de Letras, e o presidente do Legislativo municipal destacou a colaboração existente, entre o Sodalicío e a Câmara de Vereadores, que favorece a produção e transmissão do programa “Literatura Local”, pela TV Câmara. Ambas as autoridades frisaram sua disposição em aprofundar, com a Academia Passo-Fundense de Letras, a colaboração dos poderes que representam.

Discurso de encerramento de gestão

ELISABETH SOUZA FERREIRA

É chegado o dia em que oficialmente encerramos a Gestão 2010/2011 e marcamos o início da Gestão 2012/2013, sob a Presidência do Acadêmico Osvandré Lech e sua nova Diretoria, eleita em 17 de dezembro de 2011, na Academia Passo-Fundense de Letras.

Quando eu fui eleita Presidente desta Casa, em 19 de dezembro de 2009, não imaginava quão grande seria a minha responsabilidade diante dos meus confrades e confreriras e, principalmente, a importância do papel que estava assumindo na comunidade passo-fundense, representando a maior entidade cultural nesta cidade, que é considerada a Capital Nacional da Literatura. Muito pouco sabia a respeito do sodalício, pois frequentar de vez em quando ou até mesmo com uma certa assiduidade uma instituição, não gabarita ninguém a administrá-la de uma hora para a outra. Ao assumir o cargo de presidente, passei a me inteirar de vários assuntos que não são tratados nas reuniões ordinárias acadêmicas e, pouco a pouco, fui percebendo que não estava diante de uma tarefa fácil. Eram problemas sérios que precisavam ser resolvidos, e não apenas a tão somente, o cumprimento das obrigações sociais que são vistas pela maioria dos frequentadores. O trabalho mais difícil é aquele que ninguém vê, a não ser depois de tudo pronto e apresentado. Tomar decisões não é fácil. Ainda mais quando se está cercado por pessoas tão diferentes e com potenciais diversos, que ora nos incentivam, ora nos criticam, porque não fizemos a escolha que elas gostariam que aceitássemos. Eu sei que não agradei a todos, mas também nem tinha essa pretensão, pois isso é impossível de se conseguir em sociedade. Perante certas oposições encontradas no decorrer de minha gestão, tive que me impor, porque senão ficaria muito difícil chegar até aqui e apresentar uma relação de benfeitorias que estamos deixando nesta casa. Porém, para os meus confrades e confreriras que acreditaram em mim, que nunca duvidaram da minha capacidade de fazer o melhor pela Academia, continuei sendo a mesma pessoa de sempre, a mesma amiga e confidente. Nunca deixei o cargo da Presidência subir a minha cabeça. Porque tudo o que começa, um dia termina. E a Presidência da Academia não é um cargo vitalício. Estou passando hoje a Presidência para o meu sucessor, o acadêmico Osvandré Lech que me havia convidado para fazer parte do quadro acadêmico da nova Diretoria, ao qual agradei, mas recusei porque acho que, depois de um período no comando de uma instituição como esta ou outra qualquer, não se deve permanecer, justamente para que sejam cortados os vínculos com o passado e seja dado o início de uma nova etapa, no desenrolar do histórico acadêmico. Continuarei frequentando e honrando a Academia Passo-Fundense de Letras. Acredito muito na capacidade dos novos acadêmicos empossados por mim em outubro de 2010, no primeiro ano de minha gestão. É bom que conservemos os confrades que continuam produzindo textos,

publicando obras e enriquecendo a nossa Academia. Serão sempre um grande orgulho e honra para nós. Todavia, é melhor ainda renovar o quadro acadêmico, colocando gente nova, sangue novo que traga ideias mais novas ainda e que possa



(FOTO: ARQUIVO APL)

fazer muito mais pelo sodalício do que já fizemos até agora.

Quero deixar um agradecimento especial a minha querida vice-presidente, Santina Rodrigues Dal Paz, porque se revelou uma grande companheira, amiga leal de todas as horas, como nunca pensei que seria. Fiz a escolha certa. Ela nunca me decepcionou. Um verdadeiro anjo, uma verdadeira mãe.

Agradeço a minha Diretoria que me apoiou em várias decisões, pois sem o seu apoio ficaria ainda mais difícil realizar certas atividades.

Chego ao final desta gestão com a certeza de que deixamos a nossa marca aqui ou acolá, dando um toque feminino ao ambiente, desde a decoração definitiva do auditório, à aquisição de cadeiras novas para o mesmo, bem como a confecção das plaquinhas em aço com os nomes de todos os que ajudaram a comprá-las; a iniciativa de bordar na toalha da mesa principal os nomes dos acadêmicos que ainda nela não constavam; a implantação da pelerine como parte integrante da nossa indumentária acadêmica; a organização de um espaço no hall de entrada com TV e DVD, para os visitantes que quiserem assistir a alguns vídeos sobre a Academia; a organização da biblioteca; além de uma atividade totalmente nova no meio acadêmico que foi a arrecadação de alimentos não perecíveis, brinquedos, roupas e calçados para que fossem distribuídos às pessoas carentes de nossa comunidade, inclinando a Academia a cumprir um papel social e não somente cultural. Iniciativas simples mas possíveis de serem realizadas.

Desejo ao novo Presidente que faça a sua gestão conforme o que ele pensa e acredita, pois uma gestão não só é como deve ser, diferente da que a antecedeu, procurando realizar o que for possível e melhor para a Academia Passo-Fundense de Letras.

Muito obrigada!

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Foi presidente da gestão 2010/2011.)

Mensagem de posse na Academia Passo- Fundense de Letras

OSVANDRÉ LECH

Prezadíssimo Renê Ceconello e demais autoridades desta mesa. Agradeço pela presença. Conheço suas agendas e sei do esforço pessoal que fizeram.

Dignas autoridades, convidados especiais, amigos e amigas de todas as idades, credos, cores e religiões.

Minha família querida: Leonardo, Graciela e Marilise. Dirijo-me também aos confrades e congreiras deste sodalício. Inicialmente, aos ausentes e também aos presentes.

Por fim, me dirijo aos membros da Diretoria 2012-2013, a quem solicito que permaneçam em pé até o final. A estes todos, uma salva de palmas !

Elisabeth Ferreira: a sua obra é gigante neste sodalício, em contraste com a tua quase frágil figura feminina. Você passa junto com Santina Dal Paz, Nídia Weingartner e Delma Rosendo Gehm, outras presidentes da APL, a integrar um panteão muito especial, por onde transitam Nélida Pinon e Ana Maria Machado, presidentes da ABL, e também Cristina Kirschner, Ângela Merkel e, claro, Dilma Rousseff, chefonas mundiais.

Esse é um grupo espetacular de pessoas com quem tenho o orgulho de conviver.

Pessoas fazem uma sociedade. Não o contrário!

Agradeço à imprensa local pelo carinho em divulgar as nossas ações: a imprensa radiofônica, o jornal O Nacional e o jornal Diário da Manhã.

Qual é o papel de uma Academia de Letras, em pleno terceiro milênio? Perguntaria um grupo de desavisados, no bom sentido.

A nossa Academia tem doutores (com PhD e tese defendida em banca), tem poetas consagrados, tem notáveis colunistas que interagem diariamente com o leitor, tem educadores de primeiríssima linhagem, empreendedores e cientistas respeitados mundo afora, tem historiadores notáveis, versáteis homens de



(FOTOS: ARQUIVO APL)

comunicação, tem advogados e médicos respeitados aqui e muito além. A nossa Academia também tem pessoas simples, que estão aqui pelo amor à educação, à arte, à erudição. Juntos, formamos um grupo extremamente heterogêneo, mas notável, admirável.

No Brasil, fazer sucesso é perigoso (Tom Jobim).

Nos últimos 2 anos, produzimos mais de 30 livros. Não é qualquer cidade que tem um grupo tão afiado de colunistas, como Gilberto, Jabs, Elmar, Meireles, Welci, Damian, e Monteiro, com suas maravilhosas colunas semanais. Edi-

tamos com recursos próprios muitas “Água da Fonte”. Educamos milhares de alunos. Estimulamos adolescentes a se interessarem pela leitura e pela escrita. Somos Feira do Livro. Somos Jornada de Literatura. Somos ouvidos, porque temos o que dizer. Somos a própria essência da cultura, na terra de Fagundes dos Reis. Há 74 anos.

“Non omnis moriar”. (Não morreremos inteiramente, pois as obras produzidas pelo homem fazem prolongar sua existência).

Qual é o papel de uma Academia, em pleno terceiro milênio? O grupo de de-



savisados agora sabe. O que talvez não saiba, é que esta Academia vive quase exclusivamente da mísera contribuição mensal de R\$ 13,00, de cada um dos seus membros. Não temos orçamento. E isto é insustentável. Temos hoje em caixa menos de R\$ 2.000,00.

Porisso a Academia vive às escuras. Não tem secretária. Não tem telefone. Nem computador. Quase não tem vida! Parece até uma “Rara avis in Terra”. (Ave rara na Terra).

Assim mesmo fazemos muito. Discutiremos em breve com o Poder Público estes assuntos. Precisamos existir de fato! Por isso, convoco os presentes a contribuir com a conclusão deste auditório. Doe R\$ 181,00 para a compra de uma cadeira, e tenha o seu nome afixado nela. Doe um valor para a compra do ar-condicionado e tenha o seu nome em placa especial. Suporte a sua Academia. Ela pertence à comunidade!

Bondade em balde é devolvida em barril. (Provérbio chinês)

Quais são os planos para o biênio?

Firmum in vita nihil. (Nada é firme na vida, tudo é transitório)

1. Melhorar a gestão interna, dinamizando seu funcionamento.

2. Manter expediente externo para possibilitar a visitação, pois se trata de prédio histórico de riquíssimo valor arquitetônico

3. Estimular o lançamento de livros de autores locais e regionais. A primeira ação será em 16 de março, com o lançamento do livro de Dalva Lângaro,

neste local. Venham todos! Coloquem na agenda! Ajudem a APAE, comprando este livro no lançamento.

4. Estruturar as comemorações dos 75 anos da APL, que será em 2013.

5. Produzir livro institucional sobre a Academia atual.

6. Concurso Literário nas escolas, já na quinta edição.

7. Promover sessões de cultura e atualidade, abertas ao público.

8. Contribuir, de várias formas, com os projetos culturais que já consagraram a nossa cidade.

9. Desenvolver ações, para que Passo Fundo conte com uma biblioteca pública, à altura do seu status de capital nacional da literatura, e da fama divulgada na imprensa de que a nossa cidade lê mais do que a França.

A nossa biblioteca é assunto muito complexo. Tão complexo que a recente licitação para a sua modernização não teve empresas interessadas. Isto é uma resposta subliminar.

Há quanto tempo os senhores não entram na nossa biblioteca pública?

Vale a pena passar por lá!

Precisamos de uma biblioteca real, em local de fácil acesso e estacionamento, dotada de bela coletânea de obras, de jornais diários, de computadores. Um lugar com visibilidade que identifique: leitura, cultura, pesquisa.

De minimus non curat lex. (A lei não cuida de coisas pequenas)

Sempre existirá espaço para o exercício da vontade política, quando esta se manifestar com vigor adequado. (Celso Furtado)

Início esta gestão absolutamente sem pressão. Espero realizar uma gestão participativa, integradora, com todos os demais membros, progressista, inclusiva, e que dignifique o passado honroso, de 74 anos de avanços e progressos, desta Academia.

Espero, mais uma vez, ficar acima do meu próprio nível de incompetência.

Conto com o trabalho, de igual para igual, dos meus confrades e confreriras, com o apoio do Poder Municipal; e com a simpatia dos líderes e da comunidade, desta linda cidade onde nasci, e depois decidi realizar a mais fantástica experiência do ser humano – viver e produzir para deixar o espaço que ocupo melhor do que quando cheguei.

“Nada vence o trabalho”. (Euclides de Jesus Zerbini)

“Facta potentiora sunt verbis”. (Os fatos têm mais força do que as palavras)

Portanto, prefiro falar menos e trabalhar mais. Muito obrigado pela atenção e pela presença.

(Osvandré Lech é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2012-2013.)

Rachel de Queiroz: olhares de jovens passo-fundenses

(FOTOS: ARQUIVO APL)



Com a realização do IV Concurso Literário – *Rachel de Queiroz: olhares de jovens passo-fundenses* a Academia Passo-Fundense de Letras cumpriu um dos seus mais importantes compromissos sociais que é o de incentivar a leitura e a produção literária, em qualquer dos gêneros, valorizando o trabalho de consagrados autores nacionais, bem como a arte da escrita como meio de expressão e libertação.

Cerca de vinte alunos de Ensino Médio de oito escolas estaduais e particulares de Passo Fundo tiveram seus textos selecionados e categorizados em biografia, poema, análise de crônicas e resenhas, todos versando sobre a vida e a obra da consagrada escritora brasileira Rachel de Queiroz.

A partir da realização desse concurso, as organizadoras Marilise Brockstedt Lech e Sueli Gehlen Frosi, juntamente com a então presidente da APL, Elisabeth Ferreira e a vice-presidente Santana Rodrigues Dal

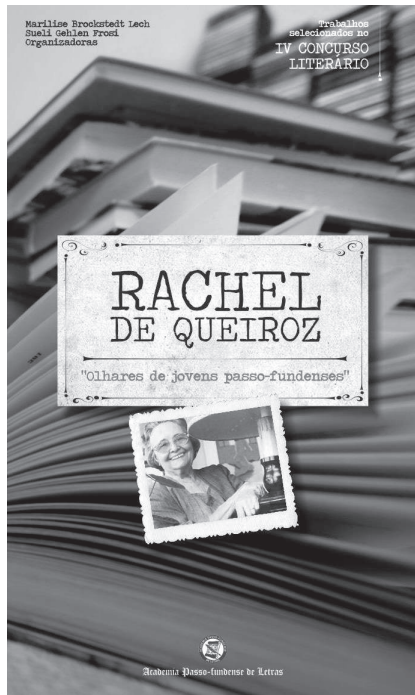


Paz, concretizaram a ideia de publicar um livro com os textos selecionados, o qual teve seu festivo lançamento no decorrer da 14ª Jornada de Literatura, em agosto de 2011, bem como na 25ª feira do Livro de Passo Fundo, em novembro de 2011.

Um agradecimento especial pelo importante apoio foi dirigido à SEDEC

– Secretaria do Desporto e da Cultura, na pessoa do Secretário Alex Necker, bem como do prefeito Airton Lângaro Dipp que viabilizaram a divulgação do concurso e a editoração da obra.

A Academia Passo-Fundense de Letras orgulha-se de ter oportunizado esse espaço para dar luz às ideias de jovens talentos passo-fundenses.



Depoimentos

“Especialmente feliz foi a opção por trabalhar com a obra de Rachel de Queiroz, provocando, como o título da obra anuncia, os “olhares de jovens passo-fundenses”. E quando a classifico como uma escolha feliz, o digo pautada em três aspectos: em primeiro lugar, pela qualidade inegável de Rachel de Queiroz enquanto romancista, contista, tradutora e jornalista; em segundo lugar, pelo viés social que tanto marcou a sua obra e a sua vida particular, inclusive como militante política, fato esse que a levou a ser considerada uma das maiores – se não a maior – ficcionista social brasileira; em terceiro lugar, pela sua determinação e coragem em romper barreiras num mundo até então excludente para as mulheres, tendo sido a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Enfim, esta nova obra da Academia Passo-Fundense de Letras nasce com o mérito de unir a obra de uma grande escritora como Rachel de Queiroz com a nobreza da tarefa de formar leitores.”

Marlene Silvestrin, Coordenadora Regional de Educação - 7ª CRE



“A Academia Passo-Fundense de Letras não quer apenas ter a fama de possuir em sua fachada a porta mais alta do interior do RS, mas, principalmente, ser “A Porta” que se abre a todos os que tiverem vontade de ser alguém na vida; O “Apoio” nas horas difíceis, quando tudo parece dar errado e “O Farol” que ilumina e aponta o caminho certo para os que navegam sem rumo, sem saber por onde começar.”

Elisabeth Souza Ferreira
Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras



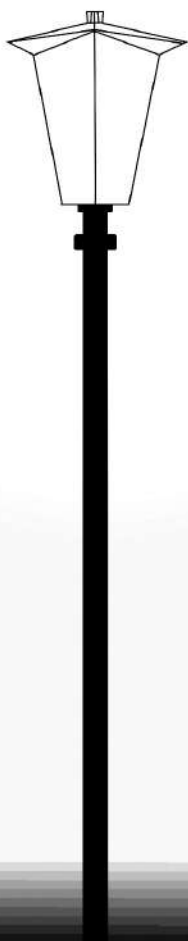
Há algo eterno?

Por mais que dure, tudo termina um dia.
Termina a dor, o sofrimento e a tristeza.
Termina o contentamento, o prazer e a alegria.
Também termina a feiura e a beleza.

Todo o vindo-a-ser pertence à efemeridade.
De não-ser, vir-a-ser SER, ao devenir é seu destino:
se desfazer, dissolver-se e retornar à eternidade,
não importa se é grande, imenso ou pequenino.

Amanhã será velho o que hoje é moderno.
Tudo é instável, se transforma, no Universo.
Muda o Querer, o Sentir, o Pensar e a consciência.

O que hoje se diz ser fantasia, no futuro, será Ciência,
A coisa vista de um ponto está a direita, do outro lado é o inverso.
Tudo que começa sempre acaba, só o espírito é eterno.



Liberdade de expressão, onde estás?!

Se não fosse uma conduta previsível
certamente eu ficaria estarecido
ante um ato nada menos que horrível:
acadêmico colunista, do jornal foi excluído.

Em seus confrades isso causou profunda comoção.
Ele disse em seu artigo apenas a verdade,
é homem honrado, esposo, pai e bom cristão,
mas lhe foi cassada, da expressão, a liberdade.

A imprensa, como dever e com direito,
luta pela vital liberdade de expressão,
e eu penso ser esse um honroso preceito.

Agora, um jornal, que tinha bom conceito na cidade,
resolveu, ou foi pressionado (?) a andar na contramão,
em ato truculento, cassa colunista por ter dito a verdade.

(Getúlio Vargas Zauza é membro da
Academia Passo-Fundense de Letras.)

Clube Republicano “Pinheiro Machado” de Passo Fundo/RS

WELCI NASCIMENTO

Na intimidade dos republicanos de Passo Fundo, ele era chamado de “O Clube”. Tanto era político como social. Fundado no dia 16 de março de 1904, pouco tempo depois da proclamação da república brasileira, a família republicana de Passo Fundo se reunia.

A propaganda republicana chegou com atraso no Rio Grande do Sul. O impacto do Manifesto Republicano, de 1870, foi pequeno na Província sulina, embora funcionasse, havia dois anos, um clube republicano, na capital, que editava o jornal “A Democracia”.

A política no Rio Grande do Sul era território do Partido Liberal. Este herdara a popularidade da luta farroupilha, mas não empunhava a bandeira republicana. Nas demais províncias, o movimento republicano ganhava corpo em dissidências da corrente liberal. Menos no Rio Grande do Sul, onde as ideias da República estavam vinculadas ao Partido Liberal. Estes controlavam o Poder Executivo e a Assembleia Provincial. Em 1873, aumentaram seu poderio, quando dois líderes, Gaspar Silveira Martins e Manoel Luiz Osório, foram chamados a integrar o novo Gabinete Imperial.

Osório era o herói militar. Silveira Martins, aristocrata pastoril, tribuno, homem de discursos e das frases de imponência verbal. No Rio de Janeiro era chamado “o dono do Rio Grande”.

Pouca atenção era dada aos jovens que se reuniam num clube republicano, em Porto Alegre. Ali eles fundaram o Clube Republicano Riograndense. O Partido Republicano nasceria na convenção de 23 de fevereiro de 1882 e o ideal republicano encontrou, bem cedo, excelente clima no Rio Grande do Sul, revelado pelo grande movimento farroupilha de 1835. Desde então, a deia republicana esteve sempre presente nos debates políticos e o Partido Republicano surge, naturalmente, aglutinando os

numerosos gaúchos que alimentavam aquele ideal. Fundaram-se sociedades cívicas destinadas a dinamizar a pregação republicana.

Apolinário Porto Alegre que representou para o Rio Grande do Sul, a cultura gaúcha, no último quartel do XIX, foi tão grande, importante e inestimável que pode ser colocado como o primeiro no cenário das letras da Província daquele tempo. Apolinário Porto Alegre, já em 1868, pregava a República pela imprensa gaúcha da capital. Também a Faculdade de Direito de São Paulo foi um dos primeiros focos da doutrinação e, lá, um brilhante grupo de rio-grandenses assumiu o compromisso de pregar a forma republicana de governo. Deles, porém, surgiram lideranças como a de Júlio de Castilhos, o pregador da República no torrão gaúcho.

O Rio Grande do Sul era uma das províncias mais preparadas para receber a nova forma de governo instituída no país e que caracterizava, finalmente, as aspirações dos velhos farroupilhas de “35”. Júlio de Castilhos apresentava o projeto de um jornal partidário. Dois anos depois, começa a circular “A Federação”, sob a direção de Venâncio Aires. Júlio de Castilhos vai consolidando seu poder, a golpe de audácias.

Com a bandeira republicana sob seu controle, ele faz aprovar a Constituição que escreveu em 14 de julho de 1891, sendo eleito Presidente do Estado, pelo voto unânime dos deputados constituintes. Avizinhava-se a revolução federalista de 1893 que se estenderia até 1895, em todo o Rio grande do Sul. Em Passo Fundo, seus líderes eram o Major Prestes Guimarães, depois General, e o Coronel Gervásio Lucas Annes, respectivamente do Partido Federalista e Republicano. Eles seguiam as ideias de Gaspar Silveira Martins e de Júlio de Castilhos.

Em 25 de janeiro de 1898, findou o mandato de Júlio de Castilhos. Seu substituto tinha sido preparado: Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, o qual foi reeleito até 1908. Seu substituto, Dr.

Carlos Barbosa, era também membro eminente do Partido Republicano. Terminado o mandato, Carlos Barbosa foi substituído novamente, pelo Dr. Borges de Medeiros e, assim, sucessivamente, foi reeleito, até o ano de 1923. Por essa forma de sucessão presidencial da república sulina, graves acontecimentos perturbaram a paz na terra gaúcha.

Eleitoralmente fraco, o partido federalista era, socialmente, forte. Contava com adeptos: a nata da sociedade pastoril. Os grandes fazendeiros, os ricos e enérgicos proprietários rurais. Todos, na sua maioria eram federalistas. Talvez não tenham tido sólidas convicções parlamentares, mas por sentimento de independência, pela tradição doméstica eram federalistas.

No terreno do voto, os federalistas foram sempre esmagados pela terrível organização eleitoral do governo. Esta circunstância não significava fraqueza, pois é bem certo que dispunham de chefes valorosos e de tão grande resistência moral, que puderam suportar, por muitos anos, fora do governo.

Os partidários do Dr. Assis Brasil, os seus admiradores e amigos, que eram numerosos, propunham modificações políticas que satisfaziam, em grande parte, aos federalistas e aos dissidentes do governo de Borges de Medeiros. Contestavam a legitimidade de um governo que ameaçava perpetuar-se depois de décadas de efetivo domínio.

O gesto de rebeldia dos caudilhos honrava o caráter rio-grandense. Por outro lado, os detentores do poder acusavam os rebeldes de bárbaros, bandoleiros, roubadores e assassinos.

Aos choques ideológicos entre as duas facções políticas, seguiram-se as manifestações de violência, que logo contribuíram para a formação de um clima pré-revolucionário no Rio Grande do Sul.

Passo Fundo

Aqui seria palco de inúmeras manifestações e de lutas sangrentas. As paixões políticas imperavam, criando



Fachada do edifício sede do Clube Republicano Pinheiro Machado, atual sede da APL

desentendimentos e somando ódios. Em 1923, irrompeu um novo movimento revolucionário cujo fim era impedir a posse sucessiva do Dr. Borges de Medeiros. O governo se fortalecia criando corpos provisórios, auxiliar da Brigada Militar, como o famoso “Pé no Chão”, comandado pelo coronel Valzumiro Dutra, em Palmeira das Missões.

Depois de muitas lutas, foi modificada a Constituição Riograndense, ficando impedidas as reeleições do Presidente do Estado e dos Intendentes Municipais.

Acontece que, quando foi proclamada a República, os membros do Partido Conservador, tendo por chefe o Coronel Gervásio Lucas Annes, então advogado, abraçaram o Partido Republicano. Para governar o município foi constituída uma Junta Governativa, uma vez que a Câmara fora dissolvida pelo Governo Provisório da República. Assumiram o comando da Junta Governativa os senhores Gabriel Bastos, Jerônimo Lucas

Annes e José Pinto de Moraes.

Os republicanos trataram de fundar um jornal com o nome de “Eco da Verdade”. Era o jornal de publicação semanal. Em 10 de abril, a Vila de Passo Fundo foi elevada à categoria de Cidade. O regime republicano implantado no Brasil ia se consolidando em Passo Fundo. A tal de Junta Governativa ocupou o espaço de dois anos.

Em 15 de novembro de 1891, lembrando a data da proclamação, é eleito o Conselho Municipal Constituinte: Pedro Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos (presidente), Lucas Araújo, Frederico Graeff, João Henrique de Carvalho, João de Oliveira Lima e Leoncio Ricco. O poder municipal era exercido pelo Intendente que votava a receita e a despesa.

O Coronel Gervásio Lucas Annes toma posse na Assembleia Legislativa e o Sr. Frederico Guilherme Kurtz é empossado Intendente Constitucional

de Passo Fundo, nomeado que foi pelo Presidente do Estado.

Os federalistas de Passo Fundo se reorganizaram e se movimentaram para tacar a cidade. Eles estavam entusiasmados com os feitos do General Prestes Guimarães na fronteira do Estado.

O início do século XX continua sob o comando dos republicanos em Passo Fundo, com a posse do Cel. Pedro Lopes de Oliveira, em 15 de novembro de 1900.

O Clube

Para congregar e consolidar os ideais políticos, os republicanos fundaram um clube. Denominaram essa associação de Clube Social e Político “Pinheiro Machado”. A ideia de fundar, além de congregar os líderes do partido que estavam um pouco desnorteados com a morte de seu líder máximo, Gervásio Lucas Annes, fortalecia o partido.

Na cidade crescia o ambiente de

provocações, atentados e desordens. Assim, a direção estadual do Partido Republicano indica o Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, como a grande estrela partidária, não só na cidade e no interior de Passo Fundo, como na região serrana, à semelhança do Cel. Gervásio Lucas Annes, que falecera em 1917.

O Clube levou a denominação de Pinheiro Machado, para homenagear José Gomes Pinheiro Machado, Senador da República que representava o Rio Grande do Sul, no Senado da República. No clube, além de congregar os líderes republicanos locais, desenvolvia atividades sociais. Até uma “copa”, uma espécie de “café”, como era denominado na época, procurava reunir também as esposas dos líderes.

“Um por todos e todos por um”, era o lema do Clube Pinheiro Machado. Inicialmente, antes de construírem a sede própria, se reuniam na casa do Dr. Gabriel Bastos, localizada na Av. Brasil, esquina com a rua 15 de Novembro.

Em 1915, estando na Presidência do Clube o Sr. Basílio Lima, foi adquirido o terreno situado na Av. Brasil, em nome da entidade, segundo escritura pública (transcrever).

Havia, na cidade, um clube denominado Clube Amor à Instrução, fundado no ano de 1884. Sabe-se que oito republicanos se reuniam nesse clube que tinha por finalidade desenvolver a cultura e a educação na cidade. Ali, tiveram a ideia de fundar um clube político partidário. As eleições para Intendente e Conselheiros municipais se aproximavam.

Adquirido o terreno, os republicanos levantaram um imponente prédio na Av. Brasil, com uma porta muito linda, janelas “conversadeiras” que serviam para que os políticos, líderes republicanos, pronunciassem inflamados discursos, quando fossem realizados atos públicos, ao ar livre.

O prédio possui um corredor de entrada, e duas salas que ladeavam em dois andares. Havia um salão para a realização das sessões solenes e apresentações teatrais. Mais tarde, os saraus culturais do Grêmio Passo-Fundense de Letras, ali eram realizados. Os republicanos de Passo Fundo escolheram o nome de José Gomes Pinheiro Machado para ser o patrono do Clube.

Pinheiro Machado nasceu em 8 de maio de 1852, na cidade de Cruz Alta. Iniciou na carreira das armas como aluno da Escola Militar e seguiu para a luta contra o Paraguai. Gravemente ferido,

voltou e abandonou a carreira militar, ingressando na Faculdade de Direito de São Paulo, cujo curso terminou, retornando ao Rio Grande do Sul.

Desde cedo manifestou seus pendores republicanos, filiando-se aos propagandistas da nova forma de governar. Proclamada a República, foi eleito senador e, por ocasião da Revolução Federalista, não hesitou em marchar para o campo da luta, a fim de enfrentar os maragatos revolucionários.

Terminada a luta, retomou sua carreira no Senado. Pela tendência caudilhesca e sua grande devoção à república, a criara posição de grande relevo, tornando-se uma espécie de conselheiro da república. Foi em seu tempo, a primeira figura política do país. Indicado para candidatar-se à Presidência da República, negou-se a aceitar, continuando como Senador.

Morreu assassinado, no Rio de Janeiro, dia 8 de setembro de 1915, consternando a nação inteira.

Com o falecimento de Júlio de Castilhos, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Antônio Augusto Borges de Medeiros assumiu a liderança do Partido Republicano Rio-grandense. Para enfrentar a reeleição, várias vezes, de Borges de Medeiros, a oposição apresentou a candidatura de Assis Brasil. Os simpatizantes do líder maragato, em Passo Fundo, tentam se organizar. O jornal “A Época”, de 26 de outubro de 1922, enumera a relação de simpatizantes, elevando-se a mais de uma centena as assinaturas. A presidência da organização para enfrentar os republicanos, também chamados de “chimangos”, ficou a cargo de Fernando Goelzer, morador nas bandas de Butiá. Os maragatos se preparavam para receber o Dr. Assis Brasil, em Passo Fundo.

O Clube Pinheiro Machado procurou marcar uma concentração política na sua sede, contracenando com os maragatos. O Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, na presidência do Clube, procurou transferir a realização do ato político. Mesmo assim, o Clube Pinheiro Machado permaneceu bem iluminado e repleto de republicanos e de inúmeras senhoras. O Dr. Vergueiro, assomando à sacada do Clube, foi ovacionado e saudado por um discurso do historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira relata a historiadora Delma Rosendo Ghem.

Não se tem notícia das primeiras atas do Clube. Manuseando um livro que registra a abertura e o encerramento, em 19 de outubro de 1920, estava na

presidência o Dr. Gabriel Bastos. Os fins do Clube eram pela grandeza do Partido Republicano e a solidariedade entre seus membros.

No livro consta: - “O Clube ocupa seu edifício quase abandonado, com ameaça de execução e anarquia na sua Diretoria (fls.1). Consta que os sócios pediam providências”.

Não demorou muito e foram publicados os Estatutos do Clube, no jornal “A Federação”, como uma entidade política. A partir daí, dezenas de pessoas influentes, da sede e dos distritos de Passo Fundo, foram recebidos como sócios efetivos. Pecuaristas, advogados, comerciantes, todos influentes, da sociedade passo-fundense, se engajaram em torno dos objetivos do Clube.

O poder municipal se fortalecia nas mãos dos republicanos de Passo Fundo, como Nicolau Araújo Vergueiro, Gabriel Bastos, Gervásio Lucas Annes, sob a liderança de Borges de Medeiros, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul.

O tempo passava sob o domínio dos republicanos

No dia 16 de março de 1935, presentes os sócios fundadores, elegeram o Sr. Frederico Graeff Filho e demais membros do Clube Pinheiro Machado e davam ciência de um convite da “Frente Única”, movimento que se formava, em todo o Brasil, em torno do Dr. Getúlio Vargas, extensivo aos membros do Partido Libertador do Rio Grande do Sul, isto é, aos “maragatos”. Parece que a paz começava a reinar entre chimangos e maragatos, no Rio Grande do Sul. O Clube Pinheiro Machado começava a perder sua força política.

Em 1938, o Sr. Arthur Ferreira Filho, Intendente de Passo Fundo, toma posse do prédio do Clube Pinheiro Machado, assume uma dívida bancária do Clube e instala nele o Grêmio Passo-Fundense de Letras sendo elevado à Presidência da instituição literária, hoje Academia Passo-Fundense de Letras.

Dois anos depois, em 1940, a Prefeitura Municipal cria a Biblioteca Pública, sob a responsabilidade do Grêmio Passo-Fundense de Letras, instalado no Clube Pinheiro Machado. Resta lembrar que as dependências do Clube serviram para acomodar uma escola pública, no ano de 1929, assim como a instalação do Tiro de Guerra nº 225, uma espécie de corpo provisório do Exército Nacional.

O Instituto Histórico de Passo Fundo,



fundado em 15 de abril de 1854, também fez uso do prédio do Clube.

O tempo passou, os governos se sucederam e os partidos políticos da velha república desapareceram. E o Partido Republicano também desapareceu com seus líderes de primeira arrancada.

O Clube Pinheiro Machado fez sua última reunião, de caráter extraordinário no dia 18 de novembro de 1971, para transferir seu ativo e passivo para a Academia Passo-Fundense de Letras. Extingue-se assim o CLUBE que marcou uma época da política passo-fundense, nas primeiras décadas do século XX. O acervo deixado diz que em 1927, por aclamação, foi reconduzido à presidência do Clube o Dr. Nicolau Vergueiro, que faleceu em 16 de março de 1956, deixando um rico acervo cultural, transferido por seus familiares para a responsabilidade do Instituto Histórico de Passo Fundo, hoje sob a presidência do Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca.

De 1928 até 1934, não há registro das atividades do Clube, pelo menos no Livro de Atas. Nos anos de 1936/37, também não. Por fim, em 1938, o Grêmio Passo-Fundense de Letras fez do prédio sua sede.

Os anos foram passando... e o imponente prédio do velho Clube Pinheiro Machado foi sendo ruído pela ação do tempo. Seu tradicional salão, os sócios, senhores e senhoras, simpatizantes do Partido Republicano de Passo Fundo, faziam ala à entrada do Clube para aplaudir altos representantes do governo chimango, como Firmino de Paula, Borges de Medeiros, Getúlio Vargas e líderes do Partido Republicano Rio-grandense.

Como os homens, o prédio do Clube Pinheiro Machado, também envelhecia. Ele já oferecia perigo de desabamento. Houve tentativas de demolir, literalmente, o prédio. A imprensa repeliu a idéia, e o seu frontispício permaneceu e foi tombado, como patrimônio histórico de Passo Fundo. Por vários anos sua parede frontal foi escorada, para não tombar.

Em 1996, um Acordo judicial envolvendo o Ministério Público, a Prefeitura Municipal de Passo Fundo e a Academia Passo-Fundense de Letras, determinam um prazo de 90 dias para a restauração do prédio do Clube Pinheiro Machado, agora de propriedade da Academia Passo-Fundense de Letras.

Em 23 de dezembro de 1997, o Go-

verno do Estado do Rio Grande do Sul remeteu ao Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, ofício confirmando a liberação da quantia de R\$ 500000,00, através do Ministério da Cultura, na conta da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, com a finalidade de restaurar o prédio do antigo Clube Pinheiro Machado.

O Instituto Histórico de Passo Fundo registra a trajetória do Clube Pinheiro Machado, criado em Passo Fundo no início do século XX, para defesa dos interesses do Partido Republicano de Passo Fundo.

No decorrer dos anos, o Clube cedeu espaço para que, no seu prédio, funcionassem educandários, grêmio literário, biblioteca pública, academia de letras, instituto histórico. E é hoje o local em que a comunidade passo-fundense se reúne para levar adiante a cultura.

Fontes:

1. Estatuto do Clube Pinheiro Machado Livraria Minerva – P. Fundo, 1917.
2. Livro de Atas do Clube Pinheiro Machado P. Fundo, 1920.
3. Arquivos da Academia Passo-Fundense de Letras P. Fundo.
4. Entrevista com o Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Presidente do Instituto Histórico de P. Fundo.

Borges e as neurociências



GILBERTO R. CUNHA

Jorge Luis Borges foi, outra vez, genial (que não deixa de ser uma redundância, quando a referência é o grande mestre das letras argentinas), pra se dizer o mínimo, ao tratar, com originalidade poética e realismo, de um tema tão complexo como a memória humana, no conto “Funes, el memorioso”. Nesse conto fantástico, publicado pela primeira vez na edição de 7 de junho de 1942 do jornal *La Nación*, Borges, por meio da história pessoal de Ireneo Funes, o peão de Fray Bentos que, após sofrer uma queda de um cavalo e ter batido fortemente a cabeça no solo, adquiriu o talento (ou a maldição, dependendo do ângulo que se observe) de se lembrar absolutamente de tudo,

não faz outra coisa que se antecipar, valendo-se apenas da sua imaginação prodigiosa, a algumas descobertas das neurociências que, por meio de estudos de caso de pacientes, ainda tardariam certo tempo.

Solomon Shereshevskii, uma espécie de Ireneo Funes e paciente real do psicólogo russo Alexander Luria (1902-1977), foi um dos primeiros casos, cientificamente documentados, de pessoa com memória extraordinária. Luria admitiu que estudou Shereshevskii durante 30 anos, e confessou que não conseguiu encontrar o limite da sua memória. Porém, diferentemente das pessoas normais, Shereshevskii tinha que fazer um grande esforço para esquecer os detalhes de alguma coisa. Esse paciente, conforme foi diagnosticado, possuía uma forte sinestesia – relação

involuntária entre diferentes sentidos, como associar número com cores, por exemplo – que, com o auxílio de certos truques de memorização, permitia que ele se recordasse de longas sequências de números e letras, mesmo passados vários anos. As similaridades entre Funes, personagem de Borges, e Shereshevskii, paciente de Luria, são muitas. Inclusive pela falta de capacidade de abstração em ambos, quer seja no uso das ideias ou da linguagem, como elemento básico de pensamento, ou para a compreensão daquilo que liam. Outros exemplos de mentes prodigiosas, decorrentes da síndrome de savant, são Kim Peek, inspiração para o personagem autista vivido por Dustin Hoffman, no filme *Rain Man*, e Daniel Tammet que, em 2004, protagonizou a proeza de recitar de memória os primeiros 22.514

dígitos do número irracional π (3,14...). Os savants têm uma percepção e uma memória prodigiosas para os detalhes, porém não conseguem integrar conceitos gerais e abstratos. Consta que Kim Peek, durante a encenação de uma peça de Shakespeare, irrompeu aos gritos. Ao ser questionado sobre qual era o problema, disse que o ator havia pulado umas palavras em uma linha do original. Diante da alegação de que ninguém mais havia notado ou dado importância ao acontecido, Kim Peek respondeu que Shakespeare teria percebido o erro.

Henry Gustav Molaison (1926-2008), ou simplesmente o paciente H.M., como foi conhecido até a sua morte por motivos confidenciais, é exemplo de um homem que, em razão de um infortúnio pessoal, possibilitou a geração de novos conhecimentos nas neurociências. Em decorrência de sofrer crises não controláveis de epilepsia, Henry Molaison, em 1953, se submeteu a uma cirurgia para extração do hipocampo e áreas adjacentes de ambos os hemisférios cerebrais. Acabaram-se as crises de epilepsia, mas H.M. transformou-se em uma pessoa que, mesmo sem defeitos de percepção, inteligência ou processamento de linguagem, vivia apenas com memória do passado e de um presente fugaz. Descobriu-se, com a sua tragédia pessoal, o papel do hipocampo, na fixação das recordações em memórias de longo prazo. Mesmo que não seja no hipocampo que as memórias são armazenadas, essa região do cérebro se encarrega de codificar a informação a ser guardada. Nessa parte do cérebro é exercida uma função crucial na geração das memórias declarativas (de conceitos e eventos), a exemplo do sabor de uma madalena vir a disparar as recordações de Marcel Proust em “Em busca do tempo perdido”. O hipocampo e outras estruturas que o rodeiam (lóbulo temporal médio) fazem a conexão entre percepção e memória.

Unindo a ficção de Jorge Luis Borges com algumas descobertas, relativamente recentes, das neurociências, o físico argentino, Rodrigo Quian Quiroga, que atualmente é professor e chefe do Departamento de Bioengenharia da

Universidade de Leicester, na Inglaterra, realizou uma autêntica viagem pelo cérebro humano, desde “Funes el memorioso” até o que se conhece por “neurônio da Jennifer Aniston”, que acabou materializada no livro “Borges y la memoria”, publicado em 2011, pela editora Sudamericana. Quian Quiroga, com o conhecimento de causa de quem foi autor de descobertas relevantes, nos domínios das neurociências, e a paixão pela obra de Borges, produziu um texto que consegue, ao mesmo tempo, ser informativo em um campo relativamente árido da ciência e literariamente agradável. Eu diria que Rodrigo Quian Quiroga, em “Borges y la memoria”, chegou bastante próximo do ideal da perfeição, no que tange à popularização da ciência, transmitindo ideias complexas de uma maneira simples, porém sem perder rigor científico, e, simultaneamente, entendível pela maioria das pessoas.

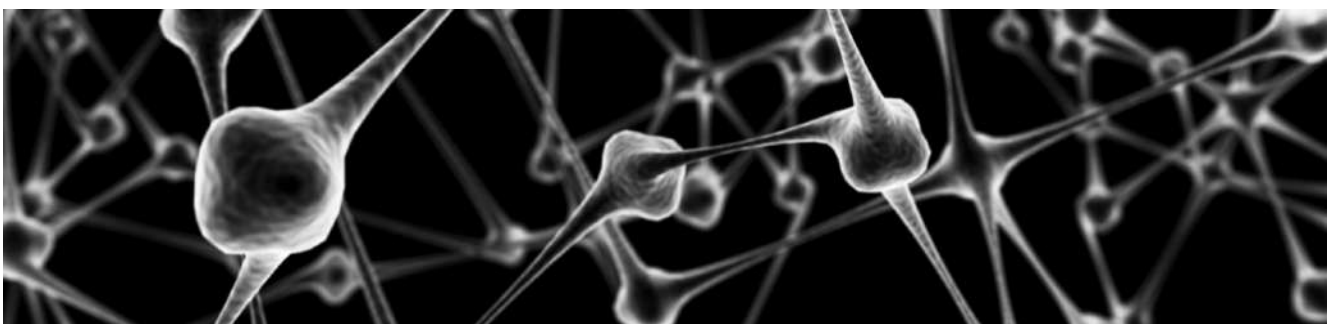
Antes mesmo da publicação de “Borges y la memoria”, Rodrigo Quian Quiroga já gozava de reconhecimento, nos meios acadêmicos, por artigos publicados em revistas como *Nature* e *Frontiers in Bioscience*, e, popularmente, por matérias e entrevistas em jornais, tipo *The New York Times*, *The Washington Post*, *Daily Mail* e *The Independent*. Em particular, pela descoberta, considerada por muitos como revolucionária, do papel de neurônios individuais na apresentação de conceitos. A esse tipo de neurônio, que responde de uma maneira abstrata, ignorando os detalhes, compete a conversão do que percebemos (aquilo que vemos, sentimos ou escutamos), em memórias de longo prazo (que recordaremos no futuro).

A complexidade dessa descoberta começou pela necessidade de implante de eletrodos no cérebro humano, que, embora seja algo habitual em estudos com animais, não o é com gente. Foi graças a várias inovações tecnológicas nesse tipo de eletrodo, desenvolvidas na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), instituição que abrigou um pós-doutorado de Rodrigo Quian Quiroga, que o mencionado cientista argentino chegou à descoberta da conectividade de áreas visuais superiores, com

o hipocampo. No experimento que realizou na UCLA, Quian Quiroga constatou que alguns pacientes tinham neurônios específicos, que eram estimulados pela imagem de pessoas, coisas ou lugares, por exemplo. Foi o caso de um paciente que respondeu, igualmente, a diversas imagens de Maradona, e outro, que ficou mais famoso: o do neurônio que respondeu a sete fotografias bastante distintas da atriz Jennifer Aniston, a Rachel da série televisiva *Friends*. A primeira constatação interessante é que esse tipo de neurônio responde a conceitos abstratos, e não aos detalhes de alguma imagem (ou foto) em particular. A abstração dos “neurônios de Jennifer Aniston”, assim batizado por Quian Quiroga e colaboradores, localizados no hipocampo e arredores, e significa codificar conceitos abstratamente, para serem guardados na memória. É justamente o significado que damos às coisas, aquilo que representam os neurônios do hipocampo. Nem percepção, nem memória, mas conexão entre ambas é o que faz o hipocampo. Não é por nada que tendemos a esquecer detalhes e lembrar conceitos, razão pela qual, como bem frisou Quian Quiroga, os neurônios tipo Jennifer Aniston são cruciais na transformação de nossas percepções em recordações. Se não fossem esses neurônios, terminaríamos como Ireneo Funes, o memorioso personagem de Borges, sem capacidade de abstração e sem conseguir pensar, recordando apenas detalhes irrelevantes.

Para que serve esse tipo de descoberta? Entre tantas coisas, para demonstrar a possibilidade de que pessoas com déficits motores sérios podem comunicar-se com o mundo exterior a partir da atividade de neurônios individuais. Ou, quem sabe, materializar a ficção mostrada no filme “Até o fim do mundo”, do cineasta alemão, Win Wenders, em que um cientista busca implantar imagens no cérebro da mulher que é cega, antevendo a possibilidade de inversão do processo e, assim, projetar pensamentos em uma tela de computador.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras.)



A primeira prova do kart

(FOTOS: ARQUIVO M.A. DAMIAN)

MARCO ANTONIO DAMIAN

O resgate da história do kartismo em nossa cidade se faz necessário. Foi há 39 anos que jovens pilotos passo-fundenses do automobilismo, foram a São Paulo buscar esses pequenos carrinhos, que, para os menos avisados, representavam uma atividade apenas lúdica.

Em 1972, os pilotos estavam praticamente órfãos, pois as corridas de rua haviam sido proibidas, pelas tragédias ocorridas alguns anos antes, entre seus carros e os espectadores que, sem nenhuma proteção se aglomeravam muito próximos à pista e nas curvas. Autódromo, só o de Tarumã, inaugurado em 1970 e alguns outros de terra. Passo Fundo, como ocorre até hoje, é pródiga na revelação de grandes e vitoriosos pilotos que não têm casa própria para treinar e competir.

A proibição de corridas de rua falava em automóveis, mas não de kart, e assim, mais de uma dezena de pilotos adquiriram os equipamentos e se organizaram para competições. Inicialmente, a prova era domar a máquina, que foi fácil, pois todos eles vinham do automobilismo. Depois, era pensar em dar maior potência ao motor, e diminuir o peso (do piloto e do equipamento), para torná-lo mais veloz. Os treinamentos eram realizados no pátio da Cesa, pois era um dos poucos locais asfaltados da cidade.

Chegou então o dia 5 de junho de 1972, data da primeira prova de kart disputada em Passo Fundo. A pista improvisada foi o centro da cidade, nas ruas asfaltadas: General Neto, General Osório, Bento Gonçalves e Moron. Alguns sacos de areia foram, estrategicamente, colocados em pontos que oferecessem maior dificuldade para os pilotos domarem a máquina, em curvas apertadas. Exatamente 11 karts estavam inscritos, número muito acima do esperado. Mas o domingo amanheceu cinza, nublado, um pouco triste. A chuva era iminente e ela realmente deu as caras. Nada, porém, arrefeceu o ânimo dos competidores, e o público foi enorme. Aproximadamente cinco mil pessoas



se espremeram entre guarda-chuvas, ao longo do trajeto.

Foram quatro baterias, todas de altíssima velocidade, adrenalina em alta e o coração batendo mais forte. Cada bateria consistia em 10 voltas na improvisada pista. A primeira bateria foi vencida por Ison Iaione, com Paulo Tagliari, em segundo lugar, e Roberto Albuquerque, de Carazinho, em terceiro. Um descanso merecido, e os preparadores, na maioria os próprios pilotos, ajustando seus equipamentos para a segunda largada. Esta foi vencida por Hércules Borges, tendo Paulo Tagliari chegado em segundo lugar, e Carlos Alberto Oltramari, em terceiro. O povo delirava com o arrojo dos pilotos. A fumaceira e o estrepitante barulho dos motores eram coisa familiar e saudosa para os passo-fundenses. Veio então a terceira bateria, e ela foi vencida por Paulo Tagliari, seguido de Hércules

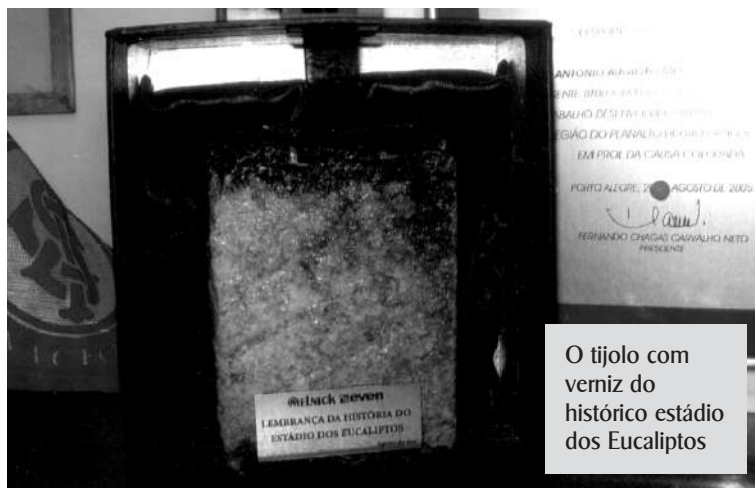
Borges e Celso Menegaz. O asfalto liso e perigoso não era impecilho para nenhum dos intrépidos homens voadores. A média de velocidade, de 80 km. por hora, considerando os empíricos equipamentos, era alucinante para os pequenos carrinhos. A quarta e última bateria foi vencida por Roberto Tasca, com Paulo Trevisan, em segundo, e Hércules Borges, na terceira colocação.

Ao final da contagem de pontos, quem ergueu o primeiro troféu do kart, em provas realizadas em Passo Fundo, foi Hércules Borges, com 22 pontos, seguido por Paulo Tagliari, com 21, Ison Iaione, com 11, Paulo Trevisan, João Carlos Klaus e Roberto Tasca, com 9 e Celso Menegaz, com 8 pontos.

(Marco Antonio Damian é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Os oitenta anos de um tijolo que fez história em nosso futebol

(FOTOS: ARQUIVO MEIRELLES DUARTE)



O tijolo com verniz do histórico estádio dos Eucaliptos



O Engenheiro Civil, Milton Melnick, que nunca esqueceu dos amigos de Passo Fundo

MEIRELLES DUARTE

São as formiguinhas que nos ensinam que, por menor que seja o objeto, junto a outros, transforma-se no gigante imaginário, cada um com seu devido valor e importância. Ao olharmos uma gigantesca construção, um prédio que rasga os céus, uma na ponte que une povos e nações, verificaremos que tudo foi feito, peça por peça, tornando-se cada uma de um valor indispensável e especial. Assim foi construído, no início da década de 1930, o Estádio dos Eucaliptos, do Internacional da Capital do Estado, o mais importante dentre os então existentes nos três estados do sul, a ponto de ser escolhido, em 1950, para dois jogos da Copa do Mundo daquele ano: Iugoslávia 4 X México 1; e Suíça 2 x México 1. Com o surgimento do estádio Beira-Rio, o velho estádio dos Eucaliptos perdeu sua razão de ser e sua finalidade. Isso pelo acanhamento de suas arquibancadas sem as mínimas condições de abrigar a gigantesca torcida colorada, que aumentava e continua até hoje a somar adeptos. Não restou outro caminho. Posto à venda, foi adquirido por uma empresa construtora, cujo titular, apesar de nascido há 69 anos, em Quatro Irmãos, se tem como passo-fundense, pois para cá veio com seus pais, Abraão e Bernardina Melnick, com 1 ano de

idade, ficando até concluir seus estudos no Instituto Educacional, para ingressar, após, na Faculdade de Engenharia Civil da PUC. Milton Melnick, irmão do também Engenheiro Civil, Sidnei Melnick, aqui residente, fundou a empresa construtora que leva o nome da Família, “Melnick-Even”. Figura hoje entre uma das mais importantes construtoras do Brasil. No local do velho estádio, estão sendo construídas sete torres, com 3 mil apartamentos. Hoje esta empresa está com obras em 500.000 metros, com uma equipe de 70 engenheiros civis e mil funcionários. Na demolição do velho estádio, surgiu uma ideia que levou alegria e até emoção a um grupo seletivo de torcedores do Internacional, previamente escolhidos pelo Engenheiro Milton. Ele separou alguns tijolos que, por 80 anos, estiveram nas instalações do estádio, colocou uma camada de verniz com uma placa metálica e uma bela mensagem da empresa. Passo Fundo foi agraciada com dois tijolos, um para o irmão de Milton, Sidnei, e outro para mim, “homenageando aquele vibrante narrador de futebol de minha juventude que, pela maneira como transmitia, nos trazia bem vivo o desenrolar dos jogos”. Tive a felicidade de narrar o último Gre-Nal disputado nos Eucaliptos, tendo o inesquecível craque Heitor Verardi como titular da camisa 5 do Internacional e cujo, resultado final, 2x1 para os colorados, marcou ainda mais o his-

tórico momento. Ficou famoso aquele clássico pois além de ter sido o último disputado no estádio, era o Gre-nal de número 150. Comigo esteve o comentarista Jarbas Sampaio Correia, o locutor comercial e repórter, Benhur Silva e o técnico em instalações de aparelhagens, Adelvino Parizzi, conhecido odontólogo, que chegou à governadoria do Lions Clube Internacional. Quando menino, com apenas 7 anos de idade, com meu pai, o Tenente Delmar Duarte, fui levado ao estádio dos Eucaliptos, para assistir a um amistoso: Internacional x Seleção de S.Catarina. O Internacional venceu por 3x1, e saí maravilhado, vendo aqueles monstros sagrados, como Tesourinha, Adãozinho, Carlito, Alfeu, Viana e tantos outros, que deram um verdadeiro show de futebol, tornando-me, a partir dali, um torcedor ardoroso do clube colorado. Lá se foram 70 anos, sempre fiel aos sentimentos rubros, vivendo e sofrendo com sua maravilhosa história destes últimos anos. Neste tijolo está toda esta história que tanto nos toca o íntimo e o próprio coração. Foi uma atitude de amigo dos velhos e atuais tempos, do gremista, Milton Melnick, que será lembrado pelos anos afora, quando o tijolo estará exposto no Museu do Esporte e Imprensa de Passo Fundo.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte é jornalista e advogado, membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Euripedes Facchini: mestre insigne e magistrado admirável

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Passo Fundo perdeu, no primeiro sábado de junho do ano passado, um de seus melhores cidadãos: o magistrado e professor Euripedes Facchini.

Era paulistano da gema, filho de tradicionais famílias da pauliceia. Graduou-se pelas Arcadas, a escola do Largo de São Francisco, a mais importante e tradicional faculdade de direito do país. Jovem ainda, depois de viver uma temporada no Uruguai, radicou-se definitivamente no Rio Grande do Sul, onde constituiu família e exerceu, predominantemente, as atividades de juiz e professor de direito. Depois de passar por outras comarcas, como as de Soledade e Santa Cruz do Sul, foi promovido por merecimento para Passo Fundo, então comarca de 3ª entrância. Aqui, entre as décadas de 1950 e 1970, jurisdicionou, sucessivamente, nas duas varas que então funcionavam. Presidia o Tribunal do Júri, afeto à 1ª Vara, e exercia a função de diretor do Fórum. Era destacado integrante do Rotary Club e de outras entidades, inclusive da antiga Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, tornando-se professor da Faculdade de Direito, na qual foi professor titular, fundador da cátedra de Direito das Obrigações e Contratos, função que exerceu até o seu jubileamento.

Quando, nos albores de minha vida profissional, iniciei minha atividade na advocacia era ele o juiz da 1ª Vara, diretor do Fórum e presidente do Tribunal do Júri. Foi sob sua presidência que, jovem acadêmico do quinto ano, estreei no júri, defendendo um réu que não podia pagar defensor. Não preciso dizer que consegui absolvê-lo. Ao final dos trabalhos, o Dr. Facchini, como o chamávamos, proferiu palavras de estímulo e elogio a meu respeito, prognosticando-me um futuro profissional bem sucedido — ao que procurei corresponder em uma vida de muito



(FOTOS: ARQUIVO M.R.C. MARTINS)

estudo, dedicação e trabalho. Foram ele e o Dr. Milton Martins os primeiros magistrados perante os quais exerci meu ofício de advogado. De ambos recebi as primeiras lições de como ser advogado, começando pelo exemplo deles. Desde logo me convenci que os grandes juízes são os mestres dos advogados, de quem são modelos, inspirando-os e estimulando na persecução do ideal da concretização da Justiça, meta suprema da magistratura e da advocacia.

Como juiz, seu rigor e meticulosidade eram impressionantes. Facchini a tudo estava atento, no processo e fora dele, e também na administração do Fórum. Ao presidir uma audiência e colher a prova, testemunhal quase sempre, procurava certificar-SE de todas as circunstâncias, perquirindo todos os detalhes, para detectar inverdades e imperfeições dos depoimentos e deles extrair a verdade, sempre que possível. Suas sentenças eram impecáveis: justas, claras e convincentes. Tanto que, via de regra, as partes e os advogados se conformavam com elas e tratavam de cumpri-las. Por não haver na época essa litigiosidade extrema que hoje se vê, advinda a partir da Constituição de 1988, ficava a crité-

rio dos advogados recorrer ou não ao tribunal. A Justiça, por isso, funcionava melhor, sem tantas demandas e recursos. Não havia essa sobrecarga de agora: prevalecia a técnica da conciliação que, utilizada eficazmente pelos advogados e pelos magistrados, permitia uma maior celeridade e efetividade nas soluções.

Facchini, que poderia ter ascendido ao Tribunal de Justiça, preferiu não deixar a sua terra de eleição, Passo Fundo, para voos mais altos na capital do Estado. Optou por permanecer em nossa cidade, no convívio com os seus concidadãos e com a família exemplar que constituiu com sua esposa, D. Herbeni Otto Facchini. Assim, se grande perda houve para o Tribunal e para a vida jurídica do Estado e do país, onde certamente teria relevante participação, mais ganhou Passo Fundo, onde ele permaneceu desenvolvendo suas suas atividades, como filantropo, rotariano, professor e líder comunitário. Por isso, quando se aposentou, depois de breve passagem pela comarca da Capital, recebeu extraordinárias homenagens de nossa comunidade, que o via como o juiz por excelência, não concebendo outro magistrado que não ele, atuando e

dirigindo os destinos da comarca.

O professor Facchini também foi liderança destacada em nossa Faculdade de Direito e na estruturação da Universidade. Como todos os egressos das primeiras turmas da Faculdade, tive o privilégio de ser seu aluno. Era um professor pontual, severo e exigente consigo mesmo e com seus discípulos. Esgotava os programas da disciplina e exigia dos estudantes uma amplitude de conhecimentos que não mais se vê. Éramos obrigados a saber de ponta a ponta o Serpa Lopes, seu autor preferido na matéria. Nada facilitava, impondo pontualidade, silêncio nas aulas, atenção redobrada e estudo constante. Isso fez com que as sucessivas gerações de seus alunos recebessem um aprendizado completo e abrangente. Contraímos com o mestre Eurípedes Facchini uma dívida que jamais poderemos pagar.

Participou decisivamente da estruturação da Universidade, como integrante, por muitos anos, de seu conselho diretor, representando a Faculdade de Direito. Além de participar de decisões cruciais, contribuindo com sua experiência e ponderação, foi um dos principais formuladores dos estatutos, regimentos e normas fundamentais da Universidade. Na árdua fase inicial experimentada pela UPF, quando poucos apostavam em sua continuidade e sobrevivência, foi um dos seus condutores mais acatados, influenciando poderosamente, com sua ação, prudência e conselho, para que ela viesse a se converter na Universidade prestigiosa e considerada em que se transformou.

Eis alguns aspectos da admirável vida pública do juiz e professor Eurípedes Facchini, filho adotivo de Passo Fundo, cuja ausência deixou um vazio e uma lacuna impossível de preencher. Que a cidade, costumeiramente tão ingrata e injusta com seus melhores filhos, não se esqueça de sua memória e lhe tribute, de todos os modos, os preitos que, por sua admirável trajetória de juiz, mestre e cidadão, mais do que ninguém fez por merecer.

Nota:

Oração panegírica proferida pelo autor, em sessão fúnebre da Academia Passo-Fundense de Letras, efetuada em 8 de julho de 2011, em homenagem à memória do acadêmico e professor Eurípedes Facchini, falecido em junho de 2011.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Jurista. Procurador do Estado aposentado. Ex-diretor da Faculdade de Direito da UPF.)

Oh Vida!

Diante de tudo que nos dá de lindo,
Por que tu nos encantas e fascinas,
Se tudo é tão fugaz e passageiro,
Se nada fica e tudo se termina?

A casa em que vivi, anos e anos,
Quis o destino vê-la destruída.
E, ao ouvir as pancadas do martelo,
Sinto em minh'alma a perda da melhor guarida.

Cada tábua que cai é uma saudade
Dos lindos dias que ali passei,
Junto aos meus pais, irmãos, todos reunidos,
Aqueles que na vida muito amei!

Vejo, no entanto, que esta vida é assim:
As coisas mudam, vão, desaparecem...
O que me dá certo conformismo
É que a saudade e o amor jamais fenecem.

Ao vento

Andar ao vento, sem destino certo,
Correr...procurar, nada encontrar,
Conhecer tudo...conhecer mais...conhecer nada,
Na grande ânsia de querer sonhar...

Sonhar com mãos abertas, estendidas,
Longe na geografia, longe no tempo,
Emoção forte, permanente e viva,
Num encanto mágico e indelével do momento.

Momento tão nosso, e por vez, tão meu,
Tão distante, tão próximo, tão ausente,
Parecendo estar sempre presente.

Assim seguem-se os passos, rumo ao vento,
A soprar incansável... avidamente,
Para encontrar pelo caminho afora,
Esta ilusão que em mim perdura, fortemente!

(Claura Hilário Brockstedt pertence à Academia Soledadense de Letras.)

Homens X Deus

IRINEU GEHLEN

AO NOBILÍSSIMO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA –
BRASÍLIA -DF

Pedido de Desconstituição de Ato Administrativo

MITRA ARQUIDIOCESANA DE PASSO FUNDO, pessoa jurídica, inscrita no CNPJ sob o nº 92027192/0001-48, estabelecida na rua Coronel Chicuta, nº 416, 4º andar, na cidade de Passo Fundo/RS e FERNANDO DA SILVA MACHADO CARRION, brasileiro, casado, inscrito no CPF sob o nº 004.461.650-34, residente e domiciliado na Rua Coronel Chicuta, nº 345, apto. 1007, na cidade de Passo Fundo-RS, exdeputado federal, ex-prefeito, homem público, na qualidade de cidadão no exercício da sua cidadania, por seus procuradores signatários (instrumentos procuratórios anexos), vêm respeitosamente à presença do respeitável CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, com fundamento nos arts. 4º, II e XXI; art. 8º, I; art. 91 e outros do Regimento Interno do CNJ e art. 103-B, §4º, II da Constituição Federal, requerer a nulidade do ato administrativo emanado do CONSELHO DA MAGISTRATURA DO RIO GRANDE DO SUL nos autos do processo administrativo nº 0139-11/000348-0, que mandou retirar os crucifixos e símbolos das dependências do Poder Judiciário Gaúcho, cujo procedimento foi tentado pela Rede Feminista de Saúde, SOMOS – Comunicação, saúde e Sexualidade, THEMIS – Assessoria Jurídica e Estudo de Gênero, Marcha Mundial de Mulheres, NUANCES – Grupo pela livre Orientação Sexual e Liga Brasileira de Lésbicas, pelos fundamentos fáticos e jurídicos que passam a expor e requerer:

As entidades acima nominadas interpuseram junto ao CONSELHO DA MAGISTRATURA DO RIO GRANDE DO SUL pedido para a retirada de crucifixos e outros símbolos religiosos dos espaços destinados ao público no Poder Judiciário.



Tal requerimento foi acolhido pelo Nobre CONSELHO DA MAGISTRATURA DO RIO GRANDE DO SUL em sessão realizada no dia 06 de março de 2012, tendo sido disponibilizada no DJE em 09/03/2012, por unanimidade.

Esta decisão gerou grande repercussão na mídia gaúcha, onde mais de 80% da população mostrou-se descontente e indignada com a deliberação, uma vez que o Crucifixo está vinculado à própria história da população brasileira.

Lembre-se o lema “Ad maiorem Dei gloriam”, para maior glória de Deus. Presume-se, usando a lógica, que estamos laborando para maior justiça não retirando o Crucifixo das salas do Poder Judiciário.

Hoje a “Liga Brasileira de Lésbicas” propõe e consegue num primeiro movimento a retirada do maior símbolo cristão dos prédios do Poder Judiciário Gaúcho.

Amanhã e logo depois, outras entidades poderão tentar e obter a retirada do Crucifixo das dependências do Poder Executivo, das Prefeituras, das salas de aula, do Poder Legislativo, das Câmaras de Vereadores, das Assembléias Legislativas, do Congresso Nacional. A quem interessa isso?

Será uma sinistra orquestra de ateus? Onde querem chegar?

Em nossa ótica, muito mais tranquilo e menos belicoso teria sido decisão

oposta a que foi tomada, deixando tudo como sempre esteve e estava há séculos, desde a fundação do Brasil em 1500 quando foi entronizada a Cruz em todas as terras, repartições, paços, cabildos, salas da derrama, do Brasil Colônia, do Brasil Império, do Brasil República até os dias de hoje.

Muito melhor teria sido “Stare Decisis Et non quieta movere”. Deixa quieto e não mexe no que está decidido, no caso do Brasil, há mais de cinco séculos.

Conforme o inolvidável Santo Agostinho, Deus é onipresente, isto é, está presente em todos os lugares.

Estando presente em todos os lugares, está sempre presente também, em todas as salas da justiça, independentemente de ali permanecer ou não o Crucifixo, maior símbolo da Cristandade.

Em sendo retirado o Crucifixo, por decisão da justiça de suas salas, esta decisão não impede ali a presença de Deus. Como corolário, corre o risco iminente esta decisão, de resultar na perda de confiança em decisões da Justiça de parte de todos os cristãos que são a esmagadora maioria da população riograndense e brasileira, o que poderá resultar em enorme abalo de confiança no Poder Judiciário. E, em assim acontecendo, mostrará o futuro, que será extremamente nocivo à continuidade do regime democrático, já que, aquele Poder é um dos três em que se assenta o Regime Republicano consagrado no Brasil.

Se não aceitamos a premissa de Santo Agostinho que se baseia também em Platão e Aristóteles, estaremos abalando definitivamente as raízes filosóficas seguidas pelo ocidente há 2500 anos, o que será muito perigoso.

Manter os Crucifixos nas salas do Judiciário não ofende.

Cristo é de todas as religiões cristãs.

A Cruz, no Brasil, o País mais cristão do mundo, foi cravada no solo brasileiro há mais que 500 anos quando o Brasil foi descoberto e chamado de “TERRA DE SANTA CRUZ”.

A partir daí a Cruz passou a ser um símbolo nacional, um Direito Consuetudinário. A Cruz que representa Cristo é

de todas as religiões cristãs, não constitui nenhuma preferência religiosa a justificar a medida do CM-RS. Sinae dubio a Cruz de Cristo Crucificado representa um símbolo da injustiça praticada, pois, Cristo foi crucificado e morto sem o direito de defesa, hoje, contemplado e estabelecido com muita clareza na nossa Constituição: O Direito à ampla defesa. Daí porque o Crucifixo ser entronizado em todas as salas do Poder Judiciário Brasileiro.

Ele serve como um elemento de reflexão, de cuidado, de equidade, de respeito, de verdade, de luz e de inspiração para o julgamento dos juízes e procedimentos do Ministério Público e dos advogados.

A Carta Magna foi editada através de uma Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático de Direito, destinado a assegurar e garantir o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, sob a proteção de Deus. Assim é o PREÂMBULO da Constituição da Republica Federativa do Brasil de 1988.

Nenhuma indicação pode ser melhor do que esta. O Crucifixo instalado nas paredes das salas do Poder Judiciário Brasileiro nada mais é do que o símbolo de Deus a dar proteção e luz aos julgadores, aquele mesmo Deus é referido pelos constituintes de 1988 como o alicerce da Constituição Federal, no seu Preâmbulo.

O uso do Crucifixo por mais de 500 anos está tão arraigado ao costume e à vontade do povo brasileiro, que essa vontade popular, quer queira quer não, comanda e predomina. Pesquisas realizadas pelos órgãos de imprensa do Estado do Rio Grande do Sul, amplamente divulgadas pela Rádio Gaúcha, dão conta de que quase 80% da sociedade condena e repudia a retirada dos Crucifixos das salas do Poder Judiciário Gaúcho.

Esta matéria já não é mais do interesse regional, ou seja, de um Estado, mas, de interesse nacional.

As entidades que postularam junto ao Conselho da Magistratura do Rio Grande do Sul a retirada do Crucifixo das salas do Poder Judiciário Gaúcho, sinceramente, não têm representatividade



de para tanto. Uma, é a Liga Brasileira de Lésbicas; a outra, o Grupo pela Livre Orientação Sexual; a outra, Comunicação, Saúde, Sexualidade, Nuances; e, a outra, a Rede Feminista de Saúde, Somos. Qual o interesse e qual o objetivo dessas entidades para pedirem a retirada do Crucifixo das salas do Poder Judiciário do Rio Grande do Sul? Nenhuma restrição à existência das mesmas, questiona-se apenas, a inexistência do interesse processual e a inexistência do direito de agir.

A persistir esse entendimento, como bem retratou o jurista Paulo Brossard, em sua matéria na Zero Hora, em 12.03.2012, esta mesma entidade de lésbicas poderá propor a retirada de “DEUS” do Preâmbulo da Constituição e requerer a demolição do CRISTO que domina os céus do Rio de Janeiro du-

rante os dias e todas as noites. Tempos apocalípticos.

“Minha filha Magda me advertiu de que estamos a viver tempos do Apocalipse sem nos darmos conta; semana passada, certifiquei-me do acerto da sua observação, ao ler a notícia de que o douto Conselho da Magistratura do Tribunal de Justiça do Estado, atendendo postulação de ONG representante de opção sexual minoritária, em decisão administrativa, unânime, resolvera determinar a retirada de crucifixos porventura existentes em prédios do Poder Judiciário estadual, decisão essa que seria homologada pelo Tribunal. Seria este “o caminho que responde aos princípios constitucionais republicanos de Estado laico” e da separação entre igreja e Estado.

Tenho para mim tratar-se de um

equivoco, pois desde a adoção da República o Estado é laico e a separação entre Igreja e Estado não é novidade da Constituição de 1988, data de 7 de janeiro de 1890, Decreto 119-A, da lavra do Ministro Rui Barbosa, que, de longa data, se batia pela liberdade de cultos. Desde então, sem solução de continuidade, todas as Constituições, inclusive as bastardas, têm reiterado o princípio hoje centenário, o que não impediu que o histórico defensor da liberdade dos cultos e da separação entre Igreja e Estado sustentasse que “a nossa lei constitucional não é antirreligiosa, nem irreligiosa”.

É hora de voltar ao assunto. Disse há pouco que estava a ocorrer um engano. A meu juízo, os crucifixos existentes nas salas de julgamento do Tribunal lá não se encontram em reverência a uma pessoa da Santíssima Trindade, segundo a teologia cristã, mas a alguém que foi acusado, processado, julgado, condenado e executado, enfim justificado até sua crucificação, com ofensa às regras legais históricas e, por fim, ainda vítima de pusilanidade de Pilatos, que tendo consciência da inocência do perseguido, preferiu lavar as mãos, e com isso passar à História.

Em todas as salas onde existe a figura de Cristo, é sempre como o injustificado que aparece, e nunca em outra postura, fosse nas bodas Caná, entre os sacerdotes no templo, ou com seus discípulos na ceia que Leonardo Da Vinci immortalizou. No seu artigo “O justo e a justiça política”, publicado na Sexta-feira Santa de 1899, Rui Barbosa salienta que “por seis julgamentos passou Cristo, três às mãos dos judeus, três às dos romanos, e em nenhum teve um juiz”...e, adiante, “não há tribunais, que bastem, para abrigar o direito, quando o dever se ausenta da consciência dos magistrados”. Em todas as fases do processo, ocorreu sempre a preterição das formalidades legais. Em outras palavras, o processo, do início ao fim, infringiu o que em linguagem atual se denomina o devido processo legal. O crucifixo está nos tribunais não porque Jesus fosse uma divindade, mas porque foi vítima da maior das falsidades de justiça perversa.

Não é tudo. Pilatos ficou na história como o protótipo do juiz covarde. É deste modo que, há mais de cem anos, Rui concluiu seu artigo, “como quer te chames, prevaricação judiciária, não escaparás ao ferrete de Pilatos! O bom ladrão salvou-se. Mas não há salvação

para o juiz covarde”.

Faz mais de 60 anos que frequento o Tribunal gaúcho, dele recebi a distinção de fazer-me uma vez seu advogado perante o STF, e em seu seio encontrei juízes notáveis. Um deles chamava-se Isaac Soibelman Melzer. Não era cristão e, ao que sei, o crucifixo não o impediu de ser o modelar juiz que foi e que me apraz lembrar em homenagem à sua memória.

Outrossim, não sei se a retirada do crucifixo vai melhorar o quilate de algum dos menos bons.

Por derradeiro, confesso que me surpreende a circunstância de ter sido uma ONG de lésbicas que tenha obtido escarninha medida em causa.

A propósito, alguém lembrou se a mesma entidade não iria propor a retirada de “Deus” do preâmbulo da Constituição nem a demolição do Cristo que domina os céus do Rio de Janeiro durante os dias e todas as noites.” (grifos nossos).

E este não é apenas o pensamento do nobre jurista e ministro aposentado do STF Paulo Brossard. Até mesmo os desembargadores estão posicionando-se contra esta decisão, como se pode ver dos relatos a seguir transcritos, retirados do Jornal Zero Hora do dia 15 de março de 2012, p. 28:

“O crucifixo no âmbito do judiciário, representa a Justiça e o Justo, como devem ser os juízes. No caso da Cruz de Lorena, que tenho sobre minha mesa, ela era o símbolo cultuado pelos Sete Povos das Missões está na formação do povo gaúcho. Nada mais justo que mantê-la nos prédios públicos.” (Carlos Marchionatti, Desembargador da 20ª Câmara Cível).

“Não vejo porque retirar. Mais que um símbolo religioso, a cruz é um lembrete aos juízes para que não se precipitem ao julgar. Precipitação como a de Pilatos com Cristo, que acabou crucificado no lugar de um assassino Barrabás. (Alexandre Moreira, Desembargador da 4ª Câmara Cível, grifo nosso).

Ainda, a fim de complementar o todo já exposto, faz-se necessário transcrever o brilhante artigo denominado “O Estado é laico, não anticristão”, publicado no jornal Zero Hora do dia 08 de março de 2012, o qual foi escrito pelo advogado e jornalista Cleber Benvegnú:

“A militância anticristã está em festa. Solta foguetes nas redes sociais. O Tribunal de Justiça gaúcho, acatando pedido da Liga Brasileira de Lésbicas, man-

dou retirar crucifixos dos seus prédios. A decisão busca justificativa na laicidade do Estado. Todavia, estamos diante de um fenômeno cada vez mais recorrente: a cristofobia ou a crucifixofobia.

Senão, por que tanta implicância com a imagem do Cristo crucificado? Por que incomoda a ponto de virar prioridade do Tribunal?

Que inibição pode causar sobre aqueles senhores da lei? E sobre as partes?

Transformar a retirada de crucifixos em uma causa existencial é típico preconceito disfarçado de pluralidade. Tendências semelhantes estiveram na gênese dos regimes mais abomináveis que existiram. Quando essa porteira se abre, por ela passam muitas outras medidas inibidoras da riqueza religiosa-histórica e cultural-da população, sempre com um disfarce bem costurado ao politicamente correto.

É a mesma vertente que quer restringir o exercício da fé apenas e tão somente ao interior dos templos, bem escondido -como se fosse uma debilidade mental perniciosa à “sociedade racional”.

Exatamente porque o Estado é laico, que os crucifixos não deveriam ser retirados. Porque laicidade significa respeitar a livre fruição religiosa. Note-se que há uma carga de ativa negação na decisão dos magistrados, algo que gera clara mensagem pública.

Ora, os crucifixos já estão ali, por decorrência histórica e social, sem que uma lei obrigasse a isso. Não há ofensa, inibição ou ferimento da crença alheia. Agora, porém, com esse ativismo destrutivo, o Estado manda derrubá-los -e, aí sim, fere a Constituição e desrespeita o Cristo, em símbolo, no qual 90% da população brasileira tem fé.

É um precedente para o perigoso dirigismo estatal sobre as manifestações religiosas do povo. Ao deus-Estado se delega o direito de decidir, até mesmo, sobre o que, onde e como exercer a religião.

O Estado é laico, não anticristão, não ateu. Ou também vão mandar derrubar a deusa Themis do Palácio da Justiça? E não devemos mais ceder ruas e praças para procissões de Nossa Senhora ou Iemanjá? E as esquinas devem ser proibidas ao candomblé? Como chamaremos Santa Cruz e Santa Maria? E o que farão com os crucifixos retirados: serão colocados no lixo ou incinerados?

No lugar de Cristo, eis que agora as paredes da Justiça gaúcha terão um branco, um vazio. Não é possível disfarçar o

que está evidente: isso não é laicidade, é ateísmo anticristão mesmo -uma ditadura cultural que avança a passos largos em nossos dias. Já levava consigo uma montoeira de inocentes úteis. Agora seduz também doutores bem formados.” (grifos nossos)

Desta forma, diante dos relatos e artigos acima transcritos, pode-se ter dimensão da preocupação que tal decisão catastrófica gerou à população gaúcha. Pergunta-se: que interesse de agir tem uma Associação de Lésbicas e demais ONG ligadas a liberdade sexual em querer derrubar um símbolo religioso que está ligado e entranhado à cultura brasileira há mais de 500 anos? Que mal este símbolo pode causar à essas entidades.

Como é possível imaginar que uma minoria pode interpretar e decidir em nome de um Estado inteiro? Oito milhões de habitantes do RS contrariados, indignados e ofendidos nos seus sentimentos? Que outros valores fundamentais da nossa sociedade serão afetados depois disso?

Obviamente, estas perguntas permanecem sem resposta, e a população gaúcha permanece sentindo-se impotente frente a uma minoria que opõe-se a manutenção do maior símbolo de injustiça, o crucifixo.

A presença do crucifixo nas salas do Poder Judiciário, como já se disse, não privilegia nenhuma corrente religiosa e não atenta à laicidade do Estado. O Cristo serve, sobretudo, como símbolo de justiça.

Lembre-se, que o calendário adotado pela esmagadora maioria da população do Planeta é o Cristão. O ano em que nós nos encontramos, 2012, indica exatamente o tempo em que Jesus nasceu. Os povos continentais guiam-se e norteiam-se por este calendário. A data da próxima Copa do Mundo de Futebol já está agendada por todos os países por este calendário. Assim, por que prova mais contundente do que esta para mostrar a neutralidade e a importância do crucifixo nas paredes do judiciário?

Os argumentos expendidos pelo nobre Relator Des. Cláudio Baldino Maciel, no processo administrativo nº. 0139-11/0003480 que culminou com a retirada dos crucifixos das salas do Poder Judiciário, data máxima vênica, não têm sustentação. O Império Romano foi grande e forte enquanto a família romana era a célula mater daquela sociedade. Instaurada a perversão e o abandono divino degradou-se a família e o famoso império romano ruiu. As forças do mal esconderam-se por trás da erudição e começam a ruir o pouco que ainda sobra de

uma sociedade justa e fraterna. A Cruz de Cristo é o maior símbolo de injustiça praticada. Jamais pode ser esquecida ou preterida. As forças demoníacas do planeta estão agindo para a extirpação dos princípios fundamentais que norteiam a boa relação social.

Destarte, não há restrição às entidades autoras, insurge-se, apenas, contra ato administrativo que mandou retirar os crucifixos das salas do Poder Judiciário Gaúcho.

ANTE O EXPOSTO, requerem seja decretada a nulidade e desconstituído o Ato Administrativo emanado do Conselho da Magistratura do Rio Grande do Sul, nos autos do processo administrativo nº 0139-11/000348-0, mantendo-se os crucifixos nas paredes/ espaços do Poder Judiciário, a fim de ver concretizada a verdadeira JUSTIÇA e a VONTADE SOBERANA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA.

Termos que
Pede e espera deferimento.
Passo Fundo, 28 de março de 2012.

pp. Irineu Gehlen pp. Eunice Kurek
Gehlen pp. Cristiane Gehlen Klaus
OA B/RS 5.821 OAB/RS 26.724
OAB/RS 73.523

Poesia

SUELI GEHLEN FROSI

Eternidade

Na vida, meus netos. Estou no inverno,
Sou passado, sou presente, talvez futuro
Temo perder o que o presente me dá,
Que é tanto amor, que é tão seguro.

Seus pais foram a garantia,
Num passado logo ali, expectante,
De que o amor atingisse o eterno
Continuidade de cada etapa,
Pois na primavera, a sementeira foi constante.

O verão foi observação
De crescimento, em tamanho e graça,
O que garantiu saúde,
Para que nascessem meus netos lindos,
Que são a eternidade, garantia do que não passa.

Teatro Amazonas – um monumento à arte



ALBERTO ANTONIO REBONATTO

Situada na confluência dos rios Negro e Solimões, Manaus, hoje, é a maior cidade do norte do Brasil, com cerca de dois milhões de habitantes. Quem a visita e constata a quantidade de problemas que enfrenta, dificilmente consegue imaginar que há pouco mais de um século, foi uma das cidades mais fulgurantes do cenário brasileiro e sul-americano. Os problemas, com pequenas variações, são os mesmos de todas as metrópoles.

Foi fundada em 1669 e adotou diversos nomes ao longo de sua história, prevalecendo como definitivo o nome de Manaus. A partir da segunda metade do século XIX, adquiriu importância graças ao ciclo da borracha, e passou de uma simples cidade encravada no coração da Amazônia, a um centro econômico e cultural de grande expressão.

No limiar do século XX, contava com cerca de 100 mil habitantes. Suas ruas e avenidas eram largas e retas, com calçadas revestidas de granito e lioz importados de Portugal. Os monumentos e jardins espalhavam-se por toda a parte. A moeda corrente era a libra esterlina e o francês era a língua mais falada. A elite

econômica não se limitava a comprar as roupas nas principais metrópoles do mundo; mandava, também, lavá-las e engomá-las em Lisboa.

Era o auge do ciclo da borracha. O porto era equiparado aos mais movimentados do mundo. Os navios partiam abarrotados da “bevea brasiliensis”, para atender à insaciável demanda que a industrialização crescente da Europa e Estados Unidos exigiam. E voltavam carregados das mais requintadas iguarias, de todas as partes do mundo. Entre 1850 e 1910, Manaus respirava luxo e ostentação. Até jornais impressos em inglês, alemão e francês circulavam pela cidade. Edificações de grande porte, como o Palácio do Governo, o Liceu e a Biblioteca Pública, destoavam das construções locais, onde predominavam os pequenos sobrados e os luxuosos palacetes.

No plano artístico não era diferente. Da mesma maneira que as iguarias e as obras de arte, Manaus importava, também, do Velho Mundo, a peso de ouro, o que de mais requintado era exibido no meio artístico e cultural.

Faltava, no entanto, um palco digno para abrigar as grandes apresentações teatrais da época. Exibiam-se espetáculos realmente grandiosos, os melhores e

mais caros que a Europa produzia.

Em 1881, surgiu a ideia de dotar Manaus de um local seletivo, que congregasse, ao mesmo tempo, os requisitos de beleza, solidez e longevidade. Em 1882, foi sancionada pelo Presidente da Província, a lei que previa a aplicação de 250 contos de réis, para edificar a obra, cuja pedra fundamental só seria lançada em 1884. O projeto original logo foi abandonado para adotar outro, elaborado pelo Gabinete de Engenharia de Lisboa, ao custo de 500 contos de réis. A opulência podia financiar grandes empreendimentos.

A previsão era de uma construção rápida. Mas, uma aliança informal, forjada por políticos e construtores, retardou a conclusão da obra, com o intuito de elevar seus custos. Finalmente, o teatro foi terminado e sua inauguração marcada para 31 de dezembro de 1896. Embora solenemente inaugurado, ainda carecia de complementos, especialmente na área interna, que só foram ultimados ao longo de vários anos.

Na construção foram empregadas telhas vidradas, compradas na Alsácia, grades de ferro para os camarotes, produzidas em Paris, de onde vieram, também, os balcões, a armação da cúpula e os móveis estilo Luiz XV. Da



Itália foram trazidos mármore, escadas, pórticos, estátuas, colunas, lustres e espelhos de cristal, vasos de porcelana e candelabros. O vigamento de aço das paredes veio de Glasgow, e as telhas vitrificadas, de Marselha. As ferragens – escadas, gradis, bancos, mesas, estatuetas, colunas e cadeiras - foram adquiridas na famosa casa parisiense, Koch Frères.

Internamente, o teatro foi dotado do que havia de mais belo e suntuoso. O salão nobre é considerado o mais completo acervo pictórico do país, em termos de pintura ambiental. Afrescos, tapeçarias, painéis, esculturas e pinturas de ferro, ornaram todo o seu interior. A alegoria intitulada “Glorificação das Belas-Artes na Amazônia” é considerada o mais primoroso trabalho de pintura de ferro existente no Brasil.

Chama atenção a imensa abóboda que encima a construção. Sem correlação com o espaço arquitetural, foi edificada apenas para tornar o Teatro Amazonas uma obra única, sem igual.

O requinte atingiu tal proporção que o calçamento, ao redor do teatro, foi construído com paralelepípedos, unidos por uma substância de látex, para evitar que o ruído das rodas das carruagens perturbasse o espetáculo. O teatro comporta 800 lugares.

Tamanha era a pujança econômica e cultural manauara, que na cidade foi fundada, em 1909, a Universidade Federal do Amazonas, a mais antiga do País.

Lamentavelmente, como diz o adágio popular, tudo o que teve um começo terá um fim. Assim aconteceu com o ciclo da borracha amazônica, cuja decadência iniciou por volta de 1910, com a entrada, no mercado mundial, da borracha produzida pelos ingleses no Oriente.

Acontece que, em 1876, uma expedição, chefiada por Henry Wickan, apropriou-se de mudas de seringueira e plantou-as na Malásia. Em 10 anos, a produção de Cingapura tornou-se cinco vezes maior do que a amazônica, porque na Amazônia o cultivo era o tradicional, proporcionado pela própria natureza, e, em Cingapura, foi utilizada a melhor tecnologia disponível no cultivo dos seringaais. A competição tornou-se desigual, com prejuízo para a borracha amazônica, o que ocasionou a derrocada da até então majestosa e pujante cidade de Manaus.

Do período do Eldorado manauara, restaram alguns monumentos. Entre eles, o Teatro Amazonas, verdadeira obra de arte, em pleno coração da selva amazônica.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Para melhorar

Para melhorar
a humanidade,
é preciso que haja amor.
Um amor que desperte
o desejo de viver,
de sorrir, de crer.
Um amor que possa vibrar,
iluminar as pessoas,
mas também,
ser calmo e discreto,
sem deixar de ser amor.

Meus “eus”

Os meus “eus” enlouquecidos
querem: um, ficar;
o outro, buscar amores;
e o mais conhecido
meu: ir longe,
muito longe,
e plenamente ser,
o meu único “eu”,
despojado,
verdadeiro, na sua solidão.

Mestre

Mestre,
não importa tua aparência física,
nem sexo,
mas tua potencialidade interior.
Que, ao chegares ao aluno,
sejas fonte de verdade,
de força,
suavidade,
justiça,
liberdade e amor.

Venha sonhar

Meu amigo,
se já não podes mais sonhar
venha comigo olhar o céu,
as estrelas a brilhar.
Venha, vamos sonhar,
Que recordar é viver.
Assim não serás
uma flor a murchar.
Vamos cantar e sorrir,
Mesmo que, entre um riso e outro,
esteja uma lágrima a rolar...

Vencida

Fui vencida na luta da vida.
Meus sonhos foram pisoteados
por pés gigantes.
Minhas ilusões
perdidas no troço.
Hoje, vencida,
cansada,
só me resta,
neste fim de jornada,
um imenso vazio.

Desse amor

O véu da noite
envolve a terra em seus braços.
Desse amor imenso
as estrelas são pedaços
que, por encanto,
vão tecendo o céu.
Já pequeno o esforço,
nascem as flores que,
na profusão das cores,
unem a terra ao céu.



Noite de São João

Na noite de São João,
há fogueiras,
balões de cores,
moças faceiras,
vestidas de chita,
enfeitadas de fita.
Há namorados no jardim,
escondidos nos caramanchões,
Em seus corações há ilusões.
Como é bom ter ilusão...
na noite de São João!

A prece

Jesus,
faço parte de teu rebanho.
Estou cansada,
perdida e carente.
Clamo a teus pés:
Carrega-me em teus ombros
até voltar-me a força, e junto aos demais
poder andar novamente.

Como uma bênção

Como uma bênção,
a cada dia,
surge da fonte de minha alma,
a poesia,
criação,
filha minha,
que posso ofertar ao mundo,
em comunhão.

Quando o outono chegar

O sonho se fará amor,
quando o outono chegar,
secar as flores e matizar as folhas.
Quando o vento frio entrar,
para tocar o teu corpo,
numa carícia suave,
lembra-te de mim!

Nota:

Poemas do livro Emoções, de Craci Dinarte, que deverá ser brevemente publicado.

(Craci Dinarte é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Amadurecer

Você amadureceu.
Nos seus olhos
vejo a vida,
vejo a morte, a luta, a conformação,
sabedoria e busca.
Você compreendeu
a vida e a viverá,
até seu final.



Educação de jovens e adultos uma bela realidade

DILSE PICCIN CORTEZE

A mais de 20 anos vivemos um processo de desmonte da educação pública, no Rio Grande do Sul. Entra governo, sai governo, e a história é a mesma, ou melhor, piora sempre mais. Quando pensamos que se chegou ao fim do poço, surge um novo governo, um novo partido político, que conseguem deixar a educação ainda pior. Salários dos professores baixíssimos, falta de professores, professores mal preparados, sucateamento dos prédios e equipamentos, etc.

Apesar de toda a calamidade em nível estadual, percebemos projetos, elaborados pelo Governo Federal, dignos de elogios. Entre eles, podemos destacar a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que nasceu nos anos 1970, como MOBREAL, depois Supletivo, Fundação Educar e agora EJA, regulamentado pela lei nº 9394, de dezembro de 1996. É um dos segmentos da educação básica, que recebe verbas do FUNDEB.

A EJA recebeu influência das ideias do educador brasileiro Paulo Freire, carregando forte relação com a Educação Popular e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada. Porém, são pessoas que têm cultura própria.

Trata-se da construção do conhecimento na perspectiva de totalidade, valorizando as experiências de vida através do diálogo entre os diferentes saberes. O processo de construção do conhecimento dar-se-á por meio do diálogo, na mediação dos saberes populares e científicos, interdisciplinarmente, respeitando as diversidades dos sujeitos, bem como seus diferentes tempos de aprendizagem.

Esta modalidade busca a valorização do trabalho como princípio educativo, e a avaliação deve ser contínua, cumulativa, processual, priorizando os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, valorizando a diversidade de gênero, etária, cultural e econômica e fortalecendo a identidade das minorias.

A EJA se fundamenta na educação popular, que tem por princípio o diálogo, compreendido como caminho de transformação da sociedade, ao reconhecer o educando como sujeito coletivo, participativo, solidário e possuidor de direitos e deveres. Nesse processo, o educador valoriza a diversidade e (re)conhece o mundo em que vive o educando, com suas realidades, experiências e saberes, bem como suas aprendizagens, numa perspectiva interdisciplinar.

Nesse mesmo sentido, a prática pedagógica do diálogo e da escuta é desenvolvida através da formação continuada e permanente, que atenda os desafios e anseios dos educadores e educandos, na construção do conhecimento.

O Currículo EJA deve valorizar as experiências de vida dos educandos, na visão de superação do senso comum, numa perspectiva coletiva de transformação da realidade, além de contemplar a construção do conhecimento baseado na dialogicidade, na interação, na interdisciplinaridade, na problematização e na pesquisa, articulando o processo educativo com a inserção do aluno no mundo epistemológico.

Para haver construção do conhecimento, deve haver uma relação entre os diferentes componentes curriculares. O currículo tem que ser o mediador entre as diversas áreas do saber. A interdisciplinaridade impõe-se como um trabalho coletivo, a apontar caminhos na direção de uma sociedade democrática.

Desta maneira é possível o desenvol-

vimento de habilidades e competências que contribuam para a formação de cidadãos conscientes, críticos e transformadores, sendo que a construção do conhecimento deve acontecer numa perspectiva de totalidade, de trabalho interdisciplinar - articulando saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio ambiente e outros. Trata-se de trabalho interdisciplinar coletivo, contínuo e sistemático dos sujeitos que refletem sobre sua prática, valorizando igualmente todas as áreas do conhecimento.

Para cada avaliação, deve-se ter uma ação, ou seja, a avaliação na EJA deve ser individualizada, de acordo com a realidade do aluno e da sociedade em que está inserido; diagnóstica, como forma de planejamento, considerando o saber já existente do aluno como parte integrante do processo ensino/aprendizagem, e os saberes construídos na escola, valorizando a diversidade cultural, as diferentes faixas etárias e a prática da autoavaliação como forma de construção do conhecimento.

Outra preocupação é com a valorização da diversidade de gênero, etária, cultural e econômica, e com o fortalecimento das identidades das minorias, no sentido de comprometer-se com as subjetividades e culturas, respeitando as vivências, os conhecimentos, as expectativas e a individualidade dos sujeitos.

Desde o ano de 1960, Paulo Freire afirmava que a educação popular tem por princípio o diálogo, compreendido como caminho de transformação da sociedade, e reconhecendo o educando como sujeito coletivo, participativo, solidário



e possuidor de direitos e deveres. Nesse processo, o educador valoriza a diversidade e (re)conhece o mundo em que vive o educando, com suas realidades, experiências e saberes, bem como suas aprendizagens, numa perspectiva interdisciplinar.

Na educação EJA deve-se pensar uma educação desveladora e transformadora da realidade, através do professor-mediador, focando a valorização das realidades, das experiências e dos saberes dos alunos, bem como de sua capacidade de aprender. Além disso, é indispensável considera a necessidade de trabalho e de participação social, além da valorização da diversidade cultural, de gênero e etária. Sendo o diálogo considerado como o caminho de transformação da sociedade, haverá o reconhecimento do educando como sujeito coletivo, participativo, solidário, possuidor de direitos e deveres – o que possibilita ação e reflexão para a transformação social por um sujeito (re) construtor da realidade.

Essa proposta de ensino de jovens e adultos está dando certo. Prova disso são as escolas que mantêm tal tipologia pedagógica estarem com as salas cheias de alunos e enormes listas de espera, em que futuros estudantes aguardam por uma oportunidade de completarem sua formação.

(Dilse Piccin Corteze é professora da Faculdade Anglo-Americano e Escola Ernesto Tocchetto de Passo Fundo. Membro da Academia Passo-Fundense de letras.)

Uso do celular causa distração no trânsito

OSVANDRÉ LECH

Devido ao trânsito cada vez mais caótico nas cidades, dirigir um veículo requer muita atenção. Esse ato se torna extremamente perigoso, se for feito paralelamente a uma conversa no celular, com fone ou sem ele, ou até mesmo no viva-voz. Uma pesquisa encomendada pela Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT) revelou que 32% dos motoristas cariocas dirigem enquanto falam ao celular ao mesmo tempo e 28% dos paulistas têm o mesmo comportamento. Alguns até mandam

mensagens de texto pelo aparelho enquanto conduzem o veículo. Uma temeridade!

“Em Porto Alegre, esses números não devem ser muito diferentes, ficando entre 25 e 35% dos condutores”, relata Osvandré Lech, Presidente da SBOT. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), confirmam que 1,3 milhão de pessoas morrem, todos os anos, em acidentes de trânsito, ou seja, uma morte a cada 30 segundos. Somente no ano passado, o Sistema Único de Saúde gastou R\$ 185 milhões no atendimento a vítimas. Um estudo cognitivo da OMS, que simulou distrações de um motoris-

ta, mostrou que o risco de acidente aumenta em até 400%.

A SBOT está envolvida com a ação da ONU e da OMS, sobre a “Década de Ação para a Segurança nas Estradas”, que visa incentivar os governos dos países membros a se dedicarem, entre 2011 e 2020, à redução dos acidentes de trânsito. “O envolvimento da SBOT nessa causa, obviamente, nos deixa atentos a tudo aquilo que provoca a perda de vidas. O uso do celular é uma das coisas que devem ser evitadas”, aponta Osvandré Lech.

(Osvandré Lech é ex-presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia. Membro das academias passo-fundenses de Letras e de Medicina).

A large black silhouette of a man's head and shoulders in profile, facing right. He is holding a coffee cup to his lips with his right hand and drinking. The silhouette is positioned on the left side of the page, partially overlapping the text area.

O gaúcho serrano

PEDRO ARI VERÍSSIMO DA FONSECA

O fato folclórico é universal, por mais regional que se apresente. É resultante dos meios de produção que, por sua vez, são resultantes da formação geológica e do clima, determinantes da fauna e da flora.

Os usos e os costumes são funcionais. Modificam-se, quando os meios de produção se modificam. O tipo social gaúcho surgiu em função do gado, do chimarrão e dos campos sem limites e sem fronteiras definidas. Adaptou-se e evoluiu, quando as fronteiras e os campos foram delimitados e o gado marcado.

Ao falarmos em gaúcho serrano, pensamos em solo profundo, cultivável, capões de mato, rios de pequeno porte e o homem vivendo nesse meio. Não se pensa em cercas e mangueiras de pedra, cacimbas, petiços aguateiros.

Formação geológica

A impropriamente denominada Região Serrana fica situada no Planalto Médio do Rio Grande do Sul, e é formada por coxilhas de terra vermelha, sem pedras, recobertas de barba-de-bode. Descansa sobre o dorso da Coxilha Grande, de onde partem nascentes de rios que demandam às bacias do Jacuí e do Uruguai. Por isso, não possui rios de porte significativos. Protegem os rios as matas ciliares. Ao longo do curso, originam-se capões de mato nos pontos onde afloram as vertentes, formando os nódulos de um sistema reticulado. As coxilhas formaram-se pela ação dos ventos e das águas sobre a poeira móvel resultante da decomposição da lava vulcânica, que ocorreu há duzentos milhões de anos, vinda da região de Cima da Serra. Assim como as matas nativas tiveram origem nas sementes trazidas da floresta do Iguaçu, no bucho dos animais, a povoação vegetal das campinas deveu-se às sementes de barba-de-bode

trazidas pelo vento, que se fixaram sobre o deserto vermelho e móvel, fixando-o, e possibilitando o desenvolvimento de todas as demais vegetações do campo.

Vereda das Missões

Desde a descoberta do ouro em Minas Gerais, procurou-se um caminho que ligasse o Brasil à região de criatório de mulas, na Argentina. Com a tomada das Missões por José Borges do Canto, 1801, e a vinda de D. João VI para o Brasil, em 1808, retomou-se a iniciativa tão sonhada e não conseguida pelo Marquês de Pombal: a de abrir um caminho que ligasse por terra o continente de São Pedro aos demais estados do Brasil. Em 1814, D. João VI ordenou a formação da Real Expedição da Conquista dos Campos de Guarapuava. Conquistados os campos de Guarapuava, ordenou El Rey que a expedição partisse rumo ao Rio Grande de São Pedro, em busca de um caminho para as Missões. O comandante da Expedição, Diogo Pinto de Azevedo Portugal, em virtude de estar com a saúde precária, passou o encargo de cumprir a missão ao Alferes Athanagildo Pinto Martins, que se achava explorando as margens do rio Chopim.

Do rio Chopim, afluente da margem direita do rio Uruguai, Athanagildo rumou para leste, descobrindo e explorando os Campos Novos. E de Campos Novos rumou para o sul, cruzou o rio Pelotas no passo do Pontão, ganhou a estrada geral de Santa Vitória e por ela seguiu até atingir a Comandância Militar de São Borja, onde se apresentou.

Povoamento

O próprio Alferes Comandante da missão, “com sua numerosa família”, tomou posse e povoou as terras compreendidas entre o atual município de Santa Bárbara e Palmeira das Missões, à margem direita do rio Jacuí Mirim, braço mais longo do Jacuí.

Um seu irmão, Alferes Rodrigo Felix Martins, em 1824, requereu para sua “numerosa família” as terras à margem esquerda do Jacuí Mirim, compreendidas entre o Jacuizinho, afluente da margem esquerda do Jacuí Mirim, em Pinheiro Marcado, e o arroio da Glória, em Carazinho. Como uma cunha entre essas duas imensas propriedades, requereu 16 léguas de sesmarias, entre Pinheiro Marcado, Carazinho, Santa



Bárbara e Palmeira Alexandre Luiz da Silva. Após estes pioneiros, numerosas outras famílias povoaram os campos do rio Passo Fundo. Atentando-se bem, sempre se encontrará um laço matrimonial entre elas.

Os três nomes citados foram os patriarcas, embora a história registre petições com datas anteriores.

Em resumo: o Planalto Médio foi povoado, em poucos anos, por grupos familiares vindos, principalmente, dos campos de Curitiba, Castro, Lapa, Ponta Grossa, Guarapuava. Por virem da terra dos pinheirais e assentar-se em terras de pinheirais, foram apelidados de birivas sinônimo de guaribas, bugios. As “numerosas famílias” incluíam agregados e escravos, além de parentes próximos. Os escravos foram trazidos, relativamente, em pequena quantidade, Quanto aos índios locais, com eles não houve nem miscigenação, nem participação nos trabalhos dos povoadores. Não se incorporaram, nem foram incorpora-

dos. Até os nossos dias, os índios aqui encontrados mantêm-se puros de sangue e com vida própria.

O fazendeiro serrano

O fazendeiro serrano estabeleceu-se em coxilhas secas, com a família. Cavou poço próximo à cozinha, para o abastecimento da casa. Entaipou banhado formando lagoas, onde o gado pudesse beber da água amornada pelo sol. Ergueu morada com tábuas, esteios, baldrames de madeiras de lei falquejada a machado, cobertura com tabuinha de pinheiro de canjerana, falquejada a facão à sombra dos cinamomos. Cercou mangueira e lavoura com rachões de pinho e palanques de guajuvira preta; horta e jardim. Na lavoura da casa, plantou milho, mandioca, batata doce, abóbora, mogangos e morangas, para o consumo diário da família na roça, e milho, feijão preto, abóboras, para consumo da fazenda; cavalos, touros e vacas de

leite no inverno, porcos de encerra e de chiqueiro, bem como para sustento das famílias dos peões e agregados. Fez na própria fazenda a farinha de milho e a farinha de mandioca, o beiju, a maisena; eo polvilho. Do pêssego fez pessegada, geleia, origones. Da laranja fez vinho, cortou-a com o cabinho e depositou-a sobre o forro da casa para comê-la no verão. Também figada, passa e geleia de uva. Toda sorte de conservas e de frutas em calda.

De carne, no diário, o serrano comia charque gordo. O charque era fervido aos pedaços para amolecer, e depois frito na banha de porco. Do charque magro faziam paçoca.

Nas tropeadas de mula e de gado vacum, levavam bruacas cheias de alimentos: uma bruaca só de charque gordo para o arroz de carreteiro, outra só de paçoca para comer com café preto. No mais, arroz, feijão, toucinho, biscoitos duráveis.

O povoamento da região serrana não teve o caráter militar de conquista, incorporação e defesa do território, como na campanha. Os povoadores serranos receberam as terras de maneira mansa e pacífica, quase que como uma herança. Desconheceram as comandâncias militares e seus milicianos, e os núcleos habitacionais não se formaram em torno de igrejas e de acampamentos, e sim, em pousos de tropeiros de mula e de carreiteiros. Não tiveram nem generais, nem padres, daí o caráter pacífico e familiar deles.

Estabeleceu-se em bocas de rincões, onde rios de pequeno porte faziam a cerca e forneciam a água para os poteiros. A própria região de barba-de-bode constitui-se num imenso rincão circundado pela floresta do rio Uruguai, com a boca voltada para Cruz Alta e Missões. O capão de mato fornecia a lenha para o fogo, e frutas silvestres para sustento dos porcos criados soltos. Casa, arvoredos, horta, lavouras, galpões e estrebarias, encerra e chiqueiros de porcos, mais uns metros de cerca de taquaruçu ou de valos fechavam a boca do rincão até o dia em que o arame chegou.

As moradas eram modestas: casas de madeiras paredes simples, vidraças de levantar a parte inferior. O carpinteiro caprichava um pouco nas portas, mas não muito. Portas e janelas sem fechaduras de segurança, apenas para a proteção contra a chuva, o vento e o frio, nada mais. Cozinha grande: o elemento feminino protegia-se do frio em roda do

fogão e trabalhava na mesa da cozinha; o elemento masculino, próximo ao fogo do galpão.

Atividades na fazenda

O fazendeiro serrano fazia de tudo. No mato, cortava madeiras para palanques, tramas, moirões. Estas madeiras eram falquejadas à sombra dos cinamomos por todos. Todos os homens deveriam dominar a arte do falquejo, conhecer as espécies de madeiras e para que serviam.

Os campos de barba-de-bode eram queimados anualmente para fazer pasto. Muito pobres em pastagem, os brotos de barba-de-bode constituíam-se na principal fonte de alimento. Por meio de aceros, isolava-se as partes a serem queimadas em cada invernação, de maneira que mantivesse igual quantia para a queima do próximo ano.

As lidas campeiras se davam em um ambiente de competitividade entre a comunidade masculina das fazendas próximas: sinalação, castração e marcação. Constituíam-se estas lidas em uma verdadeira festa campeira, em que as famílias participavam.

Os cavalos eram emangueirados durante dias para desaguaxar. Campo ruim, cavalo barrigudo, incapaz para o serviço. Normalmente usavam éguas para o serviço bruto. Em caso de acidentes que inutilizassem o animal, as éguas eram aproveitadas para cria.

Na véspera, carneavam uma novilha. Muitas famílias viriam das fazendas vizinhas assistir ao serviço. Toda a carne era assada no forno de assar pão e salgada com sal fino. O resto era arroz, feijão preto, abóbora, mandioca. Sobre-mesa: leite com canjica. O leite sempre foi servido de sobremesa, em prato fundo. No dia a dia, conforme a época, comia-se-o com milho verde, mogango, moranga, pinhão, marmelada, pessegada, figada e até mesmo com farinha de mandioca. Mas, quando era muita gente, cozinhava-se canjica. Para as famílias visitantes, doces variados feitos pela fazendeira e as filhas. Bebiam limonada de limão, bergamota e água fresca do poço. O uso da tão cantada cana nunca foi permitido.

A sinalação era feita campo afora, no rodeio, laçando e pealando a cavalo, com o terneiro ainda ao pé da vaca, para identificação do proprietário: fazendeiro, filhos, agregados. Todos tinham algumas cabeças de gado para ajudar no sustento. Na sinalação, era quando

os mais jovens se adestravam no uso do laço, e adestravam cavalos. Não havia assistência.

A marcação era feita na mangueira. O novilho(a) era laçado dentro da mangueira e puxado porteira afora, pealado e imobilizado. Muitas novilhas eram presenteadas a filhos, peões, agregados, afilhados, e marcadas com a marca da fazenda em posições e locais diferentes: paleta, cara. Não havia necessidade de grande diferenciação, pois o homem do campo conhece o rebanho cabeça por cabeça.

Castravam os machos aos dois anos, quando já tinham caixa de corpo, e para não ficarem com cara de vaca.

A castração também era na mangueira. Veranico de maio, para evitar a mosca varejeira, touritos rachando de gordos. Estas duas últimas lidas eram realizadas em frente à casa e assistidas por todos. Um verdadeiro festival de pealos na porteira da mangueira, com grande assistência. Laçar touros na mangueira era serviço para homens e cavalos adestrados.

Boleadeiras não faziam parte do uso campeiro do gaúcho serrano. Nas fugas, usavam-se cachorros treinados para pegar no focinho e sujeitar o animal. As mordidas no focinho tornavam o gado vacum temente ao cachorro. Raramente se fazia uso do laço.

A limpeza de carrapatos do gado era feita pelos gaviões do campo. Os bernes entaboavam as paletas do bicho, local em que as moscas berneiras não eram espantadas pela cola do animal, nem pelos chifres, nem pelos movimentos rápidos dos matambres.

As bicheiras do gado eram benzidas. As dos cavalos e das ovelhas, curadas com creolina. Só as bicheiras da bolsa dos cavalos curavam-se com simpatias.

O gado suíno era criado solto, em roda da casa, buscando o sustento nas frutas dos capões de mato mais próximo. Sistema trazido dos planaltos de Curitiba.

Em grande quantidade se tornavam alçados e passavam a morar nos matos mais distantes. Na primavera comiam pitanga, cereja, sete-capote, guabiju, uvaia; no verão, as frutas da caneleira e no inverno o pinhão. Terminada a safra do pinhão, os porcos eram caçados por meio dos cachorros. Parte, enchiquireada e engordada para o consumo da banha na fazenda. A sobra se vendia, mais antigamente para os colonos e mais recentemente para os frigoríficos. As regiões de pinheirais criavam porcos



alçados. Estes porcos eram caçados e emangueirados durante uns poucos dias, até se acostumarem com o tratador. Depois eram levados a pé e em tropa, ao reponte, ou até as colônias, compradoras para engorde ou para os chiqueirões dos frigoríficos.

De hábito, não se consumia carne de porco na fazenda. Ela era aproveitada para fazer linguiça, misturada à carne de vaca. Por isso, sempre que se matava uma vaca, matava-se também um porco gordo. Nas latas de banha, guardavam-se os pedaços de carnes nobres da vaca, previamente preparados, para as visitas.

Todos os peões e agregados casados tinham porcos no chiqueiro, vacas de leite e galinhas.

Os campos de barba-se-bode não se prestam à criação de ovelhas.

Os rebanhos eram pequenos: 200-300 ovelhas, quando muito, para o aproveitamento da lã. De vez em quando, se abatia uma, para se ter carne fresca à mesa da casa, que todos comiam charque no dia a dia.

As galinhas, amarelas e grandes, eram criadas soltas. Algumas fazendeiras se davam ao luxo de criar galinhas rodes e carijós fechadas em pátios separados.

O objetivo eram os ovos, que se gurdavam no sal, para não se estragarem. Os agregados e peões criavam galinhas “fina” (de rinha), à beira do mato. Até hoje se vê muito cochinchão à beira de estradas. Estas aves dormem em árvores altas, fora do alcance dos predadores, o graxaim e o mão-pelada.

Organização social

Pode-se dizer que a fazenda serrana era um matriarcado. Como tudo era feito em casa, era ela que determinava o ritmo do trabalho diário, assim como as estações do ano e o tempo regiam os trabalhos campeiros. Antes do clarear do dia, fazendeiro, filhos e peões mateavam no galpão, aguardando a barra do dia. Mateando com os filhos, em cuia grande, com erva mansa, o fazendeiro determinava as lidas do dia à peonada também mateando em silêncio. Na mesma ocasião, recolhiam-se os cavalos à mangueira e tirava-se leite das vacas. No verão, mais de 30 vacas de leite eram ordenhadas para se fazer queijo. Tratavam-se os porcos dos chiqueiros e da encerra. Para o trabalho de rotina havia ordem, cada peão sabia o que fazer. Para os serviços de campo - tropeada, doma, mato, roça, lavouras e transporte - , sempre havia um mais apto. Na realidade, o fazendeiro comandava uma equipe de homens. A peonada era toda nascida e criada dentro da propriedade. Pretos e mulatos, nunca índiáticos.

Quanto ao suprimento da casa, a fazendeira mandava socar no pilão arroz, trigo, canjica, erva e paçoca; fazer e assar no forno: pão, biscoitos, roscas de polvilho pequenas e duras, que a gente molhava no café para comê-las. Outras tarefas eram; carnear, varrer os pátios e limpar o arvoredo.

Não conheci o monjolo, que foi muito comum.

Ensinavam à criançada ler, escrever, fazer contas e rezar. E às meninas também, prendas domésticas.

A fazenda serrana era um mundo a parte, auto-sustentável. Comprava-se somente sal, açúcar refinado, café e fazendas (tecidos). Vovó Carolina fazia enormes ponchos forrados de baeta vermelha, sobre a mesa grande da varanda. E passava o dia inspecionando, desde o quarto de costuras, que toda a roupa era feita em casa, até as lavouras.

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo e membro das academias passo-fundenses de Letras e de Medicina).

Escritores passo-fundenses têm voz e vez

(FOTOS: NATÁLIA MONTEIRO)



Encontro de escritores passo-fundenses

Os livros não andam sozinhos. Precisam ser conduzidos. Depois de escritos, necessitam de outros procedimentos para que possam se realizar efetivamente. Antigamente eram manuscritos. Necessitavam de copistas. Essa função, na Antiguidade, era exercida por verdadeiras indústrias, onde dezenas de escravos copiavam um livro que lhes era ditado. Mais tarde, os religiosos católicos, nos conventos, copiavam esses manuscritos. Com a invenção da imprensa, por Gutemberg, surgiram os impressos e o livro foi se popularizando.

Passamos, há alguns anos, pelos livros impressos em mimeógrafo, prática que acabou dando nome a toda uma geração de escritores: a geração do mimeógrafo.

Hoje, além do livro impresso, apareceu o e-book ou livro eletrônico. Os computadores pessoais e as impressoras tornaram o livro impresso de fácil realização.

Entretanto, não basta imprimir um livro. É preciso “realizá-lo”, como qualquer outra mercadoria. Ou seja: fazer com que ele chegue ao mercado,

às livrarias. Via de regra, os escritores não são bons vendedores, não sabem vender seus livros. Aí surgiram as editoras, as distribuidoras e outros elementos indispensáveis para que o livro circule.

Em Passo Fundo, onde se produz aproximadamente um título por dia, surgiu uma iniciativa importante para os escritores locais.

Sob o nome de Projeto Passo Fundo, o empresário do ramo imobiliário, Ernesto Pedro Zanette, organizou um site (ou sítio, como preferem os portugueses), na internet, responsável pela publicação dos mais diferentes textos de autores locais. Além disso, acolhe fotografias, documentos históricos, livros antigos, que são disponibilizados, uns para a venda outros gratuitamente. Afinal, todo projeto custa dinheiro.

Dezenas de colaboradores contribuem com o Projeto, escrevendo. Pelo endereço eletrônico (www.projtopassofundo.com.br) podem ser adquiridos livros e quadros de autores locais. Já se elevam a mais de duas dezenas o número de livros impressos e livros eletrônicos de autores passo-fundenses. Há espaço para todos

os escritores: poetas, romancistas, contistas, cronistas, novelistas, ensaístas. É uma verdadeira geleia geral.

Quem quiser ter uma ideia bastante aproximada do que realmente se produz, em termos literários, na Capital Nacional da Literatura, é só acessar o sítio do Projeto. Ali encontrará mais de dez mil textos. E repetamos: também quadros de artistas plásticos locais.

O Projeto Passo Fundo leva os livros de autores passo-fundenses até qualquer parte do mundo. Era o que faltava.

A opinião dos autores

Para o escritor Marcelo Noal, de 21 anos, o Projeto Passo Fundo é uma “iniciativa a favor da literatura, um projeto que valoriza a cultura em Passo Fundo. Muito mais que isso, deve servir de exemplo para outras cidades, pois quantos talentosos escritores acabam por nunca publicar sua obra, por falta de oportunidade”.

Odilon Garcez Ayres, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, afirma que o “Projeto Passo Fundo



Cultural, uma iniciativa pioneira do empresário Ernesto Zanette, veio preencher uma lacuna, um hiato, que existe entre o escritor e a editora, que se traduz na necessidade de um aporte financeiro, para que o primeiro possa realizar sua aspiração”. E acrescenta: “Por tão abrangente, torna-se necessário, talvez, que seu mentor tenha suas ideias e seus objetivos mais conhecidos e reconhecidos pela comunidade, para que sua obra possa expandir-se e firmar-se de tal modo que possa concorrer no mundo cultural, como um dos projetos de maior significado para o mundo das letras, no Rio Grande do Sul”.

Rosane F. Souza, mãe de dois jovens escritores, sente-se feliz, pois “através dessa iniciativa, meus filhos não empilham mais rascunhos, nem os deixam esquecidos nas gavetas. Podem expor suas ideias e conquistar seus ideais, que é o caso do Marcelo Henrique Noal, autor do livro *À Esquerda*, que será publicado esse mês, e da Fernanda Noal que também posta suas poesias e crônicas”.

Para o poeta Julio Cesar Peres, o “Projeto Passo Fundo é uma iniciativa para estimular novos autores a produzir e publicar seus livros. Uma iniciativa louvável eis que pautada pela intenção determinada de estímulo à cultura. Uma iniciativa dessas propicia aos autores produzirem e se encontrarem, para falar sobre cultura. Representa, portanto, uma tentativa de proteger essa sobrevivência cultural sem par”.

“Passo Fundo, projeto que privilegia autores locais, oportunidade de ouro que, como escritores, nos é concedida; suporte para publicação e divulgação de gente que faz da arte literária um meio de expressão” – afirma o jovem novelista e contista, Leonardo Nunes Nunes, que acrescenta: “Para o autor, a

experiência de ter um texto seu publicado num espaço dedicado ao público, e voltado não exclusivamente, ao povo passo-fundense, proporciona ao leitor um motivo relevante de reflexão (a ideia é passar uma mensagem, seja ela qual for), é deveras enriquecedora. Sorte de quem tem seu espaço dentro do Projeto Passo Fundo.”

“Oportunidades!” no plural mesmo. Esse é o vocábulo que resume a opinião da radialista e professora universitária Helena de Moraes Fernandes, e expressa o principal significado do Projeto Passo Fundo. “Oportunidades de fazer diversas e novas amizades, de várias idades, com vários ideais. Oportunidades de que prevaleça e permaneça o que mais importa, na publicação de livros: a serventia aos leitores e o estímulo ao que há de bom nos autores”.

“Uma simples ideia. Uma ideia pequenina, mas que acabou se tornando altamente contagiosa aos talentos que estavam escondidos; aos que se sentiam sozinhos no seu mundo mental ou intelectual. Uma iniciativa nobre que arreventou a parede da prisão e libertou aqueles que, de algum modo, estavam presos à expressão do livre pensamento.”

“E continua Victor Scofield, outro jovem escritor editado pelo projeto: “O Projeto Passo Fundo tem sido a ferramenta certa para uma divulgação sólida e consistente dos autores locais, que literalmente estavam escondidos e presos, em meio a tantos custos dispendiosos. Isso é valorizar a base da sociedade organizada e civilizada, ou seja, é valorizar o conhecimento que nos movimenta”.

Dos Estados Unidos, onde reside e estuda, Eliane Thaines Bodah enviou seu depoimento: “O projeto Passo Fundo é uma iniciativa única de apoio à cultura e

à educação, através do incentivo de publicações de autores locais e, até mesmo, internacionais. Graças ao projeto, nosso livro “Conversa entre educadoras” está circulando na América do Sul e do Norte. No Brasil, vem sendo utilizado por educadores de escolas públicas, no RS, MS e RR que, sem o apoio do projeto, não teriam como adquirir esse material. Pode-se dizer, assim, que o projeto vem transformando a prática pedagógica de educadores, em comunidades de risco, que não possuem recursos financeiros para alcançar os requisitos mínimos de infraestrutura, para o sucesso escolar, na educação básica. Já, nos EUA, essa iniciativa é reconhecida em vários centros educativos. E as práticas publicadas, com o apoio do projeto servem como exemplo para o descobrimento do novo. Nós, autores, reconhecemos e agradecemos imensamente esse incentivo literário no processo de construção de uma sociedade mais justa e de um meio ecologicamente equilibrado, através da educação”.

“Considero o Projeto Passo Fundo uma das melhores iniciativas já tomadas nesta cidade, porque, além de resgatar os esforços feitos por homens cuja visão esteve dirigida ao progresso cultural não só local, mas também universal, também estimula o surgimento de novos impulsionadores da evolução cultural” – resume Getúlio Vargas Zauza, membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Outro imortal de Passo Fundo, o professor e pesquisador da microhistória local, Welci Nascimento, assim opina: “Projeto Passo Fundo é uma grande iniciativa do amigo Zanetti.

O Projeto democratiza a impressão de livros, e dá oportunidade aos passo-fundenses de conhecer melhor sua cidade”.

(PAULO MONTEIRO)



Diga-me o que e como diriges e...

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Quem nunca sonhou em ter um carro ou um determinado tipo de carro? Esse bem de consumo que faz até os mais conscientes cidadãos confundirem necessidade com prazer, vai para muito além de seu significado real, avançando para representações simbólicas que revelam o modus vivendi do seu proprietário.

Do mesmo modo que a roupa que usamos pode estar apenas encobrindo o que ficou culturalmente convencionado que não devemos mostra, pode, por outro lado, estar revelando o nosso estilo e/ou nossa personalidade, o carro que dirigimos (e como o dirigimos), sem generalizações ou absolutismos, também pode revelar parte de quem somos, do que pensamos e de como vivemos.

A escolha de um carro nem sempre é fruto de uma definição puramente consciente ou inconsciente. Vários fa-


tores levam a ela: o caixa disponível, os acasos, a praticidade, os valores de vida referentes ao conforto, à segurança e até mesmo à busca de status. Vale salientar, que não é o valor monetário do carro que vai revelar quem é seu dono, mas sim, um conjunto de aspectos. Afinal, tem aquele que não tem nem casa própria, mas tem um “carrão” na garagem...

Alguns desses aspectos, que determinam as escolhas e revelam a personalidade e o estilo de vida do sujeito, são: o tamanho do carro - serve a família inteira ou somente um (a) acompanhante, o modelo - conservador ou esportivo; o e, ainda, a cor do mesmo, embora nos últimos tempos esse último quesito se resume à supremacia dos carros de cor prata. Mas, mesmo em uma época em que as opções de cores variam em uma quase total monocromia, alguns interpretadores de plantão ainda assim, arriscam dizer que o carro preto pode representar sobriedade, o vermelho faz lembrar vitalidade e coragem e assim

por diante. Para mim, o azul claro, por exemplo, representa minha infância, pois faz lembrar o DKW Vemag, 1960, de meu avô. Ou seja, cada um de nós, a partir de nossas memórias, constrói seus próprios significados.

Pois bem, o carro já está na garagem e aí quem somos vai se revelar, também, pela manutenção do mesmo. Se o carro está com aquela raspadinha antiga, anda meio sujo ou brilhando, tanque cheio ou no “mico”, parado, rodando ou até mesmo emprestado para um amigo, somos nós nos revelando. Tem aqueles que mal compraram e já estão pensando em trocar ou, ao contrário, se “apegam” ao carro e ficam uma vida inteira com ele. Sabendo de tudo isso até pode ser possível traçar um perfil do sujeito ao entendermos essas questões como marcas e extensão de sua personalidade.

Enquanto andam pelas ruas e estradas da vida os sujeitos revelam-se, ainda, pelos acessórios que usam em seus veículos. Tem engate para reboque e



(Marilise Brockstedt Lech é Mestre em Educação, Especialista em Educação Infantil, Psicóloga Educacional, Professora da Universidade de Passo Fundo e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

rack na parte superior do carro? Ahm! É aventureiro... (ou não). Sabe-se até de uma madame que colocou tapete persa e cortina no seu carro. Bem que saber disso me provocou uma certa nostalgia, ao lembrar do Aero Wyllis de meu pai, o qual tinha persianas no vidro traseiro... E tem os tais de aerofólios, rodas incrementadas e faróis de milha... Tem até “tatuagem” para carros - Não são uma gracinha os adesivos com as famílias felizes? - Cuidado com os sequestros, dizem os mais precavidos, sobre essa exposição. E agora tem a tal da película. Será que estão usando por modismo, proteção ou pra passar despercebido mesmo? A esse ainda não aderi, pois enxergar o mundo de um jeito mais escuro não me agrada muito... Ah, e se alguém me acenar e eu não conseguir identificar quem é, eu não repondo...

Mas os carros também podem ter personalidade própria. Mesmo contra a vontade das concessionárias que querem versatilidade em seus carros, alguns deles ganham rótulos, conforme consta em um site que discute essas questões.

“Parati é carro de surfista; Corolla, de gerente; quem compra um Golf ou um Audi A3 pode ser considerado um play-boy. O garotão, que vai para a balada de Scênic, não precisa nem se explicar para os amigos: está na cara que pegou o carro da mãe”, diz o autor. Na verdade, o imaginário popular não resiste a certas associações...

Seja lá um carro de luxo, um utilitário, um esportivo,... essa escolha também revela o momento de vida que se está vivendo: onde estão sendo feitos os investimentos, se a família é grande, se a prioridade é o trabalho ou o lazer. Eu, por exemplo, que já não preciso mais carregar o time de basquete de meu filho e o de vôlei da minha filha, estou bem pensando em trocar o meu carro por um menor, até porque com o traffic jam de nossa cidade essa opção precisa ser considerada. Foi-se o tempo em que andávamos na Caravan de meu pai, lotada de amigos sem cinto de segurança, se deslocando do “esquentão” para o carnaval do clube. Ahh, o “Mumuzão”! como era denominada por todos. Foi nos

idos dos anos 80 que aquela Caravan cor de mumu, com seu grande coração de mãe, carregava quase que um bloco de carnaval inteiro. E não é que sobrevivemos? É que andávamos com cuidado...

O modo de dirigir também revela a personalidade do motorista: mais cuidadoso, paciente, mais agressivo, defensivo ou ofensivo, mais acelerado (quer chegar cedo? Saia antes...) Seja onde for, o carro é feito mesmo para rodar, mas se der para ir a pé, a saúde, a economia e os demais motoristas agradecem. Por fim, indiscutivelmente, o carro dá uma sensação de poder, de agilidade, talvez até de liberdade. No entanto, também pode ser uma arma nas mãos dos irresponsáveis. Façamos dele objeto de nossas realizações, sim, mas nunca esqueçamos que o que importa mesmo é para aonde vamos e com quem vamos...

Estrutura e dinâmica psíquica da crítica nas relações interpessoais

GETULIO VARGAS ZAUZA

No moderno dicionário da Língua Portuguesa, Ed. Melhoramentos, 1998, (Michaelis) encontramos no verbete “Crítica, s.f. (de crítico) 1. Apreciação minuciosa; 2. Apreciação desfavorável; 3. Censura, maledicência; 4. Discussão para elucidar fatos e textos; 5. Exame de valor de documentos; 6. Arte ou faculdade de julgar o mérito das obras científicas, literárias e artísticas; 7. Juízo fundamentado acerca de obra científica, literária ou artística; 8. Filósofo. parte da Filoso-

fia que estuda os critérios; 9. Conjunto dos críticos; sua opinião C. pessoal: a em que se trata mais do autor que da obra”.

Já esclarecidos os diversos sentidos nos quais o termo é aplicado, vamos passar às considerações sobre o tema acima proposto.

Como estrutura da crítica, considero os elementos necessários para que haja a realização do processo crítico.

Tais elementos são, fundamentalmente, três: 1. O objeto da crítica, que pode ser: a) uma obra; b) um ato; c) uma conduta; d) um pensamento; e) um sentimento, os quais pressupõem um autor. 2. O autor do objeto, que pode se

tornar o objeto da crítica e, neste caso, é o criticado. 3. O terceiro elemento é aquele que realiza o processo da crítica. É o criticante.

Representando esqueleticamente:



Quando o autor é o próprio objeto da crítica então se está tratando de crítica pessoal, caso em que pode estar atingida toda a individualidade e ser um julgamento radical, absoluto. Mas nem sempre é assim.

A crítica pessoal, mais frequentemente, é dirigida a manifestações episódicas,



quer dizer, não se refere a uma condição permanente, no entanto pode ser. Esse tipo de crítica é mais comum nas relações interpessoais, isto é, entre aquelas pessoas que convivem diuturnamente, e são causa de muitos dissabores que podem percorrer uma escala de intensidade desde mágoa, ressentimento, raiva e ódio. E não adianta tentar argumentar, pois a pessoa que critica acredita sempre que está com a razão.

A consequência desse tipo de crítica é a desintegração do relacionamento. E mesmo que as pessoas não se afastem uma da outra, cria-se uma situação que talvez seja a pior de todas: perder o prazer de viver, ir morrendo intimamente, lentamente, sem que isso seja percebido pelos que o cercam e pela própria pessoa.

Nesse tipo de crítica, sempre está inserido um interesse pessoal de que o outro se modifique em favor do criticante, de modo a satisfazer suas necessidades e desejos de benefício.

É importante saber que esse tipo de atitude costuma gerar no criticado comportamento exatamente oposto ao desejado, fato que acontece muitas ve-

zes, quando o criticado se comporta em oposição, sem fazê-lo intencionalmente. Além disso, é bom saber que, mesmo quando a pessoa procura ajuda terapêutica e se empenha seriamente para mudar seus hábitos indesejados, encontra dificuldades enormes para libertar-se deles. Daí que o psicoterapeuta, sabedor dessa realidade, jamais faz qualquer crítica ao paciente, pois isso seria o maior obstáculo ao sucesso do trabalho e evidenciaria o total despreparo do profissional.

Outro caso de relação interpessoal é aquele que ocorre, quando uma pessoa está se esforçando para desenvolver uma capacidade ou habilidade como é no processo de aprendizagem, numa oficina de qualquer atividade artística, ou no trabalho escolar. É a maneira de ajudar no artístico sugerir formas diversas de melhorar a obra, e na situação escolar explicar a forma certa, não criticar o erro ou a inabilidade para fazer melhor.

Outra situação é o caso do crítico

profissional. Sobre esses, os criadores de Arte dizem que o crítico é uma pessoa que, como não tem talento para criar, ou por inveja de quem tem, se torna um crítico.

Deixando de parte a opinião acima e analisando a realidade, constatamos que a opinião do crítico profissional não tem função que a justifique, pois que, no final, o que vai determinar a aceitação e valorização da obra de arte, é o gosto estético (?) do contemplador.

Penso que o máximo que se pode dizer, se é que queremos ou podemos ser coerentes e sensatos é: gosto, ou não gosto. Assim sendo, me parecem inúteis o esforço e o tempo desperdiçado, que bem poderiam ser aplicados na realização de algo que fosse realmente benéfico, para si e, de sobra, para os outros. Quem sabe o autoconhecimento?!

(Getúlio Vargas Zauza é membro da Academia Passos-Fundense de Letras.)



O quartirão do altar da pátria e seus moradores, nos anos de 1940



Vista parcial da Avenida Brasil, com destaque para o prédio do Hotel Avenida - 1934 (Autor desconhecido)

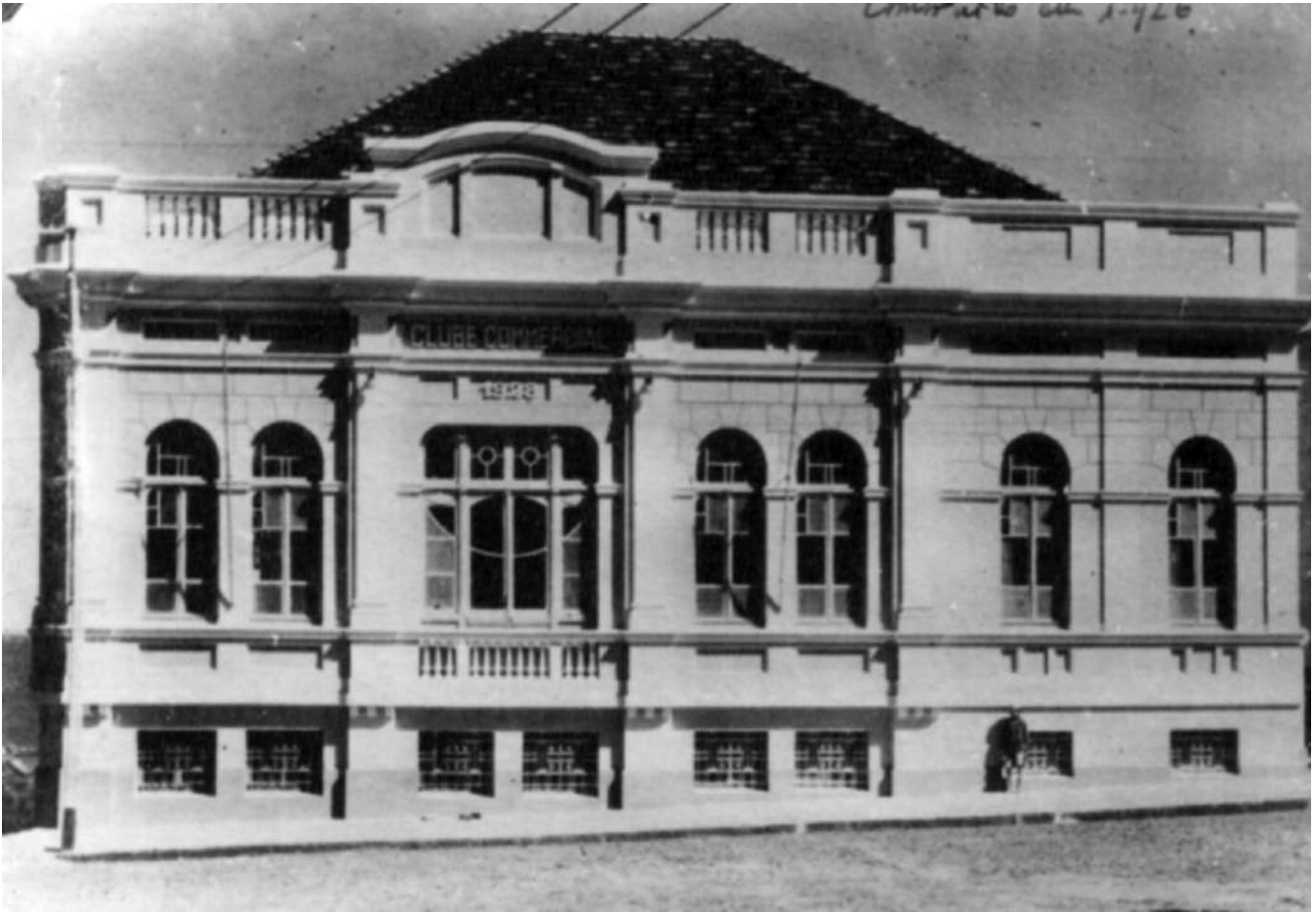
LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Nasci e vivi os meus primeiros quatorze anos na Avenida Brasil, no quartirão entre a General Neto e a Coronel Chicuta, numa pequena casa em frente aos canteiros, cujas árvores tinham sido plantadas poucos anos antes. A casa, onde também funcionava o cartório de meu pai, era de uma porta e duas janelas, igual a outras seis, construídas para aluguel por Nativo de Oliveira, na face norte da avenida. O local era chamado de “paredão”. Era realmente um paredão ou muralha, cujos alicerces até hoje dão sustentação ao leito da avenida. Ali vivemos como inquilinos até que pudemos nos mudar para uma casa própria, junto à calçada alta, comprada com recursos que o pai juntou com outras economias, ao ganhar o primeiro prêmio da loteria federal em fins de 1953. Na extremidade daquele lado do quartirão, ao lado do Clube Comercial, sobre o próprio leito da Ge-

neral Neto, obstruindo-a, como acontece até hoje, acredito que, por iniciativa do Prefeito Arthur Ferreira Filho, no período do Estado Novo, foi construído o Altar da Pátria. Era um bonito monumento, construído ao estilo da época, com o grande mastro da bandeira e a pira do fogo simbólico posta no centro do altar propriamente dito, ladeado por passagens e escadarias que davam acesso à parte baixa da General Neto, levando às ruas Paissandu e Uruguai, sem pavimentação e ainda pouco habitadas. O Altar da Pátria era destinado a celebrações cívicas, principalmente à da Semana da Pátria, extremamente valorizada no período do Estado Novo e também depois dele. Na fase da redemocratização, quando o país retornou à Democracia, foi utilizado por todos os partidos para comícios eleitorais. Uma vez, já na década de 1960, os comunistas locais tentaram realizar um comício, com a presença de seu líder máximo, Luiz Carlos Prestes. Não conseguiram, pois foram apedrejados e expulsos, por

estudantes incitados por lideranças da direita fanática e intolerante. Apesar de o Altar da Pátria ser um bonito monumento e significativo marco urbano, como tantos outros que existiram na cidade, veio a ser demolido durante o governo do prefeito Edu Azambuja, e substituído pelas escadarias feias e sem graça que até hoje estão ali. Ao lado do antigo Altar da Pátria, tem-se até hoje o prédio de três pavimentos do português Bernardino Bento. Junto a ele havia antes uma loja de três portas, que depois deu lugar a outro pequeno edifício, onde funcionava a escola de datilografia das irmãs Cogo. Passando as sete casas iguais do paredão, erguiam-se duas casas comerciais, onde funcionavam a loja de calçados do “seu” Jacques e a célebre Livraria Nacional, de Hiram Bastos, com as moradias dos respectivos proprietários.

Do outro lado da avenida, as construções começavam pelo Hotel Avenida, na esquina da General Neto, dirigido pelo hoteleiro e líder comunista, Eduardo



Clube Comercial - 1928 (Foto Moderna)

Barreiro, prédio que existe até hoje. Continuavam com um sobrado que ainda está de pé, onde me lembro haver funcionado outra livraria, a Serrana, do Sr. Osório de Quadros. No apartamento de cima, viveu a família do escrivão Pery Lopes. Em seguida havia uma sorveteria, pertencente a um Sr. De um sobrenome Salgado, onde depois se estabeleceu, com um bar, o futuro escrivão Peri Lopes, associado a sua cunhada Célia Gava, vinda de Bento Gonçalves. Ao lado estava o interessante palacete, — (onde, na década de 1930, fora assassinada a esposa do Dr. Frydberg) —, pertencente ao Dr. Miguel Kozma, o primeiro médico radiologista da cidade, com seu consultório e residência, justamente onde se acha hoje o edifício Ely. Em seguida, onde antes fora a tinturaria de Samuel Bacaltchuck, acredito que havia uma loja de confecções, que pertenceu a uma família israelita de sobrenome Chwartzman. Mais adiante, numa casa de porta e duas janelas, trabalhava o alfaiate Oscar Schneider, que foi sogro do Helmuth Matzemberger. A casa seguinte era a morada da família do caixeiro-viajante e prócer petebista, Urbano Ribas. Já chegando para a esquina, via-se um prédio imponente, pintado de

rosa. Era residência e farmácia do Sr. Theodorico Borges da Rosa, a famosa Farmácia Rosa, onde havia uma placa de mármore dizendo que fora construída e fundada em 1908.

Falando agora do elemento humano, ele começava junto ao altar da pátria, pelo dono do Mercado Luso-Brasileiro, um local fascinante, mistura de mercearia, bar e pequeno armazém, vigiado à porta por um pacífico cão de caça. O lugar parecia um zoológico ou um museu, contendo toda espécie de curiosidades, inclusive uma araponga, gaiolas de outros pássaros e papagaios. Chamava atenção um aparato para a previsão do tempo, no qual, segundo ia chover ou fazer bom tempo, apareciam alternadamente dois bonecos, cuja caracterização mostrava se iria haver sol e calor, ou frio e chuva. O dono era Bernardino Bento, um português simpático e comunicativo, grande caçador e contador de histórias, cujos filhos eram Henrique, Walter e Angelina, todos mais velhos do que eu. Ouvindo as conversas do português, aprendi e sei até hoje falar com sotaque português (de Portugal), que utilizo para, quando estou inspirado, ler em voz alta, Camões, Saramago e Pessoa. No piso superior, havia um apartamento

onde moravam as conceituadas professoras, Mathilde Mazon e Maria Cunha, da Escola Normal, mestras à moda antiga, austeras e sábias. Na continuação, no lugar da antiga escola de datilografia de que já falei, pertencente às irmãs Cogo, Bernardino construiu mais um sobrado, alugando a loja para a Joalheria Sciessere, e o apartamento para as professoras Marta Helm e Lucille Frago Bandeira, da Escola Normal. Na primeira das casas do paredão, que ficava na sequência, viveu a família de um cidadão chamado Múcio de Castro, que tinha um filho chamado Mucinho, homônimos mas não parentes do jornalista Múcio de Castro. Na segunda morava um advogado esquisito, solitário, casmurro e solteirão. A casa, quase sempre fechada, tinha um jeito assustador e fantasmagórico. Inspirava temor e desconfiança às crianças, que evitavam passar pela frente dela nas horas mais tardias. A terceira era ocupada pela família do inesquecível Jerônimo Marques Sobrinho, que era o ajudante do notário Honorino Malheiros. Jerônimo era o faz-tudo do cartório, a quem os passo-fundenses confiavam seus negócios e suas escrituras, uma espécie de Waldir do Cartório, de outrora. Sua esposa era



Fábrica de cerveja Bade, Barbieux & Cia. vista da Rua Paissandu - 1940 (Foto Moderna)

a famosa modista Chonita Marques, e o filho Luiz foi executivo de importantes empresas do Rio e de Porto Alegre. Em seguida, vinha a casa do comerciante Vitório De Felippo, com sua esposa Maria, os quais tinham quatro filhas, Zuleika, Neusa, Maria Inês e Raquel. Depois havia uma casa muito pequena, bastante esquisita, cujas dimensões eram exatamente a metade das outras, com apenas uma porta e uma janela, sempre alugada a pessoas e famílias diferentes, cujos nomes e fisionomias não me ficaram na memória. Na casa seguinte, recordo haver morado a família de um Cabo reformado da Brigada, de sobrenome Barreto, que tinha um filho, Orlem, e duas filhas, Marlem e Varlem, e cuja esposa tinha uma escola de datilografia. Depois vinha a nossa casa, onde funcionava o Cartório e era a residência de minha família, comigo e os outros quatro irmãos que ali nasceram. Seguiu-se outra casa, bastante confortável, mais moderna e luxuosa, onde recordo terem vivido os proprietários, Teófilo Guimarães e sua esposa D. Alzira, que não tinham filhos. Depois, ali residiu o Dr. Luiz Filipe da Cunha, um dos primeiros oftalmologistas da cidade, com sua esposa D. Alice, os quatro filhos e as quatro filhas. Lembro-me muito bem de Lina e Evany, que ainda se encontram entre nós. Essa casa depois foi alugada à família Barbieux, cujo chefe era um dos diretores da antecessora da Brahma — quando conheci suas encantadoras filhas, Matilde (Pepe) e Liana. E, mais tarde, a um comerciante vindo de Santo Ângelo, Basílio Antunes, que foi o primeiro que importou tratores para serem vendidos em nossa região. Ao lado dessa casa, havia uma passagem com uma escadaria de dois lanços, que me parecia íngreme, infundável e assus-

tadora. Era uma espécie de edifício de apartamentos, só que invertidos — em vez de subir, descia — construídos a partir do rés do chão, descendo para os dois níveis inferiores. Recordo alguns de seus moradores: em épocas diferentes foram alugados para o viajante Delmar Sittoni e para D. Quita Brizola, irmã mais velha do famoso político Leonel Brizola que, provavelmente, também teria vivido ou se hospedado ali, pois era muito ligado à irmã. Depois vinha o prédio da Casa Jacques, cujos proprietários foram, sucessivamente, os irmãos Orlando e Carlos Jacques, este pai do Neri, da Raquel e do inditoso Padre Paulo Jacques. Esse prédio também tinha um subsolo, transformado em apartamento, onde viveram algumas famílias simpáticas e discretas. Uma delas foi a do delegado Assis Brasil de Macedo, que alguns anos depois foi meu contemporâneo na Faculdade de Direito. E, por fim, junto à esquina da Coronel Chicuta, o prédio da Livraria Nacional, com a residência do proprietário Hiram de Araújo Bastos, que tinha três filhos já bem mais velhos.

Na época, em cada quarteirão, praticamente, se formava uma turma que, embora voltada a folguedos hoje considerados ingênuos e inocentes, chamávamos de “quadrilha”, reunindo a garotada da vizinhança, à qual se juntavam meninos e meninas das ruas mais próximas, pois em nosso lado da Avenida, éramos muito poucos da mesma faixa etária. Lembro-me da filha do Dr. Kozma e de D. Pinta, Márcia, e dos dois filhos, Miguel e Gerson, o primeiro recentemente falecido, que se mudaram para São Paulo e foram diretores de importantes empresas de lá. Também recordo do Euro, tragicamente falecido; do Ênio Gava (o querido amigo “Chó”)

e de suas primas Juçara, Jane e Jacira, além do primo Juarez, o “Juca”. Havia também os irmãos Ribas, Jacques, Celso, Clair, Marília e Nelson. Moradores do outro lado, da mesma idade, éramos apenas eu e meus irmãos, Evandro, Vilson e Regis, além dos filhos do cabo Barreto, que já referi, e das irmãs De Felippo. Nas férias, vinha de Santo Ângelo o José Carlos Mendes, neto do dono da Casa Jacques, de quem vim a me tornar compadre e grande amigo, embora falecido na flor dos anos. Não recordo haver convivido com os filhos do Dr. Filipe que, possivelmente, logo se mudaram para outra casa, comprada na rua Bento Gonçalves. Juntavam-se também à nossa turma o Luiz Wilson e o Walter Daudt, que chegou ao posto de General do Exército, sendo seu irmão renomado psiquiatra, que eram da Coronel Chicuta. Por residir do outro lado da Avenida, junto à Chicuta, participava das brincadeiras e jogos o hoje ministro Ari Pargendler, cujo pai era o dono da Livraria Americana, na esquina onde estão as Lojas Pompeia. Da General Neto vinham o Tarso de Castro, o Luizinho Teixeira e o Adilson Mesquita. E, por morar com seus pais num apartamento do português Bernardino, ao lado do Altar da Pátria, integrava-se à turma Armando Ferreira, o “Manduca”. Também participavam Pedro e Paulo Biasuz, filhos-gêmeos do então ecônomo do Clube Comercial, e Isaías Bacaltchuk, filho do proprietário da fábrica de móveis, que ficava ao lado do Clube Comercial.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras, Jurista, Procurador do Estado aposentado. Ex-diretor da Faculdade de Direito da UPE.)

A Igreja dos Negros



PAULO MONTEIRO

A Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, foi uma quartelada. Os militares, representando as camadas urbanas da população, que se avolumavam, acompanhando o processo universal de urbanização, depuseram Dom Pedro II, abrindo caminho para algumas reformas consolidadas apenas meio século depois, com a Revolução de 30.

Uma das primeiras, e mais radicais dessas mudanças, foi a separação da Igreja do Estado. Até a República, o Catolicismo era a região oficial do Estado, o que implicava em regras de convivência social muito diferentes das que praticamos atualmente. Sirva um exemplo: havia dois tipos de cemitérios, um para os católicos; outro para os acatólicos. A maioria das pessoas, hoje, não sabe que, no espaço mais ou menos compreendido entre a Avenida General Netto e as ruas Coronel Chicuta, Independência e General Canabarro, situava-se o Cemitério Católico e, na frente do antigo quartel do Exército, na Rua Teixeira Soares, o Cemitério dos Acatólicos.

Depois da República, independente da crença religiosa, as pessoas passaram a ser sepultadas nos mesmos campos-santos. Não parece, mas isso significa muito.

As reformas republicanas foram antecedidas e influenciadas por outra, talvez, ainda maior, a Abolição da Escravatura, em 13 de maio de 1888.

Em Passo Fundo, embora se possa minimizar, a importância da contribuição do negro foi muito grande. Antonino Xavier e Oliveira, nascido em 5 de setembro de 1836, e falecido a 10 de junho de 1959, conta que o primeiro colonizador, Manuel José das Neves, aqui chegou em 1827, “trazendo a família, escravos e gado” (O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo, in Annaes do Município de Passo Fundo. V. II, Gráfica e Editora da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 1990, p. 254). Da mesma forma, escravos acompanhavam os demais povoadores, que o seguiram, o que

contribuiu para a presença marcante de afrodescendentes, desde os primeiros tempos da colonização passo-fundense.

A união entre Igreja e Estado gerava divisões sociais, que iam além da vida, e a economia escravagista manifestava essa segregação no dia a dia. Exemplo: a existência de igrejas de brancos e igrejas de negros.

Dentro da Igreja Católica Apostólica Romana, essas separações se manifestavam, inclusive, no culto mariano. Em todas as cidades surgidas durante a Colônia e o Império, encontramos essa divisão. Nas comunidades de portugueses e seus descendentes – e Passo Fundo é uma delas – essa divisão se manifesta, particularmente, com a presença de uma igreja consagrada a Nossa Senhora da Conceição, e outra a Nossa Senhora do Rosário. A primeira uma devoção tipicamente portuguesa; a segunda, eminentemente africana.

O uso do Rosário, ou Santo Rosário, é muito antigo. É possível que se prenda aos “mistérios” da Antiguidade e seus cultos às deusas da Fertilidade. A ligação desses mistérios com a devoção mariana é, porém, um assunto para a meta-história. Reconhecidamente antiga é a devoção a Nossa Senhora do Rosário, que se espalha a partir do ministério de São Domingos de Gusmão (1170-1221), fundador da Ordem dos Dominicanos.

Os discípulos do Santo espanhol levaram a adoração da Virgem do Rosário para o Congo, onde ela fez muitos devotos entre os naturais que se cristianizavam. Daquele território africano, em consequência da marcante presença portuguesa em Angola, vieram elevados contingentes escravizados para o Brasil, aqui popularizando e perpetuando a adoração à Santa de que era devoto São

Domingos de Gusmão. Assim, foram sendo edificadas igrejas e, junto a cada templo, uma “Irmandade dos Homens Pretos”. Muitas delas chegaram, ainda atuantes, aos dias de hoje, como a de São João Del-Rei, no Estado de Minas Gerais, que é de 1708.

A popularidade à Virgem do Rosário estendeu-se pelo Brasil, durante o período colonial. Atestam-na os trinta sermões reunidos em quatro dos quinze volumes, com o sermônário do padre Antonio Vieira. Aliás, o grande orador jesuíta traça ali um verdadeiro panorama da sociedade brasileira em que viveu, especialmente dos segmentos mais humildes, denunciando as mazelas sociais da época.

Antonino Xavier e Oliveira, historian-do as festas religiosas da Passo Fundo antiga, assim se expressa: “As festas da espécie, então, eram a do Divino, a de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, a de Nossa Senhora do Rosário e a de São Miguel, sendo que a penúltima era feita pelo elemento ex-escravo, com o concurso dos brancos” (Rememorações do Nosso Passado, in vol. Cit., p. 413).

Portanto, os negros, em tempos pretéritos, festejavam a “sua santa”, na capela erguida às margens da “antiga estrada para Soledade, a atual Rua Ireno Grespan, na Vila Carmem, como pode ser lido em escrituras antigas. Ali persiste a velha devoção, num prédio de alvenaria construído há poucos anos, com o apoio de católicos alemães.

Um livro de atas daquela capela, aberto em 1º de outubro de 1984, começa pelas seguintes palavras textuais: “Segundo moradores das proximidades da Capela N. S. do Rosário, que há muitos anos residem no local, esta comunidade teve tempos áureos. A Capela N. S. Do

Rosário é das primeiras da cidade de Passo Fundo. Há cinquenta anos as festas em honra a N. S. Do Rosário atraíam muita gente, a exemplo da Capela de São Miguel na época, hoje transformada numa verdadeira Romaria a São Miguel, no dizer do povo”.

O testemunho oral comprova a ancestralidade da capela e reafirma a concorrência popular às festividades, conforme registrado pelo “pai da história passo-fundense”. O mesmo historiador lembra a presença de índios, na coxilha da Vila Luiza (O Elemento..., ed. Cit. p. 262) E essa presença era bastante frequente, tanto que Antonino, em outra obra, “Oliveira, Antonino Xavier e, Apostillas Geográficas”, (In ed. Cit. V. I, págs. 285 e seg.), relata a execução, por “índios coroados”, de dois moradores que tinham ido comer jabuticabas, num mato existente onde hoje se situam as “vilas Luiza e Carmem”. Uma “escolta” de moradores saiu em perseguição dos selvagens e foi batê-los, às margens do Taquari (Capinguí), num local que, por isso, ficou conhecido como Mortandade.

Ora, o local em que os “dois moradores” foram mortos pelos índios, ao que tudo indica, é onde foi erguida a Igreja do Rosário. É possível que dois “homens pretos” tenham ido à coleta de frutas, a pedido de alguma sinhazinha, sequiosa de um refresco, acabando vitimados pelos índios. Em sendo assim, terços rezados por seus parentes “pretos” levaram à construção de uma pequena capela e o local passou a ser ponto de veneração à santa... Dessa forma, explica-se a antiguidade e a localização da igreja consagrada à padroeira dos “homens pretos”, em Passo Fundo. E esta seria, em termos de precedência, a segunda igreja do município.

Versos ao léu

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Identidade

Sorriso,
porque o orvalho
removeu a craca
da minha ferrugem.

Canto,
porque a sombra
me cobriu
de cintilações.

Grito,
porque a madrugada
trocou meus grilos
por pirilampos.

Gemo,
porque o luar
me capturou
em seu casulo.

(Do livro *Gorjeios e Revoada*)

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Diego Chimango – entre desenhos, textos e otimismo



(FOTOS: ARQUIVO DIEGO CHIMANGO)

Diego Chimango, nascido em Passo Fundo, no dia 17 de maio de 1983, já é um ilustrador reconhecido. Participou de exposições em diversos locais e oficinas de ilustração, em duas edições da Feira do Livro de Passo Fundo. Ilustrou os livros *Humor com pimenta*, da acadêmica Elisabeth Ferreira, *Testemunhos da História*, do Instituto Histórico de Passo Fundo, *Micos & Microfones*, de Helena de Moraes Fernandes, *Clareza na escuridão*, de Débora de Marco, e *21 dicas para lidar com o tal de inglês*, de Leonardo Martinez.

Fez seus primeiros estudos na Escola Municipal de Ensino Fundamental COHAB / Sechi, e o Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Mário Quintana.

“Meus pais, Gilberto Chimango e Mai Chimango, foram meus primeiros apoiadores. Tive uma infância bastante complicada. Durante a gravidez, minha mãe teve toxoplasmose. Devido à doença, nasci com sequelas, o que

me obrigou a ser paciente de diversas cirurgias. A mais grave dessas sequelas se deu no campo visual. Atualmente, enxergo só com o olho direito”, começa, falando de sua vida.

“Os problemas de saúde me transformaram numa criança reclusa. E minha mãe me estimulou a desenhar, a partir dos cinco anos, o que se tornou um hábito em minha vida. Mais tarde, estudando na Escola Estadual Mário Quintana, passei a desenhar muito. E o mais interessante é que isso chamou a atenção de alguns professores, que passaram a colecionar meus desenhos”, continua Diego Chimango.

Nos primeiros anos de escola, enfrentou problemas com bullying. Nunca se intimidou. Jamais se sentiu inferiorizado. Seus pais repetiam, incessantemente, que o fato de usar óculos de 16 graus não fazia dele uma pessoa menor. “Mas foi lá, na Escola Mário Quintana, que começou meu reconhecimento. Muito se falava em inclusão social. Por isso, fui convidado para fazer uma. E tive uma



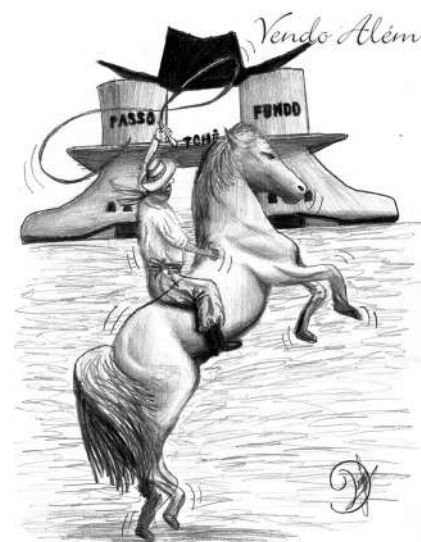
surpresa: meus professores organizaram uma exposição com meus trabalhos, que eles vinham guardando. A exposição repercutiu muito, com matérias na imprensa. E fui convidado a publicar meus desenhos em O Nacional. Logo comecei a produzir ilustrações para a Folha Regional, de Marau. Algumas ilustrações também circularam nas páginas do Diário da Manhã”.

“A aproximação com alguns membros da Academia Passo-Fundense de Letras – narra Diego Chimango – fez com que eu enveredasse por um novo caminho: a ilustração de livros”.

Dentre as muitas experiências, uma delas foi marcante em sua vida: a publicação do jornal Sonar, depois transformado em revista. “Apesar de terminar como terminou, foi muito importante, pois conheci muitas pessoas”, afirma e dá um suspiro.

Sonar teve o mesmo fim de tantos outros periódicos alternativos. Morreu de inanição, como outros ainda morrerão...

Além de desenhista Diego Chimango é dado à escrita. Deixemos que ele nos fale sobre isso. “Houv uma fase em que eu fazia muitos poemas, quando tinha menos compromissos. Hoje, minhas responsabilidades profissionais,



como funcionário público e radialista, me exigem mais tempo. Além disso, escrevi sobre temas de história local”. E conclui: “Eu vejo que, graças a Deus, fui contemplado com muitas habilidades. Costumo comentar que as pessoas acham que ter uma limitação física é motivo para se acharem menos do que os outros, quando isso não é verdade”. Para conhecer melhor o trabalho de Diego Chimango, sugere-se visita ao blog <http://vendoalem.blogspot.com.br/>. (PAULO MONTEIRO).

Poesia **SUELI GEHLEN FROSI**

Quando amo

Quando amo, transbordo
Em doçura, desvelo e carinho.
Temo, entretanto,
Que o amor que tenho
Seja breve, de tanto empenho.

Se o deixo livre, ele voa.
Se o deixo preso, ele esmorece.
Tento encontrar um ponto,
Entre o voo e o restrito,
Para que o amor que tenho
Seja solto, ou feneça!

Encontro o ponto, enfim!
Cuido feito tesouro,
Dou-lhe asas, e a certeza
De que ficando, será amor
Sem amarras, duradouro.

Ao meu amado!

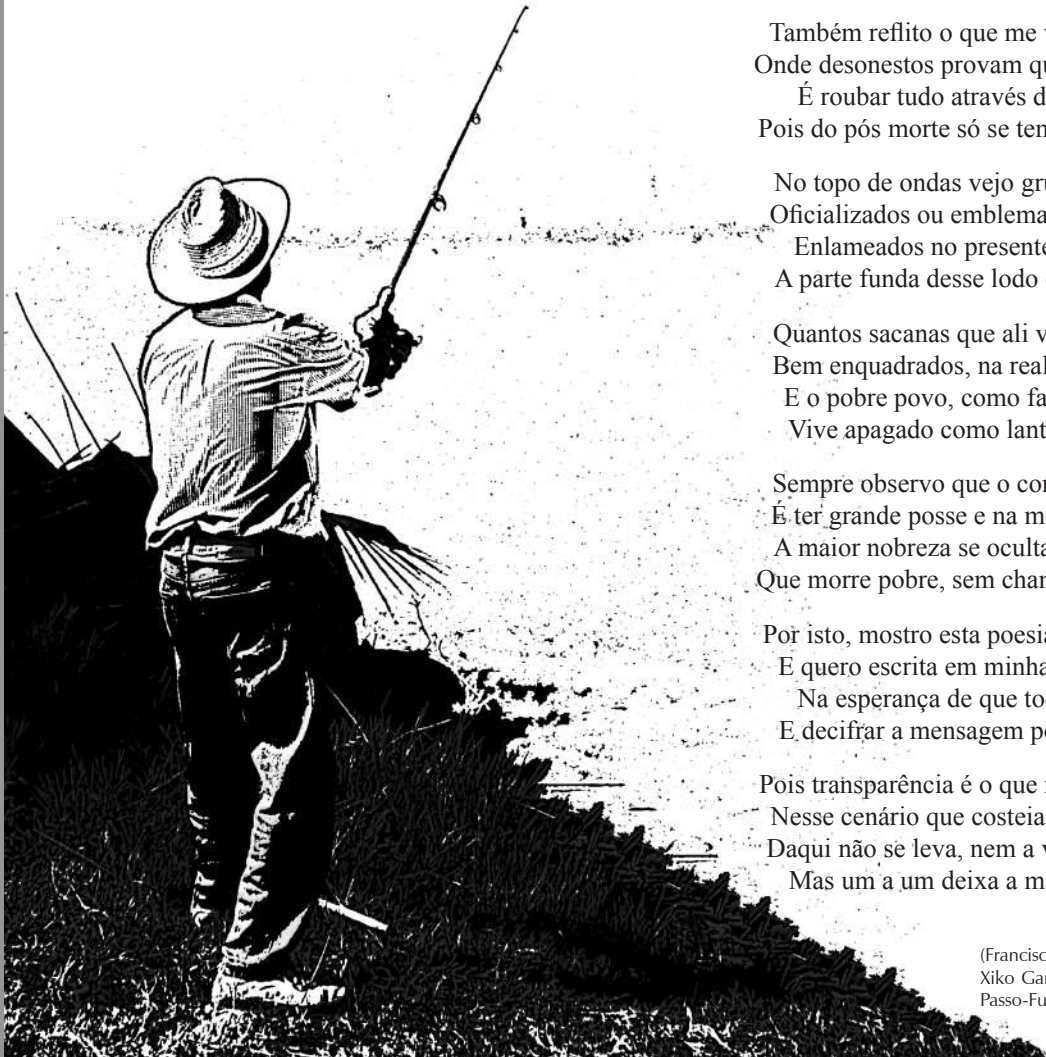
Há muitos anos vivemos
Um amor que reputo lindo,
Por conter, em sua essência,
Verdade, amor e carinho.
Nunca misturamos o que é de um,
Para confundir o que é de outro,
Pois acreditamos que, sendo inteiros,
Mais chance temos de conseguir uma riqueza,
Que a sós, dificilmente conseguiríamos.
Tu és uma pessoa completa,
Eu também sou, embora não prontos,
Que esperam que o tempo ajude
A encontrar uma síntese,
De duas verdades unidas,
Por um amor que respeita
O que pensa um, o que pensa o outro,
A fim de que, sem amalgamar,
Apenas deixando conviver,
As verdades de um, as verdades do outro,
Consigam abarcar a felicidade de um
E a felicidade do outro,
Para coroarem uma vida que de tanto amor,
Conseguiu respeitar o que, é de um
E o que é do outro.

*O*bservando o que vejo neste nosso amado Brasil, principalmente no que se refere à corrupção, tem horas que quase, ou até, entro em depressão. Nada muda, ou melhor, muda sim para pior e não querendo explicar uma poesia com outra, me é oportuno pontuar parte da letra de uma música de minha autoria que me deu o título de campeão gaúcho em 96 na cidade de Bento Gonçalves/RS, a qual tem por título: "Peixes do Rio da Vida". *Aí vai o que digo:*

Às vezes fico lembrando
Do meu tempo de guri,
Quando pescava na sanga:
Jundiá, cará e lambari.

Pois continuei pescando,
Nos anos que já vivi.
Hoje tenho certa idade
E o dobro já entendi.

NO ENXERGAR COISAS E COISAS,
PESQUEI O QUE NÃO PEDI,
QUE AINDA NÃO SEI PESCAR
O QUE PESCAM POR AÍ....



A última morada

Tem certas coisas que dinheiro nenhum compra,
Ninguém inventa e não existe no mercado.
Quem não recorda o carinho de mãe e pai
Enquanto vivem junto à gente, e lado a lado?

Casos passados muitas vezes com agrura,
Sem estrutura nem mesmo planejamento,
Tudo na vida que é irrigado com ternura,
Abre fissura, se não cai no esquecimento.

Por muitos mares de aventuras naveguei
Sempre voltei ao porto do sentimento,
Ali se dava o encontro com irmãos,
Pra ver dois velhos cheios de contentamento.

Eles se foram, nos deixando um legado.
Como memória vale mais que documento:
Que a vida é linda se pintada de valores,
E se ,na vitória, tem cores de sofrimento.

Hoje o que resta é quando vou ao cemitério,
Revejo a história em duas fotos desbotadas.
Ali eu sinto que também já sou um idoso
Que segue vendo jogo de cartas marcadas.

Também reflito o que me vale ser honesto?
Onde desonestos provam que ter bom talento,
É roubar tudo através da menor fresta
Pois do pós morte só se tem questionamento.

No topo de ondas vejo grupos destacados,
Oficializados ou emblemados por famílias.
Enlameados no presente e no passado,
A parte funda desse lodo está em Brasília.

Quantos sacanas que ali vivem ancorados,
Bem enquadrados, na real são é quadrilha.
E o pobre povo, como farol dessa gente,
Vive apagado como lanterna sem pilha.

Sempre observo que o conceito de riqueza
É ter grande posse e na moeda comparada.
A maior nobreza se oculta em muita gente
Que morre pobre, sem chance de juntar nada.

Por isto, mostro esta poesia enquanto posso,
E quero escrita em minha última morada,
Na esperança de que todos saibam ler
E decifrar a mensagem por mim deixada.

Pois transparência é o que muito pouco vejo,
Nesse cenário que costeia a minha estrada.
Daqui não se leva, nem a vida que tivemos,
Mas um a um deixa a marca registrada.

(Francisco de Mello Garcia - o artista Xiko Garcia - é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Breve biografia de Pedro Corrêa Garcez, patrono da cadeira nº 13, da Academia Soledadense de Letras¹

PEDRO DE MORAES GARCEZ

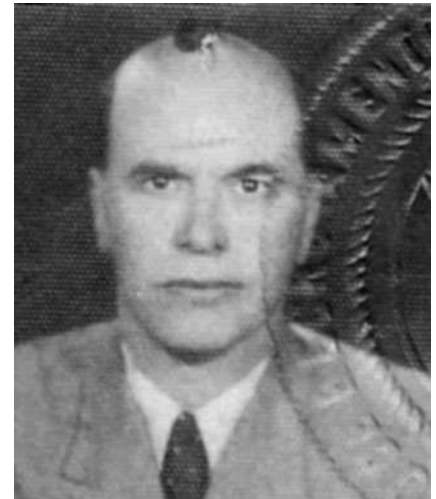
DOUGLAS DE MORAIS GARCEZ

ÉDSON DE MORAIS GARCEZ

Descendente dos primeiros colonizadores que ocuparam o atual Rio Grande do Sul, a partir de 1750, Pedro Corrêa Garcez nasceu em 26 de novembro de 1893, em São Martinho, então sexto distrito de Santa Maria, hoje município de São Martinho da Serra. Em decorrência da diáspora familiar que se seguiu ao esbulho das terras dos avós, mudou-se ainda criança, com seis irmãos e os pais, Marcos Dias Garcez e Maria Corrêa Dias, para as margens do rio Ivaí, no atual Município de Júlio de Castilhos, onde o pai foi barqueiro por alguns anos.

Muito jovem ainda, seguiu só para Cruz Alta, onde aprendeu o ofício de barbeiro. O jovem Pedro Corrêa Garcez chegou a Soledade antes de 1915. Nesse ano, casou-se com Amália Ferreira Dias, descendente dos fundadores do lugar, filha de D. Adelaide Dias Hilário e do então Delegado de Polícia, José Ferreira de Andrade. Ela era sobrinha do intendente municipal, Coronel Antônio João Ferreira, e neta de José Ferreira de Camargo, fiscal municipal de 1852 a 1879, tempos em que Soledade era distrito de Cruz Alta. Da união nasceram Acari, Iná, Maria do Carmo, Ena, Dora, José Carlos e Eni. Viúvo em 1957, casou-se em 1960 com Santina Vieira, e dessa união nasceu Dóris Maria. Faleceu em 13 de maio de 1963. Hoje seus descendentes se espalham pelo país, exercendo as mais diversas profissões.

Recém chegado a Soledade, no início da década de 1910, exerceu brevemente o ofício de barbeiro aprendido em Cruz Alta, mas logo iniciou estudos autodidatas em Direito. Mais adiante, prestou provas duas vezes por ano, em Passo Fundo e Porto Alegre, obtendo licença para advogar, o que passou a fazer regularmente, desde meados da década de



1920. Antes disso, muito pouco depois de sua chegada a Soledade, já fazia valer as capacidades de ler e escrever, no exercício de funções administrativas e de assessoria, junto a diversas instâncias da vida pública da cidade e do município, o que faria até o fim da vida. Foi guarda da Coletoria Estadual (1914-1919) e cobrador da Dívida Ativa do Estado (1919-1926) e do Município (1924-1925, 1938). Foi Secretário Geral interino (1922-1923) do Município, na gestão do Intendente Sebastião Schleninger Júnior, subdelegado de polícia (1925-1926). Nas últimas gestões de Intendências, antes da Revolução de 1930, foi membro e presidente do Conselho Municipal, instância equivalente às atuais Câmaras de Vereadores, e chefe do serviço da Intendência de Guerra, das Forças Revolucionárias (1930).

Logo a seguir, foi Secretário Geral do Município (1931-1932), posto que ocupou novamente, nas gestões dos prefeitos eleitos, Osvaldo Vieira (1955-1959) e João Chaves Campello (1959-1963).

Militou na cena política desde a década de 1920, como membro do Partido Republicano Castilhistas, em cujo Álbum Ilustrado (1934) aparece retratado na mesma página em que consta a biografia do concunhado, Agenor Chaise. Em um dos episódios mais conturbados da

história política brasileira, vivido em Soledade, foi protagonista dos incidentes em torno da Revolução Constitucionalista, de 1932. Fiel ao anúncio inicial de apoio do interventor Flores da Cunha à Frente Única Rio-Grandense, atendeu à nomeação como Tenente Coronel, para liderar o 44º Corpo Auxiliar, que agiria em conjunto com o outro batalhão provisório, criado em Soledade, sob a liderança de Cândido Carneiro Júnior. Após iniciada a ação e ficando claro o blefe do Interventor, os dois corpos foram rechaçados, na assim chamada Batalha do Fão, quando Pedro Corrêa Garcez foi detido e levado ao presídio de Cruz Alta, situação que mais tarde se reverteu. Em 1935, foi nomeado membro da subcomissão diretora do Partido Republicano Liberal em Soledade. Mais tarde, filiou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro, tendo servido como secretário-geral do diretório municipal do PTB, na década de 1950.

Como advogado atuante na região de Soledade, desde os anos 1920, fez-se membro da Ordem dos Advogados do Brasil e estabeleceu-se com escritório próprio. Para agilizar trâmites junto às instâncias jurídicas, em Porto Alegre, manteve correspondência profissional regular com Tarso Dutra, que advogava na Capital antes, de tornar-se Senador da

República e Ministro de Estado.

Realizou inúmeros inventários e intermediou questões judiciais, tanto de particulares como de entidades públicas e privadas, redigindo e elaborando estatutos, inclusive da primeira Lei Orgânica do município de Soledade. Teve também atuação destacada no estabelecimento de instituições da sociedade civil soledadense.

Entre outras atividades, foi cofundador do Clube Comercial, da Loja Maçônica “Liberdade e Progresso”, dos Centros Espíritas “Dias da Luz” (1925) e “Luz e Caridade” (1942), da União Operária Soledadense (1947), bem como da primeira Cooperativa de Consumo dos municipais de Soledade.

Atuou também como jornalista, tendo sido diretor de alguns dos primeiros órgãos de imprensa de Soledade, entre eles o jornal, “A Pátria”, que circulou em 149 edições entre 1922 e 1925. Em fases posteriores desse periódico local (1931, 1934), foi também redator e diretor. Em “A Pátria” também fez pu-

blicar, ocasionalmente poemas e ensaios próprios e de outros autores. Foi ainda correspondente, em Soledade, dos jornais A Federação (órgão do Partido Republicano Rio-Grandense), A Noite (Rio de Janeiro), O Nacional (Passo Fundo) e Diário da Manhã (Passo Fundo).

Em mais de uma ocasião, foi chamado para contribuir com a memória do Município de Soledade. Para tanto, realizou pesquisa histórica sobre a ocupação da região, tendo produzido uma monografia, que foi talvez a primeira peça historiográfica acerca da formação e desenvolvimento de Soledade, de que se valeu o historiador Sérgio da Costa Franco, em sua obra de referência: Soledade na História.

Como funcionário público, advogado, jornalista e político, Pedro Corrêa Garcez foi um legítimo homem de letras, que participou intensamente da vida pública e privada de Soledade, em boa parte do século 20, sendo, portanto, justo e digno patrono das letras soledadenses, no século 21.

ADENDO:

Por ODILON GARCEZ AYRES

Na qualidade de um dos guardiões da história familiar, me apraz trazer ao conhecimento dos leitores da Revista Água da Fonte, da APL, como dizia meu avô, Pacífico Dias Garcez, que o nosso “contra-parente” PEDRO CORRÊA GARCEZ, filho de Marcos Dias Garcez, irmão do meu bisavô Cypriano Dias Garcez, ambos filhos de nosso ancestral comum, Pacífico Dias de Menezes e de Benta Garcez de Moraes, lá das bandas do Pau Fincado, Santa Maria e São Martinho da Serra, é com muita justiça um dos Patronos da nossa afilhada, Academia Soledadense de Letras.

Nota

1 - Redigida em abril de 2010, por Pedro de Moraes Garcez, em colaboração com Douglas de Moraes Garcez e Édson de Moraes Garcez, a partir de apontamentos de memória, de Ena Garcez Giovanoni, feitos por Marilda Giovanoni Sartori, confirmados e revisados com base em documentos pessoais do biografado e obras de referência.

Fontes: Dr. Pedro Moraes Garcez e Odilon Garcez Ayres.

Feridas na alma

DINAIR FERNANDES PIRES

Impossível viver sem feridas. Um desajeito, um movimento brusco, um obstáculo não percebido, um choque repentino, uma queda, um atrito, uma picada, um raspão... E lá está o início de uma ferida. Às vezes se percebe logo, pois desconforto e mal-estar a acompanham; outras vezes há quase uma negação, e o foco passa a ser outro, até que a dor se instala.

Podemos centrar nossa atenção e cuidado inteiramente nelas, num estágio, protegendo-as, para que nada nem ninguém se aproxime, mesmo que a intenção seja curá-las; noutro, negando a sua existência e até escondendo-as, em invólucros das mais diversas formas.

Como as feridas do corpo, de modo invisível e muito mais profundo, se acumulam as feridas da alma. Vão elas se instalando em pontos diversificados, ou se sobrepondo

para assegurar privacidade. Quanto menos se “cutuca”, menor o sangramento. A “casca” vai enrijecendo e muitas vezes se tem a ilusão de cura. Melhor não mexer, cobrir para não ver, ou acalmar com qualquer sedativo.

Processo árduo é descobri-las, permitir que a “casca” se quebre, tratar o que se esconde embaixo, enfrentar o sangramento e optar pela cicatrização. Exige muita energia, clareza, decisão pessoal, solidariedade, compaixão e, certamente, uma grande dose de intervenção divina. Disciplina e perseverança também, pois, quando a dor se abranda, há o desleixo na vigilância e, de repente, não mais que de repente, ela ressurgiu e novamente nos imobiliza; a descrença ronda e parece enrodilhar-se na penumbra, sem movimentos! É a solução!

(Dinair Fernandes Pires é professora, de Passo Fundo/RS.)



Um domingo antártico

Nasceu taciturno o dia,
com cara de baderneiro,
entre o vento e a bruma fria.

Nem mesmo a bela gaivota
ousava sair da grota,
com medo do que viria.

Os blocos de gelo eterno,
comemoravam o inverno,
no bufar da maresia.

E a neve cobria de branco,
as águas como as espumas,
os cerros como os barrancos.

O gingado das baleias,
as soberanas do mar,
só vendo para apreciar!

Atrás da montanha esguia,
que lhe dava proteção,
agastado, o sol sumia.

Até os lobos marinhos
se apumavam para olhar
os encantos do lugar.

Da rocha negro-nanquim,
fulgia um alvo algodão,
enfeitando o paredão.

Ninguém fica indiferente
a tão agreste beleza,
logo ali, à sua frente.

Mas o dia se destempera,
raivoso qual uma fera,
enferruscado e rufião.

E tudo então se transforma:
o riso, a festa, o passeio,
dando lugar ao receio...

Uma história até medonha,
a puxar promessa e reza,
na rude manhã tristonha.

Quando o zéfiro encrespou,
erguendo o bravo topete,
o brio se escondeu no brete.

A marola e a marolinha
viraram ondas gigantes,
provocando frio na espinha.

E o navio saltava inquieto,
na água que virou gelo,
traíçoeiro e desafeto.

Logo adiante espiava a foca,
preguiçosa como sempre,
no aconchego de sua toca.

Os pinguins e os albatrozes
cortavam o ar pesado,
entre andorinhas velozes.

Soberbas no trono esguio,
as pedras do paredão
nem ligavam pro tufão.

O próprio leque do vento
se agitava nas janelas,
ansioso de entrar por elas.

Contra o furor dogmático
do tempo devastador,
só a invocação do Senhor.

Os humanos percorrem mares,
levados pelo exotismo
dessas visões singulares.

E o Santo espreitava a dança
do vagalhão iracundo,
contra o homem e seu mundo.

Com ele estava sua Helena,
disposta a espalhar seus versos,
lá nos confins do Universo.

Pois a magia do planeta
só é possível sentir,
ao vê-lo chorar e rir.

Foi por isso que voaram
lá pros confins da Terra,
onde o exotismo impera.

Há tanto fulgor no orbe,
tanto céu e tanto mar,
que é impossível narrar!

Ao voltar para o torrão,
lembranças e afetos muitos
trouxeram no coração...

Glória a Deus e à natureza!
Tão ricos nos seus encantos!
Tão fortes na sua grandeza!



O vínculo entre a natureza e o homem

SANTO CLAUDINO VERZELETI

No instante em que o homem foi criado, foi-lhe concedido, antes de qualquer outra qualidade, o dom do espírito, a fim de que pudesse guiar seus passos livremente, bem como fazer suas escolhas.

No início dos tempos, as forças da natureza viviam em ebulição. E somente pela prerrogativa da evolução, o espírito se purificou, aperfeiçoando o ente humano.

Foi também a evolução que ocasionou o distanciamento entre o bem e o mal. A razão prevaleceu e o homem começou não apenas a pensar, mas igualmente a criar imagens e sonhos. Tornou-se, dessa forma, capaz de reconhecer a injúria, a maldição, a praga, a raiva, e de usá-las como forma de libertação, embora, em seu princípio, o homem fosse um pobre terráqueo, produto da terra ou da natureza, que um dia o tomará de volta.

Se ele produzir bons frutos, estes deverão povoar o mundo. Da mesma forma, será nefasta a produção dos maus.

O prêmio às boas ações há de ser o registro no livro dos justos, bem como a lembrança futura pelos sucessores. Entretanto, revelando-se a vida uma constante cobrança por parte da sociedade, será necessária uma admirável capacidade de exercer o bem, a fim de corresponder a essa expectativa.

De outro lado, sendo a natureza sábia, pois que tudo dá e tudo tira, conforme o comportamento humano, ela não tardará a exercer sua vingança, se houver, da parte das criaturas terrenas, desleixo ou ignorância acerca do meio em que vivem. E sabe-se que, pelo mau uso do meio, a natureza produzirá fogo, vendavais e catástrofes, que poderão levar à sucumbência todos os seres existentes, animados e inanimados.

Portanto, antes de ficarmos admirando o céu e suspirando por ele, é melhor que contemplemos a terra e aprendamos

a nos integrar com sua essência. Como produtos do meio, somos parte dela e, infalivelmente, a ela retornaremos. Só o espírito haverá de libertar-se, quando a massa corporal se extinguir.

Há mais de trinta mil anos o ser pensante já sentia necessidade de criar rituais, com a finalidade de comunicar-se com os espíritos. No homem primitivo, era uma necessidade vital. As figuras pintadas em cavernas, que existem pelo mundo afora, provam que ele, a fim de concretizar seus sonhos e satisfazer



seus instintos, inventava outros seres à sua semelhança. Em circunstâncias adversas, chamava os espíritos do mal para tirá-lo da encrenca. E nas situações favoráveis, invocava os espíritos do bem, a fim de receber proteção.

Em ambos os casos, a invocação se dirigia aos deuses, e a comunicação se dava de diversas formas, que iam desde o uso de drogas alucinógenas até a reflexão e a prece.

Em qualquer das situações, todo meio disponível era válido, desde que o ego resultasse satisfeito.

É crença secular também que todo homem é um Xamã, isto é, um indivíduo dotado de poderes sobrenaturais, capaz de ter visões fantásticas e relacionar-se com as divindades que reverencia. E é na natureza que ele busca os meios

apropriados para atingir o transe.

Da mesma forma, o ente humano acredita no poder que possuem os vegetais, de fazer seu cérebro viajar por dimensões desconhecidas.

Segundo inúmeros relatos, há plantas dotadas de forças sobrenaturais, que curam não só os males físicos, mas igualmente os espirituais. Basta fazer uso de certas ervas, para confirmar seu poder de operar milagres, propiciar voos mágicos e viagens interplanetárias, bem como de transportar o indivíduo para além de seu corpo e do mundo palpável.

Os primeiros habitantes do planeta demonstravam arraigada predileção ao culto do espírito. Sua imaginação fértil, quase sempre estimulada por ervas e plantas milagrosas, aguçava-lhes o pensamento. O intuito de apaziguar os espíritos os induzia a se tornarem pajés ou xamãs, e a se utilizarem do transe para a interlocução com os mortos.

No passado, a comunicação entre os indivíduos, com o fim de proporcionar apaziguamento do espírito, acontecia de forma mais próxima e direta. E os induzia a se sentirem mais seguros, mais fortes e mais protegidos.

Desde que desceram da árvore, os humanos sentiram necessidade de se relacionarem com seus semelhantes e também com os espíritos. Isso fez com que seu cérebro em evolução desenvolvesse imagens mentais, criando figuras do desconhecido. Enquanto viviam em grupo, satisfaziam-se com essa convivência, uma vez que a vida em sociedade representava uma necessidade não só individual, mas também coletiva.

Atualmente, apesar de todos os meios de comunicação disponíveis, os seres humanos se mantêm distantes uns dos outros, e não raro até ignoram os que lhe são familiares.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi.)

Selma Costamilan: professora, ativista social e historiadora

(FOTOS: ARQUIVO SELMA COSTAMILAN)

D acadêmica Selma Costamilan nasceu em Montenegro, no dia 1º de setembro de 1926. Era uma cidade pequena e seus pais, Sebastião Gandini e Ana Zanatta Gandini, tinham uma fábrica de queijo. Como aconteceu com a maioria das famílias de origem italiana, mudaram-se para “terras novas”, mais precisamente, para Tapejara. E os Gandini também trocaram de atividade. Passaram a trabalhar com um engenho de madeiras. Engenho de madeiras ou serraria era o nome que se dava à empresa onde as toras de madeiras nativas, especialmente a araucária, eram transformadas em tábuas e pranchões.

O engenho de madeiras, montado por Sebastião Gandini era em sociedade com o pai do futuro vereador, deputado e Secretário de Estado, Augusto Trein.

Selma, que sempre demonstrou um vivo interesse pelos estudos, fez os cursos primário e ginásial em Tapejara, e o curso Normal em Vacaria.

Em 1947 casou, em Tapejara, com Iedo Costamilan, de cujo casamento nasceram quatro filhos, que lhes deram sete netos e quatro bisnetos. Depois de casada, transferiu residência para Passo Fundo, onde se formou em Pedagogia. Aqui lecionou em diversas escolas estaduais: Lucille Fragoso de Albuquerque, Antonino Xavier e Oliveira e Nicolau de Araújo Vergueiro. Sempre preocupada com as questões sociais, quando lecionava na Escola Estadual Antonino Xavier e Oliveira, organizou o Coral Padre Jacques, com meninos e meninas daquela comunidade. A Vila Luiza era uma das mais pobres da cidade.

O Coral Padre Jacques contribuiu para aumentar e firmar a autoestima de muitas crianças daquela época. Entre os integrantes do Coral, contam-se hoje médicos, advogados, professores universitários e destacados políticos.

Outro trabalho comunitário, desenvolvido por Selma Costamilan, foi a assistência prestada a presidiários e suas famílias. Esse trabalho repercutia em toda a sociedade, tanto assim que,



Selma Costamilan (E) entregando relatório sobre as Brizolinhas (Escolas de Expansão Educacional do Interior)



Coral Padre Jacques (1973)

depois de se aposentar em 1983, além de continuar exercendo essas atividades eminentemente comunitárias, foi convidada para dirigir a FEBEM – Fundação do Bem-Estar do Menor –, em Passo Fundo. Seu labor nessa função é lembrado até hoje, especialmente pelas mães que tiveram seus filhos assistidos nas creches mantidas sob sua coordenação.

Concomitantemente, com suas ati-

vidades de educadora e ativista social, Selma Costamilan sempre se mostrou interessada em preservar a memória histórica e cultural de Passo Fundo. Assim é que produziu duas obras importantes sobre a história local. São os livros: Passo Fundo Nome Próprio Feminino, em coautoria com Geraldo Cogrossi Silva, em 2001; e César Santos: a trajetória de um pioneiro, em 2005.

A maior obra de resgate histórico e cultural ela escreveu no ano de 1968. Tem o título de “Campanha Conhecimento de valores de Passo Fundo” e permanece inédita até hoje. Trata-se de dois volumes, devidamente encadernados, no formato X x Y. O primeiro deles tem 94 páginas e o segundo 77.

“Campanha e Conhecimento de valores de Passo Fundo” é um conjunto de biografias de personalidades de destaque na vida passo-fundense naquele já longínquo ano de 1968. Entre os biografados encontram-se políticos, militares, profissionais liberais. Todas eram pessoas de destaque nos mais variados setores da vida passo-fundense da época, sendo que muitos deles colaboravam com a Escola Estadual Antonino Xavier e Oliveira.

Quarenta e três anos depois, a acadêmica Selma Costamilan relembra o trabalho duro que custou coletar os dados e organizar os álbuns. Foram muitas caminhadas pelas ruas da cidade, ao encontro dos biografados. “Àquela época a gente caminhava quilômetros a pé. Eu tinha muito entusiasmo e vigor. E me sentia muito bem, fazendo esse trabalho”.

A pesquisadora Selma Costamilan recorda que sofreu perseguições por causa da obra. “Os álbuns foram expostos durante a realização de uma EFRICA. O pessoal da ARENA [Aliança Renovadora Nacional, partido que apoiava o regime militar instaurado em 1º de abril de 1964, Nota do Redator] daquele tempo, ficou indignado porque eu biografei o Dr. César Santos, que era candidato a prefeito. O mais interessante é que eu



Clarice (E), Dartagnan, Tamara, Selma, Ben-Hur e Arquimedes



Mães auxiliares dos lares vicinais e transitórios da FEBEM

não falei nessa candidatura, eu disse que ele era candidato a mudar-se para o Japão para estudar o câncer. Eles retiraram os álbuns e levaram para a Escola. Ali o livro sofreu alguns danos, com a retirada de fotografias. Por isso é que, anos depois, resolvi escrever a biografia do Dr. César Santos”.

“Campanha Conhecimento de valo-

res de Passo Fundo”, quando publicado constituir-se-á numa fonte única de pesquisa, para tantos quantos queiram conhecer as personalidades mais representativas de Passo Fundo, no período que vai de 1960 a 1980. E norteará estudos que se venha a fazer sobre aquelas duas décadas. (PAULO MONTEIRO)

Poesia

GETULIO VARGAS ZAUZA

Onde está o Templo sagrado?

Peregrinei tanto até ficar cansado.
Andei por muitas bandas, bati em muitas portas,
buscando o Templo verdadeiramente consagrado,
mas lá só encontrei homens proferindo palavras mortas.

Vi homens e mulheres escutando, absortos,
palavras que há século perderam o original sentido.
Contemplando-os parecia serem mortos
postados diante de um pregador fingido.

Palavras belas, se expressassem o sentido verdadeiro,
revelariam o sublime e o divino,
dariam a necessária força para a busca do supremo.

Mas proferidas por quem mais parece um trapaceiro,
confundem a alma e a desviam do seu destino,
Em vez de bálsamo sanante, são veneno.

(Getulio Vargas Zauza é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Altos rendimentos, da calagem à nanotecnologia

ELMAR LUIZ FLOSS

A agricultura, no sul do Brasil, experimentou grandes mudanças nos últimos 50 anos, especialmente quanto ao aumento no rendimento das culturas, e à melhoria da qualidade do grão colhido. Usando o Rio Grande do Sul para exemplificar, ao comparar-se as safras 1977/78 com 2010/11, houve um aumento no rendimento médio, para a soja, de 1.246 kg/ha para 2845 kg/ha (+ 228%); para o trigo, de 453 kg/ha para 2490 kg/ha (+550%); para o milho, de 1320 kg/ha para 5.255 kg/ha (+ 398%); para a aveia-branca, de 837 kg/ha para 2300 kg/ha (+275%); para o arroz, de 3719 kg/ha para 7600 kg/ha (+ 204%) e para o feijão, de 671 kg/ha para 1341 kg/ha (+199%). Graças ao desenvolvimento de tecnologias e sua difusão, mas especialmente, pela adoção das mesmas pelos produtores, tivemos aumentos crescentes no rendimento. É o resultado da interação dos fatores genéticos, ambientais, de manejo e fisiológicos. Mesmo quando estamos passando por uma grave estiagem, temos que reconhecer que as condições climáticas apresentam instabilidade histórica. Então, o aumento do rendimento deve-se às diferentes “revoluções tecnológicas”, como a calagem, o melhoramento ge-

nético, a implementação do sistema de plantio direto, o controle mais eficiente de plantas daninhas, pragas e moléstias, a introdução de cultivares transgênicos (biotecnologia na agricultura) e, atualmente, a era da agricultura de precisão, com significativa participação da nanotecnologia.

A primeira grande “revolução” iniciou em meados da década de 60, quando, através da calagem, os solos ácidos, com excesso de alumínio e baixa disponibilidade de nutrientes, foram transformados em solos altamente produtivos. A calagem reduz a disponibilidade de elementos tóxicos no solo (alumínio e manganês), e aumenta a disponibilidade de vários nutrientes (nitrogênio, fósforo, cálcio, magnésio, enxofre, molibdênio, dentre outros). A calagem, além de uma melhor nutrição das culturas, estimula um maior desenvolvimento do sistema radicular. E, quanto maior o volume de raízes em contato com o volume de solo, maior é a eficiência na nutrição das culturas.

Através do melhoramento genético, foram desenvolvidos cultivares com potencial de rendimento cada vez mais elevado, bem como a melhoria da qualidade dos grãos. Houve mudanças significativas na redução do ciclo dos cultivares e na redução da estatura de plantas, prevenindo o acamamento, e tornando-as mais responsivas à aduba-

ção. Outro aspecto importante é uma melhor adaptabilidade dos cultivares aos diferentes ambientes, a fim de permitir a expressão desse potencial genético. Na cultura do milho, foi significativo o aumento do potencial de rendimento, a partir do desenvolvimento de híbridos.

A implementação do sistema plantio direto (SPD), a partir da década de 70-80, foi decisivo na redução drástica da erosão do solo, e na melhoria das propriedades físicas, químicas e biológicas do solo. Melhorou assim a qualidade das águas, reduziu-se a necessidade de máquinas/equipamentos/mão-de-obra, e favoreceu a economia do diesel, das graxas e dos lubrificantes. Pesquisas realizadas demonstraram que as mobilizações do solo (aração profunda, grade de destorroamento, grade de nivelamento, semeadura, gradilha, capinadeira dirigida) provocavam uma perda de até 150 t de solo fértil por ano, representando, além da perda da camada superficial do solo, a mais fértil, onde se concentram o calcário, os nutrientes e a matéria orgânica, também o assoreamento de rios, açudes, barragens e estradas. Mas não somente o produtor rural ganhou com isso, uma vez que o Sistema Plantio Direto contribui muito com a redução do efeito-estufa.

Entretanto, grandes perdas de rendimento ainda ocorriam devido a pragas

(especialmente lagartas, pulgões, percevejos), moléstias e plantas daninhas. O controle de lagartas e percevejos em soja, necessitava de até 6 aplicações, com inseticidas altamente tóxicos, principalmente por estarem na forma de pó. Eram aplicados até 20-25 kg de inseticida por ha, enquanto que hoje esse controle é realizado com maior eficiência, menor contaminação ambiental e humana, usando aproximadamente 100-150 mL/ha. No controle de plantas daninhas para a soja, passamos da aplicação de até 5 produtos sequenciais, para apenas um produto, graças à utilização quase total dos cultivares transgênicos. Também houve uma eficiência significativa no controle de moléstias, integrando a resistência genética, o manejo e a utilização de fungicidas mais eficazes.

Na cultura da soja, a introdução de cultivares transgênicos representou uma das contribuições mais efetivas da biotecnologia, na produção vegetal. Certamente, não há registro, na história da agricultura, de uma adoção tão rápida e eficiente de uma nova tecnologia, como a transgênese. Grandes novidades virão num futuro próximo, quando os produtores terão à disposição cultivares com vários eventos transferidos, aliando altos potenciais de rendimento, qualidade de grãos, resistência a pragas e doenças, bem como tolerância a estresses abióticos, e especialmente, maior tolerância à deficiência hídrica.

Agora vivemos a fase da agricultura de precisão, a nanotecnologia na agricultura. Não se trata apenas da utilização de GPS em máquinas e equipamentos agrícolas, mas também da conjugação dos maiores avanços da informática, da engenharia mecânica e eletrônica, da comunicação, da biologia molecular, da fisiologia vegetal e da nutrição de plantas, proporcionando as condições mais adequadas ao melhor desenvolvimento das culturas, fazendo-o de forma rentável e sustentável.

Portanto, a continuidade, de crescentes rendimentos, será obtida pela interação de todos os fatores envolvidos, e não somente por fatores isolados. Pouco adianta ter um GPS e deixar de fazer coisas simples, que são fundamentais no manejo das culturas.

(Elmar Luiz Floss é Engenheiro-Agrônomo, Licenciado em Ciências, Dr. em Agronomia, Professor, Comunicador, Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e Consultor em Agronegócios - Instituto Inicia: www.inicia.com.br.)

Aforismos

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Há dois eventos pontuais que despertam o sono para uma profunda insônia: a extrema ventura e a extrema desventura.

Divina mágica da chuva, que desata a algazarra das fontes e o sorriso das espigas!

O processo de catarse se resume em remover o laço da crosta, extirpar os tumores, recondicionar os sentimentos, espremer o sumo da purificação.

As quedas estão para a existência humana como as reticências para o texto.

Quando nos debruçamos sobre o trapiche do passado, a fim de resgatar nossas lembranças, as saudades vêm à tona, irrequietas como os lambaris que golpeiam a espuma.

A ingratidão devasta igual às pragas. E, para abortar o seu ataque, basta enfiá-la numa estaca e fazer dela um espantalho.

Alvorece... E a alma da terra se levanta, para o amanhã das esmeraldas e dos mananciais.

Perdi a conta de quantos pregos arranquei da estrada e de quantas sementes enfié na terra...

Parentesco com o coisa-ruim têm todos aqueles aloprados que pisoteiam os brotos, mancham as ruas da cidade, infligem bordoadas aos cães, dilaceram as vísceras do rio...

Diante do infortúnio, nossa percepção se aguça e amolda aos detalhes, pois é no desconforto que a perspicácia abre fendas e vislumbra caminhos.

(Do livro : Fulgores, dores e amores)

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O “Ponto Zero” de Passo Fundo

PAULO MONTEIRO

Transcrevo, a seguir, na íntegra, o ofício que encaminhei ao secretário municipal de Planejamento, Giovani Corralo, emitindo parecer sobre o “Ponto Zero”, de Passo Fundo, qual seja o local em que, definitivamente, se fixou o primeiro morador da área urbana, Manoel José das Neves. Ei-lo:

Passo Fundo, 27 de agosto de 2007.

Ilmo. Sr. Dr.
Giovani Corralo
D. Secretário Municipal de
Planejamento
Nesta cidade

Senhor Secretário:

Em atenção ao Ofício nº 217/07-SE-PAN, respondo-lhe, começando por elogiar a proposição, altamente meritória, do vereador Valdir Mendes, ex-presidente da Casa Legislativa, e um dos seus mais ilustres integrantes.

A colocação de um marco, fixando o ponto onde surgiu a cidade de Passo Fundo assume foros de homenagem a uma das nossas mais ilustres educadoras, a historiadora Delma Rosendo Ghem. Num dos seus livros, dedicados a preservar a memória de nossa terra, pregou a colocação de um MARCO indicando a localização da casa de Manoel José das Neves.

O vanguardieira dedicação ao estudo e à definição do ponto onde se fixou nosso primeiro morador, Manoel José das Neves, foi o historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira. Em artigo publicado no jornal “O Nacional”, de 26 de setembro de 1931, aproveitado mais tarde no livro *O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo*, impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial, em Porto Alegre, no ano de 1957, assim se expressa o “pai da história de Passo Fundo”:

“Iniciado, em 1827, o povoamento do território passo-fundense pela gente civilizada, nesse mesmo ano, ou no seguinte, chegava ele, trazendo família, escravos e gados, o, depois capitão Manuel José das Neves, tratamento



que, como deixei dito noutra trabalho, lhe proviera de, com essa graduação, ter servido na então recente campanha militar em que se travara o combate do Rosário.

Ergueu ele o seu arranchamento no lugar ond, hoje, na Praça Tamandaré, nesta cidade, se cruzam as ruas Paisandu e Teixeira Soares, tomando posse do campo circunjacente, do Pinheiro Torto para leste, que obtivera por concessão, sem dúvida, do comandante da Fronteira de São Borja, pois era então autoridade para isso competente.”

Antonino, nascido em 1876, conheceu muitos pioneiros, seus filhos e netos, como ele próprio descendia de nossos colonizadores. Ouviu de Pantaleão Ferreira Prestes, neto de Manoel José das Neves, informações sobre o local onde o primeiro proprietário de nossa área urbana fixou residência. Concluiu, pois, que foi na parte fronteira à atual Praça Tamandaré, Rua Paisandu, esquina com a Teixeira Soares.

O vereador Valdir Mendes, no seu Projeto de Lei assim legisla:

Artigo 1º – Fica instituído como Marco Zero da ocupação oficial de Passo Fundo, como sendo o ponto localizado na esquina das Ruas 10 de Abril e Paissandu.

Segue, salvo melhor juízo, o que, ao fala do “arranchamento” do Cabo Neves a historiadora Delma Rosendo Ghem escreveu, à página 47, de Passo Fundo

Através do Tempo, 3º volume:

“A tradição dá como sua primeira morada um grande rancho de madeira falquejada, com uma cobertura de capim, tendo ao redor vários outros, menores, para habitação dos escravos”.

Ficavam esses arranchamentos mais ou menos no local onde se abria, mais tarde, a rua Lavapés, junto ao arroio do mesmo nome. Depois, construiria morada mais condigna, junto ao local da futura Praça Tamandaré com a Teixeira Soares”.

A historiadora, porém, não afirma de onde recolheu a “tradição”, o que não é significativo, uma vez que é sobejamente conhecida a idoneidade da educadora.

Portanto, chegando de São Borja, acompanhado de uma comitiva de parentes e escravos, Manoel José das Neves teria se estabelecido próximo do Arroio Lava-Pês. Assim que foi possível, mudou-se para local mais alto, mais seco e ventilado, como lindeiro a atual Praça Tamandaré.

Antonino afirma que a moradia definitiva de nosso primeiro morador foi de um lado da Rua Paissandu. Delma assegura que era do outro.

Vejamos o que escreveu Delma sobre o assunto, conforme se expressa à página 13, do primeiro volume de *Passo Fundo Através do Tempo*, editado em 1978:

“Em 1827, o cabo Manuel José das Neves fundou a Fazenda N. S. Aparecida, no local onde se ergue a cidade

de Passo Fundo, levantando um rancho provisório no Lavapés e, em seguida, no confronto da atual Praça Tamandaré, cruzamento das ruas Paissandu e Teixeira Soares. Suas terras eram dilatadas: desde o rio Passo Fundo até o Pinheiro Torto.”

A mesma historiadora, no segundo volume de *Passo Fundo Através do Tempo*, dado a lume no ano de 1982, historiando a chegada de nosso primeiro morador do perímetro urbano, assim se expressa, à página 173:

“Foi mais ou menos em fins de 1827 ou começo de 1828 que aqui em terras do então Passo Fundo das Missões, o paulista Manoel das Neves, alcunhado “Cabo Neves”, levantara sua rústica moradia, como primeiro possuidor do campo em cuja área assenta hoje a cidade nossa”.

Logo adiante acrescenta:

“Quando aqui fixou residência, o local da moradia, segundo informações de fontes fidedignas, era na quadra entre a rua Paissandu com esquina na rua Teixeira Soares, local esse que hoje faz frente ao Edifício dos Bancários.

Outras informações há que também morara na mesma Paissandu, no local onde se encontra um velho sobrado (conhecido pelo nome de sobrado dos Padres) hoje nele funcionando atividades diversas.

Nos fundos dessa moradia, posteriormente, foi levantada uma outra que de quartel viera a servir na Revolução de 1835”.

Delma Rosendo Ghem escreve o seguinte, à página 174 do mesmo volume:

“Se a rigor não se pode precisar o histórico sítio (moradia do Capitão Manoel José das Neves), ao menos possível é circunscrevê-lo a um espaço que basta para a noção que necessita, para evocação do importante fato nele encerrado.

Resta agora um apelo: que o civismo da nossa gente moça, que o conhecimento dos Acadêmicos da nossa Universidade, que a boa vontade do Instituto Histórico de Passo Fundo, a quem deve pertencer a iniciativa, porque, assim, mais bela se tornaria, lá erga um MARCO comemorativo, escolhendo, para isso, o local que melhor se presta que é o citado cruzamento de ruas. Ele foi o “Fundador” de Passo Fundo”.

Delma Rosendo Ghem ensina, à página 45 do 3º volume de *Passo Fundo Através do Tempo*:

“O paulista Manoel José das Neves tornou-se o primeiro povoador e, mais

tarde, garantiu a fundação do povoado com a doação da área de terras que fosse para isso necessária, bem como uma área para a Mitra, afim de que o povoado tivesse sua Capela, sob a invocação de Nossa Senhora Aparecida.”

Mais adiante, às páginas 46 e 47, do mesmo volume, acrescenta:

“Graças aos serviços prestados à Pátria, teve despacho favorável num requerimento que fez, de uma gleba de quatro léguas quadradas, no Alto Uruguai, lugar da atual cidade de Passo Fundo, e cujo título definitivo lhe teria sido outorgado a 30 de novembro de 1831, como se vê no termo do Juizado de Paz, da Freguesia do Passo Fundo, de 24 de novembro de 1834, e constante no “Translado” a que nos referimos.

Aqui veio com sua mulher, Reginalda Silva, e mais membros de sua família, escravos e gado, e “fundou uma modesta fazenda pastoril e agrícola”. Não sabemos em que data veio a falecer, porém, numa ação movida em 1835, constante do mesmo “Translado”, só aparece o nome de sua mulher, presumindo-se que ele tenha falecido pouco antes.

Infelizmente, engana-se a inolvidável educadora. À época, Manoel José das Neves, como capitão do Exército Imperial, deveria estar combatendo os farroupilhas, como está comprovado em documentos daqueles anos que estão sendo publicados pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Quanto à localização da residência do Cabo Neves, há um outro detalhe. Ins-

crição antiga, hoje apagada, que existia no muro da casa que faz esquina, lado ímpar, da Rua Uruguai, com o “Beco da Marcelino Ramos”, informava que ali se situava a moradia definitiva de Manoel José das Neves. Tal inscrição não deixava de possuir certo sentido, pois o local dá diretamente à Fonte do Goiexim, que matou a sede dos primeiros moradores de Passo Fundo.

Em conclusão, senhor Secretário, é possível que, provisoriamente, Manoel José das Neves tenha construído um “arranchamento”, no local indicado na proposição do vereador Valdir Mendes. Apenas provisoriamente, porém. A residência definitiva de Manoel José das Neves, contudo, foi estabelecida, em algum local ao redor da atual Praça Tamandaré.

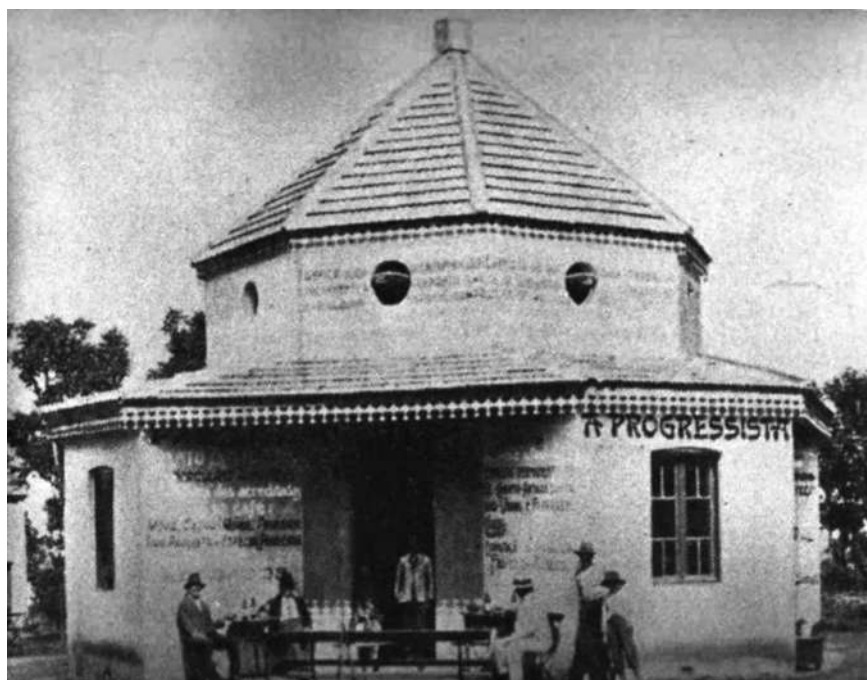
Considerando que o assunto é controverso quanto ao exato local, salvo melhor juízo, creio que a melhor solução é que o marco, proposto pelo vereador Valdir Mendes, seja fixado na Praça Tamandaré.

Para evitar qualquer imprecisão histórica, sugiro que, no “Marco Zero”, seja esclarecido que a residência definitiva de Manoel José das Neves foi edificada ao redor da Praça Tamandaré.

Sendo o que tinha para o momento, aproveito a oportunidade para renovar-lhe meus mais elevados protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Paulo Monteiro



Quiosque da Praça Tamandaré, 1928 (autor desconhecido)

Praça Cabo Neves ou Tamandaré: a reparação de uma injustiça secular

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Dá para entender os critérios adotados pelos primeiros governantes republicanos, para a denominação das ruas centrais de Passo Fundo. Se examinarmos o Ato n. 203, de 1913, no qual o intendente (prefeito) Pedro Lopes de Oliveira oficializou os nomes de nossas primitivas vias públicas, batizando-as ou rebatizando-as, verificaremos que se procurou lembrar: 1º) personagens e eventos da história local, como Fagundes dos Reis, Cap. Araújo, Mascarenhas, Diogo de Oliveira e Alferes Rodrigues, bem como as datas de 7 de Agosto e 10 de Abril; 2º) próceres e acontecimentos da Revolução Farroupilha, como o Gen. Neto, o Gen. Bento Gonçalves e a data de 20 de Setembro; 3º) militares passo-fundenses que lutaram na Guerra do Paraguai, como o Cel. Chicuta, o Cap. Eleutério e o Capitão Bernardo; 4º) alguns dos fundadores e efemérides atinentes ao regime republicano, como Saldanha Marinho, Silva Jardim, Benjamin Constant e os marechais Deodoro e Floriano, além da data de 15 de Novembro; 5º) efemérides ou personagens da história pátria, como o próprio Brasil (Avenida Brasil), a Independência, o 7 de Setembro, o citado 15 de Novembro, bem como o Gen. Osório, patrono da cavalaria do Exército Brasileiro.

Foram mantidos, nesse ato prefetural, nomes tradicionais, como o da Praça Tamandaré e de ruas como a Moron, a Paisandu, a Lavapés e a Uruguai.

Passado um século, não se encontrou até agora um lugar condigno — que forçosamente teria que ser no centro da cidade — onde pudessem ser tribuadas as homenagens devidas a alguns dos vultos mais importantes da história local. Como se fossem desimportantes, pouco são lembrados o Cabo, depois Capitão, Manoel José das Neves, iniciador do povoamento que deu origem à cidade; os prefeitos Gervásio Lucas Annes e seu filho Armando Annes;



Praça Tamandaré, Dr. Celso Fiori e Victor Graeff (autor desconhecido)

além do próprio Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro.

Mas a maior injustiça é a que se comete com o Cabo Neves, esquecido de maneira absoluta. Parece que, quanto ao verdadeiro fundador de Passo Fundo, que aqui se instalou com sua família e escravos, a quem foi concedida pelo Império a sesmaria onde veio a assentar-se a cidade, — que seria homem simples e despretensioso, — perduram até hoje os ressentimentos e preconceitos de quase dois séculos atrás. Mesmo tendo sido ele quem doou a metade de sua fazenda à padroeira da freguesia — Nossa Senhora da Conceição Aparecida, — possibilitando a formação do núcleo urbano, o traçado das ruas e a concessão dos terrenos para as construções. Somente em 1955, seu nome foi dado a uma artéria da periferia, certamente não o local mais adequado para lembrar aquele que foi o primeiro e mais importante personagem de nossa história.

A cidade continua a voltar as costas para a sua memória. Não consta que, em vida, tenha o Cabo Neves ocupado jamais qualquer cargo público. Nem para inspetor de quarteirão seu nome foi lembrado. Talvez porque Neves fosse adversário de Fagundes dos Reis, que no início açambarcou o mando da

política local, e viria a ser o avô do General Prestes Guimarães, o mais ardoroso combatente contra o Partido Republicano.

É hora de reparar essa injustiça secular. Bem que se poderia dar o seu nome inteiro, com o último posto militar que recebeu, ao bonito lugar onde teve sua morada, numa das esquinas da atual Praça Tamandaré. O glorioso almirante e marquês de Tamandaré, patrono da Marinha, glorificado de norte a sul do país, homem justo e generoso que foi, certamente não se importaria de ceder a praça para que nela fosse evocado o paulista pioneiro que, exatamente a partir daquele local, onde construiu sua morada, deu os primeiros passos para a formidável empresa que foi a fundação da freguesia, pouco depois vila e, finalmente, cidade e sede do município de Passo Fundo. O Poder Público, através de nossos diligentes vereadores, poderia substituir o nome de Tamandaré, para atribuir à praça o nome de quem tem mais merecimento e mais a ver com nossa urbe: o do Capitão (ou Cabo) Manoel José das Neves.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras, Jurista, Procurador do Estado aposentado. Ex-diretor da Faculdade de Direito da UPF.)

O padre que nunca foi pároco

“O período, entre 1970 e 1980, foi o da construção da Universidade de Passo Fundo, que se consolida em 1982. Entre este último ano e 1998, fui reitor, sempre com eleição direta da comunidade escolar. Enfrentei a oposição de grupos que queriam administrar a Universidade, o que é legítimo. Os mandatos eram de quatro anos. Só não enfrentei oposição em uma eleição, porque racharam. Quando deixei a Reitoria, fiquei mais dois anos na UPF. Apesar de toda a competição entre universidades e faculdades isoladas, na região, a UPF está crescendo. Não diminuí o número de alunos. No futuro, em Passo Fundo, permanecerão as instituições de ensino que têm qualidade.”



Elydo Alcides Guareschi é um padre católico, por vocação e formação. Não obstante, no auge dos seus 81 anos de existência, ter vivido na plenitude da sua fé religiosa, como educador religioso de base, sacerdote, vigário capitular e membro de tribunal eclesiástico, esse homem, que exerceu tantas funções ligadas à Educação e à Igreja Católica, em Passo Fundo, nunca foi um pároco, na essência da palavra. Foi professor, dirigente universitário, e o magnífico reitor que, por mais tempo, dirigiu a Universidade de Passo Fundo (quatro mandatos), além de ter sido secretário municipal de

educação e executivo de um complexo de comunicação.

Para falar um pouco da sua vida, mas acima de tudo do seu legado, o padre Elydo Alcides Guareschi, ou simplesmente padre Alcides, como é mais conhecido pelos passo-fundenses, recebeu, no final da tarde do dia 26 de fevereiro de 2012, na casa onde atualmente reside, nos altos do Bosque Lucas Araújo, os acadêmicos Paulo Monteiro e Gilberto Cunha. O resultado dessa conversa, de quase quatro horas, foi uma entrevista histórica, reveladora da construção do desenvolvimento atual de Passo Fundo que, sem qualquer dúvida, está muito

atrelado à Universidade de Passo Fundo. E, depois de lidas estas páginas, ninguém mais ignore que, para gozar do status atual, de instituição modelar em educação, a Universidade de Passo Fundo contou, entre os seus artífices, com a dedicação, o entusiasmo, o trabalho e a competência do padre Elydo Alcides Guareschi.

APL – Fale-nos sobre sua família e sua infância...

Padre Alcides – Meu nome de batismo é Elydo Alcides Guareschi. Nasci em Colorado, no dia 26 de fevereiro de 1931. Na época, era Boa Esperança,

distrito de Passo Fundo, que, logo depois, foi incorporado ao município de Carazinho. Mais tarde, se emancipou e mudou o nome para Colorado. Não sei o que havia de fascismo, em Boa Esperança, para mudar de nome. Meus pais tiveram dez filhos (cinco homens e cinco mulheres). Toda a nossa família era de agricultores do norte da Itália, de onde veio meu bisavô, Pietro Di'Stéfano, que se estabeleceu em Garibaldi, onde permaneceu ao redor de 30 anos. Depois veio para Passo Fundo, que era tudo naquela época. Aqui fundou Garibaldi, hoje Linha Garibaldi, que pertencia a Não-Me-Toque. Na Itália ficaram irmãos do bisavô. Lá existe um centro cultural que preserva a obra do escritor Giovannino Guareschi. Ele ficou famoso, contando a história de Dom Camilo e Giuseppe Bottazzi, vulgo Peppone. O primeiro é um padre e o segundo um prefeito comunista, vivendo em constante briga. Mas, no fundo, eram bons amigos. Alberto Guareschi, filho de Giovanino, continua a tradição de escritor. Até hoje mantemos contato com nossos parentes na Itália.

APL – O Senhor é o único de sua família que seguiu a carreira religiosa?

Padre Alcides - Eu sou padre e minha irmã, Maria Alcídia Guareschi, pertence à Congregação de Notre Dame, da qual é vice-superiora geral. Atualmente mora em Roma e viaja pelo mundo todo, onde a Congregação está presente.

APL – E sua formação educacional? Como foram seus primeiros estudos?

Padre Alcides - Fiz o curso primário no interior de Boa Esperança. Era uma escola unidocente, com todas as séries estudando juntas, e com a mesma professora. O seu nome era Fernanda, uma excelente professora. Um dia me chamou no intervalo e perguntou se eu não queria ir para o seminário. Dei a entender que sim. Falou com meus pais e fui para o seminário da Diocese de Santa Maria. Eram padres vindos da Alemanha e da França, com excelente nível cultural. Ensinavam-nos a ser disciplinados. Gostei do ensino de francês, que me valeu muito quando comecei a lecionar na Faculdade. Não vejo formação desse mesmo nível, nas escolas de hoje, mesmo nos seminários. Estudávamos latim e os professores ensinavam em latim. As missas também eram rezadas em latim. Quem veio com a experiência desse idioma estranhou quando passaram a

ser rezadas na língua nacional. Ginásio e colégio, correspondente ao atual Ensino Médio, era o Seminário Menor. O professor de Português cobrava redação e leitura. No tempo da guerra (Segunda Guerra Mundial), tinha um mapa grande no pátio onde acompanhávamos a evolução da guerra, diariamente.

APL – Houve perseguição aos descendentes de italianos e alemães durante a II Guerra Mundial?

Padre Alcides - Em Santa Maria, uma cidade de ferroviários, com sindicatos atuantes, sentíamos perseguição, por causa dos padres, que eram professores alemães. Uma noite enchemos de pedras nossos quartos, que ficavam num andar superior, para nos defendermos de algum ataque.

“Falei até com o Dr. Murilo Annes, que era maçom, e ele negou qualquer ação maçônica organizada, objetivando a criação da UPF.”

Todos recebemos um comunicado: Armando Câmara e Adroaldo Mesquita da Costa, apoiados pela Liga Eleitoral Católica, estariam em Santa Maria, e deveríamos participar do comício. Gritávamos, liderados por um seminarista alto, palavras de ordem. Foi a primeira vez que estive presente num comício.

APL – Como foram os seus demais estudos?

Padre Alcides - Depois fui para o Seminário Central de São Leopoldo. Fomos a última turma, antes que ele se transformasse na UNISINOS. É uma Universidade interessante, que ainda conserva um museu com livros e materiais didáticos dos tempos antigos. Ali concluí o Seminário Maior. Foram três anos de Filosofia e quatro de Teologia.

APL – E a maturação que tornou padre aquele menino do interior de Colorado?

Padre Alcides - Essa maturação do menino acontecer ao natural. Havia alguns que entravam em crise, e boa parte abandonava o seminário. Naquele tempo, não tínhamos muito contato com

o mundo. Não era como hoje, que os seminaristas moram em casas distantes dos seminários, e estão inseridos nas comunidades. A mim me parece que essa definição do sacerdócio foi muito natural. Os jesuítas que trabalhavam com os teólogos falavam, livremente, das dificuldades do sacerdócio. O modelo atual é melhor, até porque não tínhamos muita liberdade de conviver com a sociedade. Nossos seminaristas de hoje convivem com a sociedade. O importante, na formação dos jovens para o sacerdócio, é que a preparação de hoje é correta. Minha opção pelo sacerdócio também foi correta. Se eu tivesse esposa, não teria tido a oportunidade de fazer as coisas que fiz. A decisão pelo sacerdócio era tomada no último ano do Seminário. Daqueles que iniciaram no Seminário Menor, apenas 30% devem ter chegado ao sacerdócio. Foi pena, porque a maioria empobreceu culturalmente. Reencontrei muitos deles trabalhando como simples colonos.

APL – O Senhor teve uma das participações mais destacadas, na história do ensino e dos movimentos católicos em Passo Fundo e região. Como tudo isso começou?

Padre Alcides - Toda a Teologia orienta o candidato, para a atividade pastoral como padre. Fomos educados para viver praticamente sozinhos, cada um por si, numa paróquia do interior. Não tínhamos muita oportunidade de decidir, porque quem decidia era o Bispo da diocese. Dom Cláudio Colling determinou que eu trabalhasse na Catedral, com o padre José Gomes, que depois foi bispo, e a seguir que lecionasse na Faculdade de Filosofia. Encontrei dois padres que me ajudaram muito, padre José Gomes e padre Jacob Stein. Nunca fui pároco. Fiquei cinquenta e poucos anos na Catedral, ministrando os sacramentos. O padre José Gomes me disse que havia necessidade de introduzir o ensino religioso nas escolas públicas. Fiz algumas visitas, me entrosei e passei a dar aula na EENAV e no Protásio Alves, da forma que hoje se chama atividade comunitária. Também ajudei a organizar os movimentos de ação católica: JOC (Juventude Operária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), JAC (Juventude de Ação Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica, secundarista) e JIC (Juventude Independente Católica). Comecei com a JEC, e acabamos mobilizando todas as escolas.

Não havia cinema na cidade. E a JEC organizou cineclubes, especialmente com filmes italianos, que eram apresentados, seguindo-se de debate. Em Passo Fundo, no começo da década de 70, quando Dom José Gomes foi para Bagé, assumi a JUC e a direção da Faculdade de Filosofia. Nessa época, fui para um congresso da JUC em Natal. A entidade se caracterizava por uma mobilização católica. Betinho era um dos líderes. A discussão sobre as reformas de base foi bastante acalorada. Todos eram contra as injustiças. Revolução, para muitos, era a transformação da sociedade, por métodos pacíficos. Fidel e Chê eram os grandes ídolos do momento. Depois vimos que muitos defensores e ações violentas foram para a AP/ML. Esse período, de grandes discussões, também discutii sobre o divórcio.

APL – Fale sobre seu trabalho como professor e dirigente da Universidade de Passo Fundo...

Padre Alcides - Fui lecionar na Faculdade de Filosofia. Precisei rever minha Filosofia (a escolástica), que aprendi no seminário, estudando para ensinar na Faculdade. Foi então que estudei Maritain, Jasper, Jolivet... O francês que aprendi no seminário me salvou. Acabei envolvendo-me com a Filosofia. Algum tempo depois, o Consórcio Universitário Católico e a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo (SPU) acabaram envolvidos numa crise política. Reysoli José dos Santos usava a SPU para fazer sua campanha para deputado federal. O filho dele, promovendo campanha no interior, sofreu um acidente com o carro da SPU. Pouco depois do golpe de 1964, houve intervenção na Sociedade, o que significou um atraso para a evolução do ensino superior. Dirigentes foram afastados e as verbas foram cortadas, entre outras medidas. Então surgiu o projeto para a estadualização da SPU, e a criação de uma universidade estadual em Passo Fundo, que acabou barrada pelo Conselho Federal de Educação. O governador Ildo Meneghetti chamou D. Cláudio Colling, para assumir o ensino superior em Passo Fundo. O bispo não aceitou, mas se dispôs a negociar com os grupos envolvidos. Essa atitude levou ao diálogo entre as partes, o que fez com que todos se unissem, culminando com a criação da Universidade de Passo Fundo. Assim sendo, vincluei-me ao Curso de Direito. Como ali houve mais resistência à união entre o Con-

sórcio e a SPU, a fim de quebrar o gelo, decidimos que alguns padres iam cursar Direito. E foi altamente proveitoso, pois conseguimos aparar as arestas.

APL – Muito se fala, à boca pequena, que a Maçonaria teria suscitado o movimento pela criação da Universidade de Passo Fundo. O que o Senhor pensa sobre isso?

Padre Alcides - Não há documento ou testemunho sério sobre a influência da Maçonaria da época, na criação da Universidade. Falei até com o Dr. Murilo Annes, que era maçom, e ele negou qualquer ação maçônica organizada, objetivando a criação da instituição.

APL – Quando houve a unidade entre a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo e o Consórcio Universitário Católico, o processo de fusão foi tranquilo?

Padre Alcides - Nós, padres, fomos bem recebidos em toda a região. O próprio Walter Graeff, de Carazinho, recebeu-nos muito bem, o que favoreceu a integração. Foi preciso reorganizar tudo. Houve uma grande mobilização. Assumi a presidência da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo (que mantinha a Faculdade de Direito), a convite do professor Murilo Annes. Foi muito trabalhoso. Com a criação da Fundação Universidade de Passo Fundo, em 1967, e a criação da Universidade em 1968, as coisas praticamente serenaram.

APL – Dom Cláudio Colling é uma verdadeira esfinge na história recente de Passo Fundo. O Senhor, que conviveu muito com ele, e que até o substituiu, temporariamente, como vigário capitular, como o vê?

Padre Alcides - Dom Cláudio enxergava na frente. O Consórcio Universitário Católico foi criação dele. Depois, foi para a Alemanha atrás de apoio para a Faculdade de Medicina. Tinha imensa habilidade política. Certa feita, estavam presentes em Erechim, o presidente Juscelino Kubitschek e seu vice, João Goulart. Dom Cláudio pegou o processo de criação da Faculdade de Filosofia. Foi à cidade vizinha e disse para o presidente da República que precisava da assinatura dele naquele processo. Juscelino assinou e depois enviou-o, pelo então deputado federal Daniel Dipp. O bispo não era de tomar decisões atropeladas. Ouvia muitas pessoas, mas se queria brigar, brigava.

APL - Murilo Annes, Bruno Markus e Alcides Guareschi... a impressão que se tem é que formavam uma tróica...

Padre Alcides - Éramos uma equipe: Dr. Murilo Coitinho Annes, Dr. Bruno Edmundo Markus e eu. Fomos uma geração. Na Universidade, uma geração se mede por trinta anos. Foi a geração que comandou o movimento de criação e consolidação do ensino superior, da década de cinquenta até o ano dois mil. E essa geração só se manteve, graças ao apoio dos professores, que decidiram afastar qualquer interferência político-partidária, na UPF. A nossa união foi consequência do sofrimento que enfrentamos nesses anos. Enquanto as cidades da região começavam a crescer, nós regredíamos, devido à concentração de poder. Saímos da crise mais fortes.

APL – Todo começo é difícil. Como foi, depois da unidade, a consolidação da Universidade de Passo Fundo?

Padre Alcides - A fase mais complicada foi a da implantação da Universidade. Nunca criamos tantos cursos quanto na década de setenta, totalizando trinta e dois. Nessa época, começamos a discutir um novo modelo de universidade: a universidade comunitária. Até então havia dois modelos: público e privado. Com o apoio de filósofos, começamos a pensar junto com outras universidade, que nos ajudaram a discutir um novo modelo. Iniciamos elegendo os dirigentes e aproximando-nos da comunidade.

A URI (de Erechim) surgiu a partir do campus da UPF. Era a materialização de universidades nascidas da comunidade, como a própria UPF, que surgiu a partir do Consórcio Universitário Católico e da SPU. Esse modelo nos aproximava da universidade federal. A agilidade administrativa aproximava da universidade privada. Envolvemos na proposta, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), que acompanhou a ideia.

APL – E as ligações das universidades comunitárias com os órgãos governamentais?

Padre Alcides - Nós chegamos à conclusão que o MEC pode não ter dado recursos, diretamente, às universidades, mas apóia o ensino por meio do FIES e do Pró-Uni. O Pró-Uni está trazendo para dentro das universidades uma classe social que antes não tinha acesso.

O período entre 1970 e 1980 foi o de construção da Universidade de Passo Fundo, que se consolida em 1982. Entre

este último ano e 1998 fui reitor, sempre com eleição direta da comunidade escolar. Enfrentei a oposição de grupos que queriam administrar a Universidade, o que é legítimo. Os mandatos eram de quatro anos. Só não enfrentei oposição em uma eleição, porque racharam. Quando deixei a Reitoria, fiquei mais dois anos na UPF.

Apesar de toda a competição entre universidades e faculdades isoladas, na região, a UPF está crescendo. Não diminuí o número de alunos. No futuro, em Passo Fundo, permanecerão as instituições que têm qualidade.

APL – E a educação brasileira nos últimos dez anos?

Padre Alcides – O modelo criado pelo governo Lula é o modelo cubano. Se possível, coloca-se todo mundo na universidade. Quando eu era secretário de Educação do município de Passo Fundo, recebi reclamação de que professores formados em Pedagogia, de uma “universidade à distância” estavam-se inscrevendo em massa no concurso para o magistério. Disse que, se os diplomas deles estivessem devidamente registrados, não havia problema algum. Encerrado o concurso, pedi uma única informação: quantos formados no ensino à distância foram aprovados. E a resposta foi simples: nenhum.

APL – Como o Senhor vê a evolução da UPF, desde aqueles pequenos prédios no centro da cidade, até a enorme cidade universitária de hoje?

Padre Alcides - Eu vou lá, no Campus, dou uma volta, fecho os olhos. Imagino como era. Abro os olhos e fico admirado.

Em 1967, eu e Murilo visitamos várias universidades americanas. Admiramos bibliotecas e trabalhos comunitários. Não copiamos. Mas nos inspiramos no que vimos. O que nos chamou a atenção foi o estilo horizontal das construções. E a preocupação com a natureza. Algumas pessoas, como o Dr. Paulo Fragomeni, o Antonio Pretto e alguns funcionários, tinham uma preocupação ecológica. O Dr. Mutilo trazia sementes e mudas de árvores e ia plantando pelo campus.

APL – Como foi sua experiência de vigário capitular?

Padre Alcides - Houve dois problemas na Diocese, que enfrentei como vigário capitular. O primeiro foi a ocupação da Fazenda Anoni, uma fase

difícil. Não me envolvi muito, mas me incomodei. Cheguei a ser até convidado pelo comandante do I/20, questionando-me sobre o que fazia em determinada data e horário, na área ocupada. Neguei o caso, dizendo que ele estava muito mal informado. Depois chamou-me para dizer que tinha recebido informação errada. Com a chegada de Dom Urbano Algayer, foram conseguidos recursos na Alemanha, para comprar uma área de terras. A Igreja tem responsabilidade social e fez sua parte.

APL – O Senhor sempre teve participação comunitária, desde os movimentos de Ação Católica. Na direção da UPF, o Senhor sempre esteve ao lado e até à testa de conselhos comunitários...

Padre Alcides - Como Reitor, procu-

**Dom Cláudio
pegou o processo de
criação da Faculdade
de Filosofia. Foi a
Erechim e disse para
o presidente Juscelino
que precisava da
assinatura dele
naquele processo.**

rei estar presente, cumprindo a função de apoiar iniciativas, como o Conselho de Desenvolvimento de Passo Fundo, e depois, apoiando a organização do CONDEPRO – Conselho de Desenvolvimento da Região da Produção. Os governos sempre impuseram suas vontades. Os conselhos ensinam a região a pensar seus problemas. Logo depois da Constituição de 88, foi a época boa para os conselhos, valorizando a participação das regiões, e as universidades foram chamadas a participar.

APL – E sua experiência como secretário municipal de Educação?

Padre Alcides - Como secretário municipal de Educação, o prefeito me deu um tratamento diferente. Os políticos sempre interferiram na administração do ensino. Foi uma experiência muito boa, e o prefeito sempre me apoiou.

APL – Temos hoje mais de uma

dezena de instituições de Ensino Superior, inclusive com pós-graduação em áreas diversas. Como o Senhor vê o aumento dessas instituições de ensino à distância?

Padre Alcides - Curso de pós-graduação tem de ter qualidade. Na UPF fizemos um convênio com a Embrapa, para a pesquisa da aveia. O intercâmbio entre a UPF e a Embrapa foi muito importante. O que caracteriza uma universidade de qualidade é a pós-graduação, onde se firma a pesquisa. O crescimento da pós-graduação e da pesquisa constituem o ponto forte da UPF.

APL – O Senhor dirige o Tribunal Eclesiástico, na região. Qual é a função desse Tribunal?

Padre Alcides - O Direito Canônico, que disciplina as situações da Igreja, instituiu o Tribunal Eclesiástico, que é acionado em certos casos, como os de crimes cometidos por padres. Funciona como qualquer outro tribunal. A instância sediada em Passo Fundo abrange as dioceses de Passo Fundo, Frederico Westphalen, Vacaria e Erechim. Temos perto de quarenta causas em andamento. Entre elas, os casos de anulação de casamento. Temos diversos casos onde as pessoas alegam que foram forçadas a casar. Geralmente, a decisão em primeira instância é confirmada. Na Justiça Canônica, o processo também é demorado. Tem de haver pesquisa. Os casos são acompanhados por advogados leigos reconhecidos pela Igreja.

APL – E sua participação na Academia Passo-Fundense de Letras, em anos passados?

Padre Alcides - No tempo em que o Dr. Celso da Cunha Fiori presidia a Academia Passo-Fundense de Letras, fui eleito para o sodalício. Participei algum tempo, mas depois me afastei, absorvido pelos trabalhos na Universidade. Escrevi os livros: A Construção da Universidade de Passo Fundo, em oito volumes; UPF: que horas são? contando minha experiência na Universidade; A Região que se assumiu - narrando minha experiência na presidência do CONDEPRO; e Diário de um secretário de Educação, sobre o período em exerci esse cargo no município de Passo Fundo. Atualmente, estou escrevendo um livro, mais para atender o médico que cuida de mim. É um olhar sobre a UPF, comparando o que acontece hoje com o que acontecia no passado. ■

Eu e meu Cavalo

Sou homem de montar a cavalo.
E tropeirar lembranças,
Que faço em minhas andanças,
Tendo como assento o lombilho,
Do meu pingo douradilho,
Para semear esperanças.

Mantenho uma tropilha,
De crioulos bem domados,
Que se monta de qualquer lado,
Descendente de Horneiro,
Ou do Junco ou do Faceiro,
Com o sangue comediante no costado!

Nas cavalgadas ou nos desfiles,
A passito nas estradas,
Vou fazendo alvoradas.
Num encontro com a humanidade,
Vou mexendo com minha saudade,
Que faço reviver em cada parada!

Troco de montaria,
Mas não troco de ideal,
Desfilando em bagual,
Faço o acontecimento.
Não sou índio de momento,
Sou gaúcho sem igual.

Faço pátrias gineteando,
Embucalando a vida,
Na forma mais decidida.
Reiventando o próprio tempo,
Eu sou o acontecimento,
A chegada e a partida.

Não sou de mudar de rumo,
Tenho a direção certa,
Nem um índio me aperta.
Na lida sou soberano,
Briguei com branco e moreno,
Desafiado, fico alerta!

Sou letra de cantoria,
Sou a música do vento,
O som eu mesmo que invento.
Na letra da poesia,
Invoco a Ave Maria,
A terra e meu acampamento.

Sendo a força do minuano,
Redemoinho de carinho,
Eu nunca ando sozinho,
Na luta pela liberdade.
O que tenho, na verdade,
É Deus como meu padrinho!

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

História da criação da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra em Passo Fundo - ADESG

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

Dia 4 de julho de 1972, em uma segunda-feira, o Cel. Edu Villa de Azambuja, comandante do 1º Esquadrão do 20º Regimento da Cavalaria (10/20º RC), abre a inscrição para o 1º Ciclo de Estudos da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, como coordenador do ciclo. Tendo em vista o convite para o Cel. Edu candidatar-se a prefeito de Passo Fundo, e a vice-prefeito, o Dr. Juarez Paulo Zílio, o primeiro afastou-se da vida militar, para dedicar-se à vida política. Eleito prefeito pelo povo passo-fundense deixa como Coordenador (hoje Representante) da ADESG, o Sr. Ney Vaz da Silva, que assumiu o trabalho, dando início ao 1º Ciclo da ADESG em Passo Fundo, no dia 28 de agosto de 1972, em uma das salas, nas dependências do Quartel 10/20º RC, às 20 horas.

No dia 29 de agosto de 1972 saiu, no jornal Diário da Manhã, a relação dos candidatos inscritos para o Ciclo da ADESG, em Passo Fundo.

O Ciclo constou de Fase Preparatória, Período Doutrinário (cujo objetivo é o conhecimento da Doutrina Básica de Segurança e Desenvolvimento Nacional, preconizada pela ESG), Período Conjuntural e Período de Aplicação.

Entre muitos palestrantes, o Dr. Túlio Barcellos, Superintendente do INPS (INSS), conferenciou a convite da ADESG, dia 10 de outubro de 1972, no Período Conjuntural, com o tema “Problema Previdenciário no Brasil”, discorrendo sobre as realizações que estão sendo procedidas, em benefício dos associados do INPS.

No Período de Aplicação - o grande grupo foi dividido em pequenos grupos, para a realização dos trabalhos assim constituídos:

Grupo nº I - Adauto Diniz, Adelvino



(FOTO: ARQUIVO I. GEHLEN)

Gen. Egêu Correa de Oliveira Freitas e Irineu Gehlen

Parizzi, Ademar Cabeda, Adylis da Silva Otto, Ary Pezini, Ancelmo Gonçalves Orlando, Angelo Britto, Alfredo Vasconcelos, Arno Kiehl e Anael Portela.

Grupo nº II - Aula dos Santos, Albery Ribeiro, Aivo Rodrigues, Antônio Augusto Loureiro Kruehl, Bruno Patussi, Carlos Machado de Barros, Celso Menegaz, Carlos Antônio Madalozzo.

Grupo nº III - Celina Madalozzo, Carlos Marques, Clarisse Grazziotin, Delvo Ughini, Daltro Gonçalves Dias, Dora Britto, Dario Guterres, Dyogenes Pinto, Eloi Pereira Vieira, Eunice Bruhn, Eduardo Otto.

Grupo nº IV - Eronilde Ribeiro, Euclezio De Bortoli, Fernando Carrion, Graciosa Monteiro, Irineu Gehlen, Ieda dos Santos, Inácio Lopes, José Mário Lima Cruz, Jurema do Valle, Jairo Serano, João Alberto X. da Cruz.

Grupo nº V - José Moacir Padilha, José Catarino Ferreira, Juarez Diehl, João Oli Machado, Lio Bocorny, Luiz Spalding, Luiz Melibio U. Machado, Lourdes Tomé, Luiz Soldateli Neto, Lídio Muller.

Grupo nº VI - Milton Winckler, Mário Daniel Hoppe, Mário Frediani, Mário

Soares, Murilo Annes, Marli de Souza, Ney Vaz da Silva, Nilo Sardi, Osvaldo Corrêa, Pery Lopes.

Grupo nº VII - Paulo Silva, Paulo Ceratti, Pedro Fonseca, Ritênio Bresolin, Raul Marcolin, Ruy Menegaz, Ruy do Amaral Martins, Reny Grazziotin, Sérgio Lampert.

Grupo nº VIII - Silvestre Torres, Severino De Toni, Setembrino Franco, Santana Dal Paz, Teimo Siqueira, Torquato Velho, Verlaine Vasconcellos, Valdir Zanin, Zilzan Tussi, Nilson Frigeri

Grupos I, II, V, VI - Tema: Política Nacional e Poder Nacional.

Grupos III, IV, VII, VIII - Tema: Política Nacional de Desenvolvimento

Observações: para a realização do segundo trabalho, os seis primeiros do grupo I passarão ao grupo V, e os cinco primeiros deste, ao grupo I. Os seis primeiros do grupo III irão para o grupo VII, e os cinco primeiros deste para o grupo III. Os seis primeiros do grupo II irão para o grupo VI, e os cinco primeiros deste para o grupo II. Os seis primeiros do grupo IV irão para o grupo VIII, e os cinco primeiros deste para o grupo IV.

Outro palestrante, entre muitos, foi o General Egêo Corrêa de Oliveira Freitas, que trabalhou no Período Doutrinário, deixando seus ensinamentos ao grande grupo.

Entrega de diplomas da ADESG

Em uma solenidade, dia 06 de dezembro de 1972, às 20h, no Salão de Festas

do Turis Hotel, os participantes do Ciclo de Estudos receberam o diploma da ADESG.

Estiveram presentes, além dos adesguianos, sua diretoria e amigos, o professor João Alberto da Costa Difmi, Delegado Regional da ADESG no Rio Grande do Sul, que fez a entrega dos diplomas, e o professor Célio Assunção, pertencente à Escola Superior de Guerra

do Rio de Janeiro.

Falou em nome dos diplomados o Dr. Alcione Niderauer Corrêa. Muito bonita foi a apresentação da Banda da Brigada Militar, que abrilhantou a solenidade, tocando um bem escolhido repertório em frente ao Turis Hotel.

Usou da palavra, presidindo o evento, o Sr. Ney Vaz da Silva, coordenador do 1º Ciclo da ADESG de Passo Fundo.

Foram diplomados os que atingiram o número máximo de frequência exigida:

- Adauto Vianna Dinis - Advogado e funcionário do Banco do Brasil
- Adelvino Parizzi - Professor da UPF e Cirurgião dentista
- Ademar Cabeda - Técnico contábil
- Adyles da Silva Otto - Professora
- Aivo Fernandes Rodrigues - Advogado
- Albery Falchembach Ribeiro - Advogado
- Alcione Niederauer Corrêa - Juiz do Trabalho
- Alfredo Oscar Magalhães Vasconcellos - Médico
- Ancelmo Gonçalves Orlando - Economista
- Angelo Antônio Britto - Engenheiro Agrônomo
- Antônio Augusto Brum Ferreira - Advogado
- Ary Pezzini - Advogado
- Armindo Antônio Xavier da Cruz - Advogado
- Arno Otto Kiehl - Professor
- Auda Maria dos Santos - Professora
- Avani Teresa François Bresolin - Professora
- Bruno Reinaldo Patussi - Cirurgião dentista
- Carlos Antônio Madalosso - Médico
- Carlos Machado de Barros - Militar (comandante do 3º RPR -Mont)
- Carlos Bairon Marques - Advogado
- Celina Scussel Madalosso - Professora
- Celso Antônio Menegas - Economista
- Clarice Grazziotin - Economista
- Daltro Gonçalves Dias - Médico
- Dario da Silva Guterres - Economista
- Delvo Ughini - Contabilista
- Dora Leonar Oliveira Britto - Advogado
- Dyogenes Auhyildo Martins Pinto - Advogado
- Eduardo Gustavo Otto - Professor
- Eloy Pereira Vieira - Economista
- Eronilde Ribeiro - Industrialista
- Euclésio Elov de Bortolli - Economista
- Eunice Lima Bruhn - Professora
- Fernando da Silva Machado Carrion - Engenheiro Civil
- Graciosa Isolina Monteiro - Professora
- Ieda dos Santos - Professora
- Inácio Costa Lopes - Técnico Contábil
- Irineu Gehlen - Advogado
- Jairo Vieira Serrano - Advogado
- João Alberto Xavier da Cruz - Técnico Contábil
- João Oli Machado - Técnico Contábil
- José Catarino Ferreira - Advogado
- José Mário de Lima Cruz - Advogado
- José Moacir Padilha - Economista
- Juarez Teixeira Diehl - Advogado
- Jurema Carpes do Valle - Professora
- Lio Brocony - Técnico em Administração
- Lydio José Miüller - Advogado
- Lourdes Thomé - Professora
- Luiz Eurico Spalding - Professor
- Luiz Melício Uiraçaba Machado - Juiz de Direito
- Luiz Soldatelli Neto - Engenheiro Civil
- Mário Ascânio Frediani - Cirurgião Dentista
- Mário Daniel Hoppe - Advogado
- Mário Luiz Soares - Engenheiro Agrônomo
- Marly Piccinini de Souza - Professora
- Milton Sperry Winckler - Cirurgião Dentista
- Murilo Coitinho Annes - Advogado
- Nelson Dino Frigeri - Economista
- Ney de Deus Vaz da Silva - Comerciante
- Nilo Airton Kurtz Sardi - Economista
- Osvaldo Lago Corrêa - Economista
- Paulo Renato Ceratti - Advogado
- Paulo de Tarso Silva - Advogado
- Pedro Ari Veríssimo da Fonseca - Médico
- Pery Mathias Lopes - Servidor da Justiça
- Raul Alberto Marcoíin - Professor
- Reni Grazziotin - Economista
- Ritênio Waldemar Bresolin - Comerciante
- Rui Carlos Donadussi - Médico
- Rui Menegás - Economista
- Ruy do Amaral Martins - Advogado
- Santana Rodrigues Dal Paz - Professora
- Setembrino Gonçalves Franco - Advogado
- Severino de Toni - Advogado
- Sérgio Lampert - Economista
- Silvestre Jasson Aires Torres - Militar (B.M.)
- Teimo Flores de Siqueira - Engenheiro Agrônomo
- Torquato Raupp de Campos Velho - Funcionário Público Federal
- Verlaine Ulharosco Vasconcellos - Militar (BM)
- Waldir Vergínio Bonotto Zanin - Advogado
- Zilsan Antônio Tussi - Técnico Contábil

No período de 1972 – 2012, tivemos e continuamos tendo Representantes da ADESG em Passo Fundo e região. São pessoas que muito fizeram e continuam fazendo todo o possível, pela grandeza e a maior glória do Brasil.

São eles:

1972 – 1979 – Ney Vaz da Silva

1980 – 1982 – Irineu Gehlen

1983 – Avani Tereza François Bresolin

1984 – 1989 – Irineu Gehlen

1990 – 1992 – Romeu Carlos A. Gehlen

1993 – 1998 – Alori Batista Castilhos

1999 – 2000 – Vilson Rizzo

2001 – 2002 – Irineu Gehlen

2003 – 2007 – Major da BM, André Idalmir Savian Juliani

2008 – 2011 – Alori Batista Castilhos

2012 – – Coronel da BM, Pedro Luis Lima

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora, adesguiana e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Mata pasto, timbó e guaimbé

ODILON GARCEZ AYRES

A “siesta” curta, interrompida pelo relógio do galo, às 15h e 20 min., nesta tarde calorenta de fim de primavera, trouxe uma rajada de fresco vento, fazendo com que o mata-pasto, que se criou plantado pelos pássaros, ao lado do meu quarto, fizesse graúdas folhas roçarem a parede. Esse arbusto, que parecia quase morto, rebrotou vigoroso, e no ano passado tive que escorá-lo com forquilhas, para não incomodar a cerca elétrica do vizinho. E agora, nesta iminência do incômodo novamente, pensei:

“Atoro ele pelo meio!”

Logome veio à mente o sacrifício que fui compelido a fazer, derrubando um vigoroso timbó, ao lado da casa da vizinha, para satisfazer uma mãe temerosa da segurança de seus filhos, embora eu tenha ou tivesse lhe garantido, que raramente ele largaria uma lasca que fosse, com o vento. Tampouco, seu mais robusto galho faria estrago, pois que seca por si só, morre, cai e, por levíssimo, nenhum dano causa. Assim também, os galhos da canjerana.

Baldada explicação!

Muito a contragosto, derrubei-o e dele fiz lenha na lua minguante, para que não carunchasse até o inverno vindouro, quando o seu destino seria o fogão, como de fato foi. Durante dois anos de noites gélidas, livrou os vizinhos, de dia, do seu cheiro fétido. E queimado à noite (pois não é de balde que é tido e havido como o protetor das florestas, circundado-as, e captando todas as impurezas externas), preservando a saúde das demais árvores da mata. Pouca gente sabe disso!

Recordei-me também de que, ao derrubá-lo, e depois de feitas as achas, centenas de besourinhos coloridos, com e sem antenas, corriam dias e dias, pelos troncos e pedaços, agora inertes, mortos, sem vida, desesperados pela perda do seu lar. Poderiam migrar para

outro timbó, perto dali, o único existente até hoje. Um macho que, todos os anos, teimosamente, ciclicamente, larga, em dias ventosos, milhares de sementes nas ruas calçadas, na ânsia de perpetuar sua protetora espécie, preservando assim suas congêneres e outras amigas árvores. Mas não, não! Desorientados, morrem os besouros com sua casa, o centenário timbó. Luta desesperada, inglória!

Não vi os ditos nematoides, tampouco os besourinhos e grilos cantantes da árvore, mudarem-se ou morrerem. Só dezenas de casquinhas brilhantes e furta-cores salpicadas na serragem. Mas a cantoria da sua gente, nos fins de tarde,



lusco fusco da noite, recém saindo a lua nova, não se extinguiu. Mermou!

Assaltou-me a certeza, nesses pensares, que não sabemos quase nada da natureza das árvores, embora saibamos que seu viver, seu DNA, suas funções e denominações, confundem-se e igualam-se, muitas vezes, com as do corpo humano, e há nisso um mistério e uma ciência que ainda não deciframos, e o pouco que sabemos não compreendemos: células, veias!

Cada uma delas é um mundo à parte, cheio de mistérios, e multifunções, desde os curativos e medicinais, até as mortíferas. E abriga, em seu ventre, águas e veias, nervos e músculos, construídos milimetricamente, e agregando incontáveis seres, dependentes e interdependentes, os quais, julgo eu, quando os matamos, em assassinato inconseqüente

ou premeditado, é uma vida que tiramos, como se humano fosse. E, em efeito cascata, o morticínio é um genocídio sem fim, de pais, irmãos, mães, parentes, vizinhos e amigos. Tal qual quando tomba um fétido timbó bandido, ou um cedro cheiroso da sociedade.

É imensurável essa tragédia!

Ainda ontem, ao passar pelo quinquentenário “guaimbé”, chamaram-me a atenção as joaninhas brancas, contrastando com a folha amarela e morta. Fotografei! Pois era inédita e comprovava a visão...

Hoje, um dia após, a folha morta caiu, dando lugar a uma flor, um copo branco, com uma banana cheirosa, que vai perfumar a noite. E, dentro dela, joaninhas amarelas, cumprindo outra função que, para entendermos, levaria estações e tempo até auferir algum conhecimento e significado.

Você saberia?

E, para completar, ensimesmado no sofá, um documentário mostra um colega, ensinando arcaicos agricultores asiáticos a utilizarem, em vez de herbicida, aranhas-lobo, nas plantações de arroz; ácaros combatendo

outros ácaros, no cultivo das flores; e formigas de fogo, para exterminar as lagartas e seus ovos, dos pinheiros italianos.

Nem tudo está perdido!

Creio que ainda é tempo de voltarmos a ser índios guaranis, aborígenes, bosquimanos ou capiaus, para vivermos irmanados com a natureza, pela natureza e alimentando-nos da natureza. Ainda é tempo de fazer como os pássaros, as abelhas e os macacos, buscando cada um o pão nosso de cada dia. Isso não é regredir, é adequar-se!

Matando as árvores, você está se suicidando, morrendo um pouco a cada dia, até que: Nada mais restará!

(Odilon Garcez Ayres, pseudônimo Arapitu, é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Ainda

Escreve cartas e conta dissabores
diz ouvir músicas de anos anteriores.

O espaço em vazios e ultrapassados
tormentos vêm à tona em recordações.

A hora se repete em dobras
e o coral executa reminiscências.

Sons infinitos da precedência escondem
atuais e iniciais apelos pela sobrevivência.

Na vez anterior a recordação recortada
em fatos menores de reparos efetuados.

Na hora em que mãos tocam o silêncio
impetra sua segurança e dos arredores
surgem traços riscados pela criança.

O gosto aventado pela espécie
na torneira de águas passadas.

O tosco arremate da enxada
faz ruir a terra enquanto revolvida.

O experimento desnecessário ilumina
a pesquisa no resultado presumido.

O estrago trazido pela chuva acidifica
espaços de acumplicimento.

A verificação linear do ângulo aberto
no fascínio trazido pelos cometas.

Mesmo que passar seja a rapidez
resta no ar a sequência dos dizeres
murmurados em promessa.

Enfeites e flores
no clarão de luzes artificializadas.

Angaria fundos para a campanha
e o gato no terreno é exemplo da fatuidade.

O nascimento e a loucura no descobrimento
se refazem em horas de sinceros votos
em pagamento pelo favor praticado.

A condição humanitária da ação precária
e corpos desprezados ressurgem acidentalizados.

A superioridade do pássaro em voo cego
e com pés emprestados sobe patamares.

Não mente a solidão dos olhos rasos
e águas refluem pedras esponjosas.

Abre a porta no raiar do dia
e escova a roupa antes do uso.

A intromissão aflitiva das mãos
que perdidas em filhos sofrem
a ternura de anos de criação e destino.

O pragmatismo exposto em vitrinas
vitrificadas em altares consumistas.

O verbo em transitório caminho de ações e refregas.
Esfrega a carta contra a porta em desabrigo.

Não teme esconder entre peixes e ostras
segredos entesourados enquanto vivo.

Não tenta aproximar as pontas inerciais
dos pontos cardinalícios na solicitude
da civilidade embromada em pomadas.

Não se preocupa com os olhos. A criança
coça as gengivas e o dente aflora.

Move o badalo e o sino repica: assusta crentes
e incrédulos senhores em roupas escuras.

Sobre o cortejo seus pés escalam o andor
onde o barro não sacrificado em fogos permite
a marca primeva dos passos.

Moacyr Scliar e a valorização da Língua Portuguesa

PAULO MONTEIRO

Ilmo. Sr. Prof. Dr. Francisco Santos, representando o Magnífico Reitor da Universidade de Passo Fundo, Prof. Dr. José Carlos Carles de Souza!

Ilmo. Sr. Acadêmico Domício Proença Filho, Secretário-geral da Academia Brasileira de Letras, em que saúdo todos os presentes:

Sejam minhas primeiras palavras de agradecimento à professora Tânia Rösing e demais organizadores da 14ª Jornada Nacional de Literatura pelo convite feito à Academia Passo-Fundense de Letras, para que, mais uma vez, esteja ao lado da Academia Brasileira de Letras, e pela bondade em lembrar meu nome para falar pelos escritores locais, homenageando o acadêmico Moacyr Scliar, cuja biografia está ligada à história das Jornadas.

Quando recebi a missão de falar sobre o conterrâneo Moacyr Scliar, neste 4º Encontro da Academia Brasileira de Letras, pensei que seria muito difícil. Pouco mais de uma hora depois, ouvindo os confrades, Getúlio Vargas Zauza e Odilon Garcez Ayres, e os amigos Ernesto Zanetti e Júlio César Peres, enquanto degustávamos um cafezinho, em nossos costumeiros encontros de sábado, senti que o jugo dessa responsabilidade era suave, plagiando as palavras de um famoso judeu da Galileia.

A decadência de uma pessoa, de uma nação ou de um povo corresponde à decadência de sua língua. Assim concluimos, não basta a defesa da língua; é mister a preservação de valores e princípios éticos.

A obra de Moacyr Scliar, que há menos de dois anos, se encontrava-se conosco, no 3º Encontro da Academia Brasileira de Letras, é a comprovação do que apreendemos, entre xícaras de café. Às personagens que nos foram legadas por ele, à medida que oscilam, ora para cima, ora para baixo, na escala vital,



(FOTO: ARQUIVO APL)

seguem a valorização ou a degradação da língua.

Brasileiro e judeu, Moacyr Scliar funde o espírito da língua, em que foram transmitidos os poemas que acolhem as proclamações velho-testamentárias, à língua em que Luis Vaz de Camões profetizou as grandezas e miudezas do Império Lusitano e, dos países em que se dividiu. Essa fusão é o que se manifesta pela “humor judeu” de que nos falou Wilson Martins, em texto que anda nas referências ao criador de Guadali Tratskovski. Esse humor, “antes rangente que negro, e que se situa a meio caminho entre o desespero e a ironia”, como escreveu o crítico à página 302, do volume oitavo dos seus Pontos de Vista, a mim me parece o mesmo decantado humor de Machado de Assis, que muitos afirmam ser um humorismo à inglesa. É provável que o “humor brasileiro” (se é que pode haver algum tipo de “humor nacional”), nos venha dos milhares e milhares de judeus que foram desterrados para Portucale, após a destruição do Templo de Jerusalém. Talvez disso o venha nosso imorredouro messianismo, sempre à espera do salvador da pátria.

O humor é a arma dos grandes humanistas. E toda a obra de Moacyr Scliar é um Hosana humanista. Repercutem, nas

páginas que nos legou, a condenação dos sacrifícios de inocentes, até com amplitude maior do que a encontrada nas palavras candentes de Ezequiel. É a condenação da barbárie. É a defesa de que podemos recuperar o éden perdido, através do trabalho e do amor ao próximo. É a luta entre a civilização e a barbárie.

Moacyr Scliar sempre demonstrou um carinho muito grande pelas Jornadas Nacionais de Literatura. E, se assim o fez, é porque tinha consciência de que aqui, nestas coxilhas de Passo Fundo, há trinta anos cresce o verde-louro da civilização, em meio ao verde-ouro dos trigais.

Concluo, lembrando que no dia 7 de abril, em sessão solene, a Academia Passo-Fundense de Letras, através das palavras do confrade Odilon Garcez Ayres, homenageou Moacyr Scliar. Moacyr que não morreu, porque assim como, todos os dias, a luz solar vence as trevas, os grandes humanistas continuam vivos, naqueles que empunham a espada da civilização, contra a barbárie.

(Discurso Pronunciado pelo acadêmico Paulo Monteiro, no dia 23 de agosto de 2011, na abertura do 4º Encontro da Academia Brasileira de Letras, durante a 14ª Jornada Nacional de Literatura).

Elisabeth: missão cumprida!

(FOTO: ARQUIVO APL)



GILBERTO PACHECO

Quem se submeteu e pode cumprir com competência, responsabilidade e integridade algum cargo de relevância cívica ou cultural, estará em paz com a sua consciência perante a entidade ou agremiação a que pertence.

Elisabeth Souza Ferreira olhará nos olhos de seus filhos, que se lhes oferece como aquele algo mais aagrado que possui e, todos quantos vierem indagar-lhe os resultados positivos à frente da maior entidade cultural de Passo Fundo (a cidade que a viu nascer, crescer, prosperar e, no dia 23 de fevereiro de 2010, assumir como a 4ª mulher em 72 anos, o cargo de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras), como poucos que lhe antecederam nesse cargo tão distinto.

Para sustentar essa afirmação, alguns atos e fatos incontestáveis que iluminaram ainda mais a casa de Minerva, que memorável! Marcante! Aplaudida pelos

acadêmicos foi a proposição e posterior confecção da – pelerine – que sem dúvida alguma, deu aos membros da APL, a distinção no vestir. Sem pompas excessivas, mas que deram a nobreza acadêmica, que enaltece aos Imortais, desde a mater francesa à brasileira e demais academias regionais. Encantou aos olhos o excelso desfile ocorrido pela primeira vez e, numa das mais numerosas e concorridas posses ocorridas na Academia, na noite de 21 de outubro de 2010, lotando as dependências do sodalício.

A tônica de sua administração foi criar para o futuro, sem se importar com a vaidade do presente. Fez pela grandeza e enaltecimento da APL.

Outro registro foi a decoração definitiva deixada no auditório que dá uma leveza e um destaque às solenidades que acontecem na Academia.

Ainda com vistas ao futuro, realizou uma missão franciscana em companhia de sua amiga, confreira e Vice-Presidente, Santina Rodrigues Dal Paz- uma arrecadação para a compra das cadeiras

para o Auditório, preenchendo assim a metade do espaço reservado ao público que prestigia os eventos- em sua segunda casa.

A Galeria de Ex-Presidentes foi atualizada e colocada no padrão exigido.

Os nomes dos Acadêmicos foram bordados e atualizados na toalha da mesa do auditório, pela competente profissional que também confeccionou as pelerines: Rosângela Menegaz Müller.

Como também importante foi o retorno de Antonio Augusto Meirelles Duarte.

Elisabeth Souza Ferreira foi uma senhora presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, que ofereceu o melhor de si e toda sua competência, sempre visando o melhor para essa entidade cultural, que oferece à História a competência do julgamento e que, por certo, Deus e seus pais abençoam!

(Gilberto Pacheco pertence ao Centro de Letras do Paraná, de Curitiba/PR.)

Outono da vida

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Não te acomodes em frente ao computador, à televisão ou simplesmente à leitura do jornal que te chega todos os dias. Aproveita para caminhar, enquanto podes, subir e descer escadas, correr, andar de bicicleta, passear de elevador, dar uma volta na praça ou à beira-mar. Dá uma olhadinha no pôr-do-sol, no crepúsculo, nas ondas gigantes que quebram na beira da praia, nas conchinhas, nas criancinhas e nos velhinhos que, também, seguem vivendo e te observando.

Não te aprisiones dentro do próprio lar. Por mais que gostes de tudo o que tens, não te deixes prender por nada ou por ninguém. Começa, desde já, a te desprenderes dos teus bens e das pessoas que te são caras. Um dia terás que deixá-las para trás e elas terão que se acostumar com o teu afastamento.

Não te entregues à depressão, às lembranças do passado, à juventude perdida ou ao tempo desperdiçado. Volta os teus olhos para o dia de hoje, com tudo o que ele tem para te oferecer. Presta atenção ao sol que nasce ou à chuva que cai, ao calor que faz suar ou ao frio que faz a pele arrepiar, ao latido do cãozinho ou ao canto do passarinho, à música que toca na casa do vizinho, ao ônibus que passa transportando gente, às notícias da rádio e ao cheiro da comida que vem de longe para te entusiasmar.

Não te consideres insignificante ou esquecido pelos amigos. Sempre haverá pessoas que partirão antes de ti. Assim como um dia partirás, deixando outras com saudade.

Não te sacrifiques por compaixão ou pela vaidade que te faz supor insubstituível. As coisas continuarão existindo mesmo após uma inesperada perda. As pessoas que julgas frágeis não ficariam tão desamparadas como imaginas, se deixasses de ampará-las. Diante de uma pressão muito forte, a fragilidade cede lugar à resistência, despertando uma coragem sem igual.

Não jogaes fora o teu precioso tempo, cultivando complexos de inferioridade.

Ninguém precisa ser bonito para ser feliz nem elegante para ter um bom emprego. Nem a juventude para ter um bom desempenho. Nem riqueza para ter verdadeiros amigos. Nem dinheiro para ter talento. Aproveita para te mostrares do jeito que és. Quanto mais espontâneo e sincero fores, mais chances terás de conquistar a simpatia dos demais.

Não fujas do amor. Há amores que surgem na mocidade. Outros na meia-idade. Outros, ainda, no começo do outono, quando parece que não tens mais atrativos físicos – quando as folhas estão caindo e os galhos secando. Quando já não olhas mais para ninguém porque os teus olhos nem brilham mais por coisa alguma. Nessa altura, tens, apenas, a ti mesmo – tua alma com todo o teu conteúdo de experiências, valores, amores, talentos, dons, senso de humor, sabedoria, paciência, calma, educação, caráter, princípios. Quando o deserto íntimo parece não ter mais nenhum oásis para oferecer a quem tem sede e te procura. Quando manténs os espinhos à mostra na expectativa de se defender dos ataques alheios. Quando desconfias da própria sombra, das palavras que, às vezes, te fogem quando precisas dizer algo importante e da memória que falha quando menos esperas. Quando a tua saúde fica comprometida, a imunidade baixa, as dores que surgem, repentinamente, a incapacidade física e os fortes abalos emocionais que te deixam abatido. Quando estás vivendo em meio à frieza que enregela o coração, convivendo com pessoas que te decepcionam porque te ferem no ponto em que mais gostarias de ser poupado; pessoas que te evitam olhar nos olhos, que te consideram ultrapassado, que não te valorizam mais; que acham que o teu lugar é numa cadeira de balanços ou em frente à televisão. Que pensam que não precisas de mais nada para viver e que tens obrigação de sustentá-las com a tua aposentadoria.

Não aceites a companhia da solidão que te faz falar sozinho, resmungar baixinho, chorar quietinho e te condicionar a essa forma de viver.





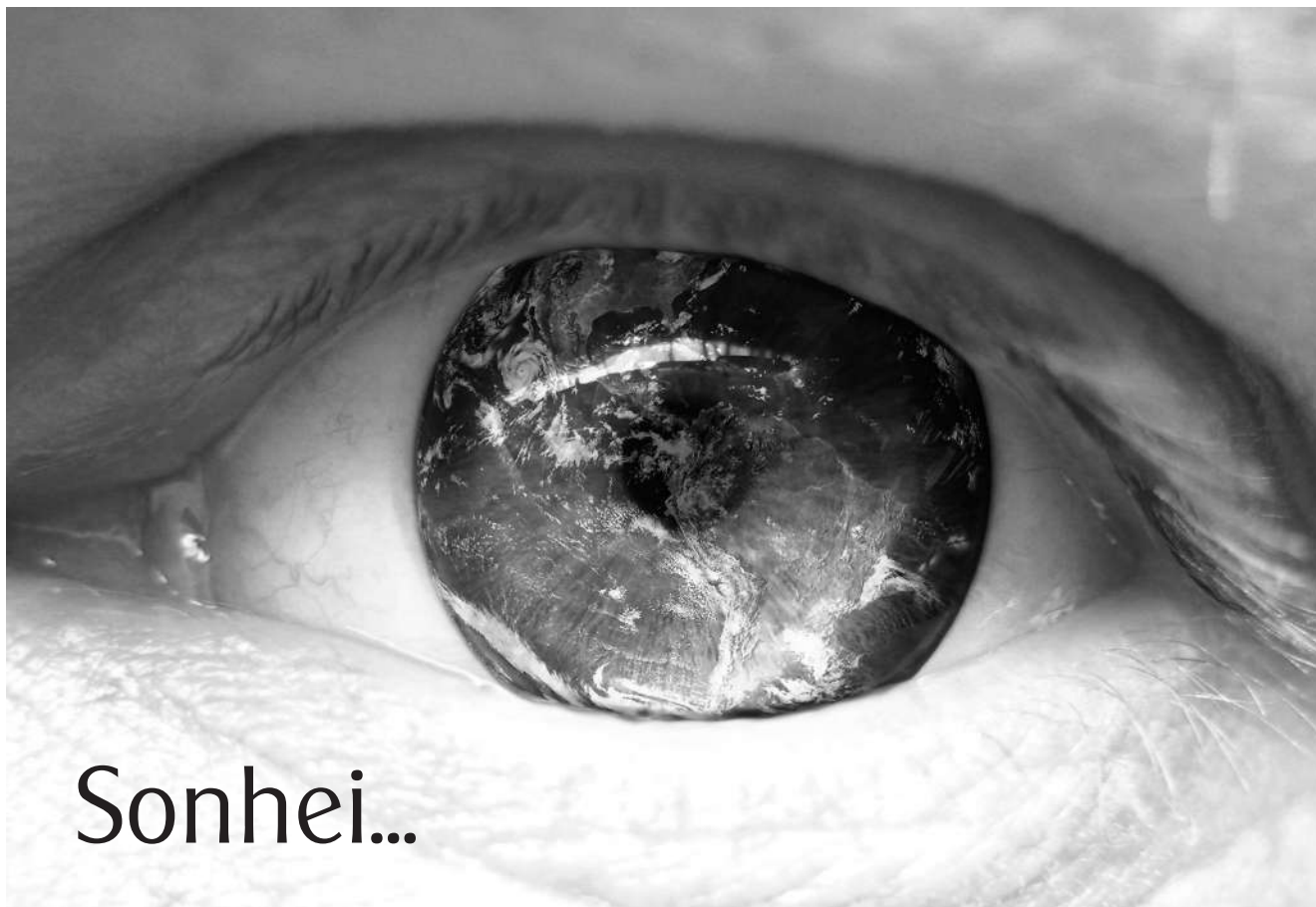
Não uses medicamento para dormir. As pessoas maduras não necessitam de tantas horas de sono, porque já dormiram muito na vida. Agora, aproveita o tempo em que estiveres acordado para observar mais, aprender mais e a falar mais. Se em meio a tudo isso, receberes a visita do amor, não te esquives. Abra os braços para acolhê-lo. Abra os olhos para vivê-lo. Levanta e vai ao seu encontro. Ele é a bênção que esperavas há tanto tempo. E a oportunidade de ser feliz um tanto mais. É a chance de voltar a se sentir vivo e confiante. É a alegria que julgavas ter perdido. É a emoção que te fará renascer no paraíso. É a mola propulsora que te fará empreender novos e emocionantes voos na direção de uma realidade mais plena e feliz.

Ele te fará escalar altas montanhas. Ele te curará de enfermidades que existiam somente no teu psicológico. Ele te colocará em pé para a vida. Ele te fará atravessar horizontes desconhecidos e mágicos, repletos de luz. Ele dará sentido e valor a tua existência, antes considerada pequena demais. Ele te transformará num grande homem, o homem mais completo e sábio, feliz e cheio de paz que somente um coração que vive em plenitude consegue conquistar.

Ninguém tem o direito de te reprimir os sentimentos. Extravase-os à vontade.

É a tua última oportunidade de viver a vida em plenitude, de enfeitar o teu coração com as cores do divino, de abençoar os anos que tens pela frente e que poderão não ser tão poucos como imaginas. Deus te responde de várias maneiras. No entanto, o sinal mais perfeito de Se mostrar a ti é através do amor. Ama intensamente. Sem preconceito. Sem medo. Sem constrangimento. Sem pensar. O amor é emoção. Não caminha com a razão. Ele está acima de tudo. Portanto, mesmo que não o compreendas, segure-o firme. Ele é a bengala com que te apoiará. Ele é a ponte que atravessarás para a outra margem em segurança. Ele é o apoio espiritual que manterá a tua dignidade em pé diante da vida. Ele é a luz que iluminará a tua trajetória rumo ao desconhecido. E ele é a tua recompensa maior por tudo que suportaste até hoje em nome da tua própria evolução.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Sonhei...

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Sonhei... Meu sonho não era sobre o passado. Era um misto de passado, presente e futuro. Um entrelaçamento de realidade acontecida, acontecendo, e por acontecer. Sonho constante e reiterado. Um sonho como o de todos os corações humanos, de todos os povos, de todas as épocas. Um sonho sendo produzido e sem nunca chegar ao fim. Sonho de possibilidades e impossibilidades. Sonho de Deus. Sonho dos homens. Um sonho possível só para quem vive totalmente acordado.

Entretanto, o que pretendo, neste momento, é revelar o que sonhei. Desde o lugar chamado Linha Graciema, onde nasci, no interior de Bento Gonçalves, até a Passo Fundo de outrora, que abracei com vigor, entusiasmo, e devoção pelos ideais da comunidade, como afirmou o jornalista Wilson João, do jornal Correio Riograndense.

Pois o meu sonho representava as nações vivendo a solidariedade e a partilha de ideais. Haviam terminado as divisões Norte/Sul, Oriente/Ocidente. Os povos entenderam que têm o mesmo sangue e os mesmos desejos correndo nas veias.

Que a dominação desapareceu e as alas da fraternidade se abriram. Aprenderam que, em todos os seres vivos, a vida suspira por realização e plenitude. Afinal, nesta terra evoluída, não há mais lugar para lobos e escorpiões, nem para águias e falcões.

E o sonho continuou...

Sonhei com os meios de comunicação somando ideias, optando pela verdade e não pelos interesses da economia e da política. Com jornais que se irmanam e se completam, deixando de lado o velho esquema do devorar-se uns aos outros.

Sonhei com as Igrejas caminhando juntas. Nenhuma julgando-se a dona da verdade. Nada de grupos fanáticos. Todos os credos buscando o mesmo Deus, e realizando tudo em nome da paz. Todos em defesa da vida. Todos promovendo a fraternidade e a convivência entre os indivíduos e os povos, e desses com o Deus de todas as Igrejas.

Sonhei com os partidos políticos buscando o bem comum. Somando projetos, organizando o povo para que se torne senhor da história e para que cada um se sinta cidadão. Partidos e homens públicos que se preocupam em somar, sem o velho esquema de dividir ou destruir para vencer. E o povo exaltando, e os jovens entoando o hino da democracia.

Sonhei com as empresas buscando o progresso comum. Sem o esquema secular de se julgarem senhoras do capital e das máquinas. Sem explorar a capacidade de trabalho do povo apenas para seu lucro próprio, ou para um grupo privilegiado. Sonhei com empresas solidárias, humanas, empenhadas em concretizar os sonhos de cada cidadão.

Sonhei com os clubes, os sindicatos, as associações, as cooperativas, as empresas e escolas, todos se organizando, não para seu próprio proveito, mas para o bem da coletividade. Todos promovendo a igualdade de direitos e deveres, a inclusão social, o progresso solidário, para que ninguém se sinta alijado do processo de desenvolvimento.

Sonhei com este mundo novo e belo pertinho de mim: em minha casa, minha cidade, minha igreja, minha comunidade, meu círculo de amigos, meu grupo social. Sonhei e acredito na possibilidade de um novo céu e de uma nova terra, onde o lobo e o cordeiro, a criança e a cobra, o leão e o gato, consigam conviver harmoniosamente.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi.)

Cápsula do tempo

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Os caquizeiros da minha infância se desprenderam da terra e vieram morar dentro de mim.

Aqui eles continuam vivos, ao lado de outros tantos irmãos, tão solidários quanto eles, na missão de colorir-se, florescer, cobrir-se de sabores e beijos em calda.

Aquilo sim que era festa! Presença amiga e saborosa! Todas as horas do dia...

Ao invés dos arranha-céus, eu convivía com as videiras; das ruas moribundas de veneno, com os canteiros de terra pulsante.

Todavia, neste momento de incandescências, os fios que costuravam as folhas e brotos foram encurralados, torcidos, esmagados, pelo sol raivoso e despótico, que se compraz em murchar tanto as sedas como as rendas, já esgarçadas de dor.

Nada havia, nas auroras antigas, que se comparasse à insanidade dos motores de agora. Nem à asfixia do ar espesso se esgueirando pelas narinas, olhos, boca e sentimentos. Nem à fuligem vomitada pelas chaminés, à lua enfumaçada e triste, abortando os chuviscos de prata e engravidando de melancolia.

Os próprios ruídos eram discretos, respeitosos, relaxantes. Conheciam os limites do bom-senso, pois que a provocação e a baderna ainda não haviam fincado suas garras, no solo pedregoso e árido.

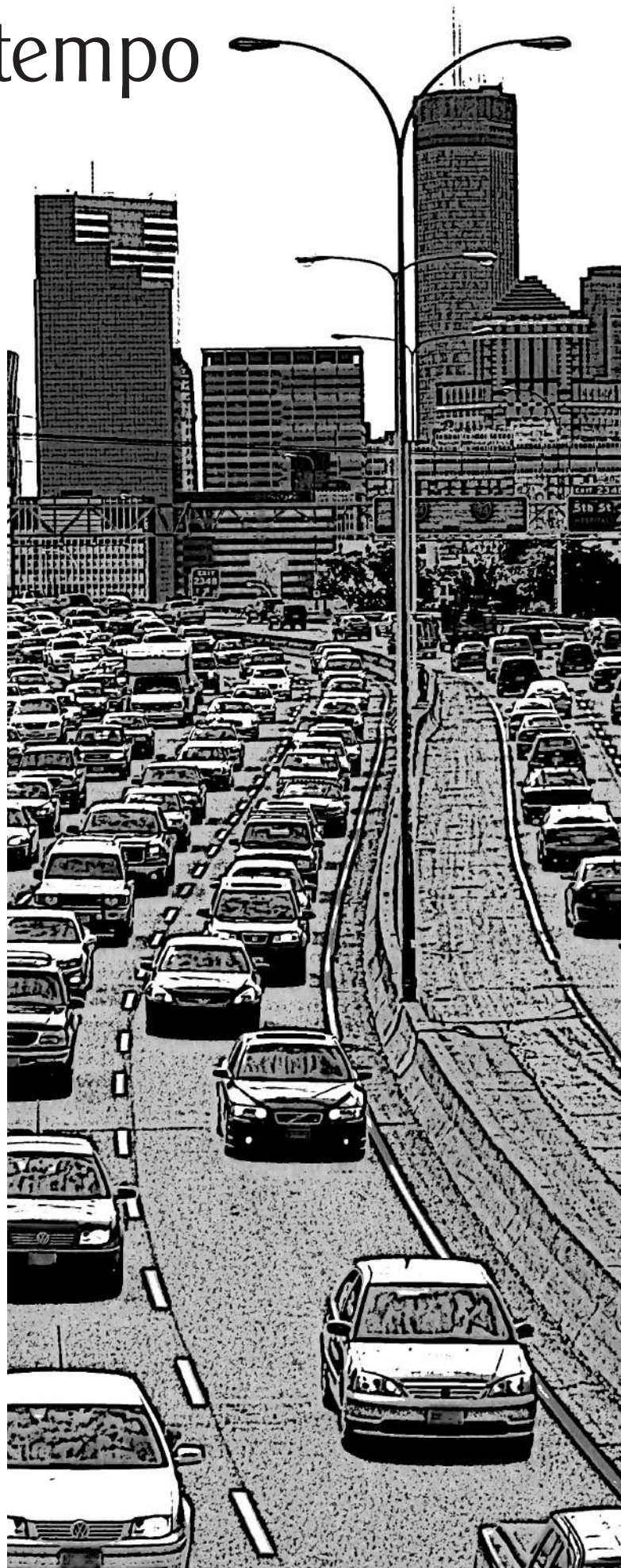
E as gangues comandadas por Satanás? – Jamais se ouvira qualquer referência, entre os meandros da paz e da discrição. O prazer mórbido das arruaças não vingava naquele cenário bucólico, que adormecia à meia-luz das estrelas, e acordava com o badalo do sino ou a cantoria das cigarras.

Ontem, minhas lágrimas nasciam do lirismo, da emoção, do vagaroso fluir do sentimento. Hoje, elas se nutrem do medo, da desconfiança, da insana garganta de aço e pedra, gás e estrondo, que me espreitam por todos os lados.

Perdi minhas referências, minhas paixões, minha identidade. É isso que faz a vida, ao romper-se a cápsula do tempo, pondo à mostra o estandarte, tão descosido quanto desbotado, das primaveras longínquas, que já me deram adeus...

(Do livro de crônicas: Matizes do Entardecer)

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passofundense de Letras.)





Escutem e entendam a experiência dos mais velhos...

DANIEL VIUNISKI

Estou, junto com a família, em uma das praias de Santa Catarina. Aproveitamos os últimos dias de fevereiro para recompor todas as energias gastas durante o ano que passou. Férias fazem bem e desde já, a esperança de poder retornar, no próximo ano. Estamos tendo o privilégio de contar com a presença de minha sogra, Dona Therezinha.

Poderia escrever muitas passagens desta estimada visita, inclusive relatando episódios que já lhe acompanham, de um tal de Alzheimer ou algo natural de sua própria idade. Quem sabe poderia contar uma piada sobre a personagem “sogra”.

Mas não... Estou, durante longas horas, pensando em algo que ela relatou de sua mocidade, quando ainda morava com a família, em uma colônia no inte-

rior de Dois Lajeados, Santa Catarina.

E os pensamentos se formam e vejo quanto ela é sábia e importante o seu relato.

Pois esta senhora dos seus 84 anos bem vividos, conta que realizavam a plantação na horta e na lavoura, cuidando muito da fase da lua. Dizia que para a cenoura, a batata, a beterraba, o rabanete, a mandioca, e outras, a melhor fase era a Lua Minguante, enquanto as que interessava a parte externa, como o feijão, o milho etc., a Lua Crescente. Até aí, nada de novo, pois os calendários e almanaques e, principalmente, os agrônomos nos informam qual a melhor época de plantar.

O que impressionou foi sua afirmativa que, mesmo sendo tal lua, não se devia plantar logo no primeiro dia em que houve a mudança de fase. “Espere, dizia ela, uns dois ou três dias e, a plantação virá com muito maior força.

Isto me faz lembrar os versos de um

poema de autor que desconheço:

“Não faz mal
que amanheça devagar.
As flores não têm pressa,
nem os frutos.
Sabem
que a vagareza dos minutos
adoça mais o outono, por chegar.

Não faz mal
que, devagar,
o dia vença a noite,
em seus redutos
do Leste.

O que importa
é ter enxutos os olhos,
e a intenção de madruguar...

Sim, querida sogra Therezinha, tens toda a razão: Não se pode apressar o plantio de qualquer coisa, pois tudo tem o momento certo. Não devemos apressar o amadurecimento de um fruto, pois tem sua hora...

A sua mensagem é mais do que oportuna e muito profunda. O ser humano tem que saber que tudo tem sua hora e não devemos precipitar os acontecimentos.

Não apenas com as plantas, mas com as amizades, com nossas tarefas, enfim, com tudo o que no dia a dia fazemos.

Sou-lhe grato, mais uma vez, e aproveito para lembrar a todos o título: ouçam a voz dos mais velhos... Eles são sábios.

(Daniel Viuniski é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Para Rafaela

Mãos enroladinhas

A voz é doce,
segura e macia.

Por si só,
uma poesia.

A pergunta é leal,
nascida no toque.

É forte e certa,
como tiro de “bodoque”.

- Vovó, por que suas mãos
são “enroladinhas”?

Se enrolaram na vida,
acariciando ferida.

Se enrolaram no amor,
salpicadas de dor.

Se enrolaram no trabalho,
hidratadas com orvalho.

Se enrolaram no cabelo,
que perdeu a cor.

Se enrolaram nas contas do terço,
a rezar com fervor.

Se enrolaram nos gestos,
jeitos, trejeitos,
tentando explicar
o que está preso no peito.

Se enrolaram na escrita,
pensada, dita e não dita.

Se enrolaram no papel,
na panela e no cordel.

Se enrolaram no carro,
no controle e no chocalho.

Se enrolaram nos livros,
no giz, na caneta e nos arquivos.

Se enrolaram na carícia,
na leveza e na malícia.

Se enrolaram no pulso cerrado,
na força, na luta,
pra conquistar o sonhado.

Se enrolaram, segurando o tempo
que escorre nos dedos
e o cair do dia,
que acorda os medos!

(Dinair Fernandes Pires é professora,
de Passo Fundo/RS.)



Os esgotos de Paris

HUGO ROBERTO KURTZ LISBOA

Visitar os esgotos de Paris pode parecer paradoxal. Numa cidade, com tanto charme e atrações na superfície, fica difícil entender por que alguém queira visitar-lhe os intestinos.

Em fevereiro de 2012, ficamos um bom tempo na “Cidade Luz”. Era para lá o único destino. Não havia plano de ir a outro lugar, na Europa, que não fosse Paris. Este fato tirou a pressa de correr, de um lado na tentativa vã de visitar todas as atrações.

O Museu do Louvre, por exemplo, precisaria de anos para ser visitado e compreendido, na sua total extensão. É interessante que seja visitado várias vezes e uma parte por vez. Isto vale também para os vários outros museus e atrações da cidade.

Com o tempo a nosso favor, nos dedicamos a descobrir locais diferentes e, também, a escapar da atração de consumo, nas Galerias Lafayette.

Sabia da visita aos esgotos, mas nunca tinha me interessado muito. Recebi

uma recomendação formal do Dr. Alceu Machado, confrade da Academia Passo-Fundense de Letras. Numa manhã, reunido com a família, fomos para a estação de Metrô Pont D’Alma, onde está a entrada, e, corajosamente, descermos as escadas que levam ao início da caminhada.

Devido ao crescimento da população urbana o destino dos dejetos humanos tornou-se crítico. Seu acúmulo desordenado foi causado de várias epidemias de doenças. Assim, há vários séculos, Paris tirou os esgotos que corriam livremente nas ruas, e o canalizou embaixo da terra.

Iniciamos a caminhar por grandes galerias que recebem o nome da rua que passa em cima. O cheiro de esgoto é de esgoto, porém não chega a ser forte o suficiente para ser desagradável. Algumas mulheres, entretanto, cobriam o rosto com lenços.

Algumas galerias são adaptações do sistema de saneamento do tempo da ocupação romana, quando a cidade se chamava Lutécia. Progressivamente, foram sendo aumentadas e, as amplas e bem construídas galerias com o teto em abóbada, demonstram a preocupa-

ção com a higiene da cidade. O esgoto corre em canais no centro das galerias e o “tour” é feito em passarelas, a uma altura razoável do fluxo.

Há um roteiro definido, e este passeio existe desde 1880, época de seu maior reformador, engenheiro Eugène Belgrand. Há neste caminho sinalizado, painéis que vão contando peculiaridades sobre sua existência. Neste momento, há 2400 km de esgotos e galerias técnicas (www.paris.fr/...egouts/...egouts-de-paris).

No período da Revolução Francesa, conspiradores usavam este sistema para escapar da polícia do Rei. Conta-se que Marais, um dos articuladores daquela revolução, adquiriu uma grave doença de pele por esconder-se nos esgotos. Ele foi, mais adiante, assassinado quando estava em um banheiro, tentando tratar seu corpo recoberto de escaras.

Os esgotos foram usados também durante a ocupação nazista de Paris onde “La resistance” traçava seu planos para sabotar o exército invasor, e também como rota de fuga.

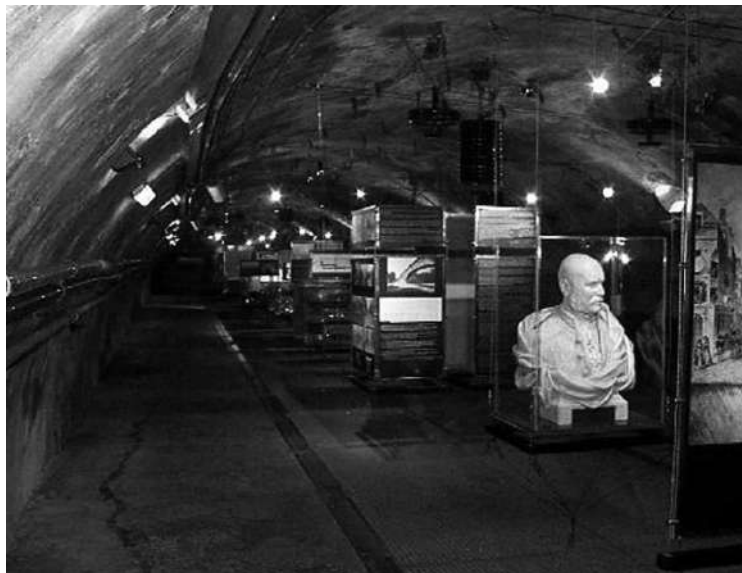
Um dos problemas do esgoto é o acúmulo de areia nos condutos. Para

evitar isto, há bolas de madeiras, fazendo com que a passagem do líquido se afunile e, desta forma, turbilhonam-no, para que a areia se emulsione, diminuindo seu depósito. Mesmo assim, de tanto em tanto tempo, há necessidade de máquinas manejadas pelos “égouters”, os orgulhosos funcionários dos esgotos, que são usadas para retirar o entulho.

Deste esgoto são separadas a parte líquida e a sólida que têm destinos diferentes. O sólido é reciclado para servir de adubo, e o líquido, após processos de decantação e purificação, é lançado no Rio Sena. O parisienses contam, satisfeitos, que este rio possuía, em 1990, 10 espécies de peixes e, com o contínuo e progressivo processo de limpeza, neste momento possui 21 espécies.

Nestas horas não há como não lembrar de Passo Fundo e do rio que lhe deu o nome. Em 2011 teve que ser desobstruído duas vezes e, do seu leito, foram retiradas toneladas de lixo. As medidas cosméticas de contenção do lixo através de barreiras flutuantes não estão funcionando, já que foi publicado, recentemente, que novos depósitos de lixo estão-se formando. Há, na verdade, necessidade de campanhas públicas continuadas, para evitar que a população, mal educada e relaxada, pare de jogar lixo nas ruas. Para isto, toda a sociedade organizada deve se unir (Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina, Secretaria de Educação, Secretaria do Meio Ambiente, Rotary Club, Lions Club, Universidade de Passo Fundo, Centro de Tradições Gaúchas, Igrejas, escoteiros, militares, enfim, todos nós). Sem água limpa, não vivemos.

Para aqueles que forem a Paris recomendo esta atração muito interessante. E, após sair do subsolo, uma chegada ao topo do Arco do Triunfo, dará uma visão panorâmica da cidade, de onde se pode admirar a urbe milenar e mais charmosa do mundo, que cuida de todos os aspectos da sua anatomia.



Genoma humano e a Bíblia

CARLOS ANTÔNIO MADALOSSO

Há mais de 150 mil anos, os primeiros hominídeos saíram da África para ocupar a Ásia e a Europa. Eram altos e fortes, mas com o cérebro pouco desenvolvido. Por isso eram classificados como “Homo habilis”. O homem de Neandertal, exemplar desta espécie, encontrou, mas não se cruzou com nossos ancestrais e desapareceu por volta de 30 mil anos A.C..

Em data situada entre 80 e 40 mil anos, saíram do leste africano, hoje Etiópia, um grupo de cerca de 10 mil hominídeos, que, por terem cérebro mais desenvolvido, foram classificados como “Homo sapiens”. Provavelmente por mudanças climáticas, abandonaram seu local de origem e migraram para o sul e leste da África, atravessaram o Mar Vermelho, foram para o Iêmen e deste para o oeste, Europa; para o leste, Índia e China; e, a partir do Ceilão (Sri Lanka), para o sul, Austrália e Ilhas do Pacífico.

Há 40 mil anos, iniciaram a domesticação dos animais, iniciando por filhotes de lobos, que hoje são representados por nossos cachorros, e, posteriormente, com ovelhas, cabras, vacas e outras tantas espécies.

Viviam como coletores-caçadores, nômades, que, indo atrás da caça, comiam o que a natureza lhes oferecia.

Há cerca de 15 mil anos, no Crescente Fértil, hoje Iraque, iniciaram o cultivo de plantas, principalmente gramíneas, como o trigo, o centeio e a cevada. Tornaram-se sedentários e passaram a viver da produção agrícola.

Desde então aprenderam a selecionar animais e vegetais, pelas suas qualidades e vigor. Usavam as sementes das plantas mais viçosas e, como reprodutores, os animais mais desenvolvidos ou mais dóceis no trato. Era o reconhecimento da hereditariedade e da genética. Alguns povos, como o grego, tentaram fazer uma seleção gênica nos homens,

procurando cruzar homens e mulheres de melhor aparência e robustez.

Em 1865, o monge Gregor Mendel, em Brno, República Checa, fez experiências em seus jardins, cruzando ervilhas verdes e amarelas, e viu nascerem ervilhas amarelas, mas que, cruzadas novamente, voltavam a apresentar a cor verde. Publicou seu trabalho, chamando-o de Ensaio sobre plantas híbridas, tendo enviado o mesmo a muitos amigos cientistas. Por choque de opiniões com autoridades locais, incluindo o reitor de seu mosteiro, foi proibido de continuar suas experiências, tendo as mesmas sido destruídas, inclusive, suas anotações. O trabalho foi salvo pelas cartas enviadas. Não reconhecido de imediato, voltou a ser valorizado no início de 1900, quando foi denominada como lei da hereditariedade e, em homenagem ao seu idealizador, chamada de Leis de Mendel.

O primeiro investigador a observar cromossomas foi Karl Wilhelm von Nägeli, em 1842. E o seu comportamento foi descrito em detalhe por Walther Flemming, em 1882. Em 1910, Thomas Hunt Morgan provou que os cromossomas são os portadores dos genes. Existem pares de 23 cromossomas nas células normais.

Na fase reprodutiva, os pares separaram-se, formando os gametas que apresentam 23 cromossomas (22 semelhantes e um diferente; no macho é chamado de cromossoma Y e na fêmea de X). Na fertilização, se unem aos do parceiro sexual, completando os 46 usuais das células.

Em 1953, um grande passo foi dado para o entendimento da hereditariedade. Foi estudado e reconhecido o DNA, pelos cientistas Francis Harry Crompton Crick e James Dewey Watson. Uma gigante molécula, composta de hidrato de carbono-desoxirribose-, de um grupo fosfato unido a 4 bases, adenina, timina, guanina e citosina. No DNA está contido todo o nosso código genético, que no seu conjunto é chamado “genoma”.

Em 2000, o presidente Bill Clinton reuniu pesquisadores governamentais e privados, e os desafiou a decifrar o

genoma humano.

Em 2003, foi anunciado o estudo completo do genoma humano, pelos cientistas J. Craig Venter e Francis Collins. Desde então grande tem sido o progresso na área.

Descobriu-se que existe um DNA no núcleo das células, e um nas mitocôndrias. Quando o óvulo é fecundado pelo espermatozoide, o DNA mitocondrial materno elimina o paterno, de forma que todos temos o DNA mitocondrial de nossas mães.

Estudos sucessivos vieram provar que todos os homens da terra são originários de uma única mãe, que viveu na África, há mais de 100 mil anos, chamada carinhosamente de Eva Mitocondrial. Havia na ocasião outras fêmeas, mas somente uma deu origem a todos os habitantes de nosso planeta. Os descendentes das outras mães sucumbiram, com o passar do tempo.

A Bíblia:

O nome vem do grego *biblion*, e no plural *biblia*, cujo significado é “rolo”, maneira de apresentação dos livros na antiguidade.

Segundo a tradição aceita pelos cristãos, a Bíblia foi escrita por 40 autores, entre 1445 e 450 a.C. (livros do Antigo Testamento) e 45 e 90 d.C. (livros do Novo Testamento), totalizando um período de quase 1600 anos. Sua aceitação foi e continua sendo polêmica. Há os defensores que veem, como eu, que ela foi escrita por inspiração divina, e outros não aceitam este fato.

Entenda-se que foi escrita para um povo que vivia em região semi-desértica, em época cujos conhecimentos científicos eram escassos, e vinham através de informações verbais de seus antepassados. Isso levou à desconfiança de que a Bíblia seja bem mais recente, e transcrita por escribas que ouviam as informações correntes.

Para os cristãos, a Bíblia iniciou a ser escrita por Moisés, que redigiu, por inspiração divina, os primeiros 5 livros, chamados Pentateuco.

No cristianismo, a leitura da Bíblia era reservada ao clero, uma vez que se supunha não terem os leigos compreen-

são para interpretá-la. Mudou com Lutero que, traduzindo-a para o alemão, estimulou que todos a lessem, prática muito constante nas igrejas protestantes e pentecostais. Os judeus não consideram o Novo Testamento.

Com o avanço da ciência, a partir do século XVII, colocaram-se em dúvida fatos raros relatados no Antigo Testamento, por considerarem-nos fantasiosos.

Nós, evolucionistas teístas, entendemos que Deus criou o mundo, e não mais interveio na evolução da natureza. O que seriam então os milagres? Seriam acontecimentos raros, perfeitamente compatíveis com a natureza, que acontecem em momentos apropriados por desígnio divino. Para exemplificar, citamos alguns desses milagres.

No livro do Êxodo, 7,14, Moisés pede que o faraó liberte o povo, senão o rio Nilo cobrir-se-ia de sangue. Na negativa do faraó, houve o fato. Hoje conhecemos como maré vermelha, causada por algas que proliferam exageradamente. O Rio Grande do Sul presenciou este fenômeno na praia de Hermenegildo. O milagre não foi o fato, que é natural, mas o momento certo do acontecimento. A maré vermelha retira o oxigênio das águas, determinando a morte dos peixes. Os peixes predam os girinos dos sapos e das rãs. Não havendo peixes, houve proliferação das rãs, e aí a explicação da segunda praga do Egito. Poderíamos, cientificamente explicar as demais pragas.

Outro exemplo foi a separação das águas do Mar Vermelho. Estudos geológicos mostram que, na época do êxodo, houve erupção de um vulcão no Mediterrâneo, donde surgiu a ilha de Santorini, com grande probabilidade de ter havido um tsunami. No tsunami, o mar recua, deixando passar os hebreus (Êxodo, 15,22) e depois retorna, constituindo a onda gigante que sepultou os soldados egípcios, com seus carros e cavalos. Examinando o fundo do mar, encontraram restos destas carruagens. Novamente, o fato é explicado pela natureza. O milagre está no momento adequado a acontecer.

Os evolucionistas ateus procuram sempre uma explicação para o mundo. A teoria do Big Bang, hoje aceita, explica o início do Universo, mas não consegue definir de onde saiu a energia que deu início a todo o processo. Gastos trilionários tem sido feitos, em procura da explicação do início. Construiu-se o CERN, entre a Suíça e a França, mas até hoje as explicações esbarram no princípio, ou seja, de onde veio a energia inicial. Para nós é, segundo o evangelho de

São João 1, 1 a 3 : “No início era o verbo e o verbo era Deus e..... todas as cousas foram feitas por ele.”

A Bíblia, no livro Gênesis, mostra a criação do mundo. Foram criados a luz, o firmamento, as águas, os animais aquáticos, os animais terrestres e o homem, na exata sequência hoje aceita pela ciência, feita há três mil anos, quando nada se sabia da evolução. Mais uma vez as Escrituras Sagradas acertam em suas informações.

Mark Twain reclamava que Deus, por ser todo-poderoso, era muito carrasco com suas criaturas, devido às palavras duras que se utilizam na Bíblia, para narrar o que aconteceria com os que desrespeitam as regras da civilidade. Em época em que não se tinha controle da população, por ser dispersa e sem meios de comunicação eficientes, era necessário que se criasse nos homens um forte “super ego”, a fim de que eles mesmos se policiassem em suas ações. Não era sadismo, nem maldade de Deus, era uma ação preventiva, para evitar a violência e a maldade humanas.

Embora seja muito questionada, a Bíblia é o livro mais vendido e mais lido no mundo. Seus detratores têm sido cada vez mais silenciados, pelas comprovações das corretas informações nela contidas.

O genoma humano e a Bíblia.

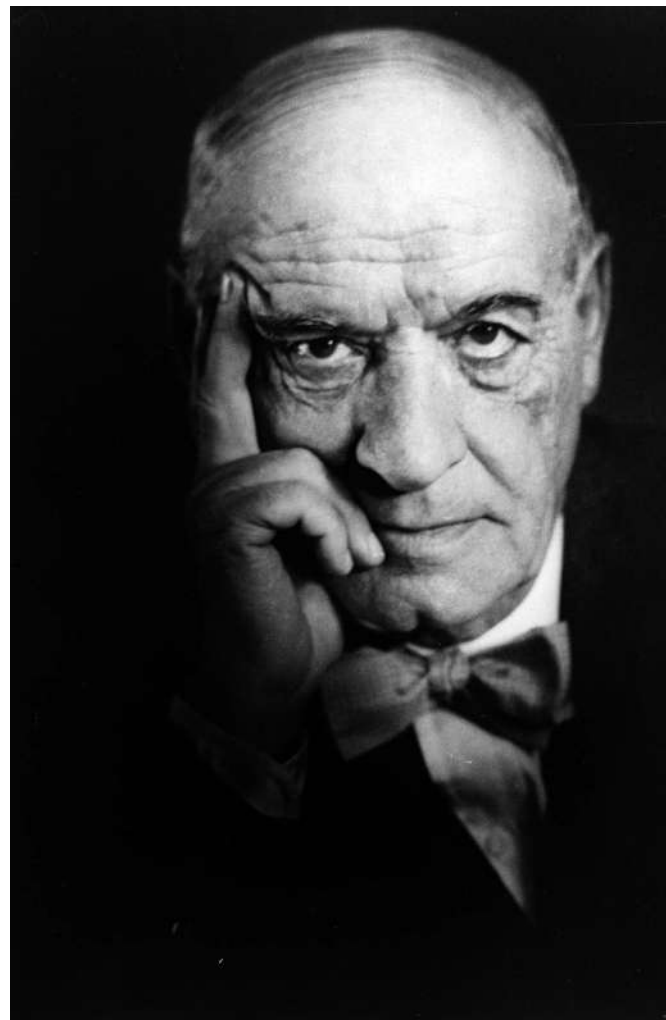
O encontro e a confirmação da Bíblia veio recentemente, com o estudo do genoma humano.

Após gastos astronômicos de bilhões de dólares, na pesquisa do genoma, os cientistas chegaram à conclusão de que não há raças entre os homens. Todos pertencemos ao mesmo tronco genético. A informação da existência de Eva, tão criticada por séculos, foi confirmada, uma vez que toda a humanidade é descendente de uma única mulher, chamada pelos cientistas de Eva Mitocondrial, pois chegou-se a ela através das mitocôndrias femininas. Não temos como afirmar, ou afastar a ideia de que esta nossa mãe comum poderia ter tido um ou diversos parceiros. Havia, por certo, outras mulheres na ocasião, mas apenas uma teve sucesso com os descendentes.

Finalizando, podemos repetir o surrado ditado que A BÍBLIA TINHA RAZÃO.

(Carlos Antônio Madalosso é médico e membro das academias passo-fundenses de Medicina e de Letras.)

Entre Newton, Ortega y Gasset e o Ecclesiastes



GILBERTO R. CUNHA

Um aforismo atribuído a Isaac Newton, uma assertiva construída (incorretamente construída, frise-se), a partir da obra “La rebelión de las masas”, do filósofo espanhol, José Ortega y Gasset (1883-1955), e uma explicação derivada das muitas possibilidades de comportamento humano, (incluindo-se as vaidades) contempladas no livro do Ecclesiastes, têm servido de hipóteses de pesquisa em diversos estudos bibliométricos que, por meio de análises de citações e de conteúdos, buscam avaliar aquilo que muitos entendem por qualidade da produção acadêmica, quer seja de

um cientista individualmente, de uma instituição ou de um país.

Isaac Newton (1643-1727) teria dito que “se eu fui capaz de ver mais longe é porque estava de pé nos ombros de gigantes”. Esse aforismo newtoniano transposto para o universo das métricas bibliográficas, computadas a partir de bases tipo Science Citation Index da Thomson Reuters, Scopus e Web of Science, não seria diferente da afirmação de que os artigos científicos que possuem um grande número de citações, portanto impactos elevados, segundo essa lógica, também usariam artigos científicos de impacto elevado (muito citados). Em resumo, paper de elite, no jargão da comunidade científica, usa como embasamento teórico também

papers de elite.

A chamada hipótese Ortega (a denominação mais adequada seria hipótese Ortega y Gasset), aparentemente, se não fosse construída de maneira equivocada, representaria o inverso do aforismo de Isaac Newton. Os sociólogos Jonathan R. Cole, da Universidade Columbia, e Stephen Cole, da Universidade Estadual de Nova Iorque (SUNY), ou simplesmente Cole & Cole, publicaram, na edição de 27 de outubro de 1972 da revista Science, um artigo denominado “The Ortega Hypothesis”, que alcançou grande repercussão e desdobramentos analíticos posteriores. Segundos eles, a hipótese foi construída a partir da obra “La rebelión de las masas”, de José Ortega y Gasset, publicada em 1929,

sendo assim sintetizada: “La ciencia experimental ha progresado en buena parte merced al trabajo de hombres fabulosamente mediocres, y aun menos que mediocres”. Infelizmente, para a tropa de arraias miúdas da ciência, os próprios autores, Cole & Cole, se encarregariam, no sentido popperiano, de rejeitá-la, pois concluíram que a análise bibliométrica sugere que apenas uns poucos cientistas contribuem para o progresso da ciência. Ou pior, quando, nas conclusões, estabelecem que ter 80% da comunidade científica ocupada em produzir 15 ou 20% dos trabalhos, que são efetivamente usados em descobertas relevantes, pode não ter justificativa, sendo assim, forçados a admitir que uma redução no número de cientistas pode não implicar em diminuição da taxa de progresso científico.

Rejeitada a hipótese Ortega ficou clara a impossibilidade de rejeição do aforismo de Newton (que não é a mesma coisa que aceitação, entenda-se). No fundo, ambos não são diferentes, pois Cole & Cole, deliberadamente ou não, fizeram uma leitura equivocada da obra de Ortega y Gasset. O filósofo espanhol é conhecido por ser um elitista de escol. No já mencionado livro “La rebelión de las masas”, inclusive, postula que, dada a massificação da sociedade contemporânea, a liderança social deve caber a uma minoria intelectual aceita pelos demais cidadãos. O antigo diretor-geral da biblioteca do parlamento da Hungria, Endre Száva-Kováts, em exaustiva análise do artigo de Cole & Cole, publicada no *Journal of Information Science*, v.30, n.6, p.596-508, 2004, desconstruiu a hipótese Ortega, mostrando que, na sua elaboração, houve falsificação (com montagem e exclusão de frases) do texto de Ortega y Gasset. Assim, rejeitar a hipótese Ortega não é diferente que não discordar do elitista José Ortega y Gasset ou de Isaac Newton.

O mundo da ciência é maior que o das métricas bibliográficas, por isso cautela com conclusões apressadas! Tipo: se, no caso concreto, a hipótese Ortega não é rejeitada, a conclusão inevitável é que a ciência é melhor servida por um maior

número de cientistas, mesmo não sendo esses de alto desempenho. Ou, na situação inversa, quando rejeitada, o mais adequado é limitar a aplicação dos recursos aos poucos e melhores cientistas.

Em contraposição à hipótese Ortega (The Ortega Hypothesis), construída pelos sociólogos Jonathan R. Cole, da Universidade Columbia, e Stephen Cole, da Universidade Estadual de Nova Iorque (SUNY), surgiu, como interpretação alternativa, a chamada hipótese *Eclesiastes*, elaborada por Stephen P. Turner e Daryl E. Chubim, professores de Sociologia, vinculados à Universidade do Sul da Flórida e à Universidade Cornell, respectivamente. Em dois artigos publicados na revista *Social Science Information*, 1976 e 1979, Stephen P. Turner e Daryl E. Chubim fizeram outra leitura dos resultados encontrados por Jonathan R. Cole e Stephen Cole, embora sem negá-los, a qual ficou conhecida como hipótese *Eclesiastes*.

No evangelho de São Mateus e no livro de *Eclesiastes*, pela riqueza de exemplos, podemos encontrar paralelismos e uma gama de interpretações possíveis, consubstanciados nos textos bíblicos, para os mais diversos comportamentos do dia a dia do mundo real dos cientistas. Especialmente, quando se busca valorar reconhecimento e eminência, a partir da produção bibliográfica e da análise de citações.

O reconhecimento da autoria de artigos científicos é exemplar. Quando, entre os autores, há um cientista de renome, em meio a outros desconhecidos, estilo “ninguém” e “alguém”, independentemente da ordem de autoria, o artigo em questão é comumente referido como sendo de “alguém”. Há quem veja nisso a materialização das mesóclises da parábola dos talentos (Mateus, 25:29): “Porque a todo o que já tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância: e ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem”.

A questão principal enfocada por Stephen P. Turner e Daryl E. Chubim, na sua hipótese *Eclesiastes*, é o uso dos talentos, entenda-se dos cientistas e suas contribuições, em meio a um sistema de

ciência, tecnologia e inovação (C,T&I), cujo comportamento, supõe-se, tem algo de aleatório e, não raro, a marca da casualidade. Reviveram o *Eclesiastes* (9:11): “Eu me voltei para outra coisa, e vi que debaixo do sol não é o prêmio para os que melhor correm, nem a guerra para os que são mais fortes, nem o pão para os que são mais sábios, nem a riqueza para os que são mais doutos, nem a boa aceitação para os que são mais hábeis artifices. Mas que tudo se faz por encontro e por casualidade”. Nessa mesma linha, sobre o papel do acaso, Maquiavel nos ensinou que temos o controle sobre a metade das coisas e que a sorte é o juiz da outra metade, embora Pasteur tenha contrabalançado com a assertiva de que, em ciência, a sorte favorece apenas as mentes preparadas.

Pela hipótese *Eclesiastes*, não se trata de mera questão de exclusão da maioria dos cientistas do sistema de C,T&I, como uma leitura apressada da hipótese Ortega poderia sugerir, mas de se buscar uma maior eficiência na utilização dos talentos. Afinal, é equivocado imaginar que se pode medir eminência e se dar o devido reconhecimento a um cientista, com base, exclusivamente, na métrica da sua produção de artigos e citações bibliográficas (a ciência da quantidade). São duas as categorias de cientistas: os eminentes e os obscuros. Um cientista adquire o status de eminência, pela relevância do seu trabalho, e reconhecimento, pelos pares e pela sociedade. E nessa questão da eminência, como bem frisa o *Eclesiastes*, o acaso pode desempenhar seu papel. Gregor Mendel é o exemplo de cientista, cuja relevância das suas leis da hereditariedade hoje ninguém desconhece, mas que foi sobejamente ignorado pelos seus contemporâneos. Qual teria sido o reconhecimento de Mendel, na sua época, se, em vez de um obscuro monge agostiniano, ele tivesse sido um catedrático da Universidade de Berlin?

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundese de Letras.)





Imigração italiana – mitos e verdades

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Por ser o mês de maio dedicado à imigração italiana, ocorrem comemorações em vários municípios do Rio Grande do Sul. E, por celebrar-se no dia 2 de junho a data festiva da República Italiana, muitas vezes as programações referem ambos os acontecimentos.

A capacidade do imigrante italiano e seus descendentes, para realizar negócios e desenvolver tarefas administrativas, foi sempre uma marca registrada desse povo que, além de esperto, era também trabalhador e econômico. O mesmo princípio continua valendo hoje: aquele que, em plena segunda-feira, não estiver a postos; ou larga o trabalho para beber um trago; ou ainda, entra madrugada adentro, jogando cartas, - por mais abastado que seja, com certeza estará a perigo. Por tais atitudes, muitos morreram pobres. E isso vale para todas as etnias.

Aconteceu também que, alguns dos imigrantes, investidos em cargos oficiais de representantes consulares, se aproveitaram da boa-fé dos menos favorecidos, extorquindo deles objetos de prata e ouro, lembrança de seus ancestrais.

Com raras exceções, todos desembarcaram no Brasil com uma bagagem ínfima: a roupa do corpo, alguns lençóis surrados, uma que outra ferramenta de

trabalho, e meia dúzia de liras. Forte, imenso e corajoso, naqueles aventureiros, só o desejo de trabalhar, progredir, e de fazer a fortuna, como costumavam dizer, com coragem, perseverança e muita luta.

Foi desse modo que, gradativamente, começaram a surgir os primeiros sinais de que haviam feito uma boa escolha. Tudo o que enfiavam na terra, brotava rapidamente, adubado pelo suor do trabalho e pela parceria solidária.

A necessidade de médicos, professores e padres foi suprida, de início, por alguém do próprio grupo, uma vez que todos demonstravam uma enorme disposição de cooperar.

E assim foram passando, do artesanato à indústria; da escolinha rural aos cursos técnicos e universitários; da capela aos templos, repletos de adornos religiosos; e das vilas às cidades, cada vez mais exuberantes. Tudo se desenvolvia, graças à coragem, ao trabalho coletivo e à têmpera daqueles desbravadores, que não abandonaram, em meio a toda a privação, seus hábitos e crenças, nem a história vivida além-mar. Pelo contrário, se empenharam em preservá-la e enriquecê-la.

Foi assim que, na nova pátria, a mesa dos italianos, sempre farta, de polenta, radite, salame e vinho, incorporou também o churrasco, a feijoada, o aipim e o chucrute.

Houve igualmente a conscientização do respeito e da necessária preservação

do ambiente natural, para o bem de todos os que nele vivem e trabalham.

Outro ponto positivo, que contribuiu para a satisfação dos italianos e seus descendentes, foi a consciência de que aqui eles eram realmente proprietários e senhores do próprio destino.

Imbuído desse espírito, Andrea Pozzobon, após descrever a profunda dor de deixar os parentes e amigos, e o receio ante a viagem prolongada, num navio imundo, desconfortável e superlotado, em que vinham apinhados como sardinha em lata, assim se manifestou: “Começamos a viver um pouco a vida italiana, perdida há dois meses”. Isso em 1885, quando os imigrantes aportaram em Rio Grande. Junto ao posto de fiscalização, naquele porto, via-se toda sorte de queijos, salames, presuntos, e também vinhos, ao custo de 400 réis a garrafa.

Nos dias de hoje, o cenário é bem diverso. Os imigrantes não mais se restringem aos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, pois se estenderam até o norte do país.

Desse povo, pode-se afirmar com segurança: “Taliani de feduce, fede e coraio”. (Italianos de convicção, fê e coragem.)

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi.)



Peso equilibrado é o ideal

ANA MARIA BUENO

A pessoa só atinge o peso ideal quando cuida da sua alimentação, fazendo-a com qualidade e equilíbrio quantitativo. Porém, os cuidados alimentares devem estar permanentemente, associados aos exercícios físicos.

Assim, vamos enumerar alguns “alimentos” que não devem ser ingeridos, como por exemplo: frituras em geral, carnes vermelhas e gordas em excesso, alimentos que contem farinha branca, açúcar, sódio (embutidos e enlatados), sal refinado e, principalmente, refrigerantes.

Os alimentos acima citados, dentre

outros, têm o condão de aumentar o peso e, conseqüentemente, elevar o colesterol ruim (LDL), aumentando a incidência de doenças cardíacas. É muito importante frisar que a fritura triplica as calorias no organismo.

O grande problema da fritura se agrava com a alta temperatura do óleo. Quanto maior o tempo e mais alta a temperatura, mais alterações a gordura sofre, liberando toxinas profundamente prejudiciais à saúde.

A pessoa que conseguir libertar-se dos malefícios oriundos dos “alimentos” supra mencionados, por certo, já está no caminho do equilíbrio do peso e da boa saúde.

Por mais paradoxal que pareça, comer diversas vezes durante o dia ajuda no

equilíbrio do peso. O café da manhã é a principal refeição do dia. No intervalo entre o café da manhã e o almoço, deve-se fazer um lanche leve, de preferência frutas. Durante a tarde, entre o almoço e um jantar leve, deve-se fazer 2 lanches, repita-se, de preferência, frutas.

O café da manhã deve conter os três grandes grupos alimentares da sustentação da saúde humana: os construtores (que são as proteínas); os energéticos (que são os carboidratos); e os reguladores (que são as frutas e verduras em geral).

Recomenda-se que todas as pessoas comam hortaliças e frutas diariamente, pois, elas ajudam a perder peso. Por exemplo, a ingestão do folato, vitamina do complexo B, encontrado nos vegetais verdes folhosos, revela que pessoas que fizeram este tipo de dieta, ingerindo mais folato, perderam 8 vezes mais peso.

O que não se deve é restringir a comida. A restrição alimentar mata o metabolismo. E paz interior, que nos afasta do estresse, é de fundamental importância para o nosso equilíbrio de peso, pois o estresse provoca ansiedade alimentar desmedida. Aqui reside o grande significado de se fazer e praticar, constantemente, exercícios físicos diversificados. A ingestão de líquidos, excepcionalmente a água, não pode faltar no dia a dia.

(Ana Maria Bueno é nutricionista, personal nutri, Economista Doméstica, com Lic. Plena e Bacharelado, com Especialização em Serviços de Alimentação e Hotelaria, e em Obesidade e Emagrecimento - www.nutrianamaria.com.br)





O trânsito e as medidas integradoras

OSVANDRÉ LECH

A Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançaram, oficialmente, a “Década de Ação para a Segurança nas Estradas”. Seu objetivo é incentivar os governos a se dedicarem, entre 2011 e 2020, à redução dos acidentes de trânsito. Segundo dados das organizações, 1.300.000 pessoas morrem por ano devido à violência no trânsito, o que significa uma morte a cada 30 segundos. Se as estatísticas mundiais são alarmantes, as que dizem respeito ao Brasil são ainda mais. Estamos entre os seis países que mais registram mortes no trânsito. No Rio Grande do Sul, apenas no ano passado, foram mais de 1.700 óbitos e 50 mil lesões.

A maior destruição, porém, não está explícita nos números: são famílias que perdem seus afetos e sequelas decorrentes dos traumas, que acabam por frear sonhos e alterar os rumos dos projetos de vida, anteriormente desejados. Além disso, o sentimento se reflete também numa das maiores alavancas de desenvolvimento social, o potencial de trabalho. Isso porque os jovens correspondem a 10% da

população. Só que, na proporção de acidentes fatais, eles são 30% do total. É um número assustador! Jovens entre 18 e 29 anos, com futuro interrompido, e famílias literalmente desestruturadas, em termos psicológicos.

Levantamento estatístico da OMS aponta que, para cada morte no trânsito, 11 pessoas ficam com sequelas, 38 são internadas e 380 precisam ser atendidas em emergências. Estudos indicam que, a causa da maioria das mortes no trânsito, são devidas a: a) motoristas alcoolizados ou drogados; b) falta do cinto de segurança; c) excesso de velocidade. Os profissionais de plantão nas emergências conhecem as trágicas consequências deste tipo de trauma, e agora querem alertar e orientar a população, colaborando com ações, estudos, pesquisas, e cobrando medidas de prevenção e melhoria nos atendimentos de socorro. É por esta razão que a SBOT se associou à Frente Parlamentar em Defesa do Trânsito Seguro, lançada em Brasília e, recentemente, aqui no Estado, apoiando o Comitê para a Segurança apresentado na semana passada pelo governo gaúcho.

Lançando um olhar mais otimista sobre o RS, encontramos o respeitado trabalho da Fundação Thiago Gonza-

ga, que vem se destacando em âmbito nacional por seus projetos e, principalmente, pelos resultados. O símbolo do “Vida Urgente”, a borboleta, já é a marca de um trabalho exitoso e representa o verdadeiro ideal de luta, contra a violência no trânsito. Já por parte dos meios de comunicação, o Grupo RBS chama a atenção com a campanha: “Violência no Trânsito – isso tem que ter fim”. Na nossa Passo Fundo, a educação para o trânsito é feita através de alertas e divulgação dos acidentes, também uma forma de conscientização.

Por essa razão, o lema desta campanha inédita é “Acreditar, Ousar e Agir”. Acreditar que nós, enquanto sociedade, dispomos de recursos para colocar em prática ações de prevenção e educação; ousar, exigindo das esferas públicas e demais setores responsáveis, iniciativas concretas e fiscalização; e agir, ou melhor, interagir: entidades médicas, pais e educadores. Queiramos ou não, é chegado o momento de revisar rotas, com medidas integradoras. Trabalhem pela década do trânsito seguro!

(Osvandré Léch é ex-presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia. Membro das academias passo-fundenses de Letras e de Medicina).



Abandona o hipismo, o maior cavaleiro de Passo Fundo: Irineu Gehlen Filho

MEIRELLES DUARTE

Os meios esportivos do Brasil foram surpreendidos com a notícia, oriunda de Passo Fundo, que dava conta do abandono das provas hípicas do maior nome neste esporte, na história da cidade, e hoje, um dos maiores do Estado, do Brasil e até mesmo da América Latina. Depois de conquistar uma série de títulos, empolgando grandes plateias e maravilhando os principais órgãos especializados na área, Irineu Gehlen Filho anunciou o seu afastamento de forma definitiva, a ponto de ter desativado a moderna hípica construída por seu pai, numa das áreas da Roselândia. Estudante de Direito da Universidade de Passo Fundo, resolveu voltar-se, exclusivamente, aos estudos, com o pensamento voltado para uma grande conquista na área judicial, seguindo os passos do seu pai, renomado advogado brasileiro. Filho de Irineu Gehlen e de Ana Maria Bueno, desde menino, Irineuzinho, como até hoje é tratado, familiarmente. Nas idas às propriedades rurais da família, sempre teve verdadeiro encanto pelos cavalos, montando e com eles convivendo, a ponto de chamar a atenção do seu pai, que logo o imaginou na prática do hipismo. Com a concordância do menino, adquiriu pelo Brasil a fora, belos exemplares, próprios para as competições de



Final da Copa Sul 2007. Irineu Gehlen Filho (E), Irineu Gehlen e Antonio Augusto Meirelles Duarte

saltos. Já nas suas primeiras participações, Irineuzinho a todos surpreendeu, vencendo provas para sua categoria, levando seu pai a construir moderna hípica na Roselândia e lá promovendo grandes competições com os maiores nomes brasileiros. Com instrutores de larga vivência, logo se tornou a grande atração, onde quer que se apresentasse. Viajou e competiu em todas as hípicas pelo Brasil a fora e em vários países sul-americanos. Recentemente, esteve em Portugal, onde enfrentou os maiores nomes europeus, conseguindo uma série de títulos e troféus. Em breve, saberemos onde ficarão os seus incontáveis troféus, as medalhas, e as faixas que marcam sua história e que levam o nome de Passo

Fundo. É pensamento do genitor colocar em local de fácil visita ao público, ficando, possivelmente, no museu de nossa cidade. Encerra-se assim, de forma surpreendente, é verdade, mas corajosa, a caminhada brilhante de um jovem que soube honrar o nome de sua família e da própria cidade, seu berço, que é Passo Fundo. Lamentamos e muito, mas respeitamos seus desejos voltados para o seu futuro. Que seja feliz, como feliz e brilhante foi em suas competições hípicas, um esporte que exige coragem, segurança, personalidade.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte, jornalista e advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Discurso na Assembleia Nacional da CVB, no Rio de Janeiro

(FOTO: ARQUIVO I. GEHLEN)



Irineu Gehlen (D)

IRINEU GEHLEN

SENHORES CONSELHEIROS, Senhoras e Senhores, a CRUZ VERMELHA BRASILEIRA é a mais importante Entidade filantrópica do país. É uma sociedade civil sem fins lucrativos. Funciona sob a forma federativa. Foi fundada no dia 05.12.1908, e é constituída com fundamento e base nas Convenções de Genebra.

A humanidade, a imparcialidade, a neutralidade, a independência, o voluntariado, a unidade e a universalidade são os princípios sobre os quais a Cruz Vermelha se assenta e desenvolve, no Universo, suas obras meritórias. Em quase todos os países, a Cruz Vermelha recebe auxílios governamentais, mercê da sua importância no cenário universal. Paradoxalmente, a Cruz Vermelha Brasileira vive e se sustenta por si própria, sem ajudas regulares do Governo brasileiro.

Por ser uma sociedade de socorro voluntário, exerce papel fundamental no auxílio aos poderes públicos e, especialmente, nos serviços militares de saúde, no âmbito nacional.

A Cruz Vermelha Brasileira é reconhecida como sociedade nacional, pelo

Comitê Internacional da Cruz Vermelha, desde 1912. Integra o Movimento Internacional da Cruz Vermelha e da Federação Internacional de Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. Esta entidade singular e indispensável tem por objetivo e finalidade prevenir e atenuar os sofrimentos humanos, fazendo isto com imparcialidade e sem distinção de nacionalidade, raça, sexo, nível social, religião e opinião política.

Os princípios humanitários da Cruz Vermelha desenvolvem na população os ideais de paz, respeito mútuo e compreensão entre todos os homens e todos os povos.

Sr. Presidente: a exclusividade do uso do emblema da Cruz Vermelha, garantida pela Lei 2.380/31.12.1910, e associada à Lei 3.960/20.09.1961, combinada com o Decreto 966/07.06.1962, garante a exclusividade do emblema à Cruz Vermelha. Entretanto, vê-se por este país afora, que muitas outras corporações, entidades e pessoas utilizam-se deste emblema, o que, certamente, deve ser vedado e impedido, para que não se ponha em cheque a segurança da Cruz Vermelha, em momentos de conflito, e se preserve essa prerrogativa única e universal.

É dever nosso, através da ação volun-

tária e do esforço deste nobre Conselho, aspirar um mundo com comunidades mais fortes, capazes de fazer frente ao sofrimento humano, em situações de crises, fundamentadas pela esperança, respeito à dignidade e pela busca da equidade.

É nosso compromisso e dever propugnar por comunidades mais fortes e saudáveis. O objetivo desta gestão é de viabilizar nosso trabalho individual e coletivo em prol da mobilização do poder da humanidade em favor dos necessitados.

Os navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: “Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Fernando Pessoa, tomando o espírito desta frase aprofundou, dizendo: “Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo.”

Frases assim fazem-nos pensar e impulsionam-nos, cada vez mais, a engrandecermos a Pátria e a contribuirmos para a evolução da humanidade.

Disse o sábio: “Tudo vale a pena, Se a alma não é pequena”.

Uma coisa é certa: os indivíduos morrem, mas os organismos coletivos

não morrem. Aí reside a grande responsabilidade de todos nós. Não há mais espaço no mundo contemporâneo para o individualismo. O espírito coletivo prevalece e esse é o desejo dos povos na atualidade.

O verdadeiro artífice da sociedade é aquele que transmite a sua fé e a sua ternura, antes de convidar alguém a entrar na mansão do seu saber.

“Uma grande vida é um ideal da juventude realizado na idade madura”.

A força não vem somente da capacidade física da pessoa. Vem de uma vontade indômita existente dentro daquele que se propõe a ser grande. O homem é grande e valoroso, quando consegue reger a si próprio. Este é o maior dos impérios, mais importante e significativo do que conquistar territórios e continentes e derrotar exércitos.

Senhores Conselheiros, Senhor Presidente: Temos que fazer da vida e do tempo o melhor que pudermos. Deixemos de ser um destaque individual, para sermos uma metáfora coletiva. A vida é uma sucessão de fatos, de vitórias, de derrotas, de riscos, de fracassos e de sublimações. Não se pode matar a esperança. Não se vive também só de esperança, mas ela é necessária para concretizarmos nossos sonhos. O inolvidável Gandhi proclamou:

“De que vale a fé se ela não for convertida em ação?”

Senhoras e Senhores: Tenhamos, sempre, dentro de nós, a chama do entusiasmo, da vontade de crescer e ajudar e por fim, a determinação, requisito este indispensável para a concretização dos nossos sonhos.

Para fazermos a escalada da montanha da existência e da vida, é indispensável aprender a subir e descer, cair e levantar, mas retornar e voltar sempre com a mesma coragem. Sejamos ousados, obstinados, focados, impetuosos, criativos e carismáticos. Steve Jobs deixou-nos a fórmula do sucesso: “O tempo é limitado, então não o perca, vivendo a vida dos outros. A única forma de fazer um grande trabalho é amar o que se faz. Não deixe o ruído das opiniões alheias esgotar sua voz interior. Tenha a coragem de seguir seu coração e sua intuição. Eles já sabem de algum modo o que você quer se tornar. Todo o resto é secundário”.



Oração do gaiteiro

Patrão do Céu, abençoa este gaiteiro que Te chama,
Através do dedilhar desta velha gaita que geme e suspira,
Inspirado no minuano que sopra com a força de quem mais ama,
Transformando em prece a melodia doce que cria.

Patrão do Céu, abençoa este gaiteiro jovem que se esforça para aprender,
No balanço agitado que insinua um falso conhecer
Das notas benditas, que toca com a emoção que faz bater o pé,
De um lado para o outro, se entesa e se inclina,
Enquanto que a todos, aos poucos, encanta e fascina!

Patrão do Céu, abençoa este velho gaiteiro que,
já cansado pelas lides campeiras,
Mal consegue segurar o próprio acordeão.
Com os dedos calejados e as costas curvadas para a frente,
Nas tuas mãos entrega, com a consciência tranquila,
Embrulhado num fino lenço,
O próprio coração!

Patrão do Céu, abençoa toda a nossa gente, a nossa querência amada,
Estes peões e prendas espalhados por esta terra abençoada,
Para que a tradição gaúcha nunca deixe de existir,
nem agora nem num distante porvir;
E que a gaita seja sempre a nossa oração,
O canto de louvor a Ti, Patrão do Céu,
Nosso modelo eterno de paz e gratidão!

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Só amor não basta

DINAIR FERNANDES PIRES

Muitas vezes, me perguntam como se faz para sustentar um casamento por 40 anos (fora o tempo extraoficial), quando não acrescentam: “e vocês são tão diferentes!”... Situação em extinção hoje!

Confesso que eu mesma, vez ou outra, tenho me indagado sobre isso. Vamos ser leais! Não existe casal que, num espaço de tempo destes, não tenha sentido vontade de “chutar o balde”. Podem se diferenciar as causas, o número de vezes e a coragem de confessar.

Acontece que, para cada resposta, há um tempo, e muitas vezes esse tempo não é determinado por nossa vontade, mas pela história de vida, pela leitura dos fatos e pelo amadurecimento pessoal. Hoje, creio ter encontrado algumas respostas e uma certeza:

AMAR, “solamente”, não basta!

Há que se iniciar por um encantamento, e caminhar por uma paixão capaz de manter a magia do toque, do olhar e do sussurro, como o combustível que, em qualquer instante, às vezes o mais inesperado, acenda o fogo da sexualidade e possibilite que nos vejamos, indepen-

dentemente do tempo e das circunstâncias, lindos, fortes, vigorosos, sedutores, pois para isso fomos feitos, homem e mulher. Na essência de ser humano e, por opção, nos amamos, apesar de não possuímos qualquer laço de sangue.

Simultaneamente, é imprescindível que se construa um respeito pelo jeito de ser do outro, pelas suas conquistas e fracassos, pelas suas alegrias e mágoas, pelas suas lutas e desânimos, pelas suas limitações e superações, pois isso será o suporte do reconhecimento das individualidades que, numa aprendizagem lenta e muitas vezes dolorosa, garantirá a concessão de nossa própria autonomia e da autonomia do outro. Aqui se incluem um pouco de silêncio, um tempo para cada um, jogo de cintura, amigos de infância e juventude, a capacidade de fazer de conta que não escutou, vida própria numa família ampliada. Mas tudo isso resultará em confiança e compreensão.

União não é fusão! Impossível haver fusão de pessoas, pois, onde há sonhos, desejos, temperamentos, caráter, opiniões que se encontram e desencontram, fragilidades que sofrem tristezas, mágoas, desencantos, cada um tece uma teia pessoal desconhecida, muitas vezes

por si próprio. Com os pés no chão, sem perder a poesia, há que se cultivar a generosidade e a ternura. Quando amamos alguém, com o qual possuímos laços comuns de sangue, isso é mais fácil, é visceral. Mas num casamento longo isso precisa ser alimentado no cotidiano, com paciência e muita perseverança, regado pelo perdão e acalentado por uma constante prontidão para recomeçar.

Impossível não lembrar que é o casamento o maior investimento que realizamos na vida, e que investir exige trabalho árduo, luta, briga, jogo, risco, confronto, partilha e perdão. Nem tudo dá certo, mas há que se evitar, de todas as formas, a falência, salvaguardando a dignidade e a integridade do casal.

Hoje, acrescento a gratidão pelas vezes que conseguimos “desvirar o balde”, “refazer a mesa”, “esquecer as falhas nos lençóis comuns”, pois assim colhemos os frutos de uma parceria que faz os dias terem sentido. E assim é possível saborear esses frutos que vergam os galhos das viçosas árvores nascidas de sementes de amor.

(Dinair Fernandes Pires é professora, de Passo Fundo/RS.)

Para justificar, se possível, o que diz o tema a seguir, lembro-me de um coloquial do grande pensador Mahatma Gandhi, referindo-se a indivíduos ou pessoas que, por alguma circunstância, têm que passar pelo crivo analítico de outros. Assim ele dá a entender, em sua mensagem, triste e trágico chega a ser aquele que parece muito, e, na hora em que se manifesta, é muito menos. Abrangente, lindo ou encantador, é aquele que parece muito menos, e, na hora em que se expressa, mostra que é muito mais.

Quem sabe que não sabia

A transparência perdeu a espada,
A ética está sem escudo,
E a razão sem munição,
E o caos desfila desnudo.

Meu grito tem ressonância
Que vai do grave ao agudo.
Há quem escuta e se finge
De surdo, cego e de mudo.

De discurso e lero-lero,
O povo dorme pançudo,
Vivendo só de esperança,
O orador tendo de tudo.

Carnaval transforma em Rei
Quem não vem da monarquia,
Futebol preenche a alma,
Mesmo que siga vazia.
Só parecer e não ser

É água que não sacia.
Pra mim é doença incurável
Quem vive de fantasia.
E sempre vai saber mais
Quem sabe que não sabia.

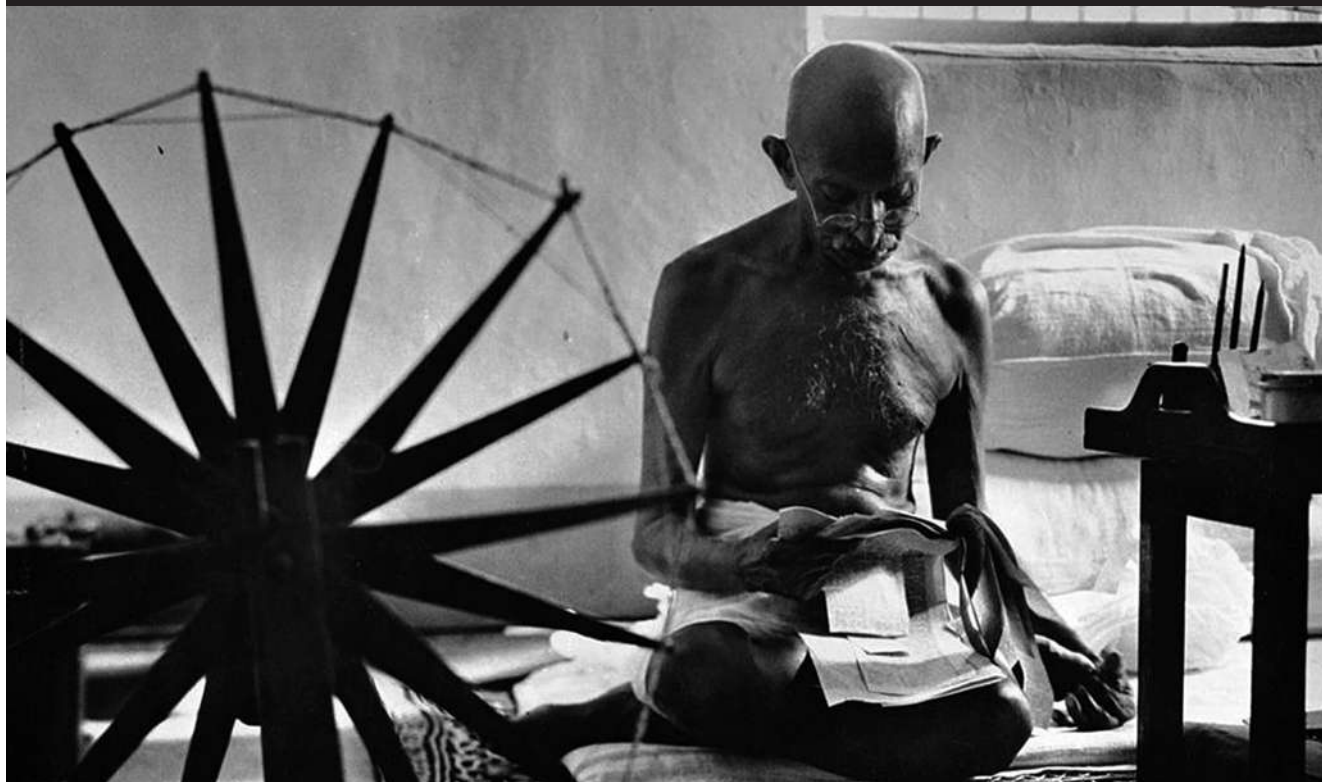
Sei muito através de muitos,
Na vivência e no estudo.
A prova é que me convence
E dessa opinião não mudo.

Meu verso não acoberta,
É um veneno pra ironia.
E a ilusão tem a missão
De agradar a hipocrisia.

O conteúdo da noite
É ser o contraste do dia.
Cada coisa no seu tempo,
Todas trazem sinfonia.

Carnaval transforma em Rei
Quem não vem da monarquia.
Futebol preenche a alma
Mesmo que siga vazia.
Só parecer e não ser
É água que não sacia,
Pra mim é doença incurável
Quem vive de fantasia.
E sempre vai saber mais
Quem sabe que não sabia.

(Francisco de Mello Garcia - o artista Xiko Garcia - é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





(FOTO: ARQUIVO EXPODIRETO COTRIJAL)

Expodireto Cotrijal: um marco do agronegócio

ELMAR LUIZ FLOSS

A Expodireto Cotrijal já é uma das maiores exposições/feiras do agronegócio brasileiro, ao lado do Show Rural Coopavel (Cascavel-PR) e da Agrishow (Ribeirão Preto-SP). A denominação Expo (exposição) + direto (plantio direto), não é por acaso. Para entender seu significado, precisamos examinar o contexto em que ela é projetada, ainda na década de 90, e os objetivos buscados no evento, já plenamente alcançados durante as dez edições anteriores.

Com certeza, a Expodireto Cotrijal contribuiu, enormemente, com a evolução do Agronegócio regional, não apenas consolidando o Sistema Plantio Direto –SPD, através do aumento do rendimento das culturas, da integração da lavoura-pecuária, da melhoria do ambiente, mas, especialmente, no aumento da rentabilidade da propriedade.

Certamente, a maior revolução ocorrida na agricultura brasileira, nos últimos 30 anos, foi passar do plantio convencional para o Sistema de Plantio Direto-SPD. Inúmeros foram os eventos realizados, em Passo Fundo, a partir da década de oitenta, difundindo tecnologias do SPD, aos produtores rurais: 1º. Simpósio de Conservação de Solos do Planalto, 1978; IIº. Simpósio de Conservação de Solos do Planalto,

1980; I Simpósio de Manejo do Solo e Plantio Direto no Sul do Brasil, 1984; e I Seminário Internacional do Sistema Plantio Direto, 1995. Sob a liderança da Embrapa Trigo, diversas empresas criaram o Projeto Metas, que também foi fundamental na difusão do SPD na região.

Na década de 90, faltavam na região eventos com demonstração de métodos e, especialmente, a dinâmica de máquinas e equipamentos agrícolas. Apesar da Expointer ser uma grande exposição/feira de máquinas e equipamentos, não havia dinâmica. Por isso, o Eng. Agr. e produtor rural, Ronald Bertagnoli, coordenou a AGROPASSO, durante a realização da 6ª. EFRICA, em 1997, com a participação de 15 empresas. Infelizmente, o excesso de chuva atrapalhou a realização de todas as dinâmicas previstas. No final do evento, Ronald Bertagnoli destacou que “a AGROPASSO deverá tornar-se uma das maiores feiras dinâmicas do extremo Sul, pois Passo Fundo caracteriza-se por ser um pólo difusor de tecnologia agrícola”.

A Expodireto foi idealizada pelo saudoso Eng. Agr. Gilberto Borges, com a primeira edição realizada no Centro Rural de Ensino Supletivo-CRES, em Carazinho. Na impossibilidade da realização da segunda edição naquele colégio, a ideia foi imediatamente aceita pela Cotrijal, graças ao espírito empreendedor de sua diretoria, que fez

os investimentos necessários e realizou a primeira edição da Expodireto Cotrijal, nos dias 21 a 24 de março de 2000. Nas dez edições realizadas, de 2000 a 2009, a Expodireto Cotrijal transformou-se num dos principais eventos do agronegócio brasileiro, e, com certeza, o mais bem organizado. O investimento realizado pela Cotrijal, a grandeza do projeto e as parcerias formadas, fizeram com que esse evento já nascesse grande. A cada nova edição, ele se supera, sob os mais diferentes pontos de vista: número de expositores, visitantes, qualidade dos estandes, difusão de tecnologias. E ainda: decisões políticas, dinâmicas de máquinas e equipamentos, integração regional, e a importância crescente manifestada pelas autoridades, nacionais e internacionais, que a visitam, graças à organização e à inovação implementadas em cada nova edição. A área de exposições também aumentou de 24 para 84 ha, muito bem ajardinadas e com adequada infraestrutura.

A Expodireto retrata o nível tecnológico atual da agricultura regional e nacional, difundindo as tecnologias adequadas ao momento atual e ao futuro. Os milhares de produtores que, anualmente, visitam a Expodireto, têm a oportunidade de aprender, vendo as mais diferentes parcelas demonstrativas, instaladas pelas cooperativas e universidades, pela Embrapa e a Emater, e por empresas industriais do setor de

insumos, de máquinas e equipamentos agrícolas, de dinâmicas de máquinas, e ainda das palestras técnicas e cursos realizados.

Um aspecto importante da Expodireto é o social, que contribui com a fixação do homem rural no campo. Considerando a predominância de pequenas propriedades na região, é de enorme importância a busca de alternativas, técnica e economicamente viáveis, objetivando a sustentabilidade das mesmas. A manutenção das famílias no meio rural, em condições dignas, propicia a produção dos alimentos de subsistência pela própria família, permitindo um nível de nutrição melhor do que recebem os favelados na área urbana. A comercialização do excedente produzido representa uma renda complementar para a família para satisfação de outras necessidades.

A Expodireto já é o principal Fórum de discussão dos problemas do Agronegócio brasileiro. A interação, entre os agentes públicos, empresários e produtores rurais, é condição indispensável à resolução dos problemas e à busca das melhores soluções. Ao longo desses 10 anos, foram discutidas as mais diferentes questões do setor rural, não importando o tamanho da propriedade nem a forma de exploração. Foram buscadas soluções para problemas como: a estiagem de 2004 e 2005, a renegociação de dívidas, a liberação do cultivo da soja transgênica, a redução das taxas de juros, a abertura de novas linhas de crédito para aquisição de máquinas, além de políticas para irrigação, seguro-agrícola e equipamentos agrícolas, entre outros. São tradicionais os eventos paralelos, como o Fórum da Soja, o Fórum Estadual do Leite, o Seminário Nacional de Suinocultura, a Conferência Mercosul sobre Agronegócio, o Fórum Nacional do Milho e o Fórum Florestal, entre outros.

A realização anual da Expodireto promoveu, de forma extraordinária, a Cotrijal, bem como o município de Não-Me-Toque. A Cotrijal tornou-se uma referência nacional do cooperativismo, por tratar-se de uma forma de associativismo fundamental para os produtores rurais. A cidade de Não-Me-Toque é conhecida hoje em todo o Brasil, graças à divulgação do evento pelos jornais, rádios e emissoras de televisão.

(Elmar Luiz Floss é Engenheiro-Agrônomo, Licenciado em Ciências, Doutor em Agronomia, Professor, Comunicador, Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e Consultor em Agronegócios - Instituto Incia: www.incia.com.br)

Poesia

LICIANE TOAZZA DUDA BONATTO



Lua

Vesti-me de lua,
Em meus momentos escuros;
Mas vi que em mim não havia ninguém.
Só névoas e fios de esperança
Envolviam o que restava de mim

Tinha me vestido de lua minguante...
Pena!
Por que escolhi essa lua?!

Poesia

Poesia pra que
Se às vezes a vida não tem porquê?
A gente tem pressa!
Pressa pra quê,
De ter sem ser?

Quem me dera poder tecer a vida
Com o fio do poeta!

A vida com poesia nunca será fria.

Vida

Ninguém tem culpa daquilo
Que não somos.

Ao longe, uma chuva calma molha aquilo
Que não fomos.
Já não importa...

Cada um tem sua flor e sua dor...

Hoje somos
A soma do que fomos.
Do que somos. e
A flor ou a dor
Que cultivamos.

(Liciane Toazza Duda Bonatto é artista plástica, de Passo Fundo/RS.)

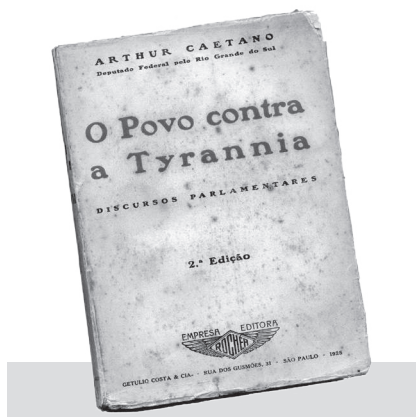
Arthur Caetano: um líder passo-fundense esquecido

PAULO MONTEIRO

A história é escrita pelos vencedores”. Arthur Caetano, deputado estadual e federal eleito pelos passo-fundenses, na década de 1920, comprova a veracidade da conhecida máxima. Seu nome foi varrido da história local e tornou-se de todo desconhecido. Arthur Ferreira Filho, autor da clássica *Revolução de 1923* (Oficinas Gráficas do Departamento de Imprensa Oficial do Estado, Porto Alegre, 1973), não o inclui entre os “chefes”, e até minimiza a importância do parlamentar, definindo-o, à página 23 da edição citada, apenas como “o Deputado Arthur Caetano, que se encontrava entre os rebeldes, incitando-os à luta (...)”.

Quando a reeleição de Borges de Medeiros foi aprovada pela Assembleia Legislativa, a 24 de janeiro de 1923, Artur Caetano já abandonara o parlamento rio-grandense. Retornara a Passo Fundo e, no dia seguinte, como conta Mem de Sá, à página 58 de *A Politização do Rio Grande* (Edições Tabajara, Porto Alegre, 1973) “levanta em Carazinho, distrito de Passo Fundo, uma improvisada e precária coluna de gaúchos e proclama a Revolução. Sem armas, sem recursos, apenas, em sua maior parte, com lanceiros, cujas lanças eram formadas por tesouras de tosar ovelhas, amarradas a um pau ou vara firme, saiu a campo conclamando a gauchada para a guerra. O movimento, apesar de todos os pesares e de todos os óbices, dificuldades e empecilhos, propagou-se como um lastro de pólvora pelos quatro cantos do Estado. As colunas brotavam do solo ao mesmo brado, com o mesmo ímpeto, impregnadas do mesmo desespero. (...)”.

Batista Lusardo, companheiro de Arthur Caetano, tanto na Revolução quanto no Parlamento, confirma, no primeiro volume de Lusardo, *O Último Caudilho* (Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977, p. 138): “A 24 de janeiro de 1923, o grito inicial da



revolução era proferido em Passo Fundo por Artur Caetano, que antecipou em algumas horas a combinação feita com Lusardo e Correia, no Rio de Janeiro”. Adalberto Correia, chefe político de Quaraí e Santana do Livramento, e Batista Lusardo, líder federalista de Uruguaiana e Alegrete, que acertaram um levante conjunto com os passo-fundenses, não conseguiram cumprir o acordo, mesmo assim os serranos honraram a palavra. Sob o comando extremado de Arthur Caetano, acenderam “o lastro de pólvora” revolucionário.

Arthur Caetano cumpria o que prometeu em discurso de 13 de dezembro de 1922, transcrito por Héglio Trindade, às páginas 200 e 201 de *Poder Legislativo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul, 1911-1937* (Sulina, Porto Alegre, 1980): “Se o ditador persistir na sua decisão de tyrannizar o Rio Grande, por um quinquênio mais, havemos de nos opor com as armas na mão”.

Terminada a Revolução, por ele iniciada, é eleito para a Câmara dos Deputados. Lá continuou combatendo aquilo que chamava de “tyrannia”: a concentração de poderes numa única pessoa. Deixou um registro de sua atuação parlamentar, no livro *O Povo contra a Tyrannia*, discursos parlamentares, do qual saíram quatro edições pela Empresa Editora Rochéa, de São Paulo, em 1925. Trata-se de discursos, onde discute a situação nacional, ilustrativo sobre as ligações dos revolucionários libertadores com os movimentos tenentistas. Debate com Getúlio Vargas,

Lindolfo Collor, Júlio Prestes e outros deputados de nomeada.

Os discursos onde minudenciou as violências cometidas pelos borgistas locais, dormem ainda nos Anais da Câmara dos Deputados. Como político e advogado militante ele conhecia muito bem todos os aspectos dessas atrocidades, que iam desde o incêndio da sede do Partido Libertador, em Passo Fundo, ao massacre de posseiros na Fazenda Sarandi. Sobre este assunto, a 25 de outubro, debate com Lindolfo Collor e Paim Filho (*O Povo contra a Tyrannia*, discursos parlamentares, 2ª Edição, Editora Rochéa, São Paulo, páginas 52 a 53). “A fazenda do Sarandi constitui, hoje, um poderoso latifúndio nas mãos dos irmãos Lapidos, castelhanos audaciosos, que se envolvem na política do Rio Grande. São grandes credores da municipalidade de Passo Fundo, e têm, na República do Uruguai, na cidade de Montevidéu, uma folha, *A Tribuna Popular*, onde, seguidamente são atassalhados os meus correligionários políticos”, escreve às páginas 53 e 54.

Casado com uma paulista, Arthur Caetano tinha profundas ligações com próceres da Pauliceia, onde exerceu o jornalismo. Nota-se, com a leitura dos seus discursos parlamentares, que era um elemento de ligação entre os libertadores exaltados e os tenentistas. Reafirma convicções liberais e parlamentaristas, identificando-se com as forças tenentistas, representantes dos setores que defendiam a modernização da economia brasileira. O apoio que presta às ações políticas da Revolução de 30 se materializa no apoio a Getúlio Vargas e no seu retorno a Passo Fundo, em 1933, para enfrentar seus velhos adversários borgistas. Estes, os mais aferrados aos princípios do castilhismo positivista, sempre se opuseram a políticas liberalizantes.

Tudo isso fez com que os vencedores, em nível local, ao escreverem a história, esqueceram, deliberadamente, a personalidade contestadora de Arthur Caetano, o homem que acendeu o rastilho revolucionário de 1923.



Lua dos apaixonados

Eu te bendigo, Rainha da Noite,
Quando despontas majestosamente no céu,
Redonda, prateada e gigante,
Despertando as estrelas faiscantes
E cobrindo toda a escuridão com o teu má-
gico véu!

Eu te idolatro, Sol das Madrugadas
Porque costumás acordar de mansinho
A inspiração dos poetas, que brinca de amor
e carinho,
No sono sem sonhos
Das almas mais doces e apaixonadas!

Eu te venero, Manto Perpétuo de Prata,
Pela luz que estendes da montanha à mais
distante estrada,
Promessa divina escrita no firmamento,
Com a tinta que cobre todo e qualquer
sentimento
Da mais luminosa palavra, que aguarda o
mais que perfeito entendimento!

Eu te amo, Carruagem de Fogo Fosfores-
cente,
Quando bates na vidraça do meu coração,
A fim de me pedir perdão por tantos desen-
contros,
Por tantas amarguras,
Pela ausência das mais sinceras demonstra-
ções de ternura,
Pelo tempo desperdiçado em vão,
Ao invés de ser aproveitado
Para produzir o alimento mais sagrado e
completo da paixão!

Eu te consagro, Bússola das Galáxias,
Minha protetora e guia,
Minha mestra que ensina e inebria,
Meu néctar que me embriaga,
Minha essência que me exalta,
Meu livro de sabedoria que ensina e doutrina,
Que me faz sonhar,
Que me enche de fantasias,
Que me inspira a amar,
Que me faz sobrepujar todos os receios,
Que me aponta vários meios,
Que me dá esperanças,
Que me pinta de ilusões,
Que me mostra a verdade, do modo mais suave
que a própria realidade,
Que me absorve os pensamentos,
Que me livra de todos os tormentos,
Que me faz subir as colinas mais elevadas,
Que me dá energia para meditar,
Que me cerra os olhos e faz levitar,
Que me dá um coração puro para amar,
Que me sustenta e livra dos golpes sujos da
maldade,
Que me apoia nas ideias reluzentes e duradouras
da bondade,
Que me transporta para junto de quem mais
amo, nas asas que batem por todos os lados
Em nome da eterna Lua dos Apaixonados!

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da
Academia Passo-Fundense de Letras.)

A lenta e dolorosa construção da liberdade

GETULIO VARGAS ZAUZA

Creio que a maioria dos seres humanos adultos, normais, não desconhece o fato de que, durante nossas vidas, estamos sujeitos a duas forças. Uma que nos constrange de fora e nos obriga a agir segundo determinadas normas. São as leis, costumes e regulamentos. Estas são de relativa dificuldade de serem acatadas e cumpridas. As outras forças, que exercem jugo sobre nós, são aquelas que têm sua origem imediata em nosso interior.

As forças que exercem seu jugo, a partir da nossa vida interior, podem ser puramente fisiológicas ou associadas a forças psíquicas inconscientes. No caso das últimas, podem ser oriundas da própria natureza da alma ou adquiridas durante séculos ou milênios, e já pertencem ao inconsciente coletivo. Portanto, fogem da possibilidade corrente de controle imediato. Elas agem como se fossem da própria natureza do ser humano.

Como vemos, são duas as origens das forças que exercem jugo sobre nós. Podemos dizer que são de origem opostas ou então que são complementares.

O fato é que na verdade não podemos afirmar, em termos absolutos, que somos livres. E então podemos afirmar que a liberdade é possível? Até onde podemos ser livres, se a liberdade for possível? É liberdade poder escolher entre duas alternativas? Penso que para a maioria dos seres humanos, quando as pulsões fisiológicas, sejam elas puramente psicológicas, é possível temporariamente evitar o ato acionando a razão e a força do querer. Agora, com as pulsões mistas, nas quais há o comportamento afetivo, o sentimento, já é difícil discernir quando a decisão é da pura racionalidade, é livre, ou provém de um condicionamento, quando o que determina a decisão, é a norma.

A mesma questão se apresenta para decisões relativas a pulsões puramente psíquicas, porque aí também a influên-



cia do conteúdo psíquico, de natureza normal ou religiosa, provém do inconsciente.

Portanto, até esse ponto não podemos ainda falar em liberdade num sentido pleno, porque estaremos sempre agindo segundo impulsos que não proveem de uma verdadeira reconhecença realizada pelo exercício da razão, mas influenciada por uma crença, pelo medo, ou pelo desejo de aprovação, seja de outros homens, da autoridade ou de Deus.

No caso de serem verdadeiras as afirmações acima, o leitor poderá supor que estou negando a possibilidade da liberdade. Não é isso que quero afirmar. Eu quis somente mostrar como é difícil termos segurança com relação a uma das questões mais importantes para a humanidade.

É fato inegável que todo ser humano considerado normal, já na tenra infância, manifesta, mesmo inconscientemente, o impulso para a liberdade. Por exemplo, quando a criança se desprende da mão do adulto e sai a passos camba-

leantes. Ela expressa alegria por esse ato, resistindo energicamente quando tentamos barrar-lhe o caminho.

Quando consideramos essa questão em relação à humanidade, até o tempo da história cientificamente pesquisada e documentada (história oficial) encontramos o homem agindo, uns no sentido da dominação do outro, e outros na defesa do direito a ser livre, não ser escravo, fato esse que ainda ocorre em quase todos os seres humanos, conscientemente ou não, simultaneamente.

Não cabe aqui, por tratar-se meramente de uma reflexão, documentar as afirmações. Mas mesmo sendo apenas matéria destinada à reflexão, vale dizer que o empenho para a construção da liberdade exige, como primeiro passo, um ato de rebeldia, que tem como consequência a quebra de um paradigma.

Embora a Bíblia Sagrada, não seja aceita como documento com valor histórico, ela nos relata o primeiro ato de desobediência pelo homem, talvez do primeiro paradigma, quando ele rompe



com a ordem divina de não comer o fruto do conhecimento, o que constitui o chamado pecado original, o qual foi interpretado como sendo referente à conjunção sexual (Gênesis, 9-9, 17 e Gen. 4-4,5) na época evolutiva chamada Paraíso ou Hiperbórea.

No Novo Testamento, encontramos (João, 8-32) “e conhecereis a verdade e a verdade vos livrará”. Na frase, a essência se encontra na dependência do conhecimento. Para o grau de desenvolvimento da consciência, na época em que foi proferida, a faculdade racional de pensar já estava desenvolvida, a ponto de a forma de obter conhecimento não ser mais a antecedente, por meio de processo iniciatório. Desde Aristóteles, o meio de obter conhecimento passou a ser através do pensar racional analítico e do raciocínio, tanto indutivo quanto dedutivo.

A fé não precisava ser ilimitada. Pelo contrário, deveria ser mantida, mas a crença dogmática cega e imposta à força do medo, essa sim deveria ceder lugar ao desenvolvimento da faculdade de pensar e mais, deveria ser missão daqueles que se designam seguidores dos ensinamentos do Cristo Jesus, tudo fazer para que o homem desenvolva cada vez mais o pensar de tal forma que passa, de si afora, chegar ao conhecimento da verdade,

e assim ao estado de liberdade, tanto da externa como do interior.

No entanto, o que se viu e se vê, ainda hoje, em muitas religiões que se dizem cristãs, é a proibição do acesso livre a determinados conhecimentos, como é o caso nos Estados Unidos da América, onde nas escolas correspondentes ao segundo grau, é proibido ensinar a Teoria Evolucionista Darwiniana.

Penso não ser necessário falar sobre o longo período de trevas dominado pelo que é denominado Santa Inquisição (vejam só: “Santa”), em que se tornou heresia pensar como pensou Santo Agostinho que o homem era constituído de três elementos: corpo, alma e espírito de natureza diferentes. Pensem no fato de, uma pessoa que pensa diferente do permitido pela religião, ser submetida às mais terríveis torturas para, ao fim e ao cabo, ser posta viva sobre a fogueira, até sucumbir aos poucos. E pensar que até o século XIX, ainda havia o famigerado “Índex”, no qual estavam incluídos os livros não aprovados, que tivessem a determinação “Imprimatur” determinada por uma autoridade eclesiástica.

Quantos foram torturados, sofreram toda sorte de martírios, por defenderem a livre forma de pensar, e morreram lutando, tendo como única arma a razão e a palavra como meio de expressão,

em favor da construção da liberdade, da igualdade e da fraternidade, que não são outra coisa senão o ideal do ensinamento cristão. Mas, para realizar esse ideal, é necessário que nossa capacidade de pensar seja cultivada, e que, sem unilateralidade, seja desprovida de qualquer preconceito, sem dogmatismos. Pois só através de um pensar livre de qualquer sujeição nós poderemos tornar-nos capazes de reconhecer a verdade, sobre o que é realidade nos domínios da matéria e do espírito. Dessa forma, chegaremos à reconhecença do mundo e do homem.

É por meio do autoconhecimento que saberemos que, na essência todos somos iguais. Estaremos de posse dessa verdade. E, de posse dela, somos livres e assim entenderemos que o outro também é livre e tem que ser respeitado. Portanto, tem os mesmos direitos fundamentais como eu quero para mim.

Então se pode reconhecer essa verdade e assim tornar possível realizar o verdadeiro ideal cristão: Liberdade no domínio da expressão do espírito; Igualdade nos direitos (campo jurídico); Fraternidade no domínio da vida econômica.

(Getulio Vargas Zauza é membro da Academia Passofundense de Letras.)

Uma triste verdade da política brasileira



JABS PAIM BANDEIRA

E screvo, em nossa revista da Academia Passo-Fundense de Letras, esta matéria tão dura e que, lida daqui a alguns anos, poderá levantar dúvidas sobre a autenticidade de seu conteúdo, colocando em cheque o que afirmo aqui e agora. Mas ele que reflete, sem sombra de dúvida, a realidade do momento: esta fase da vida brasileira e a falta de vontade de nossa geração para mudar. Registrando a ausência de indignação de um povo, que outrora foi tão heróico e soberano, hoje se deixa embriagar pelo comodismo, numa passividade espantosa, dormindo em berço esplendido.

A esperança é de que a situação se modifique, e que este artigo, lido daqui a algum tempo, possa apenas retratar um período nebuloso da nossa vida pública, e a falta de atitude coletiva. Espero que desperte a dúvida no leitor - talvez num aluno em sala de aula, ao ler esta matéria, se isso existiu mesmo em nosso país, ou se apenas foi uma

fantasia de um político, ou de políticos gananciosos, que sonhavam em fazer fortuna, com o sacrifício do povo que representavam. Mas, possivelmente este escândalo não passou de uma simples “marola”, que se perdeu no passado de nossa fraca memória!

Hoje, neste país, temos um Congresso e uma Câmara de Deputados que legislam somente em favor de seus interesses, com aumento de impostos, de emendas no orçamento, balcão de negociatas a serviço de empreiteiras, da jogatina e de bicheiros. As sessões plenárias são realizadas duas vezes por semana, regadas de mordomias e dinheiro a rodo, por tão poucas horas trabalhadas.

Políticos que encantam seus eleitores, como se fossem mágicos, mas os deixam reféns de promessas não cumpridas e de esperanças que se evaporam. Mas a cada ano de eleição se renovam, repetindo o mesmo filme, como os mesmos atores, comediantes e palhaços, num espetáculo decadente.

Usam o ópio do ilusionismo, que deixa o povo petrificado ao alcance

de suas voracidades eleitoreiras. Ao se elegerem, conseguem também eleger seus filhos, mulheres e amantes, para outros postos mais ou menos elevados, profissionalizando seu múnus público, tornando-o permanente. Após, se aposentam, na expectativa de exercer um cargo público, podendo ser num Tribunal, nem que seja de Contas ou de outra modalidade, esquecendo daqueles que os elegeram, num novo vôo e de interesses, consolidando o seu patrimônio e dos seus familiares.

Mas o que causa espécie e surpresa, é o fato de políticos não encantarem e espoliarem só a população, que é a massa de manobra. Alguns nunca frequentaram “o Mobral”, são analfabetos de pais e mães. Eles também invadem, com seus trejeitos e promessas, outras áreas de corporações poderosas, em número de integrantes e de força política, como o CPERS e a Associação de policiais civis e militares, que permutam seu voto, para que o político melhore seus proventos e condições de trabalho. Ao ser eleito, o que acontece? Esquecem os vis degraus que antes galgaram.



Vejam os que percebe um militar! Quanto ganha uma professora! E o policial civil! Todos são emparedados, num verdadeiro estelionato eleitoral. A população é vitimizada, é ela quem paga a conta, democratizando a miséria, na sobra e nos restos dos que são melhor aquinhoados!

Para quê? Para pagar e sustentar os políticos que, como aparece na contabilidade, ganham a melhor remuneração do mundo, comparado com outros países. E não sentem nenhum constrangimento em descumprirem a palavra empenhada, nem se envergonham de aumentar os seus próprios salários e vantagens, enquanto a maioria da população vive no desconforto, dividindo o que resta do pão sobre a mesa com as misérias do mundo.

Vejam o que diz a Organização Transparência Brasil, em reportagem do Bom Dia, Brasil! da rede Globo, que depois foi tirado do ar:

a) “Um minuto trabalhado por um político brasileiro é de onze mil trezentos e quarenta e cinco reais.”

b) Por ano, cada Senador não recebe

menos de 33 milhões de reais.

c) O custo anual de um Deputado é de seis milhões e seiscentos mil reais.

d) Os valores gastos com o Congresso causam ainda mais espanto, quando comparados a países mais ricos que o Brasil, se fizermos a média dos custos de Deputados e Senadores.

e) No Brasil, cada parlamentar ganha dez milhões e duzentos mil reais. Na Itália três milhões e novecentos mil reais. Na França dois milhões e oitocentos mil reais. Na Espanha oitocentos e cinquenta mil reais. Na Argentina, um milhão e trezentos mil reais.

Este custo se repete nas Assembleias Legislativas. E o pior exemplo vem de Brasília: cada um dos 24 Deputados Distritais custa, por ano, quase 10 milhões de reais.

Os vereadores do Rio e de São Paulo custam, cada um, 5 milhões de reais. Ou seja, cada vereador percebe mais de 40 mil por mês.

Talvez, quem ler o que está escrito, não acredite. Vale mais a pena acreditar no político, em suas falsas afirmações e na sua demagogia. Assim não sofremos tanto, acreditando em Papai Noel e que os políticos são uns santos.

As eleições se repetem com iguais promessas, as desculpas são as mesmas. Até reagirmos, estaremos órfãos de representantes e de homens honrados, que não se deixem atemorizar pelo sistema e pela maioria corrupta.

Não conseguiremos mais fazer uma Revolução Farroupilha ou Federalista, mas estamos à espera de um líder de caráter, que direcione o povo, em busca de uma melhor representação, que se dispa dos interesses pessoais, que não acumule riquezas e consiga trabalhar em favor de um novo Brasil e dos brasileiros, para que possamos acreditar neles. Esperamos que esse sofrimento seja uma nuvem passageira e que os urubus, em breve, deixarão o poder, para que possamos confiar nas pessoas e ter representantes honestos, comprometidos com a ética e com a palavra empenhada.

Estamos à espera de um milagre e de uma revolução pela palavra, a fim de que ela conduza a uma reforma de caráter, de políticos e de eleitores, porque na verdade, a maioria dos políticos são escolhidos pelo próprio povo que, infelizmente, tem a mesma formação e o mesmo defeito de fábrica e de personalidade, que pensam como os políticos e se deixam enganar, acreditando que eles não roubam do povo, mas sim do

Estado, quando é cada um de nós que paga a conta e sustenta todas as mazelas de uma Nação que, neste momento da vida pública, só produziu pigmeus, que poderiam ser maiores e melhores, mas não sabem a força que tem. Preferem rastejar a levantar e escolher os melhores. Chegam a esquecer em quem votaram. Que país é este? Ainda é tempo de reagir e se indignar, se cada um fizer sua parte, e a imprensa, em sua totalidade, não só uma parcela, continuar a divulgar as maracutaias e cobrar retidão e atitude.

Amargo é este artigo, mas é a realidade que vivemos na atualidade. Cada um cumprindo o seu dever, em breve teremos um novo país, para que as gerações vindouras não se envergonhem de nossas atitudes dúbias e omissas. Pensem! Reflitam! E tenhamos coragem de separar o joio do trigo, o feio do belo, o ruim do bom. E aprendam a votar! Saibam distinguir os falsos messias e os políticos de carreira e os carreiristas. Digam “não” a eles!

Nós todos esperamos, que um dia, seja colocado como matéria obrigatória, nos currículos escolares, a cidadania, a ética, a moral e o civismo!

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





Uma vida miserável

SUELI GEHLEN FROSI

Carlos era homem de beleza inegável. Garçom desde menino, chamava a atenção da clientela dos bares, por sua gentileza e porte aristocrático.

Casou-se aos vinte e quatro anos, com Judith, uma menina ainda, cujas características principais eram a timidez e o desmazelo na aparência. Judith, embora fosse linda, nunca o soube por inteiro, dado ao fato de que sempre foi desqualificada pelas pessoas. O padrazo, apaixonado por sua mãe, jamais a viu de verdade. Gata borralheira por vocação, trabalhou calada durante anos, em um bom colégio de freiras, lugar que a acolheu a pedido de sua mãe, desde que pudesse estudar ali. Judith trabalhou muito durante toda sua infância. A escola proporcionou-lhe um certo grau de cultura, ofuscado pela falta de interesse, coisa tão do jeito dela. O desinteresse por sua própria pessoa produziu uma personalidade taciturna, não chegando, porém, a ser infeliz.

Esse perfil anulado da mulher encora-

jou Carlos a levar uma vida sem regras, como sempre havia feito. Afinal, ela não teria energia para questioná-lo por nada. A bebida e as mulheres, abundantes em seu mundo, poderiam continuar acontecendo sem perigo. Carlos sempre soube qual o tipo de mulher de que precisava.

Judith apaixonou-se por Carlos à primeira vista e com tal intensidade, que as noites partilhadas com o marido, boêmio e alcoólatra, foram motivo de um embevecimento cego. Sua trajetória com ele foi algo devastador.

Por outro lado, Carlos não poderia imaginar alguém olhando para a sua menina tão bonitinha, motivo pelo qual vigiou-a e torturou-a, com comentários desconfiados, até quando era internada para que nascessem os filhos. A espinha dobrada de Judith era tão notória que, com o tempo, passou a caminhar de cabeça baixa, aterrorizada pelo medo de ser repreendida, por algo que nem tinha feito. Carlos deixou clara sua posição, com respeito ao comportamento mais adequado para Judith, que, somado à índole desleixada dela, produziram um fantasma, um arremedo da mulher com a qual se casou.

Carlos amava a mulher, mas, segundo ele, a vida noturna tinha seu preço, afinal, um homem bonito e charmoso tinha lá seus direitos. Compartilhar remédios com Judith era coisa necessária, naquelas circunstâncias. Nem sempre seus desmandos com mulheres ficaram sem conseqüências, e as doenças que trouxe para casa foram encaradas como normais por ele, e com aparente indiferença por ela. Não havia questionamento moral da parte dele, nem autoestima suficiente dar parte dela, podendo-se pensar em preguiça também, já que a casa dos dois nunca foi limpa, nunca foi enfeitada, nunca foi um lar onde pessoas pudessem viver uma vida decente.

As noites, com o passar dos anos, já não eram a mesma coisa. Filhos que dormem junto com os pais atrapalham muito, e os deles iam deitando aqui e ali, por não saberem direito onde eram seus lugares. Os tímidos ímpetos de desejo de Judith foram rareando, até não serem mais sentidos. O que ele viu acontecer foi que a linda figura de sua mulher tornou-se a de uma mãe, de peitos caídos e pernas com varizes. O silêncio tornou-se uma constante naquela casa. Ver Judith

de cabeça baixa, falando baixinho pra não incomodar ninguém, era algo esperado e trazia uma certa tranquilidade com relação à fidelidade dela.

À medida que os filhos iam crescendo, uma espécie de revolta passou a fazer parte do cotidiano. O filho mais velho se parecia com a mãe e marcava calado sua presença. O fato de não sair do lado do pai fez com que Carlos o castigasse, fazendo-o trabalhar como um mouro, em uma oficina mecânica perto de casa. Foi a forma mais eficaz de manter a presença fantasmagórica do menino, ainda imberbe, longe o suficiente para que não o molestasse. Já o segundo menino, chegou bonito, porém indiferente a ele. Foi estranho constatar que, fizesse o que fizesse, o filho o ignorava completamente.

Nunca se arrependeu da surra dada naquele menino calado, quando o encontrou no porão, junto a outros meninos, em atitude (a seu ver) suspeita. Ter um filho fresco era coisa totalmente descabida. A surra deve tê-lo curado, pensou. Nunca mais o viu em companhia de ninguém. Encontrava-o vagando pela casa, quando não pendurado na mãe. Nunca o preocupou o fato de vê-lo sentado pelos cantos, desmontando coisas e montando-as de novo. Aparentemente, era o que aquele menino sabia e queria fazer.

Na casa de Carlos e Judith não havia sorrisos, nem fins de semana, nem festas de aniversário, nada. Nada melhorou com a chegada da única menina que tiveram, herdeira incontestemente da beleza e da índole da mãe. Ela nunca abriu a boca para nada, nem quando, anos mais tarde, encontrou um pretendente e se casou. Carlos sabia que a menina, mesmo pequena, já havia entendido tudo, portanto, ela manteve-se quieta e só observou os acontecimentos se desenrolarem, inexoravelmente.

A virada da vida de Carlos foi dada por Santa, uma mulher exuberante e conhecedora das fraquezas dos homens. Ela começou a conversar com ele e o acolheu em seu apartamento, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. As noites tórridas, regadas a litros e litros de uísque, produziram manhãs que eram um desastre, com o apartamento desarrumado, roupas pra todo lado, dores de cabeça infernais. O telefone, às vezes tocava implacável. Os filhos de Carlos sempre achavam de telefonar nas horas mais impróprias e sempre, sempre choramingando de fome. Pior era no

fim do mês, quando a luz e a água eram cortadas. Santa dizia, frente à irritação dele, que era assim mesmo, e alcançava os trocados de que ele precisava para calar a boca dos filhos.

À época, não passava pela cabeça de Carlos qualquer sentimento com relação a Judith, que não fosse o medo de que ela, por milagre, encontrasse outro homem. O tempo de Carlos passou a ser dividido entre curar a ressaca da manhã, a vigilância aos passos que Judith dava, o trabalho de garçom cada vez mais escasso, e as longas noites com Santa.

Numa madrugada, Carlos acordou sentindo-se mal. Deu culpa à bebida e ao enorme esforço que fizera, para satisfazer aquela mulher tão exigente. Depois de um tempo, porém, suspeitou de que algo mais sério estivesse acontecendo.

Levantou-se e, em frente à janela, sentiu que aquele suador não passaria, mesmo com o vento que procurou como alívio. Subitamente, sentiu aquela dor no peito que o fez desfalecer.

A sucessão de acontecimentos, após o enfarte, eram coisa nebulosa e indefinida para Carlos, até o momento em que uma funcionária do hospital o procurou, perguntando-lhe sobre seu endereço e o nome de algum parente. Imediatamente lembrou-se de Santa, mas ignorava o sobrenome dela e não conseguiu lembrar o lugar exato do apartamento, onde morava. O hospital atribuiu-lhe falta de memória por conta do estado em que se encontrava, mas, decorridos alguns

dias, sem que recebesse nenhuma visita, e com uma melhora na saúde suficiente, para obter alta, insistiram com o interrogatório sobre sua identidade.

Nos dias seguintes, sua rotina transformou-se em um pesadelo. Compartilhava de novo da sua cama de casal, mas o que encontrou nessa cama foi uma mulher ressentida, conformada, sem viço, e oito gatos dorminhocos, cheios de pulgas. Os filhos eram criaturas educadas, mas indiferentes. Sempre que necessário, mesmo a contragosto, ajudavam a carregá-lo de lá para cá, e até faziam um esforço por entender sua fala arrastada, inutilmente.

Um dia acordou com dificuldade de respirar. Tinha consciência de que Judith estava na cozinha, tomando chimarrão com aquele ar distante e pensativo, alheia ao mundo. Esforçou-se para emitir algum som, mas não conseguiu. Os gatos olhavam pra ele e, estranhamente, começaram a sair do quarto. Seu último pensamento foi o de que a vida tinha sido injusta com ele, justamente com ele.

Judith enterrou-o, cantando bem baixinho a música de que ele gostava, depois sentou-se calada e assim permaneceu. De quando em quando ouviam-na cantando e sorrindo com malícia, como a dizer que agora o marido seria dela. Ela mal percebeu o resto de sua vida miserável.

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Lembrar os conselhos de uma mãe não é querer explicar o que é uma mãe. E, se me incumbissem de tal missão, eu apenas diria: Mãe é um ser inexplicável, de dimensão incalculável. Não comparando, é mais ou menos como diz o nosso poeta Mário Quintana, sobre a poesia: Poeta que tenta explicar a poesia está ralado. Este é o segundo tema do CD "O Cotidiano em Poesia", do poeta Xiko Garcia.

Tema publicado no Jornal "O Nacional", de Passo Fundo, em 09/05/93

Conselho de Mãe

Esta foi minha herança
Que de fato recebi:
Alguns conselhos de mãe,
Dos quais sempre me vali.
Mantê-los é minha honra,
Porém ela, eu já perdi.
Na saudade, a imagem vive,
Como se estivesse aqui.

O dia em que eu saí
De um lugar onde vivia,
Deu-me muita tristeza!
Lá tive tanta alegria!
Por ser ainda um guri
Que muito pouco sabia,
Na despedida, a família
Junto comigo sofria.
Imaginei minha mãe
E a dor que ela sentia,
Por ver um filho partindo,
Sem dizer pra onde ia,
E no bolso não levava
Um pila de economia.
Na pobreza, não se escolhe
Trabalho, nem moradia.

Uma sacola com roupas:
Tudo que eu possuía...
Pra completar, um conselho
Junto comigo seguia,
Com lágrimas nos olhos,
Que do coração fluía.
E a voz muito embargada,
Mamãe assim me dizia:
Meu filho, tu és pequeno,
Mas confie no teu guia,
Trabalhe e respeite os outros,
Que terás o pão do dia.
Sempre procure ter fé
Em Deus e a Virgem Maria!
Graças a esse conselho,
Eu venço a própria ironia.

Minha mãe, eu te agradeço
Por me dar ensinamento,
Ainda estou na terra,
De tudo aqui eu enfrento.
Mas hoje já sei um tanto
Que amar é conhecimento,

Amor de mãe não tem preço,
Muito menos pagamento.
E também não acredito
Que contenha fingimento.
Outros dependem de muito,
Até do próprio momento,
Da condição econômica
E tudo que está por dentro.
São amores que, no fundo,
Precisam de complemento.
E Deus inventou a mãe
Pra confirmar seu talento.

Sei que mãe é sempre mãe,
No futuro e no passado.
Ela está sempre presente,
Em pensamento, ou ao lado.
Livre, já protege o filho,
Muito mais se condenado.
Alimenta, enquanto criança,
E muitas depois de criado.
Mãe é tesouro perdível
E nunca mais recuperado.
Dos amores o mais profundo;
Bem por isto é diferente,
Quem já teve ou ainda tem
Sabe que este não mente.
Mesmo feia, ela é linda.
Pro coração de quem sente.
Por isso mãe de verdade
Só existe uma pra gente.

Mãe não tem que ter um dia,
Por mais que seja moderno,
Pois mãe, pra quem reconhece,
O dia dela é eterno.
Mãe que é mãe chega ao céu,
Mesmo que passe no inferno,
Uma mãe enquanto viva,
Isto foi pra mim também,
Deus não deixa que se veja
Todo valor que ela tem.
Basta se ter uma só
E só esta nos convém.
Assim, se vai uma mãe,
É certo que outra vem.
A minha eu não esqueço,
Mesmo estando no além.

(Francisco de Mello Garcia - o artista Xiko Garcia - é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Primeiros, os últimos

ODILON GARCEZ AYRES

No dia 18 de agosto de 2010, aconteceu em Brasília a 41ª Caravana da Anistia, concomitante com o 4º Seminário Latino-Americano de Anistia e Direitos Humanos, oportunidade em que foi dado o veredicto sobre a atuação do Coronel Jéfferson Cardim de Alencar Osório, no episódio denominado Levante de Três Passos, fato ocorrido nessa cidade, logo após a Revolução de 64, quando o ex-governador do RS, Leonel Brizola, em exílio no Uruguai, após ter recebido de Fidel Castro dois milhões de dólares, determinou ao aludido coronel, que pegasse em armas, para contra-atacar a Revolução.

É voz corrente que os convidados e os simpatizantes foram convocados para irem apenas a uma reunião política em Três Passos. Mas, durante o acontecimento, liderados pelo Coronel Jéfferson, a grande maioria dos ali presentes, até por uma questão de honrabilidade ou de convicções, consentiram ou foram obrigados a pegar em armas e atacar o quartel daquela cidade. E como todos sabem, foram rechaçados e presos.

Entre os revolucionários, encontrava-se um sobrinho do meu avô, de nome Alcindor Aires, bem como outros seus companheiros, todos oriundos de São Sepé, os quais honraram as nossas tradições guerreiras, participando do aludido levante. Conheci o Alcindor, na casa do meu avô, na Rua Cel. Chananeco, 723, sujeito de estatura média, bom porte, parecido com o tio Índio (irmão de meu pai), que se entretinha homiziado que estava na casa de seu tio avô, em largas conversas, mateadas, almoços e jantares. Ao menor sinal de perigo, embrenhava-se pelos fundos da casa, indo sair lá no Posto Cassol, e dali sabe-se lá para onde, levando consigo o trinta e oito, cano longo, niquelado, que Nestor Aires lhe emprestara, e que ao ser preso em Porto Alegre, foi parar no SOPS ou no DOPS, como prova de crime.

Neste ato da Anistia, um anistiado de sobrenome Marques, deu interessante depoimento acerca do Coronel Jéfferson. Veio à tona, que ele era um brilhante oficial do Exército Brasileiro,



detentor de várias medalhas, como exímio esgrimista, e campeão em outras modalidades esportivas. Além disso, que ele e sua família, então no Rio de Janeiro, eram amigos e vizinhos do General Ernesto Geisel, quando um irmão deste, que era míope e que entrara no Exército pela porta dos fundos, foi morto por uma composição ferroviária. Sua morte foi atribuída ao Coronel Jéfferson e por causa deste incidente involuntário, fez-se o General seu inimigo, privando-o de atingir o generalato, além de confiscar-lhe todas as medalhas e honrarias adquiridas em sua vida de caserna.

(Outras fontes dizem que esse acidente ferroviário vitimou um filho do ex-Presidente Geisel, de apenas 16 anos de idade. Daí a vindita!)

A Presidência desse ato, depois da

aprovação de todos os conselheiros pelo perdão e concedendo todos os benefícios da lei de anistia, homenageou a viúva do cel. Jéfferson Cardim de Alencar Osório, ali presente. Passou a mesa, em seguida, a outras leituras, de outro pedido de ressarcimento, por um guerrilheiro do Araguaia.

Infelizmente, não sei até agora se, Alcindor Aires, Odilon Brum, Índio Brum Vargas e outros Sepeenses, foram aquinhoados pelo atual governo da República. Entretanto, fica aqui a máxima, de sempre: que os primeiros a pegar em armas serão os últimos a ter sua honra reparada, e vice-versa, ainda mais em se tratando de política.

(Odilon Garcez Ayres, pseudônimo Arapitu, é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Educação de jovens e Adultos - EJA

IVONETE ZAMARCHI LEMOS

(FOTOS: ARQUIVO I.Z. LEMOS)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), revela-se como uma educação capaz de mudar significativamente a vida de uma pessoa, permitindo-lhe reescrever sua história de vida. Nesse sentido, é papel dos professores, especialmente, dos atuantes em face dos jovens e adultos, compreenderem atentamente os alunos, bem como as suas realidades cotidianas.

Com efeito, a educação de jovens e adultos resta amparada legalmente como uma modalidade de ensino, voltada para pessoas que não possuíam acesso, por algum motivo, ao ensino regular, na idade apropriada. Porém, estas pessoas apresentam cultura própria, contribuindo no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse panorama, verifica-se que o papel docente é de fundamental importância no reingresso do aluno às turmas de EJA. Por isso, o educador deve, também, ser um professor especial, capaz de identificar o potencial de cada estudante.

Nesse trilhar, a modalidade de educação dos jovens e adultos garante e inclui o acesso às pessoas com necessidades educativas especiais, possibilitando a sua inclusão na escola e na sociedade, com suas especificidades respeitadas, por meio da organização curricular, da prática pedagógica específica e do atendimento especializado, favorecendo e respeitando o seu ritmo próprio no processo de aprendizagem.

A E.E.E.Médio Ernesto Tocchetto inicia o ano letivo de 2012, com 456 estudantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos, no Ensino Fundamental, com as totalidades 4, 5 e 6, e as totalidades 7, 8 e 9, que correspondem ao Ensino Médio.

Dessa forma, a escola oferece oportunidades de aprendizagem, tanto em termos de assimilação de conceitos e dados (conhecimentos), quanto de domínio de instrumentos de trabalho (habilidades) e capacidades de atuação autônoma (competências).

(Ivonete Zamarchi Lemos é vice-diretora EJA)



Feira do conhecimento e projeto do meio ambiente e cultura gaúcha

Exercício físico retarda o envelhecimento - Ortopedistas recomendam que idosos (re)comecem a exercitar-se



OSVANDRÉ LECH

A Sociedade Brasileira de Ortopedia (SBOT) está alertando os idosos sedentários, a aproveitarem os feriados e finais-de-semana, para iniciar um programa moderado de exercícios físicos. Não apenas de caminhada, mas de musculação, levantando pesos.

A recomendação é válida para todos os idosos saudáveis, isto é, para quem tem mais de 60 anos. E vale até para quem tem mais de 90. Mesmo nessas idades avançadas, em três semanas, o exercício começa a melhorar a qualidade de vida do idoso. Está estabelecido, há tempos, que a única droga que retarda o processo de envelhecimento é o exercício muscular, já que a Medicina comprovou que o envelhecimento biológico, e a falta de uso dos músculos evoluem de forma paralela.

O idoso deve fazer musculação, uma vez que, a partir dos 30 anos, o organismo começa a perder tecido muscular, num ritmo de 1% ao ano. Além disso, o envelhecimento biológico inclui a morte programada das células, o que

faz com que os tecidos percam água e não a recuperem.

Essa perda de água faz com que as cartilagens da coluna se tornarem menos espessas, “encolherem”, num processo idêntico ao enrugamento da pele, à perda da musculatura, ao enrijecimento dos tendões.

Há perda de força também por causa da redução da bainha de mielina que recobre os neurônios, e que se reduz com a idade, afetando a condução neurológica e fazendo com que haja perda de equilíbrio. É por isso que um idoso tem dificuldade para se levantar de uma cadeira, por exemplo, passando a usar os braços como elemento adicional de força e equilíbrio, e tem mais facilidade para abrir uma porta com maçaneta em L, do que com maçaneta redonda. A boa notícia é que as caminhadas, aliadas a um programa de musculação, melhoram a força, o que resulta em melhora do equilíbrio. Além disso, o exercício leva o idoso a dormir melhor, havendo também melhora no funcionamento do intestino. A pressão arterial baixa, o batimento cardíaco se reduz e, extremamente importante, o exercício com pesos faz com que os ossos ganhem

consistência.

A preocupação com os ossos se explica, porque um osso mais forte é menos suscetível à fratura do colo do fêmur, problema típico do idoso e ainda muito grave, pois estatisticamente resulta em 30% de mortes.

Mesmo os idosos com problemas, seja de hérnia de disco, de angina instável, de artrose avançada do joelho, devem exercitar-se mas não sem antes procurar o médico, que recomendará exercícios que não agravem sua patologia. A recomendação da SBOT é a mesma do “Colégio Americano de Medicina do Esporte”: exercício moderado pelo menos três vezes por semana, com duração de 30 minutos, no mínimo. Vale tudo: subir a escada do apartamento, passear com o cachorro, caminhando de forma enérgica e, sobretudo, musculação na academia. A grande maioria das pessoas já fez exercício físico de rotina, durante a vida. Vale agora recomeçar!

(Osvandré Lech é ex-presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia. Membro das academias passo-fundense de Letras e de Medicina.)

Bins, Tarso de Castro, Chico Buarque e o tatu



HERLON GOELZER DE ALMEIDA

Ernani Bins Filho, o Naninho, amigo querido de muitos, faleceu há poucos dias. Ele e eu vivemos um momento ímpar e sempre que nos lembrávamos do ocorrido, ele me pedia para um dia transcrever para texto. Agora aqui está.

Eram alguns dias depois de 07 de dezembro de 1976, data em que João

Goulart havia falecido no exílio, em Mercedes, no Uruguai, em circunstâncias duvidosas. Até hoje perdura a dúvida se foi infarto ou envenenamento, este propiciado a mando do Fleury, mão de ferro da ditadura. Para maiores detalhes procurem os relatos em sítios da internet propiciados pelo Google. Eu cursava Agronomia em Santa Maria e já me encontrava em período de férias em Passo Fundo. Bins me procura convidando para acompanhá-lo a Porto Alegre, em

uma viagem rápida. Daria carona ao Tarso de Castro até o Salgado Filho – que iria para o Rio de Janeiro onde morava -, e aproveitaria para resolver um determinado problema lá na capital.

Tarso se encontrava em Passo Fundo, pois tinha retornado de São Borja onde havia participado do enterro de João Goulart e aproveitava para rever a família. Eu achei ótimo, pois vivenciar alguns momentos com o Tarso de Castro seria inesquecível, como de fato foi.

Eu o conhecia do Pasquim - fui leitor assíduo de artigosemo O Nacional, e o tinha visto algumas poucas ou raras vezes na cidade. Para mim era uma oportunidade de conversar e me alimentar de suas percepções sobre aquele momento histórico da vida nacional - por se tratar de um ex-presidente, morto no exílio e em circunstâncias duvidosas.

Lembro que o Bins me apanhou em

lhe movia era a indignação, a morte, o exílio, a ditadura. Berrava, gritava. Por momentos ficava quieto. Logo depois retomava.

Falamos de tudo um pouco, do Pasquim, da vida no Rio, se ele havia ou não transado com a Candice Bergen, etc. Mas íamos e voltávamos nos assuntos, e a ditadura era de alguma forma lembrada. Pau no Geisel, no Médici, enfim,

que seria um tatu no Rio de Janeiro, etc.

Devemos ter parado mais uma ou duas vezes para tomar umazinha e dar uma verificada na segurança do tatu, que eu, atrás, ia controlando de perto.

Algum tempo depois e de um período de silêncio, o Tarso gritou, assustando-nos: "Pára o carro! Vamos soltar o tatu!. Não tem cabimento, é uma incoerência minha tirar a liberdade do tatu! Basta o



casa, na Bento Gonçalves, logo após o almoço, e fomos para a casa do Seu Múcio, na descida da General Neto. Lá estava a família Castro reunida, em uma mesa, pós-almoço com o Tarso, muito falante, de atração total. Ainda pegamos o café e logo saímos rumo a Porto Alegre. Numa Brasília cor creme, ou algo assim. Dia lindo, Bins na boleia, Tarso no banco do carona e eu atrás.

Tarso estava indignado com a morte do Jango. Pela própria morte, pela circunstância duvidosa e, agravava ainda mais seu estado de espírito, a morte ter ocorrido no exílio. Tarso esbravejava contra a Ditadura, e repetia incansavelmente que "isso não se faz com ninguém. Morrer no exílio é a pior das dores! É uma sacanagem!"

Tínhamos andado uns poucos quilômetros, nem em Ernestina havíamos chegado, e o Tarso pede para parar num posto de gasolina qualquer que tivesse um boteco. Lá ele pediu a primeira dose de muitas tomadas no trajeto. Foram muitas paradas até Porto Alegre, muitas mesmo. Paramos em postos de gasolina com boteco, em botecos sem posto, em tudo que houvesse álcool ingerível. Em cada parada uma dose de alguma coisa: gin tônica, fanta com vodka, whisky puro, whisky com pepsi ou coca-cola, cachaça com guaraná e por aí foi... Aqui não há exageros. Ele tomava cada dose ou copo de forma muito rápida. O que

era um clima de desabafo, revolta, indignação mesmo. Ele lembrava e repetia os atos e falas do Jango, no exercício da presidência, e os discursos das pessoas no enterro, ocorrido no dia anterior. Era um nacionalismo só.

Depois de algumas paradas e doses estacionamos na Vila Assis. Mais uma dose de algo quente, a tradicional ida ao banheiro, um pastel, e saímos para a rodovia. Ao sairmos do estacionamento, já alcançando a rodovia, vi um menino, no acostamento, ofertando um tatu, segurando-o pelo rabo. Mas fomos em frente. Andados uns dez quilômetros, o Tarso dá um grito: "Volta!! Vamos voltar lá que vou levar o tatu!! Vou colocá-lo na casa do Chico Buarque!". Bins deu meia volta e dali um pouco lá estávamos, em frente ao menino. Conversa vai e pechincha também, o tatu ficou por uns 5 ou 10 pilas. Uma bagatela. O bom no Rio Grande é que a moeda nunca muda, nossa estabilidade cambial é maior que a do dólar e euro juntos. É sempre pila. Fomos até a borracharia, lá conseguimos uma caixa de papelão, fizemos uns furos para respiro, a envolvemos com um barbante e o tatu ficou acomodado nela. O tatu na caixa embarcaria no Salgado Filho, sob um casaco levado na mão. Na época isso não era problema algum.

O assunto passou a ser o tatu, a casa do Chico Buarque de grande pátio, os encontros com os amigos, a novidade

que fez a ditadura, que tirou o Jango e tantos outros de seu habitat!! Eu não vou fazer isto com o pobre do tatu!"

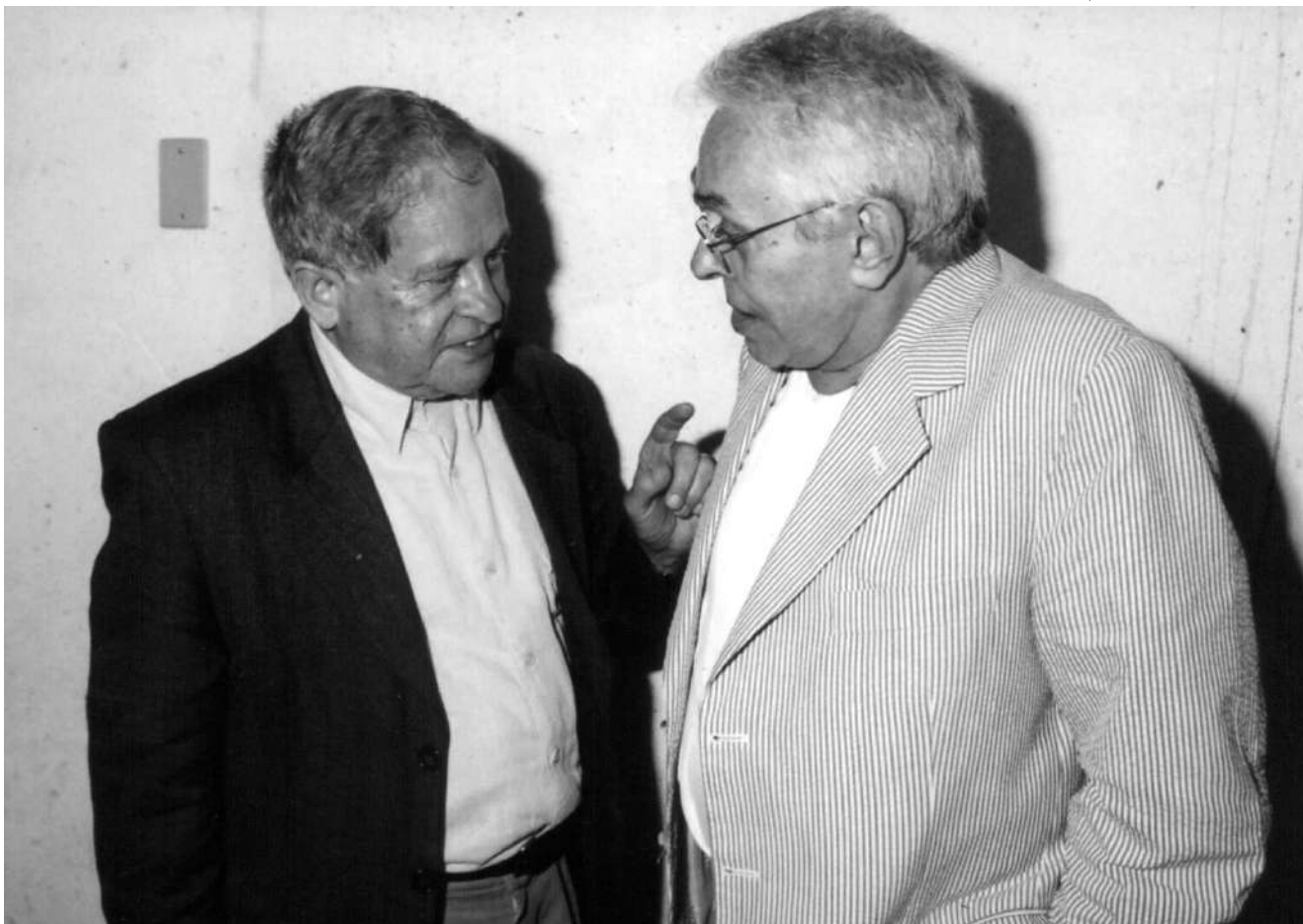
Imediatamente, paramos o carro, pegamos a caixa que ele, Tarso, abriu e colocou no chão. O tatu, imóvel, sem nada entender daqueles malucos, ali ficou, olhando-nos por alguns segundos. O Tarso dizia: "Vai tatu, vai!" Depois de alguns bons, segundos o tatu se foi em direção a um mato rente ao acostamento. Não sem antes dar mais uma olhadinha nos malucos totais. Na visão dele, tatu, claro!

Retomamos a viagem. O Tarso bradava sem fim a necessidade de democracia, a liberdade dos homens e a do tatu. Depois de muitas horas, muitas mesmo, dessa longa e inesquecível viagem Passo Fundo-Porto Alegre, com algum atraso que não sei precisar, deixamos o Tarso no aeroporto. Bins e eu fomos para o centro da cidade.

O Chico Buarque talvez não tenha sabido dessa história toda e do tatu. Mas eu nunca vou esquecer da viagem e de que o Bins, ao entrar em velocidade na contramão, em uma das avenidas da capital, nos colocou de frente com uma nuvem de carros que vinham em velocidade, em nossa direção logo após ter aberto um semáforo. O Bins deu um meio cavalo-de-pau e já retomamos o rumo certo. O tatu e nós dois nos safamos bonitos naquele dia...

Meu encontro com Chico Anysio

(FOTO: ARQUIVO MEIRELLES DUARTE)



MEIRELLES DUARTE

O Brasil ainda chora o desaparecimento de Chico Anysio, incontestavelmente o maior humorista do País. Ao final de sua movimentada existência, viu-se vinculado à nossa região pela sua sexta mulher, que é natural de David Canabarro, onde ainda residem seus pais e dois irmãos. A aproximação com a terra de sua última mulher fez de Passo Fundo um caminho, para chegar aos seus sogros e cunhados. Tive a oportunidade, por duas vezes, de ter estado bem próximo do grande astro do humor. Primeiramente, foi na grande festa inaugural da TV Umbu, que se transformou na RBS. E, num segundo momento, quando veio para um show no Cine Pampa. Na primeira

oportunidade, por mais que eu investisse profissionalmente, a fim de ouvi-lo, não consegui atingir meu intento, pois, ao final do dia, o grande artista, que vivia um drama familiar, com a separação de sua quinta esposa, excedeu-se na bebida, a ponto de ninguém conseguir acordá-lo, em seu apartamento, no Turis Hotel. Paulo Santana foi o seu substituto na hora do show no Clube Comercial, conseguindo agradar o grande público e recebendo justos aplausos. O segundo, e último momento, foi em novembro de 2003, quando houve um dos últimos espetáculos no Cine Pampa, com retumbante sucesso. Ao nos encontrarmos, falamos demoradamente sobre futebol, pois tanto ele como eu torcemos, com todas as forças, pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Gostou muito do que abordamos, pois

ficamos longo tempo dialogando. Ao final da noite, Chico resolveu saborear o legítimo e gostoso churrasco gaúcho, provocando uma correria, pois já era tarde e não havia churrascaria à disposição. Finalmente, a churrascaria Espeto de Ouro, ao saber que se tratava do famoso Chico Anysio, mandou preparar tudo da melhor forma e o churrasco foi para as brasas. Ao chegar, Chico tomou conhecimento do cardápio, e, ao se deparar com uma suculenta feijoada, esqueceu o tão aguardado churrasco. Foi uma surpresa para todos, mas, em se tratando de Chico Anysio, tudo pode acontecer, especialmente o inesperado.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte, jornalista e advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A Segunda Vinda, o Papa, você e alguns cientistas

GILBERTO R. CUNHA

Essa história, com uma leve pitada de humor e sem qualquer intenção de ofensa à crença religiosa de quem quer que seja, é relativamente bem conhecida e antiga. Com as devidas adaptações, presta-se para a interpretação do comportamento das pessoas, nos mais variados ambientes de trabalho ou segmentos da atividade humana, em especial no mundo dos cientistas. Consta, conforme relato de David Goodstein incluso no livro “On fact and fraud: cautionary tales from the front lines of science”, de 2010, pela Princeton University Press, que tudo se passou numa sala reservada dos aposentos papais, no Vaticano. Na ocasião, o Santo Padre conversava com dois monsenhores que eram assistentes bastante próximos. Eis que, em dado momento, um dos monsenhores percebe uma estranha luz que vinha de uma das janelas da sala. Ele vai até a dita janela e julga que se trata da Segunda Vinda. Mas, como era um homem treinado para ser cético e não aceitar de imediato as coisas como parecem ser, toma todos os cuidados, analisa a situação detalhadamente e, não tendo mais dúvida de que ele realmente está vendo a Segunda Vinda, chama o colega, que o acompanha até a janela. Esse olha, e diz: “Você está absolutamente certo. Não há dúvida sobre isso. É a Segunda Vinda”. Os dois dão meia-volta, ajoelham-se rezando diante do Papa e exclamam unissonamente: “Sua Santidade, é a Segunda Vinda”. O Santo Padre, para espanto dos monsenhores, sai em disparada carreira até a sua mesa de trabalho, senta e começa a bater, alucinadamente, nas teclas da velha máquina de escrever. Um dos monsenhores, ainda ajoelhado e com as mãos postas voltadas para o céu, pergunta: “Sua Santidade, que está fazendo?” E o Papa diz: “Bem, eu não sei quanto a vocês, mas eu quero parecer ocupado”.

David Goodstein usou a história da



Segunda Vinda para analisar o envolvimento dos cientistas, em estudos sobre supercondutividade em altas temperaturas. O fenômeno da supercondutividade foi descoberto em 1911 e, desde então, a busca de supercondutores que apresentem, sob altas temperaturas, as propriedades de resistência zero, capacidade de criar campos magnéticos e tunelamento, virou o Santo Graal da Física. Passados 100 anos, apesar da euforia da descoberta anunciada por cientistas da IBM, em 1986, e com muita gente parecendo ocupada nessa busca, a evolução foi pequena. O máximo que se conseguiu foi a manifestação dessa propriedade na faixa entre 135 K e 165 K, que já é um avanço em relação aos 4 K a 24 K originais. No entanto, qualquer pessoa que tenha prestado um mínimo de atenção, nas aulas de Física do ensino fundamental, facilmente percebe que essas temperaturas são ainda bem abaixo das encontradas em qualquer lugar da Terra.

Nas ciências agrárias, embora não possa afirmar taxativamente, suspeito que a área popularmente denominada de biotecnologia, onde se inserem a transformação genética (OGMs) e demais especializações da família das “ômicas” (genômica, fenômica, proteômica, metabolômica, etc.), exerce o papel de Segunda Vinda. Tem muita gente, em particular nas organizações periféricas,

tanto públicas quanto privadas que, não possuindo os recursos de laboratórios e o domínio tecnológico (por força de instrumentos de propriedade intelectual ou mesmo por segredo industrial), emulando o exemplo do Papa, gostam de parecerem ocupadas, especialmente quando a Segunda Vinda surge travestida em recursos para financiamento de pesquisas.

Parecer ocupado, eis os resumo dessa história, que se presta como poucas ao entendimento do comportamento humano, no dia a dia da sociedade e, em particular, no mundo das corporações. Repare, minimamente, como em qualquer ambiente de trabalho, sempre tem aqueles que gostam de parecer ocupados, em especial diante da alta administração da empresa. Vivem sem tempo para nada, levando trabalho pra casa e, não raro, pedindo desculpas e horas-extras. Orgulham-se de sequer um cafezinho terem tido tempo de tomar em muitos anos de empresa. Realmente, dando ares de ocupação permanente, estão sempre a postos, aguardando pela Segunda Vinda, porém torcendo para que essa se materialize no presidente da organização ou, quando não, em qualquer superior hierárquico imediato.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Inominável colusão

LEONARDO NUNES NUNES

Quantas vezes cá fui eu chamado? Clamaram meu nome um sem-número de oportunidades quais, tudo em vão, tive de explicar o ocorrido. Agora nada mais farei do que ser sucinto. E aí de vocês se, com meu bosquejo, ninguém entender! Já cheguei à conclusão de que nenhum de meus interlocutores possui interesse ou a capacidade de compreender que o que eu fiz não passou de uma mera atitude de salvatério, cuja importância é assaz à humana raça, mas ainda assim é ultrajada, desprezada. Firo-vos? Pois não me importa! Estou é cansado de ser pilhado por motejos e, acreditem, escalavrados. E não obstante meu nome ser motivo de graça, apupo, é salutar garantir, e também atestar, que os jornais mentiram. Não há mais esta entrada porque eu a fechei! Engraçado? Não foi quando nas profundas penetrei.

Descobri aquela reentrância há cinco meses. As porcarias das fotos estão aí para mostrar que falo a verdade! Ela sempre esteve lá, esquecida. Quedei-me diante d'um mundo deveras desumano. Não há outra palavra senão desumano – pelo menos eu não sou capaz de falar outra coisa. Desci aquele declínio servindo-me do pouco de luz que lá entrava, para logo em seguida basear-me tão somente em meu tato, o único guia capaz de me conduzir naquelas profundas desconhecidas. Pacóvios!

Todos nós, em nossa monstruosa insidia. Somos ludibriados por pura mesquizez, véus nos olhos para não enxergar ou não saber. Continuemos assim então.

Tendo chegado ao nadir, percebi o quão ingênuo é o homem. Considera-se o topo da cadeia alimentar, mas eis que um toleirão descobre a verdade (e desmascara a insígnia)! Ai o que vi! Horror e beleza juntos? Uma beleza bestial, diga-se de passagem. E, tendo empunhado o livro que debaixo do braço eu carregava, pus-me a recitar. Colocar um fim naquilo que, logo reparei, no completo silêncio estava sendo perpetrado. Um conciliábulo de criaturas vis, talvez extraterrestres, talvez também humanas, que sequer se aperceberam de minha presença junto delas. Bem, imagino que terem ouvido minha voz causou nelas susto, pelo menos n'um primeiro momento. O que veio em seguida foi tudo muito rápido.

Elas estavam todas reunidas, em círculo. Vestidas por um escuro balandrau, naquela espécie de altar, adorando – se é que realmente adoravam – uma grande estátua esculpida em pedra em forma de polvo. Que mãos ágeis tê-la-iam esculpido? Jamais saberemos. Antes que elas me cercassem, desajeitadas, poderosas, tentando impedir que eu as interrompesse, ágil também virei para a página marcada em meu livro, já prevendo um ataque. Falando de uma forma que todos possam me compreender, imobilizei-as com mágica. Não tive medo nem hesitei.

Pessoas não relataram terem sentido,

em alguns prédios da cidade, terremoto? Digo que o causador de tal abalo sísmico fui eu e minha mágica, pois tudo tremeu e muito do que segurava o teto de pedra caiu. De certa forma soterrei-as, vivas, porém. De minha parte, célere deu o pira dali. É engraçado, não é? Deveria trabalhar eu n'um circo? Sinto pena da insidia de meus interlocutores: não viram o que vi, não descobriram o que descobri.

Eu havia posto explosivos na entrada. Por isso o som do trovão, dito tão amplamente por algumas pessoas. Se isso explica, há no centro da cidade um enorme buraco, o tal do minhocão – é uma das galerias, embora por ela eu não tenha exatamente percorrido. Foi o que de melhor me propus a fazer. Explodir. A entrada. Mas, sei e reconheço, há outras reentrâncias em outros lugares, de modo que sempre elas terão como dar visita a este mundo. Todavia, não através desta cidade. Livres. Por um bom tempo. Eu os fiz livres!

O zênite também é delas, assim como o nadir é nosso – embora disso nada saibamos. É o que me dá mais tristeza. Devo confessar minha tristeza perante todos.

Qual livro eu carregava debaixo do braço? É difícil descobrir? Vou-me embora. Espero não ser mais chamado, porque por mim acabou!

(Leonardo Nunes Nunes - Leon Nunes é escritor passo-fundense, autor do livro Fúnebre cortejo, publicado em dezembro de 2011 com o apoio do Projeto Passo Fundo.)

Dos corredores das ruas aos corredores dos hospitais: a realidade dos motociclistas no Brasil

OSVANDRÉ LECH

Atualmente cerca de 40 mil pessoas perdem suas vidas em consequência de acidentes no trânsito do país. Dentre as principais vítimas estão os pedestres, que ocupam o primeiro lugar no número de mortes, seguidos pelos motociclistas. O número de condutores de motocicletas envolvidos em acidentes cresce de maneira vertiginosa, e de acordo com a representante da OMS no país, Mercedes Maldonato, 70% das ocorrências tem como culpado o próprio condutor da moto.

Os motivos atribuídos para justificar estatísticas tão elevadas envolvendo motociclistas: a) o aumento no número da frota brasileira de motocicletas na última década foi de aproximadamente 325%; b) 70% dos envolvidos em acidentes não possuíam carteira de habilitação e cerca de 90% das pessoas interessadas em adquirir carteira de habilitação para motocicleta, quando procuram uma autoescola, já sabem conduzir esse tipo de veículo, ou seja, os futuros condutores habilitados aprendem de formas desconhecidas, fora do alcance de qualquer instrutor profissional; c) o planejamento do trânsito nas vias urbanas de nossas metrópoles se mantém caótico.

Na China existem divisórias de ferro entre os carros, as motocicletas e bicicletas e os pedestres – sendo a chance de acidente ou colisão muito menor. Na cidade de São Paulo, os corredores para motociclistas são tidos com fundamentais para assegurar a agilidade desses veículos. No entanto, um levantamento realizado pela Companhia de Engenharia de Tráfego (CTE), concluiu que 35% dos acidentes com morte envolvendo motociclistas – e foram quase 500 dentro da cidade de São Paulo em 2011! - acontece nos corredores estreitos entre os carros. A maioria das cidades brasileiras não tem qualquer plano ou programa para evitar acidentes de motociclistas. Ou seja, no Brasil, o motociclista e o motoqueiro vão do corredor das ruas para o corredor dos hospitais.

Além das consequências trágicas provocadas por esses acidentes, os gastos públicos com resgate e hospitalização dos acidentados chegam a cifras absurdas. O número de acidentes com e sem mortes provocadas pelo trânsito já é tratado como questão de saúde pública no Brasil. A ascensão de 64 milhões de brasileiros à classe C indica que o quadro continuará a piorar se drásticas mudanças não ocorrerem em breve. Medidas eficazes para a redução do número de acidentes de trânsito no país é o que se espera com urgência.

(Osvandré Lech é ex-presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, a SBOT, e membro das academias passo-fundenses de Medicina e de Letras.)



Mergulho no vazio

SUELI GEHLEN FROSI

Às cinco da manhã, Eva acordou. Sentiu urgência em levantar-se e o fez, não sem pensar que aquela não era uma boa hora. Estava escuro ainda, muito cedo até para fazer o café. Vestiu o robe e caminhou até a porta da cozinha, quando sentiu que ia morrer.

Seu cérebro parecia ter sido sugado junto com seu equilíbrio. Ao tocar na mesa na tentativa de ficar em pé, percebeu as mãos dormentes, a boca seca e um turbilhão feito uma roda d'água no alto do peito. Conseguiu arrastar-se até a cama e pediu socorro ao marido, que resmungou e virou-se para o lado.

Eva chamou-o de novo, aproveitando um momento de lucidez em meio a dois como que desmaios. Aí, deu-se conta de que algo muito sério estaria acontecendo.

O marido ajudou-a a se vestir com rara gentileza, insistiu para que Eva vestisse roupas de mangas compridas e uma calça jeans. Eva deixou que ele a ajudasse, com docilidade e muita estranheza, pois não tinha ideia da própria palidez. A cara dele era de pura preocupação.

Não fazia calor naquela manhã de começo de outono, então não havia razão para suar daquela forma. Eva percebeu tudo ao sair amparada de casa, quando o vento bateu em sua testa molhada. Foi tomada de um pavor tão grande, que o turbilhão em seu peito se intensificou, fazendo-a cair no banco da frente do carro. O trajeto à emergência foi interminável. Ouvia a voz de Edmundo, encorajando-a, como se ele estivesse a quilômetros de distância.

A emergência estava lotada. Eva sentou-se ao lado do marido e ouviu o que ele lhe disse ao ouvido:

- Não deixe que tirem sua roupa, pois podem perceber tudo e eu não quero me incomodar.

- Perceber o quê, sussurrou?

- Aquela briga de ontem pode ter deixado marcas, ora.

Aí ela lembrou. Havia sido uma briga daquelas, mais uma em que ela apanhou muito. Nos últimos tempos, a



vida sossegada foi substituída por discussões sem nenhum fundamento e ela era vítima de agressões cada vez mais violentas. O ciúme dele era assustador.

A chamada de seu nome causou-lhe um sobressalto. Tinha que tomar cuidado com o médico, tinha que melhorar rápido, pois, se ela morresse, ou se não melhorasse, alguém veria seu corpo machucado e saberiam da sua situação vergonhosa.

Edmundo ajudou-a a caminhar até o consultório. O médico percebeu logo tratar-se de uma crise de ansiedade, receitou um ansiolítico e recomendou que procurasse um clínico no outro dia.

Capítulo II

Acordou cansada perto do meio-dia, mas completamente recuperada da crise do dia anterior e improvisou o almoço. Percebeu que Edmundo a olhava vez em quando, mas não falou nada. Por sua vez, Eva serviu-lhe o prato, esperou que comesse e quando começou a arrumar a cozinha, ele falou com ela:

- Como estás, melhor?

- Não sinto mais nada, só estou muito cansada, disse ela.

- Na semana que vem vamos ao médico, eu a levo, falou Edmundo.

- Posso ir sozinha, pensei até em ir hoje, disse Eva, sem desconfiar do que viria.

- Eu falei que vamos na semana que vem. Até lá os hematomas já desapareceram e antes disso não tenho tempo, ele falou, quase gritando.

Eva assustou-se, mas, desconfiada de que ele houvesse descoberto tudo, achou melhor ficar calada.

Mal ele havia saído, sem beijo nenhum, nem até logo, como sempre, e ela correu ao telefone.

Ouviu o telefone chamando, chamando, quando começou a sentir tudo de novo. As palpitações, o formigamento, a boca seca e desfaleceu com o telefone na mão.

O filho a encontrou deitada ainda e ajudou-a a deitar. Ele era um menino bonito, gentil e que a tratava com a benevolência de quem sabia de tudo.

Eva estava acostumada a ir à escola do filho, sempre que chamada. Geralmente,

falavam com cuidado sobre os problemas do filho. Ele era gentil demais, carinhoso com as meninas e a chacota dos meninos. Seu jeito de caminhar era o motivo de tratarem-no de forma debochada e grosseira.

Fazia já três semanas desde que ela começou a frequentar o consultório do psicólogo. Ela precisava entender o que estava acontecendo com seu filho, que era tão diferente do pai. Como podia aquele menino sentar-se tão elegantemente à mesa, comer em garfadas pequenas, enquanto o marido, pai dele, palitava os dentes, fazia barulhos perfeitamente audíveis ao engolir e mastigar.

O psicólogo chamava-se Artur e apertava calorosamente sua mão ao entrar em seu consultório. Durante a sessão falara pouco, mas a olhara com atenção, fazendo algumas considerações com uma voz aveludada que a atingira de forma certa, direto no coração.

Foram três semanas de sonho. Nunca um homem a tratara assim, nem seu pai, nem seu marido. Via-se perdida, olhando pra ele e imaginando o amor dos dois, de como seria se deitassem naquele divã. Certamente a voz de veludo sussurraria coisas delicadas, elogios que nunca ouvira, o que acenderia dentro dela o que sempre esteve adormecido, mas ela sabia que estava lá.

Capítulo III

Depois do casamento, Eva pensou que tudo seria diferente. Filha de um pai despótico e grosseiro, finalmente teria sua casa. Arrumou-a com carinho, cozinhou para o marido com esmero, assim como sua mãe fizera desde sempre.

As noites eram preenchidas por novelas e por investidas do marido, mas ela nunca conseguiu ver um sentido maior em abrir as pernas e sentir o corpo daquele homem suando em cima dela. Sabia que era sua obrigação fazê-lo, mas ela sempre esperou muito mais daquilo, ao menos alguma palavra que sinalizasse o que iria acontecer. Mas isso nunca aconteceu. Desde o começo, deixou que ele retirasse sua roupa, usasse seu corpo, para finalmente dormir, não sem antes dizer-lhe o quanto estava decepcionado com uma mulher que não conseguia se mexer convenientemente.

De algum tempo para cá, tudo havia mudado. De paciente e resignada, ela passou a rejeitar aquela situação. Não suportava mais o cheiro daquele homem, nem aturava mais os barulhos que saíam

de dentro dele, muito menos seu suor, seu esperma. Esperava que ele dormisse para tomar banho com vagar, passando suavemente o sabonete pelo corpo, imaginando palavras doces dirigidas a ela. E foi assim, de olhos fechados, que ela despertou para o que seu sexo podia oferecer.

Dr. Artur passou a ser o protagonista dos seus sonhos, dos seus pensamentos, dos seus devaneios. Ansiava por ele, como se aí estivesse sua sobrevivência. Pensava que um sentimento tão grande só podia ser correspondido, pois não era possível ignorá-lo.

As noites com o marido tornaram-se um inferno e ela não escondeu isso, nunca. Deitava-se tarde, certa de que assim ele estaria ferrado no sono. Quando acontecia de ele acordar, recebia-o mal, passaram a discutir e ele bateu nela pela primeira vez com pouca fúria, mas com palavras que dilaceraram o que lhe restava de autoestima.

As surras eram-lhe menos dolorosas do que ter que recebê-lo como mulher.

Capítulo IV

Eva tinha pavor só de pensar que seu marido pudesse devassar seus pensamentos. Era-lhe impossível imaginar que suas noites com o Dr. Artur, mesmo que em sonhos, pudessem ser reveladas de alguma forma. O conhecimento do funcionamento de seu corpo deram a Eva uma fome que desconhecia. Tinha fome de afagos, de palavras doces, de toques íntimos, o que seus sonhos proporcionavam. Jamais aquele homem rude entrara neles.

Ela passou a ter a certeza de ser correspondida. Cada vez que acordava de suas noites de amor, ela imaginava um Dr. Artur extenuado, feliz por ter compartilhado com ela todo aquele turbilhão de sensações, mesmo que em um reduzido divã. As sessões de psicoterapia eram uma confirmação disso. A forma como era recebida, sempre com um aperto de mão morno, macio e uma palavra encorajadora, fizeram-na esquecer a razão de estar frequentando aquele consultório. O filho não era mais um problema, pois ela percebia que o menino era muito mais parecido com Artur do que com o pai e isso a fazia feliz.

Dr. Artur falava-lhe da tranquilidade do seu novo comportamento, dizia-lhe que estava progredindo em sua compreensão da índole do filho e, parecia, a admirava por isso. O encorajamento de

suas palavras foi, aos poucos, dando-lhe a certeza de que, no futuro, eles ficariam juntos, felizes e tranquilos, vivendo uma vida cheia de carinhos, afagos e paixão.

Depois daquele dia em que pensou morrer, ao ver o telefone caído ao seu lado e o filho inclinado sobre ela, é que tomou a decisão: ela procuraria seu amor e resolveria todo aquele sofrimento.

Ainda havia tempo de arrumar-se com esmero e de postar-se em frente ao posto de saúde para tentar uma consulta. Não passaria mais nem uma noite em casa, sonhando e fugindo e sentindo na pele a agressividade cada vez mais intensa do marido. Não sofreria mais nenhuma surra, nem se deitaria mais naquela cama. Um futuro muito melhor a esperava. Artur não se negaria em receber também seu filho, tão parecidos que eram.

Aquela era uma ocasião especial. Perfumou-se com aquele aroma que a excitava e dirigiu-se ao posto. O caminho parecia ser outro, tal a felicidade que a invadia. Tinha vontade de cantar, de sorrir para as pessoas. Para algumas até que o fez, sem encontrar correspondência. Ninguém parecia notar que aquele era um dia especial, nem que ela arrumara o cabelo para cima, em um coque que ela acreditava estar lindo, nem em seu vestido floreado.

No posto, negaram-lhe a consulta, por não ser seu dia, mas ela sabia que ele estava lá. Sentou-se em um banco e manteve-se ereta, mesmo sentindo aquele cansaço todo, fruto das estranhas crises que sofrera. Seu corpo ansiava por deitar-se, mas a felicidade era maior.

Passaram-se muitos minutos de espera, antes de avistá-lo saindo do posto. Estava lindo! Eva aproximou-se sorrindo. Dr. Artur olhou-a e passou por ela e dirigiu-se à porta, quando ela o agarrou pelo braço.

Ele a olhou com estranheza e perguntou:

- Pois não, minha senhora?

- Artur, sou eu! Vim resolver nossa situação...

Dr. Artur desvencilhou-se dela e lançou-lhe um olhar que a fez compreender tudo.

Eva acordou no hospital, horas depois. Foi questionada sobre os hematomas, sobre sua vida de casada, sobre sua relação com o marido e o filho. O cansaço não lhe permitia qualquer relação e ela compreendeu que tudo estava terminado. Tudo!

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passos-Fundense de Letras.)

Visagem

ODILON GARCEZ AYRES

É este o termo que o gaúcho usa para definir aparições, fantasmas, espíritos e coisas de outros mundos.

Não quero parecer, nem sou, chulo, visionário, vidente, ou detentor de bolinha de cristal. Entretanto, sou bastante intuitivo e, às vezes, sonhador.

Sonhador, não no sentido de absorto, pensativo ou quimérico, mas aquele que sonha, com sonhos de outro mundo, daqueles que, em se contando, ninguém acredita.

Foram tantos e tantos, que já perdi a conta. Alguns anotei para lembrá-los, outros contei por contar, a um ouvido amigo. Raros foram aqueles sobre os quais escrevi, pois é um assunto delicado, mui duvidoso, e “perigoso”, ainda mais que me rotulei e me aceitaram como escritor, modestíssimo, para não dizer inexpressivo. Mas escreva, sim, memorialista, regionalista ou, como somos conhecidos, contadores de causos, aqui no Rincão das Quinas ou no Cerrito do Ouro.

Antes de entrar no fato propriamente dito, eu poderia viajar sobre inúmeros assuntos do cotidiano, para parecer mais erudito ou, como se diz...para criar expectativa surreal, que é quase o caso que segue, isto é, irreal.

Sonho um sonho muito lindo, a

construção de alvenaria é muito bela, moderna, totalmente branca, não muito alta, toda ela margeada de escadarias sem degraus, um aclave suave, tudo rodeando, para que o visitante possa apreciá-la de todos os ângulos. Mas, entrei pela frente, pelo lado direito da dita calçada, lisa, pintada de um branco leitoso, o mesmo da construção. E quando cheguei nos fundos, deparei-me com uma paisagem montanhosa como nunca vi: três escarpas, emparedando um vale, nem tão extenso, nem tão profundo. Casa, vale e montanha se completavam, harmonicamente.

Fiquei perplexo com a visagem: havia muitas pessoas ao redor, mas eu só tinha olhos para aquele panorama. Era só eu e aquela pintura, e pensei: Que bom gosto! Que tacada de mestre! A supervalorização que vai ter este imóvel, com esta paisagem deslumbrante ao fundo, é coisa de cinema. Que ideia fantástica! A pessoa que aqui vir, não vai mais querer sair daqui, é uma beleza sem par...Tudo isso me ocorreu naquele momento de verdadeiro êxtase, ainda mais que da frente não era visível esta paisagem. Ela escondida, parece-me que para impactar, ainda mais, a visão do visionário.

Pela manhã, lembrei-me do sonho e fui atrás do meu, esbodegado livro dos sonhos, já sabendo que “casa” é o nosso “eu” interior. Fui verificar o que significava aquela montanha, generalizando o que poderia ser um “canyon”,

uma escarpa, a entrada dos aparados. Porém, não vi nada igual materialmente, e me levanto e vou buscar o livro para copiar literalmente o que significa “montanha.”

Ainda bem que fui lá na estante, pois assim lembrei-me e recolhi da área a calopsita que iria passar frio na noite, se recolhida não fosse.

Montanha – símbolo de um homem majestoso, que ocupa cargos especiais. Subir a montanha e beber de suas águas: homem capaz de governar que chegará muito longe e ficará rico.

Primeiro leio os jornais da terrinha e, só mais tarde, pois a primazia é da patroa, leio o da Capital. Isso lá num modesto cantinho, sem alarde ou muito destaque, sem foto, sem nada, pois já faz muitos dias (acho que tinha um mapinha da sua localização), a notícia que me chocou. Esse foi o alvo do meu sonho, premonição ou visagem antecipada, da inauguração da nova casa da RBS, na ilha de Yuruminin (em guarani antigo: boca ou mato pequeno), em Mbiaza (em guarani antigo: Santa Catarina).

Se é a casa do meu sonho, não sei, só vendo-a para crer na minha visagem. Já o seu significado é tão real que até o sobrenome está explícito.

Quem viver, verá!

(Odilon Garcez Ayres, pseudônimo Arapitu, é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

GETULIO VARGAS ZAUZA

Os dois caminhos para a evolução

Toda ilusão é doce enquanto dura
e parece que nunca vai terminar,
mas, quando acaba e só fica a amargura,
o que se sabe fazer é apenas chorar.

Como diz o sábio: “Há engano em religião e ciência;
que a Verdade, quando nos enfrenta, parece muito dura
e é insuportável para a atual consciência,
que quase todos evitam sua procura”.

E diz: “Há dois caminhos para a humanidade;
o seguido agora levará à sua destruição,
o outro é o caminho da verdade,
à qual se chega pelo autoconhecimento,
base para realizar a verdadeira evolução,
pela escolagem do pensar e pelo acrisolar do sentimento.

Infância: território do brincar



MARILISE BROCKSTEDT LECH

Embora a capacidade de brincar deva acompanhar o ser humano pela vida toda, é na infância que ela assume seu caráter de imprescindibilidade. Em uma época onde a tecnologia, a competição e o consumismo podem estar roubando o valioso espaço das brincadeiras espontâneas, simbólicas e construtivas, vem à tona a antiga afirmação de Claparède (1946) que nos lembra que, “nada mais é sério do que uma criança brincando”.

Enquanto a vida humana se torna cada vez mais longa, contraditoriamente, a infância está ficando cada vez mais curta. A partir disso, é função dos educadores, sejam pais ou professores, criarem oportunidades para que esse período seja vivenciado de tal maneira, que os pequenos sujeitos se desenvolvam plenamente, a partir de sua interação com o mundo à sua volta. Cabe lembrar aqui que, para as crianças, a brincadeira deve ter um fim em si mesma: o lazer. Já, para o educador, ela é um meio riquíssimo para favorecer o despertar da criatividade, da autoconfiança, da iniciativa, da socialização e do raciocínio lógico de seus educandos.

Além de permitir o pleno exercício dos aspectos sensório-motor e relacional, a atividade lúdica é o berço das

atividades intelectuais da criança. A partir desse princípio, Maria Montessori (1960) criou os jogos sensoriais destinados a estimular cada um dos sentidos desses sujeitos em construção. Estes jogos/brinquedos estão sendo cada vez mais utilizados nos espaços criados com vistas a favorecer a educação integral dos mesmos.

O exercício do brincar favorece a autonomia do pensamento na criança e lhe dá a liberdade de escolha, capacidade essa, limitada, na maior parte do tempo em sua vida real, ao deparar-se com a infinidade de regras que constituem a vida em sociedade. Na brincadeira, ela pode “ser” quem ela quiser, “ir” para onde quiser e recriar o mundo à sua maneira. Da mesma forma, o ato de ouvir e ler histórias possibilita à criança a imaginação dos cenários e personagens ao seu modo, despertando nela a mesma sensação de liberdade que caracteriza o brincar.

O ato de brincar deve caracterizar-se, acima de tudo, pelo prazer e pela espontaneidade, e pode ser incrementado com o uso de objetos como os brinquedos em geral, construídos para tal finalidade, bem como por objetos do dia a dia que, nas inteligentes mãozinhas, se transformam em objetos de seus desejos como em um passe de mágica. Segundo o educador suíço Piaget, quando a criança brinca, ela assimila o mundo à sua ma-

neira, sem compromisso com a realidade e, assim, sua interação com o objeto não depende somente da natureza do objeto, mas da função que ela lhe atribui.

O brincar e o brinquedo participam, juntos, na estruturação do Eu e na aprendizagem da própria vida, favorecendo o desenvolvimento dos processos psicológicos, a inserção social e cultural da criança. Nesse sentido, o brinquedo aparece como suporte para a brincadeira, proporcionando o estabelecimento de relações entre os objetos do mundo real, cultural, imaginário e espiritual.

A partir do exposto, fica evidenciado que a saúde física, emocional e intelectual das crianças (e também dos jovens e adultos) depende muito da capacidade de brincar, de expressar-se livremente, de não ter medo de errar e, principalmente, de ter prazer por aquilo que faz. Por fim, considerando que todo ser humano é um educador, em todo tempo e lugar, e que o verdadeiro desenvolvimento se dá através das interações humanas, conclamo a todos para brinquem juntos, pois viver é uma brincadeira que, apesar de “séria”, é indispensável à felicidade humana. “Você verá ... Que a emoção começa agora... Agora é brincar de viver...” (Guilherme Arantes).

(Marilise Brockstedt Lech é Mestre em Educação, Especialista em Educação Infantil, Psicóloga Educacional, Professora da Universidade de Passo Fundo e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Sou vinho que embriaga

Sou verdade, sou mentira,
Sou gesto e meditação,
Sou o ferro e não a bigorna,
Porque ela me transforma,
Sou sujeito a modificação.
Tenho que me adaptar,
Para a natureza não me afastar
De um mundo em mutação.

Sou o sino que plange,
E pássaro cantor.
Sou vinho que embriaga,
Sou o fio da adaga,
Vencido e vencedor.
De dia, sou o Sol ardente,
À noite, a estrela ascendente!
Na madrugada, eu sou o amor!

Sou ninho de pirilampos,
Sou o Cruzeiro do Sul.
No entardecer eu renasço,
Em partículas e pedaços,
Neste céu azul,
Refletindo o firmamento,
Fazendo o encantamento,
Nos invernos aqui do Sul.

Sou homem, sou carne e sangue,
Nervos, músculos e energia,
Sensível e emotivo,
Torno-me mais criativo.
Em teus olhos, sou magia,
Onde eu busco o teu afeto,
É meu prato predileto,
Esta mulher me vicia!

Sou riacho, sou a chuva,
Sou campo em flores,
Sou a bruma das colinas,
Sou o laço da cortina,
Em um palco de atores.
Sou a razão e a virtude,
Sempre com a mesma atitude,
Ressuscitando amores.

Sou viola, sou violão,
Cantador e pianista,
Sinfonia de orquestra,
Eu sou a própria seresta.
Troféu de uma conquista,
Orador de grandes plateias,
Mel de diversas colmeias,
Sou aplauso, sou artista!

Canto versos e digo prosa,
Valente e comedido,
Sou a voz do injustiçado,
Em resumo, sou advogado.
Nunca foi um convencido,

Não sou tudo o que dizem,
Orgulho da minha origem,
Jamais me dou por vencido!

Por isso voou alto,
A águia é minha simbolismo.
Luto e não me entrego,
Na madeira uso o prego,
Nunca faço guerra fria.
Busco apenas ser,
Não importo ter,
Sou a própria poesia!

Eu sou o legítimo tempero,
Da vivência sou o sal.
Soma de vidas passadas,
Sou uma alma revelada,
Combatendo todo o mal.
Venho resistindo o tempo,
O fraco é o exemplo,
O transformo em marechal.

Sou a árvore, sou a sombra,
Vingador, sem ser vingativo;
Eu sou um bugre, um cigano,
Sou índio, sou um moicano,
Um adestrador sensitivo:
Mercador de felicidade,
No amor, sou liberdade,
Na dor, sou o curativo!

(Jabs Paim Bandeira é
advogado e membro
da Academia Passo-
Fundense de Letras.)

O caçador de pipas: não há fronteiras para o drama humano

MAURO GAGLIETTI

NATÁLIA FORMAGINI GAGLIETTI

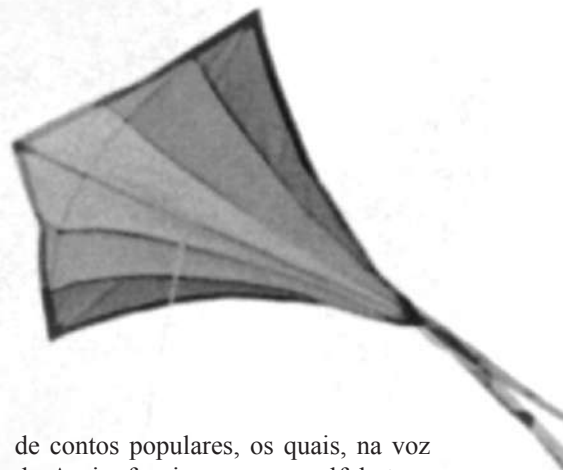
O filme *O caçador de pipas*¹ tem o mérito de apresentar um painel sobre a cultura, as tradições e a vida no Afeganistão, a partir do relato da amizade entre dois meninos afegãos. A amizade entre eles se torna tão dramática quanto a situação do país, palco da narrativa que se inicia na década de 1970, durante a monarquia afegã, passa pela invasão soviética (URSS) nos anos seguintes e termina no terror do regime Talibã.

A história mostra que, desde a antiguidade, a guerra é uma constante na região hoje conhecida como Afeganistão, a qual é habitada por um povo que incorporou elementos das culturas hindu, grega e persa. A partir do século VI a.C., o território afegão foi atacado por sucessivos invasores. Mais recentemente, em 1979, foi invadido e ocupado pela União Soviética. Contudo, apesar da destruição maciça provocada na sustentação logística, lutas subsequentes entre as várias facções do Mujahidin permitiram que os fundamentalistas do Talibã se apropriassem da maior parte do país. Em 1997, as forças talibãs mudaram

o nome do país de Estado Islâmico do Afeganistão para Emirado Islâmico do Afeganistão. Não bastasse a situação política conturbada, a seca enfrentada nos últimos anos tem levado aproximadamente quatro milhões de afegãos à inanição. Ademais, em resposta aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, que culminaram na queda das Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York, cuja autoria foi reivindicada por Osama Bin Laden – líder da Al Qaeda reconhecido como herói pelos Talibãs –, no dia 7 de outubro de 2001, os Estados Unidos e forças aliadas lançaram uma ofensiva militar, como parte de sua política antiterrorismo, prendendo suspeitos de atividades terroristas no Afeganistão e os enviando para a Base Naval de Guantánamo, em Cuba.

O caçador de pipas é um filme de ficção repleto de aspectos de um dado período histórico do Afeganistão. Uma breve análise do filme aponta, de imediato, para os personagens Amir e Hassan. O primeiro é um jovem privilegiado: pertence à etnia dominante do país (pashtu), frequenta a escola, reside em uma bela casa e seu pai é um homem de negócios, gozando de muito prestígio social em Cabul. Por ser, porém, órfão de mãe, o jovem é psicologicamente frágil. Já Hassan é o oposto do amigo, somente se assemelhando a ele por também ser órfão de mãe: não sabe ler nem escrever, e, assim como o seu pai, é serviçal na casa de Amir. Tanto o pai quanto o filho pertencem à minoria hazara, etnia menos abastada e, geralmente, discriminada e odiada no Afeganistão.

O pai de Amir trata a ambos – Hassan e seu pai – como membros da família, evidenciando que há um laço de amizade não apenas entre os garotos, mas também entre seus pais. Hassan é companheiro fiel do solitário Amir, que, em alguns momentos, revolta-se ao experimentar a proteção exagerada prestada pelo amigo. Dentre as várias brincadeiras compartilhadas pelos dois, destacam-se as idas ao cinema, com direito à Coca-Cola quente, e a leitura



de contos populares, os quais, na voz de Amir, fascinavam o analfabeto e ingênuo Hassan. O analfabetismo e a ingenuidade de Hassan irritavam, às vezes, Amir, que, certa vez, para caçar do amigo, modifica uma história e inventa um novo final para ela, com o que lhe vem à mente, o que não é percebido pelo amigo, como havia previsto Amir.

Empinar pipas é a diversão de inverno predileta dos dois jovens, atividade que se torna, todo ano, uma grande atração, num campeonato que agita Cabul, evento que Amir sonha vencer para provar seu valor ao pai. Antes da competição, Amir pensa em desistir. Porém, mais uma vez, Hassan está ao seu lado e o ajuda a superar o medo. Vencida a competição, um acontecimento muda a vida de Amir – Hassan é brutalmente violentado por três jovens. Amir, apesar de presenciar tudo, nada faz para ajudar o amigo e, além disso, decide não relatar o triste episódio a ninguém. No entanto, mesmo após migrar com o pai para os Estados Unidos, durante a invasão soviética, o fantasma daquele dia continua a atormentá-lo. Mais tarde, muito embora consiga se tornar escritor nos EUA e viva um casamento feliz, não consegue esquecer sua covardia em relação ao ocorrido com Hassan. Passados muitos anos, através de um telefonema de um amigo do Paquistão, finalmente tem a chance de reparar o erro do passado. Para tanto, volta a sua terra natal, onde se depara com uma realidade cruel. É aí, em seu pano de fundo histórico, que os “méritos definham e os problemas florescem”.



O filme *O caçador de pipas* é uma adaptação do best-seller do médico afegão Khaled Hosseini, nascido em 1965 em Cabul e residente nos Estados Unidos desde 1980. Hosseini só voltou ao Afeganistão depois de o livro ter sido lançado, 27 anos após ter deixado seu país, sendo que o livro foi escrito inteiramente na Califórnia (EUA). Esse distanciamento geográfico e temporal do escritor em relação ao seu país ajuda a entender as omissões históricas e a sua visão generosa no que tange ao papel dos EUA na destruição de sua terra natal.

Em visita ao Afeganistão, após a publicação de seu livro, Hosseini se disse chocado com o que viu. “Infelizmente, o que vi por lá era pior do que aquilo que imaginei e narrei. A destruição do país é impressionante, muito triste”, declarou em entrevista concedida à revista *Época*. No livro, assim como no filme, o escritor se mostra grato pela acolhida que teve nos EUA, e ao imaginar como poderia ter sido a vida do personagem Hassan, caso tivesse conseguido fugir para a América, supõe que ele estaria, então, vivendo em um país “onde ninguém se importa com o fato de ele ser um hazara”. Fica explícito na obra de Hosseini o fato de soviéticos e talibãs serem tomados como seres monstruosos e pervertidos sexualmente. No entanto, são omitidos fatos históricos relacionados ao papel que os EUA tiveram no fortalecimento do Talibã, e, sobretudo, na sua chegada ao poder. Assim como ocorreu com Saddam Hussein no conflito entre o Iraque e o Irã, os talibãs também foram aliados dos EUA na luta contra a URSS. Portanto, como se pode perceber, o “civilizado e laico” ocidente foi cúmplice direto dos terríveis crimes cometidos pelos talibãs.

Guerra pela civilização?

Uma ideia que o filme sugere, do ponto de vista histórico, é a selvageria soviética e talibã, de um lado, e o papel salvador e civilizatório do ocidente, de outro. Não há, em momento algum, nenhuma referência à maneira decisiva com que países como EUA, Inglaterra e seus aliados na região – Paquistão e Arábia Saudita, por exemplo – contribuíram para tornar o país um lugar de ruínas.

No pedido de moderação feito aos talibãs, por exemplo, o qual está registrado no site da Embaixada Americana no Brasil, há uma interessante referência, na seção Resposta ao Terrorismo – Pro-

gramas Internacionais de Informação, à situação das mulheres no Afeganistão durante o regime talibã: “Antes dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, oficiais dos EUA opunham-se à subjugação das mulheres pelo Talibã por meio de reuniões com talibãs para solicitar moderação, além de trabalhar com outros países, tanto bilateralmente quanto multilateralmente, para refrear os excessos do Talibã”. Não há, porém, nenhuma menção ao caminho trilhado até que os excessos do Talibã chocassem o mundo.

Uma fonte confiável para preencher essa lacuna é o livro *A grande guerra pela civilização: a conquista do Oriente Médio*, do jornalista inglês Robert Fisk, que passou os últimos 29 anos fazendo a cobertura de guerras no Oriente Médio. Em seu livro de quase 1500 páginas, publicado no Brasil pela Editora Planeta, o autor relata algumas histórias omitidas em *O caçador de pipas*, como as que seguem:

“Os sauditas e os paquistaneses ajudaram, por encargo dos EUA, a armar as milícias do Afeganistão contra a União Soviética, e depois – enojados pelas disputas entre os vencedores – apoiaram o exército de clérigos camponeses iluminados do mulá Omar Wahhabi, do Talibã. A Arábia Saudita havia investido milhões de dólares nas madraças – escolas religiosas – do Paquistão ao longo de todo o conflito afegão soviético, e o Talibã era um produto genuíno do wahabismo, a fê estatal muçulmana, estrita e pseudo-reformista da Arábia Saudita” (2007, p.45).

“E o Paquistão? Ao juntar-se à ‘guerra contra o terror’ promovida pelos Estados Unidos, o general Musharra conseguiu de fato a aceitação internacional do golpe de Estado que perpetrou em 1999. De repente, tudo o que havia desejado – a suspensão das sanções, grandes investimentos para a cambaleante indústria paquistanesa, empréstimos do FMI, uma renegociação da dívida de 375 milhões de dólares e ajuda humanitária – foi concedido. Evidentemente, tivemos que esquecer também que foram as unidades dos Serviços de Inteligência do Paquistão – o escalão mais alto das agências de segurança do país – que ergueram o Talibã, fizeram entrar armas no Afeganistão e ficaram ricas com o tráfico de drogas. Desde a invasão soviética do Afeganistão, em 1979, o ISI havia trabalhado junto com a CIA, financiando os mulás do Talibã, mais

tarde condenados como arquitetos do terror mundial” (2007, p.46-47).

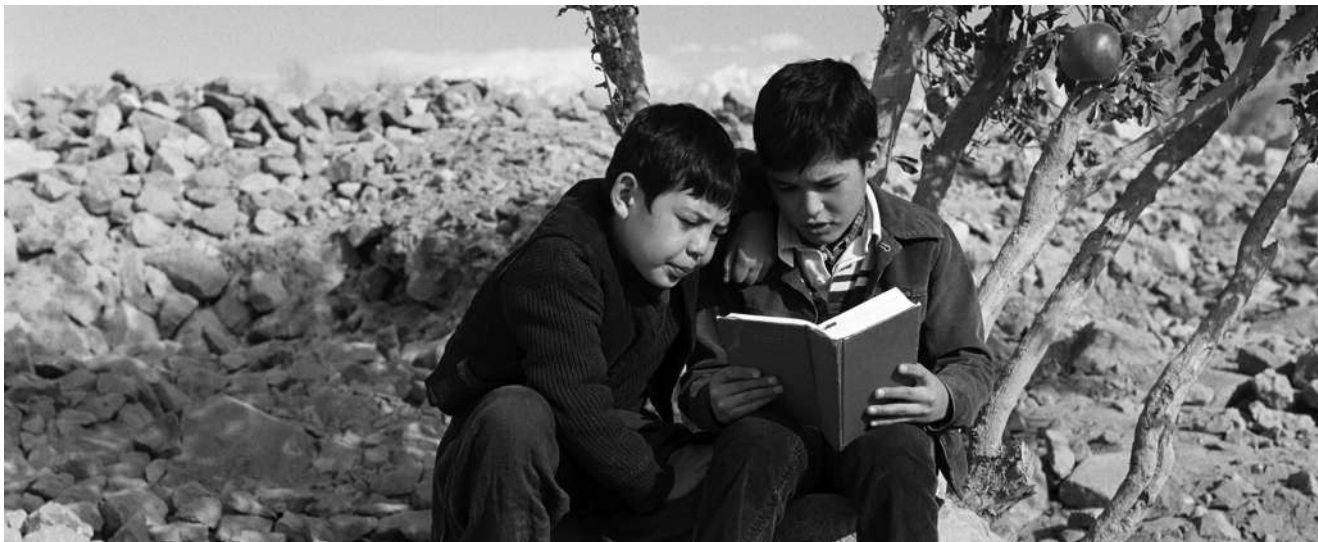
“Depois do 11 de setembro, os EUA, incapazes de conseguir a rendição do Talibã por meio de bombardeios, tentaram ficar bem com os assassinos e estupradores da Aliança do Norte, responsável por mais de 80% da exportação de drogas (heroína, principalmente) do país, após a proibição do cultivo pelo Talibã. De 1992 a 1996, a Aliança do Norte foi um símbolo de carnificinas, estupro sistemáticos e pilhagem. Por esse motivo, nós – e incluo o Departamento do Estado dos EUA – demos boas vindas ao Talibã quando chegou a Cabul”. “Após o 11 de setembro, bombardeamos povoados afegãos até transformá-los em um monte de ruínas, junto com seus habitantes, e culpamos o Talibã e Bin Laden pela carnificina. Depois, permitimos que nossa desapiadada milícia aliada executasse seus prisioneiros. O presidente George Bush assinou uma lei que aprovou a criação de uma série de tribunais militares secretos para julgar e depois eliminar todo aquele que fosse um ‘assassino terrorista’ aos olhos dos serviços de inteligência”.

Há muitos outros relatos sobre tais temas, devendo-se sempre lembrar que a fonte de Fisk não é a imaginação, mas sim a sua experiência direta, pois ele viu e presenciou tudo o que refere. Por isso, dado que a obra de Hosseini consiste em uma ficção, deve ser avaliada considerando-se outros critérios.

A amizade e a política: o contato com o estranho

A amizade, temática central do filme em questão, já foi analisada por Arendt (1993), Derrida (1997), Foucault (2004) e Ortega (1999 e 2000), os quais discutiram as relações de amizade como espaço de criatividade e experimentação que possibilita a experiência política do agir e do falar, privilegiando uma politização das práticas cotidianas, entendidas como arte ou maneiras de fazer, dotadas de qualidades astuciosas e desviantes.

Essa invenção do cotidiano, segundo Certeau (1994), expressa as trajetórias, táticas e retóricas nos processos de interações cotidianas, ao constituírem estruturas de negociação e improvisação próprias da linguagem comum, configurando astúcias de outros interesses e desejos que não são nem determinados, nem captados pelo sistema dominante. Nesse sentido, as relações de amizade



pertinentes à discussão que as compreende como espaço intersubjetivo, o qual possibilita atividades experimentais, podem configurar a “rede de uma antidisdisciplina”. Assim, se instaura a contrapartida dos “dominados”, por meio de práticas que constituem desvios, fazendo uma “bricolagem” com e na cultura dominante, usando inúmeras metamorfoses de lei, segundo interesses e regras próprios.

Pensar a possibilidade da amizade como espaço de experimentação capaz de romper formas fixas de subjetividade e sociabilidade, constituindo uma forma de resistência política, representa um convite à alteridade, à consideração dos outros como estranhos, numa relação experimental marcada pelo compromisso irreversível com o outro. Vista nessa direção, a amizade representa um convite a uma forma de contato desafiadora e inquietante, que possibilita vivenciar um sentimento de mal-estar, de perda de referencial trazido pela experiência de revelação e ampliação de opiniões no encontro com outros. Tal experiência desestabilizadora, na qual o familiar passa a ser interrogado, implica reflexão, a qual por vezes faz com que o que era estranho passe a parecer familiar. Essa experiência, na qual se é construído pelos outros, possui um caráter inesperado e imprevisível. Isso posto, pode-se afirmar que a amizade sofre, conforme demonstra Ortega (2000), um deslocamento progressivo para o interior do contexto da vida familiar, simultaneamente a um progressivo afastamento de sua origem propriamente política, em acordo com o movimento mais geral de despolitização e de esvaziamento do espaço público característico da modernidade.

É nesse sentido que Derrida (1997) assinala a amizade como um espaço aberto para o novo, para a experimentação, qualificado-a como uma condição de “talvez”. O autor ressalta que a dimensão do talvez carrega a extrema alteridade, a possibilidade do outro. Nessa perspectiva, a amizade traz consigo a possibilidade do risco, da incerteza, da instabilidade, uma abertura para experimentar o novo e o indeterminado. A imprevisibilidade é a marca da amizade instável, dinâmica, como espaço aberto para o acontecimento, para a invenção, conforme Arendt (1993), Derrida (1997), Ortega (1999 e 2000), entre outros. A amizade como talvez implica um movimento de desejo, de ação, constituindo-se, de acordo com as palavras de Ortega (2000), na “experiência mesma do impossível”. O autor (2000) utiliza o conceito de “programa vazio” para ressaltar o caráter processual e imprevisível da amizade como metáfora para uma amizade aberta, uma relação por vir, espaço que possibilita a imaginação e a criação de novas formas de relacionamento.

Pode-se dizer que o mundo contemporâneo, no que se refere ao convívio social, é permeado por um forte individualismo, fazendo predominar, assim, um enfraquecimento na negociação de interesses comuns. Bauman (2001), quanto a isso, assinala o surgimento de uma nova categoria na sociabilidade, identificada por espaços “públicos, mas não civis”, cuja principal característica “é a dispensabilidade de interação”.

O contemporâneo esvaziamento do espaço público e o conseqüente rebaixamento político são o retrato da sociedade do consumo, na qual as preocupações e motivações sociais estão voltadas para

os interesses individuais e privados, configurando, assim, a decadência do engajamento político e dos interesses coletivos. Bauman (2001), ao considerar os processos de individualização e de desintegração dos laços públicos como marcas da contemporaneidade, aponta para essa primazia do privado e o conseqüente aniquilamento do sentido de público. Esse contexto de esvaziamento do espaço público e de tendência crescente à vida pessoal desmedida encontra-se marcado por agenciamentos “neoliberais” que, segundo o pesquisador, visam, sobretudo, a desmantelar os laços públicos e a decompor a arte de negociar diferenças, operando, dessa maneira, na direção de que o espaço público e o contato com estranhos sejam vistos com medo e ameaça.

Nesse sentido, a precariedade da política atual – e a decomposição dos laços e parcerias que tendem a ser percebidos e tratados como questões destinadas a serem consumidas, e não produzidas – enfraquece consideravelmente o espaço público e, por decorrência, o campo da política, determina, desse modo, a decadência do diálogo e da arte de negociar os interesses comuns, o que acaba por gerar uma patologia fundada na fluidez/fragilidade dos laços humanos, processo esse que poderia ser denominado como amizade líquida. Nessa patologia, o compromisso mútuo e a comunicação são substituídos pelo distanciamento do outro, do diferente, do estranho, evitando-se a necessidade de contato e de negociação. É o que se constata em shoppings centers, nos quais se dispensa a interação, pois são, essencialmente, espaços de consumo, uma atividade irremediavelmente solitária. Tais espaços simulam o sentimento de

segurança e conforto da casa e da família, num contexto no qual o espaço público é visto como extremamente ameaçador.

Assistir ao filme *O caçador de pipas* e debetê-lo em público, ou ler o livro – que já vendeu mais de dois milhões de exemplares só nos Estados Unidos, em uma época em que o nome Afeganistão é frequentemente associado ao terrorismo e a figuras como Osama Bin Laden – e debetê-lo, talvez nos ajude a vencer preconceitos, mostrando que, mesmo diante do terror ainda há espaço para o humano, para a amizade e para o amor. Além disso, se não bastasse a história em si, o livro também brinda o leitor com uma cultura totalmente desconhecida aos olhos do mundo ocidental, demonstrando que não há fronteiras para o drama humano.

Como afirmou Sennett (1988, p.359-360), referindo-se ao movimento de descolamento do que nos é conhecido para ver o mundo no lugar dos outros, aquilo que precisamente se perde com essa celebração é a ideia de que as pessoas só podem crescer por meio de processos de encontro com o desconhecido. Coisas e pessoas que são estranhas podem perturbar ideias implícitas e verdades estabelecidas; o terreno desconhecido tem uma função positiva na vida de um ser humano, que passa a aceitar a ideia de correr riscos. O amor pelo gueto, especialmente o espaço vivido pela classe média, tira da pessoa a chance de enriquecer as suas percepções, a sua experiência, e de aprender qual é a mais valiosa de todas as lições.

Isso quer dizer que, possivelmente, a relação de amizade – compreendida a partir do seu caráter político – atentando, aqui, para a possibilidade de que os vínculos de amizade se configuram como relações de abertura ao outro, nas quais é possível experimentar deslocamentos a partir do ponto de vista do outro. A amizade é considerada, aqui, como espaço incognoscível, no qual o acolhimento do outro, numa condição de não indiferença, possibilitaria o colocar-se no lugar do outro, instaurando um pensar em busca do deslocamento de ideias e opiniões e possibilitando o surgimento de experiências inéditas.

A concepção social de amizade, portanto, tem o efeito de favorecer ou não que o inesperado, o imprevisto, emergido por meio da conversa/diálogo, adquira legitimidade, tornando-se efetivo, constituindo-se como relação de experimentação e criação em comum com aquilo que se partilha. Nesses termos, a dimensão de imprevisibilidade é a marca da amizade como espaço de experimentação política, que se configura como vínculo agonístico, no qual os sujeitos podem se desestabilizar, numa condição de acolhimento e abertura que facilita o deslocamento de um ponto fixo, o desgarrar-se de seus referenciais e o seu conseqüente questionamento, permitindo a irrupção de experiências inovadoras.



Nota

1 - *O caçador de pipas*. Direção: MarcForster. Produção: William Horberg, Walter F. Parkes, E. Bennett Walsh e Rebecca Yeldham. Estados Unidos. Dream Works SKG / Neal Street Productions / Wonderland Films / Participant Productions / Sidney Kimmel Entertainment / MacDonald/Parkes Productions, 2007. DVD.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, H. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- _____. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.
- DERRIDA, J. *Politics of friendship*. New York: Verso, 1997.
- FISK, R. *A grande guerra pela civilização: a conquista do Oriente Médio*. São Paulo: Planeta, 2007.
- GOMES, Livia Godinho Nery e SILVA JUNIOR, Nelson da. Semânticas da amizade e suas implicações políticas. *Psicologia USP*, set. 2005, vol.16, no.3, p.119-142. ISSN 1678-5177.
- HOSSEINI, K. *O caçador de pipas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993.
- _____. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005.
- NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ORTEGA, F. *A amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- REZENDE, B. C. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VINCENT-BUFFAULT, A. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

Mauro Gaglietti é Doutor em História/PUCRS; Mestre em Ciência Política/UFRGS; Professor do Mestrado em Direito e do Curso de Graduação em Direito da URI (Santo Ângelo, RS); professor da IMED (Passo Fundo, RS); professor da Escola de Direito da FAI/UCFEFF (SC). É pesquisador associado ao grupo de estudos e pesquisa Ética e Direitos Humanos (PUCRS), voltado à pesquisa da socioeducação, mediação e justiça restaurativa, registrado no diretório do CNPq e coordenado pela Prof^ª. Dra. Beatriz Gershenson Aginsky. É autor de vários artigos, ensaios e livros e ocupa a cadeira nº 31 na Academia Passo-Fundense de Letras, desde 21 de outubro de 2010. E-mail: maurogaglietti@bol.com.br

Natália Formagini Gaglietti é advogada, graduada pela IMED (Faculdade Meridional), Bacharel em Geografia/UPF – Universidade de Passo Fundo. E-mail: natiformagini@hotmail.com

Sugestão para o lixo eleitoral

LUÍS MARCELO ALGARVE

Estamos em ano de eleições municipais. Além da ideia básica de votar conscientemente, em um candidato que tenha projetos e ações para implementar o valor supremo da dignidade da pessoa humana, parece que precisamos avançar sobre um tema relevantíssimo para a sociedade do presente e, principalmente, do futuro, isto é, a questão da pró-atividade ambiental.

Falo em pró-atividade ambiental, porquanto creio que já ultrapassamos a fase da consciência de preservação ambiental do planeta. Então, é chegada a hora de agir como sociedade civil, bem como exigir, dos nossos governantes, ações ambientais pró-ativas.

O artigo 225 da Constituição Federal de 1988 dispõe que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, um bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Trata-se do princípio da obrigatoriedade da proteção ambiental.

No dia das eleições passadas - também no transcorrer delas - foi possível perceber a quantidade acumulada de lixo eleitoral espalhado pelas ruas das cidades brasileiras. Somente em Porto Alegre, foram recolhidas, aproximadamente, 140 toneladas de ‘santinhos’, cartazes, cavaletes, placas e propagandas de rua em geral. Segundo informações das autoridades, o lixo eleitoral não pode ser reciclado, tendo em vista que, ao ser jogado nas ruas, em virtude da poluição que se impregna no material, resta inviabilizada a sua reutilização.

A agressão ao meio ambiente é fatal e atinge a vida de todos nós. No dia das eleições de 2010, foi possível avistar ‘santinhos’ e cartazes entulhando os bueiros da cidade. Cavaletes e placas navegando pelos arroios e rios. Sem falar na poluição visual e no desperdício de dinheiro que poderia ser usado, por exemplo, para contribuir com a recuperação das águas dos rios que banham as cidades.

Enfim, nós precisamos enfrentar esse problema, e parece que a solução está bem mais próxima da realidade do que imaginamos, basta que tenhamos iniciativa e adesão das autoridades.

O Brasil é um país em que 95,7% dos lares já possuem aparelhos de televisão, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE. E, de acordo com pesquisa encomendada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, 80,3% dos brasileiros ouvem rádio e 46,1% leem jornais. Quanto à internet, 41,7% da população brasileira acima de dez anos já acessa a rede mundial de computadores, segundo dados do IBGE, o que equivale a 67,9 milhões de pessoas.

Impressiona o número de acessos, uma vez que, em 2005, o número de pessoas que ingressava na rede mundial de computadores era de 31,9 milhões, ou seja, houve um crescimento de 112,9% na comparação. A prosseguir o aumento dos acessos à internet, teremos, em 2014 (ano da próxima eleição presidencial), mais de 100 milhões de pessoas interligadas à rede mundial de computadores.

Então, não precisaremos mais de ‘santinhos’, cartazes, cavaletes, placas

e propagandas de rua. As propagandas nos televisores, nos rádios, nos jornais e na internet podem, perfeitamente, evitar o aumento e o acúmulo de lixo eleitoral nas ruas, parques e avenidas.

Ambientalmente falando - e precisamos, de uma vez por todas, abrir os olhos e agir contra a calamidade ambiental que toma conta das nossas vidas -, é preferível e razoável receber e-mails de propaganda eleitoral, em nossas caixas de mensagens eletrônicas, a contribuir com a proliferação do ‘santinhos’, lixo eleitoral nas ruas, parques e avenidas das cidades brasileiras.

O procedimento é simples. Basta que o eleitor, no recadastramento que está sendo realizado pela Justiça, visando à implantação do sistema de identificação biométrica, informe um endereço eletrônico de e-mail válido para receber, as propagandas e programas dos candidatos. Estamos em pleno século XXI. É preciso agir com maturidade e cidadania, respeitando-se o meio ambiente e evitando o desperdício.

Dessa forma, devemos exigir das autoridades, especialmente dos eleitos no pleito anterior, a implantação do sistema de propaganda eleitoral exclusivamente por TV, rádio, jornal e internet, pois, se o voto há tempo já é eletrônico, não é razoável que o seu convencimento seja ainda feito por ‘santinhos’, cartazes e cavaletes, poluidores dos parques, ruas e avenidas do Brasil. A saúde do nosso meio ambiente e as futuras gerações agradecem!

(Luís Marcelo Algarve, advogado, professor universitário e membro da APL.)

Sorriso

Ao cumprimentarmos alguém, dependendo de como o fazemos, já é o pouco ou muito que o consideramos. Só pelo simples toque físico, mais ou menos intenso. Com isto quero exemplificar as várias formas de comunicação, que usamos para definir a maior ou menor proximidade que possa existir entre duas pessoas. Outra maneira muito abrangente de comunicação é através do sorriso. Pois ele, em si próprio, já traz a definição ou intenção do que se está pretendendo. Reflitam sobre os versos e estrofes a seguir. Este tema faz parte do CD "Cotidiano em Poesia" do poeta Xiko Garcia.

Sorrisos eu já vi tantos,
Alguns nem mais encontrados.
E os que têm sinceridade
Raramente são usados.
Gratifiquem com outro igual,
Se um desses lhes for mostrado.
Com certeza, vem de graça,
Mas tem sorriso comprado.
Dê um sorriso de alegria,
Dê sorrisos provocados,
Viva o sorriso da alma,
Deixe o corpo relaxado,
Só não dê um sorriso puro,
Por um sorriso forçado.

Nessa estória de sorrisos,
Eu também fui enganado,
Outro dia entrei num banco,
Bem vestido, engravatado.
O gerente me abraçou,
Com um sorriso expressado,
Imaginou que eu tivesse
Prédio, terra, grana e gado.
Bem no fim, esse sorriso
Custou-me um juro danado.
Banqueiro sorri sozinho
Vendo o lucro exagerado.
Ex-bancário sorri na festa,
Depois de bem indenizado.
O cliente sorri no hospício,
Lembrando os juros cobrados.

Outra vez eu dirigia
Num trânsito agitado,
Uma mulher sorriu pra mim,
Fiquei olhando pro lado.
A sinaleira fechou,
Não vi os outros parados,
Demoli o meu carrinho
Na traseira de um pesado,
Até hoje me ressinto
Desse sorriso danado,
Acho até que foi castigo,
Esse leva é pro pecado.

Outro dia eu vi na rua
Alguém andando apressado,
Sorria pra todo mundo
Sem motivo comprovado.
Olhou pra mim e sorriu
Um sorriso intimidado.
Fiquei pensando... Pensando...
Nunca vi esse danado!
Logo atrás um puxa-saco:
Vote nele a deputado,
Esse é o sorriso-promessa,
Nunca vem o resultado.

O próprio mundo é um sorriso
Pra quem nasce em berço de ouro.
Já nos esperam sorrindo,
É o tal de sorriso em coro.
Pobre nasce, até o aviso
É num sorriso quase choro.

E será em tudo meio assim,
Até no próprio namoro,
Pois se sorrir como rico
Apanha por desaforo.
Sorriso que mostra orgulho
Dá quem tem um bom escoro.

Rico sorrindo pra pobre,
Saia fora, que é agouro!
E proteja bem sua vaca!
No geral é dele o touro.
Há sorriso que nada vale,
Um que outro vale ouro.
Por isso ser coisa rara,
Faço do meu um tesouro.
Já vi rostos sem um sorriso
Mas no coração bondade,
Outros que vivem sorrindo
Para encobrir a maldade.
Como é bom sorrir chorando,
Num abraço de saudade!

Foi por causa de um sorriso,
Tenho quem gosto ao meu lado,
Pois começamos sorrindo
E juntos temos chorado.
Os filhos foram surgindo
Do sorriso, o resultado,
Já ficamos sem sorrir
Por motivos tão variados,
Porém, quando ele volta,
Tudo fica compensado.
Sorrir é um sublime exercício,
Mas se for bem praticado.
Amor nenhum sobrevive
Com alguém mal humorado.

Já tive que encarar briga
Por um sorriso cobiçado.
Imaginem se for de alguém
Que é pra sorrir ao meu lado!
E o sorriso de quem eu amo
Só eu sei onde é guardado.
Estar junto e sem sorrir
É o sorriso abandonado.
Sem um sorriso de amor
Eu me sinto um condenado,
Que assiste o tempo se indo,
Mas o meu mundo parado.

Tem quem só anda sorrindo,
De tudo recebe um pouco:
É do gado que vendeu,
Da safra vem mais um troco,
Também do juro que cobra
Dos que andam no sufoco,
Pois agiota sorri por dois,
Por Tônico e por Tinoco,
Mostra um sorriso infernal.
Quem paga que chore o soco.
E nesse sorriso quem cai
Perde os cabelos do coco.

Pra candidato é indispensável
Saber... sorrir pra “bocomoco”...

Inspira-se num mensalão.
Por frente e por trás do toco;
Imagina viagens de avião
Que nem pica-pau em oco;
Chocolate... E cafezinho...
No calor, água de coco;
Uma amante que a pensão
É outro que banca o troco;
Viver de salário mínimo,
Quem sorrir só se é de louco.

Há o sorriso sem base ,
Sem esteio e sem baldrame,
Mostrado por alguns homens
Como tais rodam no exame.
Nisso alguém vê modernismo,
Outros vergonha e vexame,
Botam o circo no mastro
Sem a lona e sem arame.
Vivem bem entre as mulheres
E delas não vem reclame.
Alguns parecem a Rainha
Voando na frente do enxame.
Esse é o sorriso de bixa,
Junto com falsa madame.

Será que o diabo sorri?
Dizem que é bem humorado,
Vive armando confusão
Pra ver a gente enrolado.
E ele sorri contente,
É o sorriso endiabrado.
Esse eu já vi em gente,
Sorrisinho desgraçado,
Exibe cores de vitória
Na farsa de um derrotado.
Que pode não ser um diabo
Mas dele é meio associado.

Mas o sorriso de Deus?
Esse sorriso é que eu quero!
Parece-me que anda pouco,
Quando falta até espero.
Ao conseguir eu conservo,
Com carinho até venero,
Deus se faz representar
Em quem tem sorriso pra dar,
Deus num sorriso é amar,
Se o sorriso for sincero.

O sorriso, de algum modo,
Para todos Deus distribuiu.
Entre os aqui descritos,
Quem que um desses não viu?
O que importa é que se saiba:
Algun deles nos serviu,
E o que a gente dá em troca
Tem luz de nosso pavio.
É esse o que mais usamos,
Já que a vida nos sorriu,
Pois todos rodam por aí,
Como a água lá no rio.

E que Deus nos livre do efeito Kruger-Dunning

GILBERTO R. CUNHA

Somos todos, literalmente, ignorantes sobre muitos assuntos ou temas, especialmente quando esses envolvem conhecimentos científicos avançados ou nem tanto, e habilidades que, pelas mais diferentes razões, não dominamos ou não possuímos. O que não devemos é nos permitir que, sem consciência dessa incapacidade, sejam construídas visões de mundo que, alheias ao estabelecido, são falsas. Não há demérito algum em sermos ignorantes sobre uma porção de coisas. O perigoso em certas ocasiões é “não saber que não sabemos”, e julgarmos que, sobre determinados assuntos, nossa opinião ou nossa capacidade de execução possam ser tão valiosas quanto as que são emitidas por especialistas, ou o nosso desempenho, superior ao alcançado por indivíduos efetivamente bem preparados, para o exercício de determinadas funções.

O efeito Kruger-Dunning trata dessa incapacidade individual de reconhecimento de incompetência. Recebeu esse nome em alusão a Justin Kruger e David Dunning, que, na ocasião, vinculados ao Departamento de Psicologia da Universidade Cornell/USA, publicaram, em 1999, o clássico “Unskilled and Unaware of It: How Difficulties in Recognizing One’s Own Incompetence Lead to Inflated Self-Assessments” (*Journal of Personality and Social Psychology*, v.77, n.6, p.1121-1134, 1999), que foi republicado, em 2009, na revista *Psychology* (v.1, p.30-46, 2009). Os indivíduos acometidos por esse efeito, sofrem duplamente, pois não apenas tiram conclusões erradas e fazem escolhas infelizes, mas, paralelamente, pela sua incompetência, são incapazes dessa percepção de erros e, como consequência, de correção de rumos.

Um dos aspectos mais nefastos do

efeito Kruger-Dunning é que a incapacidade de reconhecimento de incompetência leva esse tipo de indivíduo a inflar, artificialmente, a sua auto-avaliação de desempenho em relação aos pares. Ou seja, pessoas sob o efeito Kruger-Dunning julgam-se mais competentes do que efetivamente são. O incompetente, em geral, superestima as suas habilidades, sendo incapaz de reconhecer a incompetência própria. São do tipo que exalam certezas absolutas, pois, no seu universo, não há espaço para coisas como “todas as evidências sugerem”. E, o que é pior, não valoram adequadamente a competência, de terceiros e, sendo assim, sequer conseguem usar o referencial alheio de competência para melhorar o próprio desempenho.

Em função do efeito Kruger-Dunning, a tendência é das pessoas terem uma visão mais favorável, em relação às suas habilidades individuais. A maioria, seja qual for o quesito, acredita que está acima da média da população que integra (em sala de aula, no trabalho, etc.). Algo impossível, em estatística descritiva, diga-se. Em resumo, costumamos ser benevolentes com nós mesmos, espe-

cialmente quando, frente aos pares, em determinadas áreas do conhecimento, somos iniciantes ou intelectualmente medíocres. Em muitas ocasiões, faltam habilidades metacognitivas aos principiantes ou incompetentes. Repare que, em sala de aula ou no ambiente de trabalho, sempre há aqueles que têm dificuldade em reconhecer o seu nível de dificuldade, e em avaliar adequadamente o seu próprio desempenho. E a grande tragédia no mundo das corporações é que, contrariando as leis naturais, os incompetentes, majoritariamente, se atraem, em vez de, como seria esperável, se repelirem.

Os incapazes de percepção de suas próprias limitações não melhoram o desempenho, pois, em geral, não compreendem aquilo que leem e não conseguem construir argumentos com um mínimo de lógica. A ignorância, em muitos casos, é uma espécie de benção, especialmente numa autoavaliação. O grande paradoxo do efeito Kruger-Dunning é que o único jeito, de fazer um incompetente tomar ciência da sua incompetência, é torná-lo competente. E como se faz isso?

Talvez por desconhecimento do efeito Kruger-Dunning é que um professor amigo meu (essa estrutura é uma homenagem ao Belchior: “Aí um analista amigo meu disse que...”), com iniciais L.A.J. (Luis Ataiades Jacobsen), costuma brincar em relação ao material de apoio bibliográfico que disponibiliza aos seus alunos, dizendo que ele leva o burro até a lagoa, mas não obriga o animal a beber água. Parece que não há outro jeito, tem que obrigar.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras.)

